



**SANGUE NO
INVERNO**

MONS KALLENTOFT

Benvirá

SANGUE NO INVERNO

MONS KALLENTOFT

Traduzido do sueco por
JAIME BERNARDES

Benvirá

PRÓLOGO

Não me bata.

Pare, pare!

Escute!

Deixe-me em paz.

Não, não. Deixe-me entrar. As maçãs, sinto o cheiro das maçãs.

Não me deixe ficar aqui fora, no frio, no meio da neve. O vento forte entra como agulhas em minhas mãos, em minha cabeça, até que não haja mais pele gelada, nem carne, nem gordura cobrindo os ossos, o crânio.

Não vê que estou desaparecendo? Não, o senhor não se preocupa nem um pouco com isso, não é verdade?

Os vermes já estão se mexendo na terra.

Eu já os ouço. E os ratos. Como eles gostam e ficam doidos diante do calor, como lutam e se estraçalham. “Já devíamos estar mortos”, dizem eles, “mas você acendeu a lareira e consegue nos manter vivos. Somos sua única companhia no frio, no gelo.”

Mas que espécie de companhia é essa? Será que, realmente, estamos vivos ou será que já morreremos há muito tempo, num buraco tão estreito que nunca houve lugar para amar?

Puxo um pedaço de tecido e nele envolvo meu corpo magro, vejo o fogo brilhar na lareira, a fumaça saindo pelo buraco negro e espalhando-se no ar, passando pelos ramos adormecidos dos pinheiros, das outras árvores, por cima do musgo e do granito, e do gelo do lago.

Onde está o calor? Só na água fervente. Se adormecer, será que volto a acordar?

Pare de me bater.

Não me deixe aqui fora, na neve.

Vou ficar roxo. Depois branco, como todo o resto.

Aqui vou ficar sozinho.

Estou dormindo agora, e nos sonhos as palavras voltam: garoto de merda, escrotinho minúsculo, você é uma porcaria, você não existe.

Mas o que fiz contra o senhor? Basta que me diga isto: o que é que eu fiz? O que aconteceu?

E de onde veio pela primeira vez aquele cheiro de maçãs? As maçãs são redondas, mas se partem, se desfazem em minhas mãos.

Há farelos debaixo do meu corpo.

E eu não sei quem ela é, mas existe uma mulher nua flutuando por cima de mim. E ela diz: “Vou tomar conta de você, você existe por minha causa, nós somos seres humanos. Fomos feitos para ficar juntos”. Mas então ela se esvai, desaparece. O vento derruba meu teto, e lá longe escuto que alguém a apanhou pelas pernas e ela grita e para, silencia. Daí ela volta, mas como outra pessoa agora, um ser sem rosto que me faltou a vida inteira. Ela se salvou, me bateu? Na realidade, quem é ela?

Sinto espasmos em meu peito. Por todos os lados. Meu peito está vazio.

Desisto. Não sinto mais falta de nada.

Posso parar de respirar.

E, se a sensação de falta e a respiração desaparecem, chegam as consequências. Ou não?

Acordei. Fiquei muitos anos mais velho, mas o buraco onde vivo, o frio gélido, as noites de inverno e o bosque são os mesmos. Tenho de fazer alguma coisa.

Aliás, já fiz. Alguma coisa aconteceu.

De onde vem o sangue que suja minhas mãos?

E o ruído?

O que há de errado com isso?

Já não escuto os vermes e os ratos diante de tanta barulheira.

Sua voz. As batidas nas tábuas pregadas que servem de porta para meu buraco. É você, é o senhor que, finalmente, chega aqui.

As batidas. Não beba tanto.

É o senhor? Ou os mortos?

Quem quer que esteja aí fora, espero que tenha boas intenções. Espero que chegue com amor.

Prometa isso para mim.

Prometa só isso.

Prometa.

PARTE I

ESTE ÚLTIMO AMOR

QUINTA-FEIRA, 2 DE FEVEREIRO

O amor e a morte moram lado a lado.

Seus rostos são únicos e idênticos. Não é preciso parar de respirar para morrer ou respirar para viver.

Nada é seguro, tanto em relação à morte como em relação ao amor.

Duas pessoas se encontram.

Amor.

Elas se amam.

E se amam, se amam muito, e um dia o amor chega ao fim, de repente, tal como no dia em que parecia ter surgido para sempre. O amor foi sufocado pelo ritmo enfadonho das circunstâncias, externas ou internas.

Ou o amor continua até que seu tempo termine. Ou, então, era um amor impossível desde o início, ainda que inevitável.

Será esse amor, aqui mencionado por último, aquele que cria mais problemas?

“É, sim”, pensa Malin Fors, no momento em que, após sair do chuveiro, se encontrava de roupão diante da bancada da cozinha, com uma das mãos passando manteiga na torrada de pão integral e a outra levando aos lábios uma xícara de café.

O relógio da rede de móveis Ikea, pendurado na parede branca, marcava seis e quinze. Lá fora, pela janela, sob a iluminação da rua, a atmosfera parecia ter se transformado em gelo. O frio intenso envolvia as passagens cinzentas ao redor da Igreja de São Lourenço, e os ramos esbranquiçados dos bordos pareciam ter desistido de viver há muito tempo. “Nem mais uma noite com a temperatura abaixo dos vinte graus negativos; é melhor congelar de uma vez, nos deixarmos cair mortos no chão.”

Quem é que pode gostar de um frio desses?

“Um dia como este”, pensa Malin, “não é feito para os seres vivos.”

Linköping está paralisada, as ruas da cidade jazem abandonadas, e os vidros das janelas, embaçados pelo vapor interno congelado, impedem a visão para o exterior.

Na noite anterior, ninguém conseguiu ir ao Cloetta Center para ver o jogo de hóquei no gelo disputado pelo LHC, o Linköping Hockey Club. Compareceram apenas duas mil pessoas, quando, normalmente, a arena costuma ficar cheia de gente.

“Quería saber como andam as coisas com Martin”, pensa Malin. Martin é filho de seu colega de trabalho, Zeke, um excelente atleta incentivado pelo pai para ser, um dia, o goleador da equipe nacional. E tinha uma carreira profissional frutífera pela frente. Malin não tinha grande interesse pela equipe de hóquei de Linköping, mas, como vivia na cidade, era impossível não tomar conhecimento dos resultados alcançados pelo LHC sobre o gelo.

Não havia muita gente se movimentando na rua.

Na esquina das ruas St. Larsgatan e Hamngatan, a agência de turismo se diverte colocando na vitrine cartazes de lugares, cada um mais exótico que o outro. É o sol. São as praias. O céu azul que parece irreal, pertencente a outro planeta habitável. Sozinha, uma mãe passa com um carrinho de gêmeos em frente ao banco, de Östgötabanken, as crianças adormecidas enroladas em cobertores pesados, invisíveis, sem vontade própria, fortes, mas, ao mesmo tempo, tão infinitamente frágeis. A mãe desliza sobre as poças escondidas embaixo da camada de neve, cambaleia, mas não cai, e segue em frente, como se nenhuma outra coisa fosse possível.

“Droga, os invernos aqui são de matar!”

Dentro de si, Malin ouvia as palavras do pai, de como ele, alguns anos antes, justificou a compra de uma casa com sala, dois quartos, mais dependências em uma das áreas para aposentados nas ilhas Canárias, a Playa de la Arena, um pouco ao norte da Playa de las Américas.

“Como vocês estão?”, perguntou Malin em pensamento.

O café aquecia seu estômago.

“Vocês, certamente, ainda estão dormindo e, quando acordarem, terão o sol e o calor.

“Por aqui”, pensa Malin, “o frio intenso domina.

“Devo acordar Tove? Minha menina de 13 anos gosta de dormir muito, de preferência o dia inteiro, 24 horas seguidas, se houvesse oportunidade. Em um inverno como este, seria ótimo poder hibernar durante alguns meses, evitar sair de casa e, depois, acordar bem descansada, do lado oposto dos graus negativos. É melhor deixá-la dormir. Seu corpo alto e esguio precisa descansar mais um pouco.”

A primeira aula não começa antes das nove. Malin pode antever o que vai acontecer. Sua filha, obrigando-se a sair da cama às oito e meia, entrará aos tropeços no banheiro, deixará a água do chuveiro molhar seu corpo e, correndo, irá se vestir. Ela ainda não se pinta. Depois, Tove dispensará o café da manhã, apesar de todas as recomendações da mãe.

“Talvez deva usar uma nova tática”, pensa Malin: “O café da manhã te faz mal, Tove.”

Malin bebe o resto do café, seu último gole.

As poucas vezes em que Tove acorda cedo são sempre para acabar de ler um

daqueles livros que devora, quase compulsivamente. Para sua idade, ela tem um gosto realmente espetacular para livros. “Jane Austen”, por exemplo, pensou Malin. “Qual é a menina de 13 anos que lê uma autora dessas? Mas, por outro lado, Tove não é como as outras meninas de 13 anos; nunca precisou se esforçar para ser a primeira da classe. Talvez até fosse melhor ter de se esforçar um pouco, vencer dificuldades, de verdade. Ou não?”

O tempo corria rápido, e Malin queria seguir para o trabalho, não queria perder aquela meia hora entre quinze para as sete e sete e quinze, em que normalmente conseguia ficar sozinha no departamento de polícia, preparando seu dia, sem ser incomodada.

No banheiro, despiu o roupão, atirando-o no chão de piso amarelado.

O espelho, ligeiramente ondulado, embora isso comprimisse um pouco seu corpo de um metro e setenta, mostrava uma figura esbelta, atlética, músculos aparentes, pronta para enfrentar qualquer golpe com que lhe quisessem atingir. E isso já acontecera antes, mas Malin reagiu bem, enfrentou e superou como ninguém a situação.

“Nada mal para uma mulher de 33 anos”, pensa Malin, cheia de autoconfiança. “Não existe nada que eu não possa resolver.” E, em seguida, a dúvida e a certeza: “Não cheguei a lugar nenhum, não saí nem um pouco do lugar, e a culpa é minha, apenas minha”.

O corpo.

Ela se concentra em seu corpo.

Dá umas palmadinhas na barriga, pressiona as costelas, levanta o peito, de modo que os pequenos seios sobressaem, mas, no momento em que vê os mamilos arripiar, sente frio e se contém.

Resolve antes se abaixar e apanhar o roupão. Depois, passa o secador nos cabelos louros, deixa-os cair sobre as maçãs do rosto, ajeita-os para o lado, mas conserva uma franja sobre a testa, rente às sobrancelhas finas, uma franja que ela sabe dar maior destaque ao azul de seus olhos. Malin finge beijar o espelho, gostaria que seus lábios fossem mais grossos, mas imagina que isso talvez ficasse meio estranho em contraste com o nariz pequeno, um pouco arrebitado. Ou não?

No quarto, veste um jeans, uma blusa branca e uma malha preta de lã, bem larga.

No espelho do hall, ajeita mais um pouco os cabelos e pensa se ainda consegue disfarçar as rugas nos cantos dos olhos. Abaixa devagar e calça suas botas Caterpillar.

Afinal, quem sabe o que a espera?

Talvez tenha de andar em terrenos baldios. O casaco escuro, falsamente fino, comprado na Stadium do shopping em Tornby por 875 coroas, faz que se sinta um astronauta velhinho, reumático, lento e com movimentos desajeitados.

“Será que peguei tudo?”

Celular, a carteira na bolsa. A pistola. Os objetos habituais. A pistola continua pendurada na cadeira, perto da cama ainda por fazer.

O colchão é largo o suficiente para dois corpos, e ainda sobraria espaço, uma boa largura preenchida pelo sono e a solidão durante as horas mais escuras da noite. Mas de que serviria encontrar alguém que pudesse aguentá-la, se muitas vezes nem ela aguentava a si mesma?

Há uma fotografia de Janne na mesa de cabeceira. E Malin tenta se convencer de que a foto de seu ex-marido está ali para agradar Tove.

Na foto, Janne está bronzeado e sorri, mas seus olhos azuis estão tristes. Acima, o céu está claro. Ao lado, percebe-se o vento fraco nos ramos de uma palmeira e, ao fundo, pode-se ver a floresta. Janne usa o capacete azul-dardo da ONU e um casaco de estampa camuflada, com o emblema da SRV, o serviço de resgate da Suécia. Parece querer se virar, se assegurando e que nenhum predador selvagem saia da mata densa.

Ruanda.

Kigali.

Ele contava como os cachorros comiam carne de seres humanos que ainda não estavam mortos.

Janne viajou, viaja e sempre seguiu viagem como voluntário. Pelo menos, essa é a versão oficial.

Viajou para uma floresta de escuridão tão cerrada que é possível até pressentir o som das batidas de seu coração em perigo. Foi para os caminhos montanhosos dos Bálcãs, minados e encharcados de sangue, onde os caminhos cheios de sacos de farinha passam por cima de valas comuns, mal escondidas pelo matagal e pelo cascalho.

E, desde o início, também exercia seu papel de voluntário em casa.

Resumindo: uma jovem de 17 anos e um jovem de 20 encontram-se numa danceteria qualquer, numa cidadezinha qualquer da região. Dois seres humanos sem planos, iguais e, ao mesmo tempo, diferentes, com perfumes e pressentimentos que combinam. De modo que, dois anos mais tarde, acontece aquilo que não devia acontecer. Uma película de borracha finíssima se rompe, e a barriga começa a crescer.

— Não podemos ter essa criança.

— Mas isso é o que eu sempre quis.

Entrepõem-se palavras, o tempo passa e a filha chega, o mais radiante entre todos os raios de sol. Eles brincam de família. E assim dois anos se passam e alguma coisa se quebra, algo idiota, uma coisa em que não tinham pensado, aliás, impensável; os corpos assumem vontade própria, bem longe da razão e do bom senso.

Nada explosivo, apenas uma falha, algo que os afasta, longe, muito longe, na

geografia e mais ainda na alma.

“São as vivências do amor”, pensa Malin.

Agridoces. Era o que ela pensava, depois da separação, quando o caminhão de mudança partiu para Estocolmo, e ela, para a academia de polícia. E Janne se mudou para a Bósnia: “Se eu me tornar especialista em acabar com todo o mal que há por aí, o bem virá até mim”.

Será tão simples assim?

Será então possível o amor, de novo. Ou não?

Já à porta do apartamento, Malin sente a pistola pressionando o peito. Abre cautelosamente a porta do quarto de Tove. Consegue discernir as paredes no escuro, as fileiras de livros nas prateleiras, o corpo de Tove sob o lençol azul-turquesa da cama. Tove dorme quase sem fazer ruído. É assim que dorme desde os dois anos de idade. Antes disso, seu sono era conturbado, acordava várias vezes durante a noite, mas depois era como se tivesse compreendido que o silêncio e a calma eram necessários, ao menos durante a noite. Era como se a menina de dois anos tivesse entendido que todas as pessoas, por vezes, precisam ter a noite livre para sonhar.

Malin deixa o apartamento.

Desce lentamente os três lances de escada até chegar à entrada do prédio. A cada degrau, sente o frio mais perto. Na entrada, atrás do portão, quase zero grau.

“Tomara que o carro pegue logo. Faz tanto frio que até a gasolina parece querer congelar.”

Hesita quando chega ao portão. A névoa do frio envolve o ambiente e entra pelos cantos dos postes da rua. Gostaria de voltar correndo escada acima, entrar no apartamento, tirar a roupa e se enfiar na cama. Depois, porém, vem a saudade, quer voltar ao trabalho, ao departamento de polícia local. Mas está na hora. Que fazer? Abrir a porta, correr para o carro, lutar para encontrar a chave nos bolsos, abrir a porta, atirar o corpo para dentro, ligar o motor e partir.

Ao sair, o frio aperta a garganta, parece ouvir os pelos do nariz estalarem a cada inspiração. Sente como os fluidos lacrimais tendem a engrossar pela ação do frio, mas pode ainda ler a inscrição por cima de uma das portas laterais da igreja de São Lourenço: “Abençoados são os puros, porque podem ver Deus”.

Onde está o carro? O Volvo prateado, modelo 2004, está estacionado em seu lugar, em frente à Galeria São Lourenço.

Braços fortes.

Com dificuldade, Malin consegue enfiar a mão no bolso do casaco onde acha que estão as chaves. Nada de chaves. No outro bolso? E no outro? Droga! Acha que se esqueceu delas lá em cima. Então, concentra-se: estão no bolso da calça jeans.

“Abre já, porta dos infernos!” Ao menos o gelo poupou o buraco da fechadura, e logo ela se senta no lugar do motorista e grita todas as blasfêmias possíveis: contra o frio, contra um motor que apenas vacila e se recusa a partir.

Ela tenta. Tenta de novo.

Mas o motor não liga.

Malin sai do carro. Pensa: “Vou ter de ir de ônibus, mas onde é o ponto?”

“Droga, como está frio! Droga de carro!”

E então toca o telefone.

Agarra o maldito aparelho de plástico. Nem aguenta ver de quem se trata.

— Sim, Malin Fors.

— Oi, Malin, aqui é o Zeke!

— O maldito do meu carro não quer pegar.

— Calma aí, Malin. Calma. E escute. Aconteceu um caso diabólico. Vou contar assim que chegar aí. Dentro de dez minutos, em sua casa.

As palavras de Zeke pareciam balançar na atmosfera. Pelo tom da voz, Malin percebe que alguma coisa de muito sério aconteceu, mais sério do que aquilo que está acontecendo: o inverno mais frio de que há memória, agora alguns graus ainda menos suportável, o inverno mostrando sua verdadeira face.

Os acordes de um coral alemão repercutem dentro do carro que Zacharias “Zeke” Martinsson dirige ao passar por um dos extremos do bairro chamado Hjulbro. Pela janela lateral, consegue ver as amplas fachadas vermelhas e verdes das casas. Os telhados estão carregados de gelo, e as árvores que conseguiram crescer majestosas durante os quase 30 anos que se passaram desde a construção das habitações transmitem uma imagem de fraqueza e de desgaste diante do frio prepotente. Mesmo assim, todas as casas aparentam estar bem aquecidas e bem tratadas por quem certamente está muito bem de vida.

“Gueto de médicos”, pensa Zeke. Essa é a designação que se dá a essa área na cidade, sem dúvida popular entre aqueles que trabalham no hospital. Exatamente em frente, do outro lado da grande avenida, a Stureforsleden, atrás do pátio de um estacionamento, estão os prédios brancos, relativamente baixos de outra área, a Ekholmen, com os lares de alguns milhares de imigrantes e descendentes já nascidos suecos, bem menos afortunados.

“Malin parecia cansada, quase sonolenta. Talvez tenha dormido mal. Será que pergunto se alguma coisa de especial lhe aconteceu? Mas não. É melhor eu ficar quieto. Ela costuma ficar zangada quando queremos saber como ela se sente.”

Zeke tentava manter o pensamento longe do problema que teriam de enfrentar mais tarde. Não conseguia nem imaginar como a situação se apresentaria. Logo iriam saber. Na verdade, porém, os homens da patrulha pareciam muito impressionados, e não era algo tão assustador, de acordo com o que disseram. Com anos de serviço, Zeke já estava acostumado a adiar o anúncio de fatos chocantes, mesmo quando estes o atingiam diretamente.

Johannelund era o nome do lugar por onde passava agora.

Os campos de futebol onde os garotos jogavam estavam cobertos de neve. Era lá que Martin costumava jogar, na equipe da Saab, antes de investir todo o seu tempo no hóquei no gelo.

“Nunca me dei muito bem como pai de jogador de futebol”, pensa Zeke. “E agora, quando as coisas começam a acontecer para meu garoto no hóquei, não aguento ter de ir aos jogos. Mesmo com a vitória sobre a equipe do Färjestad por 4 a 3, ontem à noite foi uma tortura. Não aguento. Por mais que eu queira adorar esse jogo. É um esporte para idiotas valentes. Tem de haver paixão. Será que existe ou não? Assim como a minha paixão por cantar no coral.”

Eles ensaiam duas noites por semana. Concertos mais ou menos uma vez por mês, uma viagem por ano para algum festival. Da Capo é o nome do coral de que Zeke faz parte há uns dez anos, após ter tido coragem de lhes fazer uma visita e se apresentar.

Zeke gosta da liberdade no convívio com os outros integrantes do coral;

ninguém se importa com o que cada um faz. Encontram-se, conversam e cantam. Por vezes, quando está com os outros, envolvido com os cânticos em alguma igreja iluminada, ele sente a possibilidade de realmente pertencer a uma organização, de ser parte de algo maior que sua própria insignificância. É como se nas músicas houvesse uma unidade e uma alegria naturais, um lugar em que não pode haver espaço para o mal.

Isso porque é preciso manter o mal sob controle, o mais distante possível.

Neste momento Zeke está a caminho do mal. Com absoluta certeza.

Folkungavallen é o lugar.

O próximo passo na hierarquia da bola. O campo de futebol está abandonado e precisa de uma boa reforma. A equipe feminina do clube, o Linköping FF, é uma das melhores do país. Um grupo de mulheres — muitas jogam na seleção nacional — que nunca conseguiu entusiasmar os moradores da cidade. A seguir, a piscina. As casas novas perto do estacionamento. Zeke dobra para a outra rua, a Hamngatan, e passa por dois shoppings, o Hemköp e o Åhléns, e então vê Malin na frente da casa, tremendo de frio. “Por que ela não esperou do lado de dentro do portão?”

Malin curva-se para a frente, mas ao mesmo tempo parece imóvel, cruzando os braços contra o corpo, como que ancorada no solo pelo gelo, na certeza de que esse é o começo de mais um dia em que vai exercer sua vocação.

E ela tem vocação, sim, para a função policial. “Se um dia eu cometesse algum crime, não ia querer que ela viesse atrás de mim”, pensa Zeke, ao mesmo tempo que diz em voz baixa:

— Droga, Malin, aonde é que este dia vai nos levar?

A música estava com o volume bem reduzido. Dentro do carro, cem vozes murmuram.

“O que diz a voz de um ser humano?”, pensa Malin.

“Sua maneira de baixar ou acentuar os tons graves, como que sufocando as palavras antes de seguirem seu caminho.”

A voz de Zeke tem uma rouquidão que Malin jamais ouviu em outra pessoa, um tom de humildade construída que desaparece quando canta, mas que se torna extraordinariamente acentuada agora, quando fala sobre o que aconteceu:

— Vai ser, certamente, um espetáculo terrível — diz ele, com a voz rouca que destaca o som de cada palavra. — Foi o que disseram os guardas no telefone. Mas, afinal, quando não é assim?

— O quê?

— Quando é que não se trata de uma visão aterrorizante?

Ao volante do Volvo, Zeke olha fixamente para a estrada gelada, escorregadia.

Os olhos.

Confiamos neles. São responsáveis por 90 por cento de nossas impressões do mundo. Cabe a eles essa função. Aquilo que não vemos não existe. Quase. Qualquer coisa pode desaparecer dentro de um armário, e pronto: problema resolvido. Simples assim.

— Nunca — responde Malin.

Zeke concorda, abaixando levemente a cabeça raspada. Acima de um pescoço anormalmente longo, parece não combinar com seu corpo, curto e musculoso. A pele bem lisa sobre as maçãs do rosto.

Malin não consegue ver os olhos de Zeke do lugar onde está sentada. Mas confia em sua memória.

Conhece esses olhos. Sabe que são fundos e que, na maior parte das vezes, estão tranqüilos. Em sua cor esverdeada, um pouco acinzentada, existe uma luz quase permanente que consegue ser, ao mesmo tempo, dura e suave.

Com 45 anos, Zeke pode contar com a calma de uma experiência vasta, embora, de certa maneira, essa experiência o tenha tornado mais irrequieto, inflexível. Ou, como ele próprio lhe disse uma vez, depois de muita cerveja e alguns goles de Aquavita, numa festa de Natal:

— Somos nós contra eles, Malin. Às vezes, por mais lamentável que isso possa soar, temos de usar os mesmos métodos que eles. É a única linguagem que esse tipo de homem entende realmente. — E ele disse isso sem orgulho nem amargura. Foi apenas uma constatação.

A inquietação de Zeke não transparece, mas Malin a conhece muito bem. Como deve sofrer durante os jogos de seu filho Martin:

“...uma visão aterrorizante.”

Levou 11 minutos entre o telefonema de Zeke e o momento em que chegou para buscar Malin. Assim que entrou no carro, a breve constatação fez com que o corpo de Zeke se encolhesse ainda mais, enquanto, contra sua vontade, Malin ficava extraordinariamente animada.

Ver Linköping pela janela do carro.

Cidade voraz, esconde sua pequenez de todas as formas, e o verniz de sua história cada vez mais fino.

Aquela que, antes, era uma cidade industrial e de grande comércio se tornou, rapidamente, uma cidade universitária. As fábricas foram em grande parte desativadas. Investiram na educação, nas escolas, na Universidade, e logo se tornou a cidade mais arrogante da Suécia, com os habitantes mais estranhos do país.

Linköping.

A cidade dos anos 1940, com pseudointelectuais e um passado a varrer para baixo do tapete a qualquer preço. Um povo que queria ser fino e se vestir bem, com as melhores roupas, para ir almoçar no centro aos sábados.

Linköping.

Uma cidade maravilhosa para os doentes.

E melhor ainda para vítimas de queimaduras.

No hospital da Universidade existe o melhor centro para tratamento de pessoas que sofreram queimaduras do país. Malin esteve lá uma vez para resolver um caso, vestida de branco da cabeça aos pés. Os pacientes conscientes gritavam de dor ou gemiam, os inconscientes sonhavam em não mais acordar.

Linköping.

Território das companhias aéreas. O endereço da indústria de aviação. Os caças furam os céus da cidade como besouros. Tunnor, Drakar, Viggen e Jas voam cada vez mais em ascensão, e de repente novos-ricos surgem passeando pelas ruas, cujas empresas de alta tecnologia interessam cada vez mais os olhares norte-americanos.

As planícies e os bosques ao redor do centro. O lar de todos aqueles cujos genes não suportam mudanças tão bruscas, cujos DNAs protestam, se recusam a mudar.

“Janne. Você se sente assim também? São nossos genes que não acompanham o mesmo ritmo?”

As pessoas em comunidades como Ukna, Nykil e Ledberg são como índios. Lá no Ikea, aos sábados, em meio à multidão, podemos ver esses índios vestidos com agasalho de ginástica e chinelo, misturados aos médicos, lado a lado com os engenheiros e os pilotos. Lado a lado, é como devem viver as pessoas. Mas se os genes não combinam? O amor ao próximo é impossível? No limiar ténue entre o passado e o presente, entre o aqui e o ali, entre o interior e o exterior, a violência nasce por vezes como a única possibilidade.

Zeke e Malin passam agora por Skäggetorp.

Um milhão de casas populares com seus telhados brancos. Nessas moradias enfileiradas vivem aqueles que vieram realmente de longe. Aqueles que já ouviram os torturadores uniformizados bater à porta durante a noite, os tiros furando o ar — aqueles que ainda servem como troféus para as autoridades da imigração.

— Passamos pelo Mosteiro Vreta ou tomamos a via Ledbergsvägen?

— Não conheço muito esses lados — responde Malin.

— Decida. E rápido.

— É melhor seguir em frente. Aliás, como foi o jogo ontem?

— Nem me fale. Os bancos do estádio são uma verdadeira tortura para nossos traseiros macios.

Zeke passa pela saída que dá acesso à Ledbergsvägen e segue em frente, na direção do Mosteiro Vreta.

A leste, vê-se o lago Roxen coberto de gelo. Mais parece uma geleira fora de lugar. E, ao longe, do outro lado do lago, as mansões se amontoam nas encostas

que levam ao mosteiro, a partir de uma elevação íngreme. As comportas do canal Göta, ao lado, aguardam os velejadores estivais e os barcos cheios de turistas americanos endinheirados.

O relógio no painel do carro.

Sete e vinte e dois.

Uma visão aterrorizante.

Malin gostaria de pedir a Zeke que pisasse fundo no acelerador, mas permanece em silêncio. Prefere fechar os olhos.

A essa hora, o pessoal do departamento central de polícia começa a chegar, e, normalmente, ela estaria dando bom-dia aos outros colegas da seção de investigações criminais de Linköping, já sentada a sua mesa, na ampla sala. Ficaria observando o estado de espírito deles e determinando qual seria o tom mais adequado para esse dia. Ela diria ou pensaria:

“Bom dia, Börje. Você levantou e foi dar comida para seus cachorros? Nunca está frio demais para dar amor a seus animais, não é verdade? Os pelos deles estão grudados em seu pulôver, em seu casaco, até em seus cabelos, cada vez mais ralos. Os latidos de seus cães são como vozes para você. E como você aguenta tudo isso? Como pode ver alguém que ama sofrer tanto quanto sua mulher sofre, todos os dias?”

“Bom dia, Johan. Foi difícil pôr as crianças na cama ontem? Ou elas estão doentes? Há uma epidemia típica do inverno que afeta o estômago. Você passou a noite acordado limpando os vômitos, você e sua mulher? Ou viveram a alegria silenciosa de ver os filhos adormecer cedo e bem-dispostos? Hoje, é sua mulher que os deixa na escola e é você que vai buscá-los? Vocês chegam na hora. Você sempre chega na hora, Johan, embora isso não seja suficiente. E a preocupação, Johan, vejo-a em seus olhos, ouço-a em sua voz. Nunca desaparece. Sei o que isso significa, porque essa preocupação também existe dentro de mim.”

“Bom dia, chefe. Como vai o senhor Sjöman hoje? Tenha cuidado. Essa barriga está, de fato, grande demais, realmente muito mal. Enfartada, como dizem os médicos no hospital da Universidade. Barriga de viúva, como se diz à boca pequena na cafeteria do hospital antes das operações de ponte de safena. Não me olhe assim com esse ar de pedinte, senhor Sjöman, você sabe que sempre tento fazer o melhor possível. Tenha cuidado. Preciso de todos os que acreditam em mim, já que é fácil duvidar, mesmo quando a capacidade é muito maior do que aquela que se consegue reconhecer.” E, então, suas palavras, seu conselho: “Você tem todo o talento para isso, Malin. Grande talento, cuide bem dele. Existem muitos talentos no mundo, mas são poucos os que sabem usá-los. Olhe bem para aquilo que está diante de si, mas não confie apenas naquilo que seus olhos veem, confie em sua intuição, Malin. Confie na intuição. Uma investigação é composta de um monte de vozes, vozes que você pode ouvir ou deixar de ouvir. Nossa própria voz e a dos outros. Vale escutar as vozes

inaudíveis, Malin. São elas que escondem a verdade”.

“Bom dia, Karim. Você sabe muito bem que até o mais jovem, o mais midiático chefe de polícia do país precisa se dar bem conosco, trabalhadores braçais? Você desliza pela sala com seus ternos italianos, brilhantes, bem engomados, e é absolutamente impossível saber qual caminho vai tomar. Você nunca fala de sua Skäggetorp, da casa de fachada laranja no bairro de Nacksta, na cidade de Sundsvall, onde cresceu sozinho com a mãe e seis irmãos e irmãs, depois de ter fugido do Curdistão turco e de seu pai ter se suicidado no desespero de não encontrar um bom lugar para trabalhar no novo país.”

— Onde é que você está e em que está pensando, Malin? Você parece estar completamente fora do ar.

As palavras de Zeke eram como uma chicotada. Com um movimento brusco, Malin parou sua brincadeira de saudações hipotéticas e voltou para o carro, voltou para o caminho que a levava ao acontecimento, à violência que surge nos pontos de ruptura, à paisagem consumida pelo inverno.

— Não é nada — responde ela. — Estava apenas pensando em como deve estar quente e gostoso agora lá no nosso departamento.

— Você deixou o frio entrar na sua cabeça, Malin.

— E como seria possível impedir o frio de entrar na minha cabeça?

— Endureça sua posição, Malin, e o frio desaparece.

— O frio?

— Não, a ideia de que está frio.

Passam pela plantação de frutas de Sjövik. Malin aponta pela janela para as estufas esbranquiçadas pela geada.

— É ali — diz ela — que se podem comprar tulipas na primavera. Tulipas de todas as cores, até as impensáveis.

— Maldição — diz Zeke. — Mal posso esperar.

Avistam-se as luzes acesas do carro da polícia como se fossem estrelas coloridas em contraste com o branco da paisagem e do céu.

Aproximam-se devagar, o carro parece se arrastar metro a metro, lentamente, pelo campo coberto de neve, pela clara tendência do lugar à solidão. Metro a metro, por cima dos cristais de neve, se aproximam do local, uma clareira redonda, curvilínea, no ambiente, uma ocorrência decorrente de outra ocorrência que decorre ainda de outra ocorrência que chama a atenção atual. O vento sopra contra o para-brisa.

As rodas do Volvo derrapam na estrada recém-aberta, ainda com restos de neve. E, talvez uns 50 metros à frente das luzes das viaturas, vê-se no horizonte a figura meio indistinta de uma árvore, um carvalho isolado, seus tentáculos acinzentados formando uma espécie de teia de aranha venenosa em contraste com o céu nublado, branco, os ramos finos instigando essa teia de memórias e

pressentimentos. Os ramos mais grossos do carvalho se debruçam em direção ao solo e, lentamente, pelo peso, deixam cair pedaços do manto de cristais brancos diante dos olhos de Zeke e Malin.

Avistam alguém do lado de fora da viatura de polícia. Duas cabeças aparecem pelo vidro traseiro de um Saab estacionado alguns metros à frente.

Um cordão de isolamento em volta da árvore, quase chegando até a estrada.

E, na árvore, uma visão nada fascinante.

Algo que deixa os olhos em dúvida.

Algo que apenas as vozes podem contar.

De certa forma é até agradável ficar pendurado aqui em cima.

A vista é esplêndida, e meu corpo congelado balança, agradavelmente, ao sabor do vento. Posso deixar os pensamentos vagar como quiserem. Existe uma calma aqui que nunca vivi antes e nem sequer pensava que existisse. Minha voz é nova. O olhar também. Talvez eu seja agora aquela pessoa que nunca tive a oportunidade de ser.

Lá longe, no horizonte, começa a amanhecer sobre a planície de Östergötland, que surge como um manto branco acinzentado e parece infinita, a vista entrecortada apenas por grupos de árvores que rodeiam pequenas casas de campo e seus jardins. A neve sobrepõe-se como ondas sobre a planície, onde se misturam pedaços de terra livres de neve, e lá, bem abaixo de meus pés suspensos, perto de um carro da polícia, encontra-se um jovem vestido com uma roupa de treino cinzenta, olhar preocupado, de expectativa, agora quase satisfeito ao ver um carro se aproximando. De lá, ele olha para mim, com uma expressão de quem está controlando meu corpo. Como se eu pudesse fugir.

O sangue congelou em meu corpo.

Meu sangue congelou no céu e nas estrelas, muito longe, nas galáxias mais distantes. E, no entanto, continuo aqui. Mas não preciso mais respirar, isso seria muito difícil, por causa do laço que envolve meu pescoço. Quando saiu do carro e se aproximou, em seu casaco vermelho — só Deus sabe o que estava fazendo aqui tão cedo —, ele gritou e depois ficou murmurando:

— Droga, que horror, meu Deus...

Depois ficou com pressa em telefonar e agora está sentado no carro, abanando a cabeça.

Deus, sim. Uma vez fiz uma tentativa de me aproximar Dele, mas o que é que Ele poderia me dar? Por toda parte é possível ver: essa gente que fica irrequieta e inconsolável assim que entra em contato com aquilo que acredita ser a escuridão.

Agora não estou sozinho. São infinitamente muitos os que estão à minha volta, embora não esteja apertado. Aqui há lugar de sobra para todos nós. Em meu universo em expansão constante, tudo se comprime ao mesmo tempo. Tudo se torna claro, mas, ao mesmo tempo, extraordinariamente obscuro.

É claro que doeu.

É claro que tive medo.

É claro que tentei fugir.

Mas ainda assim, bem dentro de mim, eu sabia que já tinha vivido tudo; satisfeito não estava, mas cansado, cansado de me movimentar em círculos, em volta daquilo que me era negado, que eu, no entanto, lá bem no fundo, desejava ter, queria participar.

Os movimentos das pessoas.

Jamais meus movimentos.

Por isso, é agradável estar aqui, nu e morto, pendurado num carvalho isolado, numa das áreas mais férteis do país. Acho que aquelas duas luzes do carro que se aproxima pela estrada são bonitas.

Para mim, nada era bonito antes.

Será que o bonito só existe para nós, os mortos?

É maravilhoso estar dispensado de todas as preocupações dos vivos.

O frio não tem cheiro. O corpo nu e sangrento por cima da cabeça de Malin se movimenta lentamente, para a frente e para trás, o carvalho sendo a força involuntária cujo ranger se mistura com o barulho de um motor de carro em ponto morto. A pele se soltou em grandes camadas da barriga protuberante e das costas. A carne ensanguentada, congelada, se apresenta com uma miscelânea de nuances vermelhas. Aqui e ali, nos membros, como que sem planejamento, as feridas são profundas, côncavas, feitas à faca, em fatias retiradas do corpo. O sexo parece intocado. O rosto se apresenta sem contornos, é uma massa roxa, inchada, gelada, de gorduras batidas. Apenas os olhos — bem abertos, espantados, cheios de sangue, quase surpresos e esfomeados, mas, ao mesmo tempo, repletos de um medo hesitante — revelam que o rosto é de um ser humano.

— Ele deve pesar no mínimo uns 150 quilos — diz Zeke.

— No mínimo — reage Malin e pensa que já viu antes olhos assim em vítimas de assassinato. Tudo se torna original quando somos colocados diante da morte, por muito que tenhamos visto antes, desde os tempos em que éramos novos. Olhos cheios de medo, esfomeados, mas capazes de expressar espanto, desde o primeiro momento.

Isso é o que ela costuma pensar quando enfrenta cenas como esta. Relembra essas cenas com a ajuda da memória e do que já leu a respeito, tenta fazer a comparação do que os olhos viram com o que as teorias dizem. E tenta fazer com que coincidam.

Os olhos dele.

Acima de tudo, ela reconhece neles a raiva. E o desespero.

Os outros aguardam na viatura. Zeke pediu ao policial uniformizado que se sentasse no carro e aguardasse.

— Não precisa ficar aí fora passando frio. Ele está lá pendurado e lá vai ficar.

— Vocês não vão ouvir o homem que o encontrou?

O policial de uniforme virou o olhar por cima do ombro:

— Foi ele que o encontrou.

— Deixe que façamos um primeiro reconhecimento.

E, assim, aquele corpo frio e inchado continuou na árvore isolada: o corpo gigantesco de quem alguém — ou alguns — tirou a vida.

“O que você quer de mim?”, pensa Malin. “Por que razão me trouxe aqui nesta manhã esquecida por Deus? O que você quer nos contar?”

Os pés estão roxos, com os dedos ficando negros, apontando para o chão branco.

“Os olhos”, pensa Malin. “Sua solidão. É como se tivessem um movimento que sobrevoa a planície, a cidade e, em seguida, em minha direção.”

Primeiro, as evidências.

O ramo está a cinco metros do solo, nenhuma roupa, nenhum sangue sobre a neve, nenhuma pista sobre o manto profundo em volta da árvore, a não ser as marcas frescas de um par de botas.

“Do homem que o encontrou”, pensa Malin. “Uma coisa é certa: você não subiu aí por si só. E as feridas no corpo, alguém deve tê-las feito. E é de acreditar, nesse caso, que você não as recebeu aqui embaixo: o solo deveria estar coberto de sangue. Não, você congelou por muito tempo em outro lugar, por tanto tempo que até seu sangue também congelou.”

— Está vendo as marcas no galho da árvore? — pergunta Zeke, levantando os olhos para o corpo.

— Sim — responde Malin. — É como se alguém tivesse arrancado a casca.

— Juro que a pessoa que fez isso usou uma roldana para içar o corpo e só depois colocou a força no pescoço.

— Ou as pessoas — diz Malin. — Podem ter sido várias.

— Nenhuma pista vindo da estrada até aqui.

— Não, mas ventou muito à noite. O solo muda de características a cada minuto. Neve solta, depois crosta gelada. Muda tudo a toda hora. Por quanto tempo subsiste uma pista? Quinze minutos. Uma hora. Não mais do que isso.

— De qualquer maneira, vamos ter de deixar os peritos pesquisar o terreno.

— Nessa altura, vão precisar do maior aquecedor do mundo — diz Malin.

— Vão ter de arranjar.

— Há quanto tempo acha que ele está pendurado lá em cima?

— Impossível dizer. Mas certamente não mais do que desde a noite passada.

Durante o dia, alguém o teria visto.

— Ele pode ter morrido muito tempo antes disso — diz Malin.

— Esse é um problema para Johannison.

— Crime sexual?

— Não é tudo uma questão sexual, Fors?

O sobrenome. Zeke usa-o quando está brincando, quando responde a uma pergunta que acha desnecessária ou idiota, ou apenas formulada de maneira idiota.

— Vamos lá, Zeke.

— Creio que não tem nada a ver com sexo. Não.

— Ótimo. Então, estamos de acordo.

Voltam para o carro.

— Quem fez isso — diz Zeke — deve ter uma determinação diabólica. De qualquer modo, não é uma manobra fácil trazer o corpo até aqui e depois

levantá-lo para cima da árvore.

E acrescenta:

— É preciso estar com muita raiva.

— Ou muitíssimo magoado — reagiu Malin.

— Sentem-se no nosso carro, que ainda está quente.

Os policiais de uniforme saem da viatura.

O homem de meia-idade no assento traseiro olha para Malin e faz o gesto de se levantar.

— Você pode ficar — diz ela. E o homem se afunda no assento, mas se mantém alerta e franze as sobrancelhas muito finas. Todo o seu corpo exprime uma mesma coisa: “Que droga, como é que vou explicar isto aqui? O que é que eu estava fazendo aqui, a essa hora?”.

Malin senta a seu lado. Zeke fica no lugar da frente.

— Ótimo — diz Zeke. — Está melhor aqui dentro do que lá fora.

— Não fui eu — diz o homem, virado para Malin, seus olhos úmidos de preocupação. — Eu não devia ter parado. Foi uma idiotice. Devia ter continuado a viagem.

Malin baixa sua mão no braço do homem. O tecido vermelho acolchoado afunda sob seus dedos.

— Você fez o certo.

— Quer dizer, eu estive...

— Vamos lá — diz Zeke, virando-se para trás. — Fique calmo. Comece dizendo como se chama.

— Como me chamo?

— Isso mesmo — confirma Zeke.

— Minha amante...

— O nome.

— Liedbergh. Peter Liedbergh.

— Obrigado, Peter. Agora pode começar a contar sua história.

— Então, eu estive com minha amante em Borensberg e tomei este caminho para casa. Moro em Maspelösa, que fica mais perto vindo por aqui. É o que posso confessar. Não tive nada a ver com isto aqui. Vocês podem verificar. Ela se chama...

— Nós vamos verificar, sim — diz Zeke. — Então, você voltava para casa depois de uma noite de amor, é isso?

— Sim, e escolhi este caminho para voltar. A estrada estava limpa, sem muita neve, e então vi uma coisa estranha na árvore e parei. Saí do carro e, com os diabos, vi o cara pendurado. Foi assim. Meu Deus!

“Movimento de pessoas”, pensa Malin. “Luzes de carros brilhando na noite, luzes piscando.” Em seguida, fala:

— Não havia ninguém quando você parou? Viu alguém por perto?
— Ninguém. Tudo vazio.
— Você cruzou com algum outro carro?
— Não nesta estrada. Mas, alguns quilômetros antes, cruzei com uma caminhonete, não me lembro da marca.
— O número?
A voz grave de Zeke.
Peter Liedbergh abana a cabeça.
— Vocês podem verificar tudo com minha amante. Ela se chama...
— Nós vamos verificar tudo.
— Sabem, primeiro pensei em seguir em frente. Mas, depois, eu sei muito bem o que é certo, o que se deve fazer numa situação como essa. Juro. Não tenho nada a ver com o caso.
— Nós também achamos que não — diz Malin. — Eu, quero dizer, nós achamos impossível que você telefonasse se tivesse alguma coisa a ver com isso.
— E minha mulher? Minha mulher precisa saber?
— Saber de quê? — indaga Malin.
— Eu disse a ela que precisava trabalhar na padaria, a Karlssons Bageri. Trabalho lá à noite, mas nesse caso sigo por outro caminho.
— Nós não precisamos dizer nada a ela — diz Malin. — No entanto, ela vai acabar sabendo.
— Mas o que é que vou dizer a ela?
— Diga que foi dar uma volta. Que estava sem sono.
— Ela não vai acreditar. Costumo chegar sempre supercansado. E com esse frio...
Malin e Zeke trocam olhares.
— Tem mais alguma coisa que ache interessante nos dizer?
Peter Liedbergh abana a cabeça de novo.
— Posso ir embora agora?
— Não — diz Malin. — Os peritos precisam verificar os dados de seu carro e medir a sola de suas botas. Temos de verificar se as impressões deixadas aqui na neve são suas e de mais ninguém. E ainda vai ter de dar o nome e o endereço de sua amante para nossos colegas.
— Eu não devia ter parado — diz Peter Liedbergh. — Teria sido melhor deixar que ele ficasse lá pendurado. Quer dizer, mais cedo ou mais tarde alguém o descobriria.

O vento aumenta sua força, entranha-se pelo tecido falsamente acolchoado do casaco de Malin, atinge a pele, a carne e até as mínimas moléculas da medula. Os hormônios da tensão entram em serviço, ajudam os músculos a enviar sinais de dor para o cérebro, e ela sente dores por todo o corpo. Malin pensa em como

deve ser horrível morrer de frio e congelar. Não se morre nunca de frio, mas de tensão, da dor que o corpo sente quando não mantém mais sua temperatura normal e entra em grande atividade, enganando a si mesmo. Quando se está realmente com frio, sente-se um calor que se espalha pelo corpo. É uma sensação enganosa, os pulmões não podem mais oxigenar o sangue, sufoca-se e, ao mesmo tempo, chega o sono, mas o calor ainda existe, e aqueles que voltaram desse estado falam de afogamento, de como se sentiram afundando, caindo, para depois subir novamente para uma nuvem, muito macia, branca e quente, onde todo o medo desaparece. “Essa sensação de nuvem macia é uma invenção fisiológica”, pensa Malin. “É apenas a morte que nos acaricia para que a aceitemos.”

Um carro chega de longe.

“Seriam os peritos? Difícilmente. É mais provável que sejam as hienas do jornal *Östgöta Correspondenten*, o *Corren*, que sentiram o cheiro da Foto do Ano. É ele?” , chega a pensar Malin, antes mesmo de começar o ranger do alto, de maneira preocupante, rangidos que vinham do lugar onde se erguia o carvalho. Ela se vira e vê como o corpo balança. Não pode ser agradável ficar assim pendurado.

“Espere um pouco, que logo vamos te ajudar a descer daí.”

— Malin, Malin, o que você tem para me dizer?

O frio parece comer as palavras de Daniel Högfeldt, as ondas sonoras como que param no ar a meio caminho. Apesar de estar vestido com um casaco acolchoado, com gola de pele, existe algo em sua presença corporal e na maneira de andar que revela simplicidade e elegância, um modo de andar, de pisar o chão, que revela posse e sabedoria no exercício do poder.

Malin enfrenta seu olhar e vê nele um sorriso desdenhoso, um desdém cintilante, uma história anterior àquele momento, uma história secreta que ele conhece e que ela quer que ninguém nem por sombra saiba. E ela vê o raciocínio dele: “Eu sei, você sabe, e eu vou usar isso para obter o que quiser, quando quiser. Chantagem”, pensa Malin. “Comigo isso não funciona. Quando é que você vai jogar sua cartada, Daniel? Agora? Por que não? É uma boa oportunidade. Mas não vou me dobrar. Temos a mesma idade, mas não somos iguais.”

— O homem foi assassinado, Malin? Como ele foi parar naquela árvore? Alguma coisa você DEVE ter para me contar.

De repente, Daniel Högfeldt está bem próximo, seu nariz reto parece tocar o dela:

— Malin?

— Você não vai dar nem mais um passo. E eu não vou dizer nada. Não lhe DEVO nada.

E o sorriso desdenhoso fica ainda mais evidente, mas Daniel decide recuar.

A câmera da fotógrafa dispara sem cessar, com ela se movimentando pelo lado de fora da área bloqueada, em volta da árvore e do corpo.

— Não chegue tão perto, idiota — grita Zeke. E, pelo canto dos olhos, Malin vê os dois policiais uniformizados correrem na direção da fotógrafa, que, lentamente, baixa a câmera e recua para o carro de reportagem.

— Malin, claro que ele foi assassinado, já que vocês querem que o lugar fique intocado. Alguma coisa você deve ter para me contar. Se me perguntar, eu direi que não se trata de suicídio.

Ela empurra Daniel para o lado, sente seu braço roçar pelo dele, quer recuar, quer andar, mas ouve a voz dele chamá-la. E então ela pensa: “Como pude? Como é que se pode ser tão idiota?”

Depois, vira-se de novo para o jornalista do *Corren*:

— Nem mais um passo neste lugar. Volte para o carro e fique lá dentro. Ou, melhor ainda, saia daqui, vá embora. Aqui está frio, apenas isso. E as fotos do corpo vocês já têm, não é?

Daniel sorri, um sorriso de garoto atrevido, que, ao contrário de suas palavras, atravessa direto a atmosfera gelada.

— Mas, Malin, só estou fazendo meu trabalho.

— Nada vai acontecer agora aqui, a não ser a chegada dos técnicos para realizar o trabalho de perícia. Só a partir daí é que vamos tomar pé no assunto.

— Já acabei — grita a fotógrafa. E Malin imagina que ela não pode ser muito mais velha do que Tove, talvez uns oito, nove anos. Para não falar das dores provocadas pelo frio que ela deve sentir nos dedos nus que seguram e disparam a câmera.

— Deve estar gelada — diz Malin.

— Deve, sim — diz Daniel, que, em seguida, passa por Malin em direção ao carro, sem olhar para o lado.

Quando recomecei a pensar, achei que ela ia me ajudar a descer daqui. Já me cansei de estar pendurado. Essa é minha situação. Fico balançando neste lugar. Estou aqui e por toda parte. Mas este lugar, pendurado na árvore, não serve para descansar. Aliás, o descanso talvez não chegue nunca. Ainda não sei.

Todas essas pessoas de roupas almofadadas.

Não sabem como são ridículas?

Acham que podem se defender do frio?

Será que não está na hora de me fazerem descer daqui?

Começo a ficar cansado deste balançar e dessa brincadeira que vocês estão fazendo aí na neve por baixo de meu corpo. Mas é claro. É divertido ver como seus passos deixam marcas na neve, marcas que eu me divirto em seguir, rodando, rodando, como se fossem lembranças inquietantes, escondidas em inalcançáveis sinapses.

— Eu não aguento esse cara — diz Zeke, no momento em que vê o carro do Corren desaparecer na névoa. — Ele é uma sanguessuga cheia de cocaína com TDAH, Transtorno de Atenção.

— Por isso mesmo — diz Malin —, ele é considerado muito bom em sua profissão.

As metáforas americanas de Zeke. Elas aparecem quando menos se espera, e Malin refletiu muitas vezes sobre qual seria sua origem. Pelo que sabia, Zeke jamais seria um amante da cultura popular americana e nem sequer sabia quem era Philip Marlowe. 1

— Se ele é assim tão competente, o que está fazendo num jornal de província?

— Ele se sente bem por aqui.

— Certamente.

Depois, Malin olha de novo para o corpo.

— Como acha que é estar pendurado lá em cima?

Essas palavras ficaram pairando no ar por algum tempo.

— É apenas carne — diz Zeke. — E a carne não sente como as coisas são.

Seja quem fosse o ser humano, já não está aqui.

— Mas, ainda assim, pode nos contar muitas coisas — diz Malin.

Karin Johannison, a analista, patologista e pesquisadora no laboratório técnico estatal de criminalística, SKL, que trabalha meio expediente como investigadora da polícia de Linköping, chega batendo febrilmente os braços em movimentos desleigos contra seu corpo, vestido com um casaco acolchoado de penas, muito fino e elegante. Pequenas penas, soltas no ar, formam uma espécie de grãos em contato com a neve que cai. E Malin nota que aquele casaco deve ter sido incrivelmente caro, porque o acolchoamento vermelho parece bem inchado, cheio de penas.

Mesmo com o gorro de pele e as faces róseas por efeito do frio de fevereiro, a imagem de Karin parece o símbolo de uma princesa da Riviera, levemente envelhecida. Ou como uma Françoise Sagan² de meia-idade, sem nenhuma preocupação maior e bonita demais para desempenhar seu trabalho. O bronzeado do sol das férias na Tailândia, no Natal anterior, ainda se mantém aparente em sua pele, e Malin pensa por vezes que gostaria de ter sido como ela, Karin, casada com o dinheiro e levando uma vida sem complicações.

Elas aproximam-se do corpo, cautelosamente, andando sobre as pisadas já feitas.

Karin age como engenheira, penetra por baixo do corpo nu, por baixo da árvore à sua frente, evita ver a gordura, a pele, aquilo que antes tinha sido um rosto, reprime todas as ideias imaginadas que poderiam ter passado pelo cérebro inchado do corpo, deduções que agora, lentamente, começam a se espalhar por toda a cidade, pelos prados e bosques como um murmúrio sinistro, uma discussão que só poderá parar de um modo, com a resposta para a pergunta: quem fez isso?

“O que você está vendo, Karin?”, pensa Malin. “Já sei, você vê um objeto, um parafuso ou uma rosca, um detalhe que deverá ser analisado, que poderá contar uma história nele embutida.”

— É quase certo que ele jamais poderia chegar onde está por si mesmo — diz Karin, de pé, debaixo do corpo. Tinha acabado de fotografar as marcas de sapatos em volta, desenhando uma linha em torno delas, mesmo sabendo que, quase com certeza, são marcas apenas delas próprias e de Peter Liedbergh. De qualquer maneira, precisam ser verificadas.

Malin não responde, mas pergunta:

— Há quanto tempo acha que ele está morto?

— Impossível responder a essa pergunta apenas olhando para ele. Aqui não dá para imaginar nada. Essa questão só poderá ser respondida na sala de autópsia.

Era a resposta esperada. Em vez disso, Malin resolve pensar no bronzeado de Karin, em seu casaco bem acolchoado e na maneira como o vento poderia se

entranhar por seu tecido.

— Temos de pesquisar o terreno antes de baixar o corpo — diz Karin. — Vamos ter de trazer aqui o aparelho de aquecimento que os militares têm lá no quartel em Kvarn e montar uma tenda assim que conseguirmos acabar com esta neve aqui embaixo.

— Não vai ficar tudo uma lama? — pergunta Malin.

— Só se aquecermos o lugar por tempo demais — responde Karin. — Devem trazer o aparelho dentro de algumas horas, caso não estejam trabalhando com ele em outro lugar.

— O corpo não devia ficar aqui pendurado por muito mais tempo — diz Malin.

— Faz 30 graus negativos agora, aqui — diz Karin. — Não vai acontecer nada ao corpo com um frio desses.

Zeke deixou que o motor ficasse trabalhando em ponto morto, e há uma diferença de 40 graus entre a temperatura dentro do carro e a atmosfera exterior. O ar que sai da boca se transforma em cristais colados nas janelas laterais do veículo.

Malin se aquieta no assento do passageiro na frente.

— Feche logo a porta — grita Zeke. — Johannison está verificando o lugar?

— Kvarn, é de lá que ela vai mandar vir o aparelho para derreter a neve.

Chegam mais duas viaturas, e, pelos ramos das árvores esbranquiçadas pela neve, Malin consegue ver Karin dando ordens no campo aos policiais de uniforme.

— Agora podemos ir embora — diz Zeke.

Malin concorda.

Ao passar de novo pela plantação de frutas de Sjövik, Malin liga o rádio e sintoniza a estação P4. Uma velha amiga, Helen Aneman, é a locutora de um programa que vai ao ar todos os dias, entre as sete e as dez horas da manhã.

O relógio no painel de instrumentos indica que são oito horas e trinta e oito minutos.

A voz macia da amiga surge assim que mais uma música, “A whiter shade of pale”, se esfuma no éter:

Durante a música que acabamos de ouvir, entrei no site do Corren. Hoje não é um dia normal em Linköping, caras ouvintes. E não é do frio que estou falando. A polícia acaba de encontrar um corpo nu pendurado num carvalho no meio de um prado, lá para os lados do Masteiro Vreta.

— Trabalho rápido, esse — comenta Zeke, sobrepondo-se à voz do rádio.

— Daniel é bom — diz Malin.

Se quiserem começar o dia com emoções fortes, continua a voz de veludo no rádio, entrem no site do Corren. Poderão ver lá as imagens de um pássaro diferente, pousado numa árvore.

Daniel Högfeldt recosta-se em sua cadeira na redação, e o encosto flexível obedece, inclinando-se para trás.

Daniel fica balançando, tal como fazia na cadeira de balanço do avô paterno na casa de campo em Vikbolandet, aquela que pegou fogo pouco depois de o avô materno, finalmente, adormecer para sempre no hospital de Vrinnevi. Ele olha primeiro pela janela que dá para a rua do porto, a Hamngatan, e depois para a panorâmica sala da redação, para os colegas que se debruçam sobre seus computadores, a maioria deles meio indiferente diante do trabalho a realizar, contente com o que tem e cansada, muito cansada. “Se existe um veneno pior para os jornalistas”, pensa Daniel, “é o cansaço. O cansaço destrói, mata. Eu não estou cansado. Nem um pouco.”

Acaba de mencionar o nome de Malin em seu artigo sobre o homem na árvore:

Malin Fors e a polícia de Linköping não querem dar nenhuma informação...

Para a frente e para trás, a balançar.

Exatamente como na maioria das investigações sobre crimes que ele cobriu.

Ouvem-se as batidas nos muitos teclados, esparsas chamadas em voz alta pela sala, e sente-se o odor acre do café.

Muitos dos velhos colegas são cínicos, muito além do razoável e produtivo. Mas não ele. Pelo contrário. É preciso manter uma espécie de respeito por aquelas pessoas cuja história e infelicidade constituem o pão de cada dia para os jornalistas.

Um homem nu, pendurado numa árvore. Enforcado.

Uma bênção para quem tem páginas de jornal para preencher e vender.

Mas há muito mais. É algo diferente.

A cidade vai acordar. Com toda a certeza.

“Sou competente naquilo que faço, não só porque gosto de fazer essa brincadeira chamada ‘jornalismo’, mas também porque sei como manter distância e brincar com as pessoas.”

Cinismo?

A rua, a Hamngatan, corre lá fora, dominada pelo inverno.

Os lençóis amarratados no apartamento de Malin Fors. Apenas a dois quartos de distância.

A testa enrugada de Sven Sjöman, sua barriga protuberante, a camisa jeans mal dá para meter por dentro da calça de fazenda castanha. Seu rosto de um branco acinzentado, tão vazio de vida quanto o casaco que usa. Seus cabelos ralos, tão brancos quanto o quadro que está à sua frente. Sven prefere fazer reuniões com pouca gente e transmitir depois as informações aos outros. As reuniões que

fazem nos outros distritos policiais, segundo seu ponto de vista, nunca são tão produtivas.

Ele começa como habitualmente em reuniões desse tipo, quando o pessoal dá início aos trabalhos sobre um novo caso. A questão é saber quem tem de dar uma resposta. E é responsabilidade dele fazer com que todos entrem em atividade à procura de um caminho que, eventualmente, poderá levar à resposta: *ele, ela, eles*.

Existe um vazio enganoso, um veneno gotejante, na sala de reuniões. Isso porque todos os cinco policiais sabem que, quando o ponto de interrogação surge suspenso no ar, ele pode influenciar e mudar um distrito, uma província, um país ou até o mundo inteiro.

A sala está situada no andar térreo de uma das antigas casernas militares, transformadas em administração policial há mais de uma década, quando o regimento foi desmontado. Saíram os militares, entraram os policiais.

Do lado externo, em frente à janela, existe um gramado com dez metros de largura, agora todo coberto de neve, um parque de recreio vazio e deserto, os balanços e escorregadores foram pintados com cores vivas, mas o gelo faz de tudo uma mistura louca de tonalidades cinzentas. Para além do parque, pela grande janela da creche, Malin pode ver as crianças brincando, correndo de um lado para o outro, aprontando as artimanhas que fazem parte de seu mundo.

Tove.

“Faz tempo que você brincava assim.”

Malin ligou do carro para o telefone dela. Tove atendeu ao sair pela porta:

— Claro que me levantei.

— Agasalhe-se bem.

— Você acha que sou idiota?

Zeke:

— Adolescentes. São como cavalos numa pista de corrida. Jamais fazem aquilo que queremos.

Por vezes, ao ter de enfrentar investigações de crimes graves e ao examinar imagens nas paredes da sala de reuniões, baixavam as persianas da janela para evitar que as crianças da creche vissem as fotos, mesmo sabendo que, certamente, estas iriam aparecer todos os dias na televisão, num aparelho ligado numa sala ou quarto qualquer. Na televisão, as imagens sucedem-se, e as crianças aprendem a acreditar no que veem.

Um pescoço cortado. Um cadáver queimado e pendurado num poste telefônico. Outro cadáver inchado numa cidade inundada.

E agora as palavras de Sjöman, as palavras de sempre, sua voz rouca:

— E o que vocês acham que temos aqui? Alguém faz ideia? Ninguém telefonou registrando nenhum sumiço. E, se alguém tivesse desaparecido, a essa altura já teriam telefonado. Portanto, o que temos? — É uma pergunta atirada para a sala por um homem de pé, na direção de pessoas sentadas em volta de

uma mesa alongada, um dedo que pressiona o play de um aparelho, as palavras saindo como tons musicais, palavras frágeis e duras, entre quatro paredes.

Johan Jakobsson toma a palavra. Nota-se que estava à espera de poder ouvir a própria voz, que queria dizer alguma coisa, qualquer coisa, nem que fosse apenas para quebrar os efeitos do próprio cansaço.

— Está claro que se trata de algum tipo de ritual.

— Nós nem sabemos com certeza se ele foi assassinado — diz Sven Sjöman.

— Não teremos a certeza antes que Karin Johannison faça seu trabalho. Mas podemos partir do princípio de que ele foi assassinado. Até aí tudo certo.

“Nunca se sabe nada ao certo, Malin, antes de se saber. Até então vigora a ignorância.”

— Parece, de fato, um ritual.

— Devemos partir do princípio de que tudo é possível, sem nos apegarmos a pressupostos.

— Nem sabemos quem é ele — diz Zeke. — Parece-me uma boa ideia começar por saber de quem se trata.

— Talvez alguém ainda venha a telefonar. As imagens já estão no jornal — dizem Johan e Börje Svärd, que até então tinham ficado em silêncio, suspirando.

— As imagens? Não dá para ver o rosto.

— Mas quantos são os gordos que existem na região? E logo alguém vai se perguntar aonde foi parar esse gordo.

— Não esteja tão certo disso — diz Malin. — A cidade está cheia de pessoas de quem ninguém sentiria falta se desaparecessem.

— Mas ele parece tão especial, o corpo dele...

— Se tivermos sorte — Johan interrompe Sven —, alguém vai telefonar. Por ora, só resta esperar pelo resultado das investigações feitas no lugar e pela autópsia. E depois vamos ter de bater às portas das redondezas uma a uma, saber se alguém viu ou ouviu alguma coisa, se sabe de alguma coisa que nos possa servir. Nós temos, como sabem, uma pergunta que precisa ser respondida.

“Sven Sjöman”, pensa Malin.

A quatro anos de atingir os 65 anos e a aposentadoria. Quatro anos de risco de ter um ataque do coração, quatro anos de horas extras, quatro anos da boa comida, carinhosamente feita pela esposa, mas, que pena, supergordurosa. Quatro anos de pouco exercício. *Barriga de viúva*. Mas, de qualquer maneira, Sven ainda é a voz do bom senso na sala, a voz da experiência, da ordem mantida e amadurecida, aquele que sabe falar de boa consciência e com desprendimento.

— Malin, você e o Zeke vão ser os responsáveis principais pelas investigações preliminares — diz Sven. — Vou arranjar os recursos de que precisam para o trabalho em campo. Os outros dois vão ajudar o mais que puderem.

— Eu gostaria de assumir esse caso — diz Johan.

— Johan. Nós já temos outro caso — diz Börje. — Não podemos nos dar ao luxo de concentrar nossa atenção em mais de um caso.

— A reunião está encerrada? — pergunta Zeke, enquanto afasta para trás sua cadeira e se levanta.

No momento em que todos já se levantaram, a porta da sala se abre.

— Vocês podem se sentar novamente.

Karim Akbar põe todo o peso dos músculos de seu corpo de 37 anos por trás dessas palavras. Coloca-se ao lado de Sven Sjöman e espera que os quatro policiais se sentem novamente em suas cadeiras.

— Vocês compreendem quanto é importante — diz Karim. E Malin pensa no sotaque dele, em que existe uma variante, em consequência de ter chegado à Suécia com apenas dez anos de idade. Ao falar, ele se exprime em sueco puro e correto, sem nenhum sotaque regional.

— É importante — recomeça ele — estabelecer uma ordem nisto aqui. — E ele soa exatamente como se estivesse apresentando uma tese que precisa ser discutida em público.

Em nome da inteligência e do zelo.

Começando do zero e querendo chegar longe, não se pode deixar nada ao acaso. Karim já escreveu artigos polêmicos nos jornais *Svenska Dagbladet* e *Dagens Nyheter*, perfeitamente ajustados às exigências de seu tempo. Seus pontos de vista mexeram com muita gente. Que os imigrantes devem estabelecer exigências quanto à própria conduta. Que as ajudas obtidas devem estar ligadas ao conhecimento da língua sueca, apenas um ano após sua chegada ao país. Que o isolamento só poderá acabar, no início da integração, pelo esforço desempenhado.

Seu rosto na televisão, em programas de debates. “Fazer exigências libera a força existente em todas as pessoas. Olhem bem para mim. É possível. Sou um exemplo vivo.”

“Mas e todos aqueles que têm medo?”, pensa Malin. “Aqueles pessoas que nascem tímidas?”

— Sabemos que nosso trabalho é justamente esse. Pôr ordem nessas coisas — diz Zeke. E Malin observa como Johan e Börje sorriem, no momento em que Sven faz uma expressão como quem diz: “Calma, Zeke. Deixe que ele faça seu discurso. O fato de você não querer entrar em conflito não significa que seja apenas um instrumento nas mãos dele. Pelo amor de Deus, os anos não lhe ensinaram nada, Martinsson?”

Karim olha para Zeke como quem diz: “Respeite-me, não use esse tom”. Mas Zeke afronta esse olhar. E Karim resolve continuar:

— Os jornais e toda a mídia vão realizar uma grande cobertura desse caso, e eu vou ter de responder a muitas perguntas. Há que se conseguir uma solução

rápida. Temos de fazer uma boa demonstração da eficiência da polícia de Linköping.

Malin acha que as palavras de Karim soam como se viessem de uma máscara. Ninguém fala desse jeito quando fala a sério. Parece que a pessoa que está à sua frente desempenha o papel de uma pessoa competente quando, na realidade, devia descontraí-la e mostrar sua... — sua o quê? — fragilidade?

Em seguida, Karim dirige-se a Sven:

— Como é que você vai dividir os recursos?

— Fors e Martinsson vão ser os responsáveis principais. Todos os recursos vão ficar à sua disposição. Jakobsson e Svärd vão ajudar sempre que tiverem tempo para isso. Andersson está de licença médica. E Degerstad está em Estocolmo, fazendo um curso. Essa é a situação.

Karim respira fundo e mantém o ar em seus enormes pulmões por algum tempo antes de expirar. Depois, determina:

— Vamos fazer assim. Você, Sven, assume, como de hábito, a responsabilidade principal como líder das pesquisas preliminares. E vocês quatro vão formar uma equipe. Todo o resto vai ficar como está. Esse caso tem alta prioridade.

— Mas...

— É assim que vai ficar, Martinsson. Eu não duvido de sua capacidade, nem da capacidade de Fors, mas precisamos focalizar nossas forças.

A barriga de Sven parece que fica ainda maior, suas rugas na testa, ainda mais fundas:

— Será que devo contatar o departamento central de criminalística do reino? Formalmente, nem sabemos ainda se o homem foi assassinado.

Karim dirige-se para a porta:

— Nada de central de criminalística. Esse caso nós podemos solucionar. Você fica encarregado de me relatar o que acontece, de três em três horas, ou antes, se alguma coisa de especial acontecer.

A batida da porta, acionada pela respectiva mola, ecoa pela sala.

— Vocês ouviram o que ele disse. Não ter de dividir o trabalho entre si e me informar a respeito de suas atividades.

As crianças que brincavam no parque da escola já tinham ido embora. O móvel amarelo inspirado em Calder³ flutua por baixo das cortinas axadrezadas.

Pele roxa desprende gordura.

Abatido e sozinho, ao vento gelado.

“Quem é você?”, pensa Malin. “Volte e diga quem você é.”

Agora montaram uma tenda por baixo de mim, suas cores verdes vão ficar cinzentas à noite, e sei que vai estar quentinho lá dentro, mas nada desse calor vai chegar até mim.

Será que vou sentir algum calor mais tarde? Será que um dia ainda vou sentir algum calor? Eu vivia por perto, na região, de certa forma livre do mundo em que vocês vivem, mas, depois, que grande liberdade!

Mas não preciso mais do calor de vocês, não do que vocês entendem como calor. O calor existe à minha volta. Não estou sozinho. Ou talvez seja isso mesmo. Eu sou a solidão, seu cerne. Talvez fosse já o cerne da solidão quando ainda vivia. A matéria mais interior da solidão. O mistério de cuja solução nos aproximamos, a reação química, o processo certamente simples, mas amplo, grandioso, em nosso cérebro que dá lugar às percepções que, por sua vez, nos fornecem a consciência e formam os pré-requisitos para alcançar a verdade que reconhecemos como nossa própria verdade. A lâmpada da diligência está acesa nos laboratórios dos pesquisadores. Quando descobrirmos qual é esse código, vamos conhecer todos os outros. Então, poderemos descansar. Rir ou gritar. Parar. Mas e até então?

Divagar, trabalhar, procurar a resposta para todas as questões.

Nada é estranho naquilo que estão fazendo.

A neve derrete, escorre, mas vocês não vão encontrar nada; portanto, tirem daí a tenda, vão buscar um guindaste e me tirem daqui de cima. Sou um fruto estranho, não devo ficar aqui pendurado, desequilibra tudo, o ramo já começou a estalar, até mesmo a árvore já está protestando, não escutam?

É, é isso mesmo, vocês são todos surdos. Como é fácil esquecer, na realidade. O que as divagações de nossos próprios pensamentos podem fazer conosco, aonde é que elas nos podem levar.

— Mamãe, você viu onde está a sombra para os olhos?

A voz de Tove, vinda do banheiro, soa a desespero, raiva e resignação, mas, ao mesmo tempo, contém uma determinação consciente, interior, quase assustadora.

“Sombra para os olhos? Não foi ontem, precisamente.” Malin nem se lembra mais quando Tove se maquiou pela última vez e gostaria de saber o que ela vai fazer nesta noite.

— Você vai querer a sombra para os olhos? — grita Malin do sofá. O noticiário começou justamente agora, e vão dar a matéria do homem na árvore como terceira notícia do dia, após o primeiro-ministro apresentar mais uma proposta e um meteorologista qualquer dizer que o frio atual pode ser a prova final de uma quebra de normalidade. Talvez estejamos a caminho de uma nova era glacial que vai cobrir todo o nosso país com um metro de cristais de neve, duros como granito.

— Por que você acha que estou perguntando por ela?

— Você vai se encontrar com algum rapaz?

Faz-se silêncio no banheiro. Ouve-se depois a palavra “droga!”, quando a bolsa de cosméticos guardada no armário obviamente cai no chão. Depois:

— Aqui está ela. Já encontrei, mamãe.

— Ótimo.

Um repórter do Östnytt se encontra no local do crime; está bastante escuro, apenas um holofote ilumina a tenda no fundo, e quase não dá para ver o corpo na árvore, apenas se se souber que ele está lá pendurado. “Estou aqui fora, num campo gelado, a alguns quilômetros de Linköping. A polícia...”

“Em todo o país, as pessoas estão vendo as mesmas imagens que eu”, pensa Malin. “E elas estão refletindo sobre a mesma coisa: ‘Quem é ele? Como chegou onde está? Quem fez isso?’”

“Aos olhos dos telespectadores, sou a encarregada de encontrar a verdade, de fazer com que os criminosos sejam postos atrás das grades. É de mim que se espera a transformação da periculosidade em segurança, mas isso é uma coisa nada fácil de alcançar na realidade, longe dos monitores de televisão. Nos bastidores da televisão fazem-se testes de imagem, estudam-se as tonalidades e as probabilidades inesperadas, as interpretações em tudo, por toda parte. Entretanto, o relógio continua rodando, tique-taque, tique-taque, e todos esperam por algo novo, mais esclarecedor, melhor.”

— Mamãe, posso usar seu perfume?

“Perfume?”

“Ela tem um encontro marcado”, pensa Malin. “Nesse caso, é o primeiro. Quem será? Onde? Quando?” Mil perguntas, pressentimentos e preocupações, sob uma centena de formas, perpassam pela mente de Malin numa fração de segundo.

— Com quem você vai se encontrar?

— Com ninguém. Posso usar o perfume?

— Claro.

“...o corpo continua no mesmo lugar.”

A câmera afasta-se para o lado, e na escuridão profunda, sobre a tenda, balança o corpo. Malin pensa em mudar de canal, mas, ao mesmo tempo, quer ver tudo. Corte direto para a entrevista coletiva para a imprensa. Karim Akbar, bem-vestido, terno completo, na grande sala de reuniões do departamento de polícia, os cabelos negros bem penteados para trás, rosto sério, mas os olhos não conseguem esconder o prazer que sente diante dos holofotes, confirmando sua predisposição midiática.

— Ainda não sabemos se ele foi assassinado.

O microfone da televisão em primeiro plano. Uma pergunta vem da grande multidão de jornalistas. Malin reconhece a voz de Daniel Högfeldt:

— Por que razão deixaram o corpo no mesmo lugar?

“Daniel. O que você está fazendo?”

Karim responde em tom claro:

— Por motivos técnicos de investigação. Em princípio, por enquanto, não sabemos nada. Trabalhamos ainda sem pistas.

— Mamãe, você viu meu pulôver vermelho? — A voz de Tove vem agora de seu próprio quarto.

— Já olhou na cômoda?

Passam-se alguns segundos. Depois, uma voz triunfante:

— Achei!

“Ótimo”, pensa Malin. Depois, reflete sobre o termo “trabalhar sem pistas”. Sobre o que isso significa e vai exigir. Andar em volta num raio de três quilômetros a partir da árvore, visitando as casas de campo dos arredores, bater à porta dos lavradores, contatar os motoristas de ônibus que passam por lá, os trabalhadores preguiçosos, parte deles doente:

“Ah, sim. É mesmo? Não, não vi nada.” “A essa hora já estou dormindo.”

“Com esse frio que faz, eu fico em casa, aqui dentro.” “Costumo me dedicar às minhas coisas, é melhor assim.”

Assim aconteceu com Johan e Börje, tal como com ela e Zeke; ninguém sabe, ninguém viu nada. É como se o corpo de 150 quilos tivesse voado para a armadilha, lá na árvore, enfiado a cabeça no laço e ficasse à espera de que alguém o descobrisse.

De volta ao locutor.

“Naturalmente, estamos seguindo a evolução dos acontecimentos em Linköping.” Pausa. “Em Londres...”

E aí Tove aparece na porta da sala.

— Eu li sobre isso na internet — diz ela. — Você está resolvendo o caso?

Mas Malin não pode responder à pergunta da filha. Em vez disso, apenas fica de boca aberta: a criança que viu de manhã na cama, a garotinha que apenas 15 minutos antes tinha entrado no banheiro, passou por uma transformação radical, maquiou-se, prendeu os cabelos para cima, e aconteceu uma coisa, uma coisinha, uma premonição de mulher que se sobrepôs à figura da filha.

— Mamãe? Mamãe, alô?

— Como você está bonita!

— Eu vou ao cinema.

— Sim, estou trabalhando no caso.

— Ainda bem que amanhã vou ficar com o papai. Assim, você poderá trabalhar até mais tarde.

— Tove, minha querida, não diga uma coisa dessas.

— Vou embora agora. Volto umas 11 horas. A última sessão deve terminar por essa altura. Vamos comer qualquer coisa antes.

— Com quem você vai sair?

— Anna.

— E se eu dissesse que não acredito nisso, o que você responderia?

Tove encolhe os ombros.

— Vamos ver o novo filme do Tom Cruise. — E, em seguida, Tove acrescenta o título do filme, título do qual Malin nunca ouviu falar. Tove é tão seletiva em relação aos livros que lê quanto liberal quando se trata de filmes.

— Não conheço.

— Mas, mamãe, você não sabe nada sobre essas coisas.

Tove vira as costas e desaparece da vista de Malin, que escuta quando ela ainda se encontra procurando algo no hall de entrada. Grita:

— Você precisa de dinheiro?

— Não.

E Malin gostaria de segui-la, não acredita na história, mas sabe que não deve, não pode, não vai. Ou será que deve fazer justamente o contrário: ir?

— Então, até logo.

Preocupação.

Johan Jakobsson, Börje Svärd, Zeke, todos os pais conhecem essa preocupação.

Está frio lá fora.

— Até logo, Tove.

E o apartamento fica deserto, resta Malin.

Ela desliga a televisão com o controle remoto.

Recosta-se no sofá e bebe um gole de sua tequila, de que se serviu depois de jantar.

Ela e Zeke viajaram até Borensberg e interrogaram a amante de Liedbergh. A mulher devia ter uns 40 anos, nem bonita nem feia, apenas uma entre muitas mulheres comuns, com vontade de viver a vida, de ser feliz. Ela convidou-os para tomar café com bolinhos feitos em casa. Contou que vivia só e estava desempregada, que tentava fazer passar os dias, que procurava por emprego sempre que achava ter uma boa oportunidade.

— É difícil — disse a amante de Liedbergh. — Ou já temos muita idade ou então pecamos por não ter a capacidade correta. Mas tudo vai acabar bem.

A mulher confirmou a história de Liedbergh. Depois, abanou a cabeça:

— Foi uma sorte ele ter tomado esse caminho. Caso contrário, quem sabe por quanto tempo esse homem poderia ficar ignorado na árvore com esse frio.

Malin viu as figuras de porcelana colocadas no parapeito da janela da cozinha. Um cão, um gato, um elefante. Um pequeno jardim zoológico como companhia.

— Você o ama? — perguntou Malin.

Zeke, instintivamente, abanou a cabeça.

Mas a mulher não levou a mal a questão.

— Quem? Peter Liedbergh? Não, de modo algum — respondeu ela, rindo. —

Você sabe, é apenas uma coisa de que as mulheres precisam, não é verdade? Um pouco de companhia.

Malin se afunda ainda mais no sofá. Pensa em Janne, em como ele tem dificuldade com as palavras, em como, por vezes, se sente uma figura sombria, uma figura pesada em relação a ela. Pela janela, ela avista a cúpula da Igreja de São Lourenço, espera o toque do sino marcando a hora, tenta escutar também se existem algumas vozes falando em tom baixo no escuro.

Se não fossem surdos, vocês escutariam agora o ranger do ramo. Ouviriam o som das fibras que começam a ceder e como minha carne consegue aguentar o frio e o vento. Você, que está exatamente no lugar onde vou cair, devia pular para o lado, mas nada acontece; em vez disso todos os meus quilos vão se espatijar em cima da tenda, quebrar os postes de alumínio como se fossem palitos de fósforo, e toda essa construção vai ficar em pedaços, e você, que está aí onde vou cair, você, meu infeliz policial de uniforme, você será o primeiro a sentir que alguma coisa lhe caiu em cima, depois meu peso e, em seguida, será pressionado contra o solo, sofrerá a pressão indigente de meu corpo congelado e duro e sentirá que alguma coisa, ainda não sabe o quê, se partiu; mas você tem sorte, é apenas um osso do braço, nada que os médicos não possam curar, seu braço vai voltar a ser o que era. Pelo que parece, sou morto e inofensivo.

Visto que ainda não baixaram meu corpo, apesar de todos os meus apelos, tive de convencer a árvore, e, para falar a verdade, até ela já está cansada de me aguentar pendurado no mais antigo de seus ramos. Esse ramo, disse o carvalho, está pronto para ser jogado fora, portanto, por favor, caia, caia em cima da tenda, caia no chão e providencie lá embaixo um pouco de excitação.

E agora estou aqui caído, em cima de um policial que grita e numa confusão total de palavras, de postes de tenda e de panos enrugados. A máquina de aquecimento faz um barulho infernal em minhas orelhas, não sinto o calor produzido, mas sei que existe. Por baixo de minhas mãos sinto a terra, o calor fez com que ficasse úmida, agradavelmente molhada, macia, entranhada sei lá de quê, pode ser qualquer coisa.

Malin acorda ao ouvir a voz de Tove.

— Mamãe, mamãe, já estou em casa. Não será melhor você se deitar na cama?

“Onde estou? O programa terminou? Tove? Você saiu?”

— O quê?

— Você adormeceu no sofá. Eu voltei para casa, direto, depois do filme.

— Muito bem, muito bem.

Malin acorda devagar, fica hesitante. Quando fazia alguma coisa de errado, ela sempre acordava o pai, a fim de mostrar que estava tudo certo e em ordem. Mas, antes que Malin tenha tempo de duvidar de Tove, esta diz:

— Mamãe, você bebeu?

Malin esfrega os olhos.

— Não. Tomei apenas um pouco de tequila.

A garrafa de tequila está à sua frente. Tequila da boa, amadurecida em tonel e comprada no Systemet, [4](#) no caminho entre o departamento policial e sua casa. Um terço da bebida desapareceu.

— Ótimo, mamãe — diz Tove. — Posso te ajudar a ir para a cama?

Malin abana a cabeça, não precisa.

— Isso só aconteceu uma vez, Tove. De eu precisar de ajuda para ir para a cama. UMA vez!

— Duas.

Malin concorda, sacudindo a cabeça:

— Duas.

— Então, boa noite — diz Tove.

— Bom sono — responde Malin.

Na mesa de canto, o relógio marca quinze para a meia-noite. Pelas costas, Malin nota que os cabelos de Tove estão soltos. Agora, ela é novamente sua filhinha.

Ainda resta um pouco de tequila no copo. Muito na garrafa. Mais uma última dose? Desnecessária. Malin se levanta e vai aos tropeços para o quarto.

Não aguenta tirar a roupa. Cai na cama.

Sonha sonhos que, na melhor das hipóteses, ficariam por ser sonhados.

SEXTA-FEIRA, 3 DE FEVEREIRO

A selva fica mais densa durante a noite.

A umidade. Pelas folhas cortantes escorregam todas as formas diabólicas que se possam imaginar: as cobras, as aranhas, as lagartas de mil pés e os bolores que crescem dentro do saco de dormir durante a noite.

Então, eles aterram no aeroporto, uma quantidade enorme de luzes, um céu de estrelas no chão, e o avião Tupolev russo baixa, direto, quase como um helicóptero. Há desgaste das asas. E ele corre de alma lavada para a sala estreita, as crianças e as mães ficam em volta. Tove, nessa época, pequena:

— O que faz aqui, papai? Você devia estar em casa comigo.

— Estou chegando, estou chegando.

Então, descarregam; do interior do avião saem comida, tubos para as latrinas, e eles vêm ao encontro no escuro, veem-se apenas os olhos, olhos, milhares de olhos no escuro, olhos nos quais confiar, e ouvem-se as falas indistintas, esfomeadas e cheias de medos e as salvas das metralhadoras.

— Recuem, caso contrário nós completamos aquilo que os hutus não fizeram com vocês. Recuem. — E as lagartas de mil pés sobem por minha perna, os bolores crescem, Kigali, Kigali, Kigali, a inevitável recorrência dos sonhos.

— Tire daí essa maldita lagarta.

— Janne — chama alguém. — Tove? Malin? Melinda? Per?

— Tire daí...

Alguém corta a perna de um ser humano ainda vivo, atira a perna para um caldeirão com água fervente e depois a come, antes que alguém deixe que as crianças partilhem os restos. Ninguém se importa, mas roubar o leite daquelas que ainda estão vivas, isso é punido com a morte.

— Não o mate — digo eu. — Não atire.

Ele está com fome. Igual a dez. Seus olhos são grandes e amarelados, as pupilas se alargam à medida que aumenta o reconhecimento de que tudo termina aqui e agora. *Nem a você posso salvar.*

— Podem atirar.

— Cão, cão, cão, hutu, hutu, hutu, contenham seus gritos e sua ganância, sua maldita humanidade faz com que eu queira afogar todos vocês nas latrinas, latrinas que viemos aqui construir para vocês, para que o tifo e a cólera e todas as outras merdas não venham a matá-los, em epidemias a que nem os hutus conseguem escapar.

— Janne. Papai. Venha para casa.

“O guarda-chuva quebrou?”

“Está tudo molhado. Nem as lagartas de mil pés conseguem se aguentar com todos esses enormes pingos de chuva?”

“Malditos, como dói, malditos negros que agem contra si.”

“Não levante esse machete contra mim, não golpeie, não golpeie, não, não, não”, e o grito enche o quarto fora do sonho, fora do sono, no vazio de seu quarto, na solidão e nos lençóis molhados pelo suor do sonho.

Ele se senta na cama.

O grito ecoa entre as quatro paredes.

A mão apalpa o lençol.

Molhado. Por mais frio que faça lá fora, parece que está bastante quente aqui dentro. As gotas de suor afloram o rosto.

Alguma coisa rasteja por sua perna.

“O último resto do sonho”, pensa Jan-Erik Fors — Janne para os íntimos —, antes de se levantar para ir buscar um lençol limpo no armário do hall de entrada. O armário foi herdado. A casa, localizada solitariamente em um bosque, um par de quilômetros fora de Linköping, na direção do prado de Malmslätt, fora comprada por ele e Malin, logo após Tove ter nascido.

As tábuas do chão gemem quando ele anda pela casa, sozinho, do quarto para a sala.

Os cachorros ladram em volta das pernas de Börje Svärd.

Para os pastores alemães não existe o frio matinal, nem mesmo às cinco da manhã; estão apenas contentes em vê-lo, excitados pelo fato de poderem correr pelo jardim e caçar os pedaços de madeira que ele atira para um lado e para o outro.

Completamente despreocupado.

Ignorando a presença do homem na árvore, maltratado e morto. Todas as conversas com as pessoas no lugar resultaram em nada. Silêncio e cegueira totais, como se as pessoas estivessem mal-agradas por ter seus sentidos funcionando.

Valla.

A zona de Valla fora construída nas décadas de 1940 e 1950, com casas de madeira que foram melhorando ao longo dos anos e constituem um testemunho de como a vida do povo ficou cada vez melhor. Essa parte de Linköping acolhia gente comum, antes de os operários das fábricas serem obrigados a tirar diploma universitário para trabalhar com robôs.

Mas certas coisas ainda funcionam.

Existe assistência domiciliar. Os assistentes chegam à noite, normalmente. Ajudam crianças e idosos. Como no caso de Börje e Anna. Vão à casa deles e, às

vezes, ficam durante todo o dia e tornam-se parte da família.

Esclerose múltipla, EM. Alguns anos após o casamento, Anna ficou com certas dificuldades na fala. Depois, foi rápido. E agora? Para ela, os remédios com bromo chegaram tarde. Nem um músculo sequer obedece, e Börje é o único que entende o que ela tenta dizer.

“Amada Anna.”

Na realidade, é uma loucura o que acontece com os cachorros. Mas é preciso arranjar uma safda que descomplique e espalhe alegria pelo lugar. Os vizinhos reclamaram do canil.

“Que reclamem.

“E os filhos? Mikael se mudou para a Austrália dez anos antes. Karin, para a Alemanha. Para escapar? Claro. Quem é que aguenta ver sua mãe daquele jeito? Como é que eu aguento?”

Mas ele aguenta.

Por amor.

Claro que eles disseram: há lugar para ela num lar para idosos, quando você quiser.

“Quando eu quiser?”

“Cachorros, pistolas. Concentração em minha pontaria. A pista de tiro funciona como depuração.

“Mas, Anna, você é tudo para mim. E, enquanto for tudo para mim, talvez aguento ser tudo para você mesma.”

“E então abrimos a garagem.”

A colher com a papa não quer entrar na boca do menino de um ano de idade. E, por um momento, Johan Jakobsson fica bruto, pega a cabeça do menino, enfia a colher na boca antes inquieta, e ele engole.

“Assim, bravo!”

A casa deles está situada em Linghem. Era a que estava ao alcance de suas finanças. E, entre os bairros-dormitório de Linköping, Linghem está longe de ser uma alternativa idiota. Lugar de classe média, homogêneo. Nada de extraordinário, mas também nada de miséria à vista.

“Pa-pá, chega agora o caminhão.”

Do lado de fora do banheiro, ele escuta sua mulher escovando os dentes da filha, de três anos de idade. Como ela grita e esperneia contra a escovação. E como a voz da esposa demonstra que está perto de perder a paciência.

Ontem, ela lhe perguntou se estava trabalhando no caso do homem na árvore, e o que ele poderia responder? Mentir e dizer não, para acalmá-la, ou dizer a verdade: claro, estou trabalhando no caso.

“Ele parece estar tão sozinho lá na árvore”, dissera sua mulher. “Sozinho”, e ele não aguentou fazer nenhum comentário a respeito das palavras dela. Pois, é

claro, mais sozinho do que isso ninguém pode ficar.

“Brum, brum. Um Passat.”

Depois, a mulher ficou zangada por ele não querer falar. As crianças cansadas, barulhentas, acabaram por dormir.

Crianças.

“Elas conseguem que eu me sinta esgotado, a vontade delas, cada vez mais alargada, me cansa, me deixa muito cansado. Mas, ao mesmo tempo, me fazem sentir vivo e adulto. E, de certa forma, a vida prossegue ao lado da família. Como se o crime que eles investigam não tivesse nada a ver com as crianças. Mas tem. As crianças fazem parte da sociedade a que vieram.”

Ao fundo, o programa matinal da televisão. Primeiro noticiário. Eles citam o caso rapidamente.

“Vou sentir falta desses momentos”, pensa Sven Sjöman, no momento em que faz uma pausa no trabalho de lixar a madeira na carpintaria situada na cave da casa no bairro Hackefors. “Vou sentir falta do cheiro de madeira na manhã em que passar à condição de aposentado. É claro que vou continuar a sentir o cheiro da madeira mesmo depois, mas não vai ser a mesma coisa se não tiver um dia de trabalho como policial pela frente. Isso eu sei. Acho que faz sentido apoiar os outros. É uma sensação boa estar com policiais jovens como Johan e Malin, cuja formação ainda não está completa e na qual ainda posso interferir. Em especial, Malin, que gosta de aprender e poderá realizar muitas das coisas que tento ensinar.”

Sven costuma descer para a mercearia pela manhã, antes de sua mulher Elisabeth acordar. Lixa aqui a perna de uma cadeira, enverniza ali uma superfície. Coisas poucas e simples para dar início ao dia, antes de beber o primeiro café.

O tratamento da madeira é simples e óbvio. Com sua habilidade, ele pode fazer da madeira o que quiser, ao contrário do que acontece com as outras realidades.

O homem na árvore. O cadáver dilacerado que cai sobre um colega. É como se tudo ficasse pior a cada hora que passa. Como se a fronteira da violência fosse mudada, constantemente, para a frente. Como se, por raiva, as pessoas em desespero e com medo se dispusessem a fazer tudo e mais um pouco contra as outras. Como se cada vez mais pessoas, de certa maneira, se sentissem fora de si mesmas e acima de todas as outras.

“É fácil ficar amargurado”, pensa Sven. “E, em consequência, decidir lamentar que toda a respeitabilidade e a honra tenham desaparecido na escuridão da história.

“Mas não é hora para lamentações. Pelo contrário. É hora de sentir alegria por cada novo dia que nasce. Mais um dia em que a consideração pelos outros e a

solidariedade ainda continuam prevalecendo e contendo o cinismo de alguns.”

Máscaras.

“Todas essas máscaras que tenho de assumir.”

Karim Akbar fica em frente ao espelho em seu banheiro, de barba feita. Sua esposa já saiu para a escola com o filho deles, de oito anos. Tal como costuma fazer.

“Eu posso representar muitos papéis”, pensa Karim, “dependendo do que a situação exige.”

Faz caretas. Seu rosto produz uma imagem de raiva, um sorriso. Uma imagem de espanto, de atenção, de expectativa, de reflexão, de alerta.

“Na realidade, quem sou eu entre todas essas máscaras?”

Como é fácil, por vezes, perder a concentração, mesmo para aquele que, supostamente, pode representar qualquer papel, que considera poder ser qualquer um.

“Eu posso ser um duro chefe de polícia, um feliz imigrante, um domesticador midiático, um pai contemporizador. E ainda posso ser o homem que sabe atrair sua esposa, sentir o calor de seu corpo por baixo dos lençóis.

“Sentir o amor.

“Em vez de sentir o frio.

“Posso ser aquele que finge que o homem na árvore nunca existiu, mas minha máscara agora é outra: a de lhe fazer justiça. Ainda que seja apenas na morte.”

“O que vocês vão fazer?”

A pergunta de Malin para Janne e Tove ocorre em sua cabeça.

São oito horas e pouco. O dia está claro.

Por enquanto não telefonaram da Secretaria de Justiça, mas Malin espera uma chamada a qualquer momento. O debate de ontem no local do crime, quando o cadáver caiu sobre a tenda, está na primeira página do jornal local.

“A situação parece uma farsa”, pensou Malin, quando passou os olhos pelo jornal, 15 minutos antes, cansada demais para ler todo o enorme texto da notícia.

Janne está com Tove no hall de entrada. Ele também parece cansado, seu corpo, longo e musculoso, está encolhido, a pele do rosto, esticada. “Emagreceu? E será que não estou vendo vários cabelos brancos nas têmporas, entre os fios castanhos, brilhantes, cor de âmbar?”

Tove tem o dia livre na escola. Janne veio buscá-la de manhã, em vez de à tarde. Troca de horários. Beijinhos.

Ela escrevera uma carta para Janne, na Bósnia, depois de empacotar suas coisas e as de Tove e mudar para um pequeno apartamento na cidade, uma

parada a caminho de Estocolmo:

“Você pode ficar com a casa. Ela serve melhor para você do que para mim; lá existe lugar para seus carros. Realmente, nunca fui muito de viver no campo. Espero que você esteja bem e não veja nem sofra mais nenhum tipo de violência. Depois, resolveremos o resto.”

A resposta dele chegou num cartão-postal:

“Obrigado. Vou pedir um empréstimo para acertar as contas com você quando chegar à Suécia. Faça como quiser.”

“Faça como quiser? Gostaria de fazer como antes. Como no começo. Antes de tudo se tornar um cotidiano sem graça.

“Isso porque existem acontecimentos e dias que podem separar as pessoas, separações inevitáveis. Éramos jovens, muito jovens. O tempo, o que sabíamos então sobre ele, a não ser que era nosso?”

Malin pensa nas comidas dos sonhos dele, naquelas de que ele sempre queria falar quando se viam, mas de que ela não aguentava mais ouvir falar. Até porque Janne jamais conseguia articular as palavras certas, mesmo quando ela se dispunha a escutar.

De novo, a voz de Janne:

— Você parece cansada, Malin. Não concorda, Tove?

Tove acena com a cabeça, concordando.

— Tenho trabalhado muito — diz Malin.

— A pessoa na árvore?

— Huhum.

— Nesse caso, claro, você vai trabalhar no fim de semana.

— Você veio com o Saab?

— Não, vim de Volvo. Com correntes nas rodas. Não agüentei ter de mudar as correntes para o Saab.

Os homens adoram os carros. Em sua maioria. E Janne, em especial. Tem quatro carros na garagem da casa. Quatro carros em estágios diferentes de decadência ou de manutenção, como ele gosta de dizer. Ela nunca teve nenhuma inclinação especial por carros, nem mesmo no início, quando os dois iam a festas. O quê? Falta de vontade? Pouca fantasia? Indiferença? Reflexos incorretos? O amor exige outras coisas.

— O que vocês vão fazer?

— Não sei — diz Janne. — Não há muita coisa que se possa fazer nesse frio. Que acha, Tove? Vamos alugar alguns filmes, comprar algumas guloseimas e atirar a chave fora? Ou você quer ler?

— Os filmes são perfeitos para mim. Mas eu já meti na mala alguns livros.

— Pelo menos, tentem sair um pouco — diz Malin.

— Mamãe, sobre isso não é você que vai decidir.

— Podemos ir até seu departamento — diz Janne. — Ou jogar um pouco de

hóquei em campo coberto. Tove, podemos fazer isso? Ou não?

Tove revira os olhos, mencia a cabeça, como se não ousasse confiar na ironia de seu papai:

— Nunca na vida.

— Então, vão ser os filmes.

Malin olha cansada para Janne, e os olhos dele, castanhos, se fixam nos dela, não se desviam; isso ele nunca tinha feito. Ao desaparecer, ele leva para fora seu físico perfeito e sua alma, certo de que irá a lugares onde alguém precise de toda ajuda que ele possa dar. Justamente, ajudar é uma coisa sem a qual ele acha que não pode sobreviver.

Ajuda.

O nome que usou para voar.

Assim que o apartamento, a casa, tudo ficou apertado demais. E, depois, de novo.

Hoje, quando Janne chegou, Malin abraçou-o, apertou-o contra si, e ele correspondeu. É isso que ele faz sempre, e ela gostaria de mantê-lo consigo, apertá-lo contra si por muito tempo, pedir-lhe para ficar, deixar que o frio lá fora e o frio entre eles acabassem. Fique aqui, você pode demorar mais um pouco.

Mas, em vez disso, ela se reencontrou, achou um jeito de se libertar dele, de um abraço que a intimidava, como se fosse ele que tivesse estimulado essa emoção. A timidez refletia um modo de, com os músculos, fazer uma pergunta tranquila: “O que você está fazendo? Nós já não somos casados há muito tempo, e você sabe tão bem quanto eu que é uma situação impossível”.

— E você conseguiu dormir?

Janne acenou que sim, mas Malin podia notar que aquele aceno escondia uma mentira.

— Apenas suei pra caramba.

— Apesar de estar frio.

— Apesar disso.

— Você pegou tudo, Tove?

— Sim, tenho tudo que preciso.

— Vejam se conseguem dar uma saída...

— Mamãe!

“E então eles saíram. Janne virá trazê-la amanhã, na noite de sábado, de modo que passaremos o domingo juntas.

“E eu, o que vou fazer agora?”

“Esperar que o telefone toque? Ler o jornal?”

“Pensar?”

“Não. Os pensamentos se transformam, facilmente, numa complicação.”

— Ele morreu com uma pancada na nuca, o autor usou um objeto rombo, batendo várias vezes no crânio e no rosto com raiva, até que tudo se transformou na massa informe de carne que vemos agora. Estava vivo quando recebeu as pancadas, mas deve ter perdido os sentidos quase de imediato. O autor, ou autores, provavelmente, usou também uma faca.

Karin Johannison está ao lado do corpo arroxeadado, estendido sobre a fria mesa de aço da autópsia. Os braços, as pernas e a cabeça saem do corpo como troncos nodosos e irregulares. A barriga está inflada, com a pele e a gordura divididas em quatro abas, cada uma para seu lado. Os intestinos estão uma massa informe. O crânio, serrado na nuca, como era necessário fazer.

“Parece, ao mesmo tempo, um ato metódico e casual”, pensa Malin. “Como se alguém tivesse planejado por muito tempo e, depois, perdesse o controle.”

Demorou. Já era de tarde quando a declaração da médica-legista foi feita:

— O corpo teve de derreter antes de eu poder começar — foi essa a expressão de Karin pelo telefone. — Mas, assim que comecei, cheguei facilmente à conclusão.

Zeke está ao lado de Malin, aparentemente impassível. Já viu a morte muitas vezes antes e reconhece que não dá para entendê-la.

Karin trabalha com a morte, mas não a entende. “Talvez não haja quem a possa compreender”, pensa Malin, “mas, de qualquer forma, a maioria de nós consegue pelo menos imaginar o que a morte significa. Karin”, acha Malin, “não entende muito bem tudo o que se passa nesta sala do necrotério e do que se trata. Aqui ela é útil, funcional, precisamente como os instrumentos que usa em seu trabalho, precisamente como esta sala.”

O rosto mais prático da morte.

Paredes brancas, janelas pequenas, armários de aço inoxidável e prateleiras ao longo das paredes onde estão reunidos todos os livros sobre o assunto, junto a caixas, compressas, luvas cirúrgicas e outras coisas do gênero. O chão é de linóleo, de uma cor vagamente azul, fácil de limpar, tudo resistente e barato. Malin jamais consegue se acostumar a esta sala, a seu propósito e função, mas, ainda assim, se sente atraída.

— Ele não morreu por enforcamento — diz Karin. — Já estava morto quando aqueles que o mataram resolveram pendurá-lo na árvore. Se tivesse morrido na forca, o sangue não teria subido até o cérebro como subiu. No enforcamento, as veias ficam diretamente obstruídas, isso para usar a linguagem dos leigos, mas as pancadas na cabeça fizeram o coração acelerar, daí os enormes sangramentos.

— Quanto tempo antes ele morreu? — perguntou Malin.

- Quer dizer, até agora?
- Não, antes de ele ser pendurado na árvore.
- Acredito que, no mínimo, cinco horas, talvez um pouco mais. Pelo fato de não haver coágulos de sangue nas pernas, apesar de estar pendurado.
- E as pancadas no corpo? — perguntou Zeke.
- Que pancadas?
- O que você tem a dizer sobre as contusões no corpo?
- Certamente dolorosas, se ele estivesse consciente, mas não morto. Os arranhões nas pernas indicam que foi arrastado pelo chão, que alguém o puxou pelo corpo. As feridas têm sinais de terra e restos de tecido. Alguém o despiu depois de maltratá-lo e, em seguida, arrastou o corpo. É o que posso imaginar. As feridas provocadas pela faca podem ter sido, também, a causa da morte.
- O molde da arcada dentária? — perguntou Zeke.
- Com falhas, quase chegando ao ponto de ser considerado inútil. Os dentes, em sua maioria, estavam partidos.
- Karin pega um dos pulsos do morto.
- Vocês veem aqui estas marcas?
- Malin acena que sim.
- São marcas de correntes. Foi assim que eles o penduraram na árvore.
- Eles?
- Não sei. Mas vocês acham que um homem sozinho poderia fazer isso, com todo o esforço físico exigido?
- Impossível não é — diz Malin.
- Zeke abana a cabeça.
- Isso ainda não sabemos.
- Debaixo da neve não havia nada.
- A única coisa que Karin e seus colegas encontraram foram algumas pontas de cigarro, um invólucro de biscoitos e um de sorvete, que parecia não pertencer ao local do crime. Sorvete? Não nesta época do ano. E os papéis e as pontas pareceram velhos, como se já estivessem lá há vários anos. Eles, ou ele, ou ela, não deixaram nenhuma marca no solo.
- Você encontrou alguma coisa mais?
- Nada por baixo das unhas. Nenhum sinal de luta. Isso indica que ele foi surpreendido. Já receberam alguma denúncia? Alguma coisa que indicasse uma pista?
- Silêncio completo — diz Malin. — Nada, niente.
- Não desapareceu ninguém, pelo visto — diz Karin.
- Isso ainda não sabemos ao certo — completa Zeke.

Se continuasse a poder falar do jeito que vocês falam, se pudesse me levantar e contar o que sei, curar sua surdez, eu diria para vocês pararem de fazer todas essas perguntas.

De que serve tudo isso?

Agora, não vale a pena. É como é, está como está. Sei quem fez isso, ainda tive tempo de olhar pelo canto dos olhos, ainda tive tempo de ver a morte chegar, tão lenta quanto rápida e negra.

Depois, ficou tudo branco, a morte.

Branco como a neve recém-caída. Branca é a cor com que o cérebro se fecha, um sopro natalino de esperança, mais curto do que uma inalação. E, depois, quando os sentidos voltaram de novo, eu vi tudo, estava livre e preso, ao mesmo tempo.

Portanto, vocês querem saber mesmo?

Querem mesmo que eu lhes conte a história toda? Creio que não. Ela é pior, mais horrível, mais terrível, mais implacável do que possam imaginar. Saíam daqui, procurem uma trilha que segue direto para o coração do lugar onde apenas o corpo, e não a alma, pode respirar e viver, onde somos um produto químico, onde somos um código, o lugar onde a palavra sentimento não existe.

No final da trilha, no escuro que cheira a maçãs, mas está revestido de branco, vocês vão encontrar devaneios tão negros que fazem este inverno ser considerado quente e acolhedor. Sei que vão escolher essa trilha. Porque são seres humanos. É só isso que vocês são.

— Quanto tempo vai levar para arranjá-lo?

— Arranjar como?

— Precisaríamos ter o rosto dele em ordem — diz Malin. — A fim de podermos dar uma imagem para os jornais. Talvez assim alguém apareça para registrar seu desaparecimento ou, pelo menos, para dizer que o reconhece.

— Entendo. Posso telefonar para Skoglund, na Fonus. Ele poderá me ajudar numa rápida reconstrução do rosto dele. De qualquer maneira, deve ficar bem razoável.

— Telefone então para Skoglund. Quanto mais rápido tivermos uma imagem dele, melhor.

— Vamos embora — diz Zeke, e, pelo tom da voz rouca, Malin percebe que já está farto. Do corpo, da sala esterilizada, mas, principalmente, de Karin Johansson.

Malin sabe. Zeke acha que ela gosta de se destacar, de ser fina. Ou talvez ele se sinta provocado pelo fato de ela não lhe ter perguntado por Martin, como todos fazem, a qualquer momento. Talvez o desinteresse de Karin por estrelas do hóquei sobre gelo e pelo filho seja para ele a prova de sua ostentação. Aparentemente, Zeke está cansado das perguntas sobre Martin, mas também não fica satisfeito quando não perguntam.

— Você toma banho de sol? — pergunta Zeke a Karin, à saída do necrotério. Malin desata a rir, mesmo sem querer.

— Não. Tenho um salário artificial para manter o bronzeado que ganhei na

Tailândia, nas férias do Natal passado — respondeu Karin. — Entretanto, sei que existe um lugar na Drottninggatan, a rua da rainha, onde se pode tomar banhos de sol artificial, mas não conheço. Parece que é muito vulgar, muita gente nua. Mas talvez dê para bronzear só o rosto.

— Tailândia? Esteve lá no Natal? — pergunta Zeke. — Não fica muito mais caro? Ouvi dizer que os conhecedores preferem viajar noutra época, na baixa estação.

— Malin, você regou as flores? Do contrário, elas não vão aguentar o inverno.

“A resposta é tão óbvia”, pensa Malin, “que nem era preciso perguntar. A afirmação seria também desnecessária: a tendência dele é falar pedagogicamente, a fim de defender seus interesses.”

— Estou a caminho do apartamento para fazer isso.

— Você não fez isso antes?

— Desde a última vez que falamos, não.

A conversa aconteceu logo depois de ela ter deixado a garagem da polícia e estar à espera do sinal verde na esquina do cemitério com a antiga garagem dos bombeiros. Hoje, o Volvo resolveu pegar logo, apesar de o frio ser o mesmo.

Era como se ela estivesse com o pai no sinal. Irritado, adorável, exigente, egocêntrico, bondoso. “Atenção especial e total para mim; eu não vou parar antes que você responda. Não estou incomodando, estou?”

Na reunião com o grupo de investigação na polícia discutiu-se a questão da espera.

A espera de que Börje Svärd chegasse. Atrasou-se por causa da esposa.

A espera de que alguém perguntasse a respeito do braço partido do policial Nysvärd, acidentado quando o cadáver caiu da árvore.

— De licença médica por duas semanas e meia — diz Sven Sjöman. —

Pareceu satisfeito quando falei com ele, embora ainda não tivesse sido tratado.

— É uma situação macabra, a de receber um cadáver congelado e roxo de 150 quilos na cabeça. Mas podia ser pior — comenta Johan Jakobsson.

Depois disso, a espera de que alguém dissesse aquilo que todos já sabiam. Que ainda não tinham nenhuma pista para seguir. A espera de que o agente funerário Skoglund terminasse seu serviço, que o retrato fosse tirado, o filme revelado e feitas as cópias.

Börje:

— O que é que eu disse? Que ninguém iria reconhecê-lo pelas fotos.

A espera pela própria espera, o vigor espremido de policiais cansados, sabendo que é preciso ter pressa, mas que não podem fazer mais nada senão esperar, erguer os braços e dizer: “Vamos ver! Quando todos, cidadãos, jornalistas, querem saber as novidades, qual é a situação, sabemos o que aconteceu, queremos saber quem fez isso”.

A espera por Karim Akbar, até ele atrasado, ainda que tenha telefonado de sua casa em Lambohov. A espera de que o filho desligasse o som de seu estéreo no fundo, depois a espera de que a voz de Karim desaparecesse do viva voz ligado no telefone.

— Vocês compreendem, isso não serve. Sven, você tem de convocar uma

nova entrevista coletiva para amanhã, a fim de confirmar o que sabemos e de acalmá-los.

“E você vai ter mais uma oportunidade para se mostrar”, pensou Malin. “De qualquer maneira, vai estar lá para responder às perguntas, todas agressivas, e cuidar para que continuemos nosso trabalho com toda a tranquilidade. E você é o responsável, Karim. E precisa entender a força de um grupo em que todos têm papéis definidos.”

As palavras cansadas de Sven, depois de Karim ter desligado:

— Devíamos ter aqui, como em Estocolmo, um chefe só de comunicação, de relações públicas.

— É você que tem treinamento para lidar com a mídia — diz Zeke. — Você devia ser, talvez, esse chefe, não é verdade?

Risos na sala. Descontração. Sven:

— Aposentadoria à vista, e você quer me atirar aos leões, Zeke? Mas, que gentileza...

O sinal vermelho dá lugar ao verde. O Volvo hesita, mas roda depois pela Drottninggatan abaixo.

— Como está a mamãe, papai? As flores passam muito bem. Pode ficar descansado. Prometo.

— Ela está dormindo sua sesta da tarde. Está fazendo 25 graus aqui, o sol está forte. Como é que está aí?

— Nem queira saber.

— Quero, sim.

— Papai, é melhor não.

— Aqui em Tenerife, de qualquer maneira, faz sol. Como está Tove?

— Está com o Jan-Erik.

— Malin, vou desligar. Senão vai ficar caro. Não esqueça as flores.

“As flores”, pensa Malin, no momento em que estacionava à porta de uma casa secular, de cor ocre, na rua Elsa Brännströms, onde seus pais têm um apartamento relativamente grande. “As flores jamais podem esperar.”

Malin movimentava-se pelo apartamento dos pais, um fantasma de seu próprio passado. Os móveis entre os quais cresceu.

“Já estou tão velha assim?”

“Os odores, as cores, os contornos, tudo pode mexer comigo, fazer com que me lembre de alguma coisa que, por sua vez, me leva a me lembrar de outra coisa.”

Quatro divisões, uma sala de recepção muito fina, uma sala de jantar e outra de estar e um quarto. Nenhuma possibilidade de sua única neta poder dormir por lá. Eles conseguiram o contrato do apartamento depois de vender a casa que

tinham em Sturefors, 13 anos atrás. Nessa época, o mercado de habitações em Linköping era diferente. Para quem encontrasse uma unidade disponível e conseguisse pagar um bom aluguel, existiam possibilidades de fechar um contrato. Hoje, só se consegue fechar contrato no mercado negro, pagando dinheiro sujo por fora. E os contratos são feitos por valores inacreditáveis.

Malin olha pela janela da sala de estar.

Do terceiro andar, uma boa vista sobre um parque, o Infektionsparken, designado pelo nome de uma clínica que existia antes no lugar e cujos prédios foram reformados e transformados em habitações normais.

O sofá em que ela estava proibida de se sentar.

A cobertura de couro castanho ainda brilha como nova. A mesa, bonita antes, empenada hoje. A estante cheia de livros da editora Bra Böcker, bons títulos, de Maya Angelou, Lars Järlestad, Lars Widding, Anne Tyler.

A mesa de jantar e as cadeiras. Amigos de visita, as crianças tinham de comer na cozinha. Nada de estranho nisso. Assim fazia toda a gente, e nem as crianças gostavam de sentar-se à mesa de jantar.

O pai era soldador. Foi promovido a chefe, mais tarde sócio de uma firma especializada em soldar o teto das casas. A mãe, secretária na administração municipal.

O odor de pessoas idosas. Malin abriu a janela e arejou a casa, mas, mesmo assim, o odor não desapareceu. “Na melhor das hipóteses, a friagem talvez consiga fazer desaparecer o cheiro”, pensa ela.

As flores estão murchas, mas nenhuma morreu. Ela não deixou chegar a tanto. Olha para as molduras com fotografias em cima de uma mesinha. Nenhuma dela, nem de Tove. Apenas os pais em vários ambientes: na praia, na cidade, nas montanhas, na selva.

“Você vai dar água para as flores?”

“Claro que sim. Vou dar água às flores.”

“Vocês podem vir aqui quando calhar.”

“Com que dinheiro?”

A poltrona no hall de entrada. Senta-se nela, e a lembrança de molas que não fazem barulho perpassa por seu corpo. Ela tem cinco anos de novo, esperneia, os pés calçados com sandálias, há a água circulante de uma pequena fonte em sua frente, e pelas costas escuta as vozes da mãe e do pai; os dois não gritam um com o outro, mas, pelo tom da conversa, sente-se que há um abismo entre eles, suas palavras expõem entre si, nas pausas, algo que dói, algo que a menina de cinco anos na poltrona, perto da água, entende, mas de que ainda não sabe o nome.

O amor impossível. A frieza em certos casamentos.

Será que algum dia isso terá nome? Esse sentimento?

Depois, ela volta ao presente.

O regador com água na mão.

Uma flor é uma flor. Metodicamente, como o pai, o chefe, apreciaria.

“Nunca vou usar o aspirador de pó”, pensa Malin. Muito pó pelo chão. Quando aspirava o pó da casa em pequena — era parte do contrato semanal para receber um dinheirinho no sábado —, a mãe ficava por perto, observando, para que Malin não batesse com a máquina nos rodapés e nas ombreiras das portas. Ao terminar, a mãe aspirava o pó uma segunda vez, mesmo nos lugares onde antes ela já tinha aspirado, bem diante dela, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

O que é que pode uma criança?

O que é que sabe uma criança?

Uma criança se forma.

Isso era claro.

Todas as flores receberam água. Agora, vão reviver por algum tempo.

Malin senta-se na cama dos pais.

Marca Dux. Eles já usam este colchão há décadas, mas será que dormiriam ainda nesta cama se soubessem o que aconteceu nela? Foi lá que ela perdeu a virgindade. Ou, mais correto ainda, foi lá que ela intuiu que devia perder a virgindade.

Não foi Janne.

Foi outro.

Antes. Ela tinha 14 anos e estava sozinha em casa enquanto os pais tinham ido a uma festa. E dormiram lá, depois da festa, em Torshälla.

Entretanto, mesmo que tenha acontecido aqui o que aconteceu, esta cama não é dela. E também não pode andar pelo apartamento, sozinha ou acompanhada, sem sentir saudade. Então, levanta-se da cama e afasta a saudade que parece ter ficado presa no ar. O que está faltando?

Os pais nas fotos emolduradas.

Nas cadeiras de praia, apanhando sol perto de casa. Há três anos que a compraram, mas nem ela nem Tove estiveram lá.

“Você sabe regar bem as flores?”

“Claro que sei.”

Malin viveu com esses dois seres humanos, saiu deles, mas, para ela, as pessoas nas fotografias são estranhas. Sobretudo a mãe.

Ela despeja o resto da água do regador na pia da cozinha.

Os segredos caem como gotas na pia e saem pelo gargalo esverdeado. No freezer ligado e barulhento, estão guardadas as cantarelas da estação anterior.

“Devo levar? Um saquinho?”

“Não.”

As últimas coisas que vê antes de fechar a porta do apartamento dos pais são os originais tapetes espessos sobre o chão da sala de estar. Ela os observa do hall

de entrada e sabe que são de qualidade mediana. Não de qualidade tão boa como a mãe sempre fingia que eram. Toda a sala, o lar inteiro, cheios de coisas diferentes do que deviam ser, verniz que esconde outro verniz.

“Existe uma sensação aqui”, pensa Malin, “de que nada se encaixa bem, nunca. De que nada nunca é suficientemente fino. De que nós, eu, não somos suficientemente finos.”

Ainda hoje, ela hesita diante de tanta finura, diante de pessoas de quem se espera sejam finas de verdade e não apenas um pouco ricas, como Karin Johannison. Apenas nos médicos, nos aristocratas, nos advogados, existe essa espécie de finura. Diante dessas pessoas, ela pode sentir seus preconceitos e sentimentos de inferioridade entrando em ação. Antecipadamente, decide que essa espécie de gente sempre olha de cima para baixo para pessoas como ela. E assume uma posição de defesa.

Por quê?

Para evitar as decepções?

No trabalho, as coisas correm melhor, mas, na privacidade, a situação pode ficar tensa.

Os pensamentos passam rapidamente pela cabeça de Malin, no momento de descer a escada e sair para a rua, numa noite nojenta de sexta-feira, ainda começando.

NOITE DE SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 4 DE FEVEREIRO

“Apenas uma pequena cerveja, muito pequenina, eu mereço. Quero ver algumas gotas de umidade, quase se transformando em gelo, à volta do copo gelado. O carro poderá ficar por aqui. Posso vir buscá-lo amanhã.”

Malin odeia essa voz. Costuma dizer para si, como que para dominá-la: “Não existe nada mais desagradável do que ficar bêbada”.

Assim é mais simples.

Mas, por vezes, ela tem de ceder.

“Apenas uma cerveja, uma cervejinha...”

“Quero me torcer a mim mesma como se torce um esfregão. Assim funciona o álcool.

“O Restaurante Hamlet está aberto. Ainda falta muito para chegar lá? Maldição, como está frio. Três minutos se eu correr um pouco.”

Malin puxa a porta do restaurante.

O barulho e o mau cheiro envolvem-na. Cheira a carne grelhada. Mas, acima de tudo, cheira a promessa e a calma.

O telefone toca.

“Ou não?”

“É outra coisa? É a televisão? É o sino da igreja? O vento? Ajudem-me. A cabeça. Tem alguma coisa na frente da cabeça, e agora toca de novo. A boca. A que eu uso para falar, está seca. Onde estou?”

“Não estou deitada na cama. Isto aqui não é lençol nenhum. O sofá? Este também não é nenhum sofá. O que é, então? Um jornal? Não, também não.”

E então o telefone para de tocar.

“Graças a Deus.”

Mas, então, começa de novo.

Já suficientemente acordada, ela reconhece de novo o toque do celular. O chão do hall. Tapete feito de trapos. “Como é que eu vim parar aqui? O casaco está aqui, a meu lado. Ou é o cachecol?” A caixa do correio, vista de baixo para cima. O casaco. O bolso. O celular. A boca com gosto de cabo de guarda-chuva. O pulso, uma bolsa que pulsa. Um globo elétrico na frente do rosto. Malin enfia a mão no

bolso. “Aqui, aqui, aqui está ele.” Com a outra mão dá apoio à cabeça, pressiona o botão ao acaso, o auscultador no ouvido, mal se ouve.

— Fors, aqui Malin Fors.

— Aqui é Sjöman. Já sabemos quem ele é.

“Ele quem? Tove, Janne. O homem na árvore. De quem ninguém sentiu a falta?”

— Malin, é você aí?

“Sim. Talvez. Mas ainda não sei se quero ser.”

— Você está bem?

“Não, não estou nada bem. Ontem, cedi, me entreguei.”

— Estou aqui, sim, Sven. Sou eu. Apenas com uma pequena ressaca. Espere um pouco.

Ela escuta mais algumas palavras ao fazer um esforço para se sentar: “Você está grogue, já vi...”. Cabeça erguida, uma névoa negra diante dos olhos, que desaparece, e não resta mais nada a não ser uma pressão na nuca.

— Se estou grogue? Estou apenas com uma pequena ressaca. É assim que as pessoas ficam nas manhãs de domingo.

— É sábado, Malin. E nós já sabemos quem ele é.

— Que horas são?

— Sete e meia.

— Que droga. E aí?

— A fotografia ficou pronta ontem. O agente funerário, Skoglund, fez um ótimo trabalho. Mandamos a foto para o *Corren* e para a agência de notícias *TT*. O *Corren* colocou-a em seu site às onze, e ontem ligou uma pessoa, e hoje, pela manhã, telefonaram muitas mais. Todas as pessoas dizem o mesmo nome, portanto, deve estar certo. Chama-se Bengt, e o sobrenome é Andersson. Mas, é engraçado, todas o tratam pelo apelido. Apenas uma pessoa sabia seu verdadeiro nome.

A cabeça. O pulso. É melhor não acender nenhuma luz. Não importa o que aconteça. Concentre sua atenção em qualquer outra dor, não na sua. Dizem que ajuda. Terapia de grupo. Ou o que é que alguém disse? A dor é sempre nova e nossa. *Personalizada*.

— Gandula. Ele é chamado de Gandula. Pelo que as pessoas nos contaram, parece que a vida dele foi tão horrível quanto sua morte. Você pode estar aqui dentro de meia hora?

— Uns quarenta e cinco minutos — diz Malin.

Quinze minutos depois, recém-saída do chuveiro, de roupa limpa e com uma pastilha de sal de frutas efervescente no estômago, Malin liga o computador. Deixa que as persianas continuem fechadas, embora ainda esteja escuro lá fora.

O computador está em cima da escrivaninha no quarto, o teclado escondido sob uma confusão de camisolas e calcinhas sujas, contas pagas e por pagar, holerites zombeteiros. Ela aguarda, coloca a senha, espera, faz deslizar o mouse e digita: *www.corren.se*.

A luz do monitor faz doer a cabeça de Malin.

Daniel Högfeldt fez seu serviço.

O homem na árvore. Seu rosto em tamanho grande no melhor lugar do site. Agora parece um ser humano. Na fotografia em preto e branco, os inchaços e as marcas roxas assumem uma cor cinzenta de várias tonalidades que parecem ser mais resultado da maquiagem do que consequência dos golpes mortais. Skoglund, seja quem for, quase pode fazer reviver os mortos. A gordura faz do rosto do homem, Bengt “Gandula” Andersson, uma imagem sem contornos. O queixo, as faces e a testa juntam-se numa camada macia, redonda em volta dos ossos do rosto e formam uma grande massa. Os olhos estão fechados, a boca como um pequeno ponto de interrogação, o lábio superior mais espesso, ao contrário do inferior. Apenas o nariz sobressai, pontiagudo, nobre, sua única boa sorte na loteria da genética.

“Será que tenho tempo de ler?”

A linguagem de Daniel Högfeldt.

Impressionante. Nada para enjoados ou com dores de cabeça.

“Ele sabe, realmente, mais do que nós. As pessoas telefonam primeiro para o jornal. Sentindo o cheiro de dinheiro. Querendo se sentir especiais. Mas quem sou eu para censurá-las?”

O Östgöta Correspondenten pode revelar hoje a identidade do homem que...

As letras tornam-se setas em brasa no cérebro dela.

Bengt Andersson, 46, de apelido “Gandula”, era conhecido em Ljungbro, onde vivia, como uma pessoa original, um eremita. Morava sozinho num apartamento na zona de Härna e vivia há muitos anos de uma pensão social, incapaz de trabalhar por causa de deficiências psíquicas. O apelido de Bengt Andersson advém do hábito que tinha de ficar na rua, atrás do alambrado e de uma das balizas do campo de futebol do Linköping FC, à espera que algum dos jogadores chutasse a bola para o alto e por cima do alambrado. Era ele que apanhava a bola e a devolvia para o campo.

“Bolas”, pensa Malin, “hoje minha cabeça é que parece uma bola.”

“Eu consigo chutar a bola, papai, mandá-la até a macieira!” A voz da mãe: “Nada de chutar bola no jardim, Malin, pode estragar as roseiras.”

Tove não tem interesse por futebol.

Uma mulher que quer manter-se anônima disse ao Correspondente: “Ele era uma pessoa que todos sabiam quem era, mas ninguém conhecia. Era um desses que encontramos em todas as comunidades.”

Bengt Anderson foi encontrado na sexta-feira...

Citação direta. A especialidade de Daniel para criar nervosidade e aproximação.

Reproduções. Repetições.

Quando é que esta morte vai terminar?

Malin sai da casa. Continua o frio. O caminho pela igreja, uma miragem distante, muito distante.

Mas hoje o frio é bem-vindo, espalha uma névoa por cima de seus pensamentos, envolve-a numa bruma moderada.

O carro não está onde devia estar.

Roubado. Seu primeiro pensamento.

Então, ela se lembra. O apartamento da mamãe e do papai.

“Você sabe regar bem as plantas?”

Hamlet.

“Mais uma cerveja, por favor. Anônima por lá, um público mais idoso. E eu.

“Táxi? Não, muito caro.

“Demora dez minutos para chegar ao departamento, se me apressar.”

Malin começa a andar.

“O passeio vai me fazer bem”, pensa ela. Estala o saibro lançado na calçada para evitar acidentes, para evitar que os sapatos escorreguem sobre o gelo. Ela vê vespas. Os grãos de saibro são vespas, uma invasão de insetos que rastejam e que ela tenta matar com suas botas Caterpillar.

Pensa que o homem na árvore agora tem nome. Que o trabalho deles agora poderá adquirir velocidade e que precisam avançar com cuidado. Aquele que encontraram no campo, não é um crime normal. Algo de que ter medo.

O frio bate feio nos olhos.

Cortante, afiado.

“São sapos que dançam na frente de minhas retinas?”, pensa ela. “Ou é o frio que faz com que o líquido lacrimejante congele? Se transforme em gelo? Tal como em seus olhos, Gandula. Seja você quem for.”

O que este mundo faz com uma pessoa, Tove?

Eu tinha 20 anos.

E éramos felizes, seu pai e eu. Éramos jovens e felizes e nos amávamos. Era amor entre jovens, puros e descomplicados, mental e fisicamente. E, então, você chegou: o raio de sol mais bonito entre todos os raios de sol.

Não havia nada, a não ser nós.

Eu não sabia o que fazer mais em minha vida, a não ser amar vocês dois. Podia ignorar os carros de seu pai, sua indolência, nossas diferenças. O amor para mim era uma dádiva, Tove, não havia nenhuma hesitação, nenhuma espera, apesar de isto ser o que todos diziam: “Espere, vá com calma, não se fechem, vivam primeiro”. De fato, eu tinha farejado o perfume da vida, esse aroma existia em meu amor por você, por Janne, por nossa existência. Ingenuidade minha. Queria mais. E acreditava que ia durar para sempre. Sabe, Tove, eu acreditava no amor. E ainda acredito, o que é um verdadeiro milagre. Mas, na época, acreditava no amor em sua forma mais simples e pura. Talvez possamos chamar isso de amor familiar, amor primitivo, aquele com que apenas nos aquecemos, quando nós, seres humanos, estamos juntos. O amor original.

É claro que brigávamos. É claro que eu tinha saudades. É claro que não fazíamos a menor ideia de para onde seguir, do que fazer com o tempo à nossa disposição. E é claro que entendi quando ele disse que se sentia preso, dentro de um porão, ainda que no paraíso.

E, então, ele chegou em casa com o papel da Cruz Vermelha na mão, no qual estava escrito que devia se apresentar no aeroporto de Arlanda, Estocolmo, na manhã seguinte, e seguir para Sarajevo.

Eu fiquei tão zangada com ele, com seu pai. Disse que, se ele fosse, nós não estaríamos mais aqui quando ele voltasse para casa. Disse que não se abandona a família por nada.

E eu lhe pergunto, Tove: você pode compreender agora por que seu pai e eu não nos aguentávamos mais?

Sabíamos demais e muito pouco, ao mesmo tempo.

Nenhuma criança na creche aos sábados.

Balanços vazios. Nenhum trenó minúsculo, nem bola. A luz desligada em frente à janela. Nenhuma brincadeira nesse dia.

— Você aguenta fazer isto aqui, Malin? Está com uma aparência ruim.

“Pare de chatear, Sven. Estou trabalhando, não é?”

Zeke sorri, de seu lugar na mesa, bem na sua frente. Börje Svärd e Johan Jakobsson mostram-se bem satisfeitos e divertidos. Não se deve aparecer no trabalho nesse estado, pouco depois das oito, numa manhã de sábado.

— Eu estou bem. Foi só uma pequena festa, ontem à noite.

— No meu caso, fiquei numa tábua de queijos, chips e *Pippi Meialonga* [5](#) no DVD — diz Johan.

Börje mantém-se em silêncio.

— Tenho aqui uma lista — diz Sven, sacudindo um papel na mão. Hoje ele não está de pé na ponta da mesa, está sentado numa cadeira — das pessoas que telefonaram e deram o nome de Bengt Andersson ou de seu apelido. Vamos começar ouvindo essas pessoas. Vejam o que elas podem contar a respeito dele. São nove os nomes da lista, todos em Ljungsbro e arredores. Börje e Johan ficam com os cinco primeiros. Você, Malin, e Zeke, com os quatro últimos.

— E o apartamento? O apartamento dele?

— Os peritos já estão lá. Pelo que puderam ver a olho nu, não aconteceu nada por lá. Vão terminar logo mais, à tarde. Podem ir ao apartamento, se quiserem, mas não antes. Quando já tiverem interrogado toda a gente da lista. Então, peguem os vizinhos. Ele vivia de pensão social, portanto, deve existir um ou uma assistente social que também deve saber alguma coisa sobre ele. Mas vai ser difícil encontrar essa pessoa antes de segunda-feira.

— Não dá para conseguir isso mais rápido?

Era a voz impaciente de Zeke.

— Bengt Andersson ainda não está oficialmente declarado como morto, nem identificado — diz Sven. — E, enquanto não for, precisamos ter uma autorização para consultar os registros e anotações onde estão os nomes dos médicos e assistentes. Mas essa formalidade deve estar cumprida durante o domingo.

— Então, vamos ao trabalho — diz Johan, levantando-se.

“Quero dormir”, pensa Malin. “Um sono profundo, o mais profundo possível.”

Meu quarto está escuro, fechado, no entanto, vejo tudo.

Está frio aqui dentro, mas não tão frio como na árvore, lá fora, no campo. Mas por que razão estou preocupado com o frio? E aqui não há vento, nem tempestades, nem neve. Posso sentir a falta do vento e da neve, mas prefiro a clarividência que advém de minha situação

atual. Saber o que sei, poder o que posso. Como encontro as palavras certas, de um modo que nunca aconteceu comigo antes.

E como é divertido ver como todos se preocupam, atualmente, comigo. Como todos agora veem meu rosto e desejam mostrar que me conheceram? Antes, afastavam-se. Sempre que eu aparecia na comunidade, atravessavam a rua só para não enfrentar meu olhar, para não passar perto de mim, de meu corpo, de minhas roupas que acreditavam estar sujas, cheirando a suor, a urina.

Deplorável e repugnante.

E os jovens que não me deixavam em paz. Que me atormentavam, que se metiam comigo, me gozavam, e não paravam nunca. As mães e os pais deles deixavam que os sentimentos maldosos de suas crianças florescessem.

Eu nem sequer devia ser motivo de risadas. Como ser vivo, eu era digno de pena.

As chaminés da fábrica Cloetta.

Não podem ser vistas da rotunda, perto do antigo Mosteiro Vreta, mas é possível ver a fumaça que sai delas, uma fumaça mais branca do que o branco, elevando-se no ar, com um céu supostamente azul. As nuvens matinais, mais baixas, já se foram, o inverno se torna azulado, o mercúrio desce mais, é o preço a pagar pela luz.

— Vamos virar aqui?

A placa indica Ljungsbro para os dois lados.

— Não sei — diz Malin.

— Vamos por aqui — diz Zeke, girando o volante. — Vamos ver pelo GPS quando chegarmos ao local.

Malin e Zeke passam pelo Mosteiro Vreta, seguem depois por perto das comportas, que agora não estão sendo utilizadas, e dos diques vazios. Os restaurantes também estão fechados durante o inverno. Casas onde se movimentam pessoas por trás das janelas, árvores que estão crescendo em paz. Um supermercado da Ica. Nada de música dentro do carro. Zeke não insistiu, e Malin aprecia o relativo silêncio.

Depois de uma parada de ônibus, abre-se um conjunto habitacional à esquerda, as casas desaparecem da vista por uma encosta, e, mais adiante, surgem as águas do lago Roxen. O carro desce, passa por um bosque, e, logo em seguida, abre-se um novo campo à direita, para depois aparecer, algumas centenas de metros à frente, outra encosta mais íngreme com casas na subida.

— A nata da sociedade em prateleiras, uma favela de ricos — diz Zeke. — Médicos.

— Invejoso?

— Não propriamente.

Kungsbro, escrito em mais uma placa, Stjärntorp, Ljungsbro.

Viraram mais uma vez. Na esquina, uma cavalaria pintada de vermelho

com um pátio empedrado, mas não se vê nenhum cavalo. Apenas algumas adolescentes, bem agasalhadas e com botas do tipo Moon, deslocando blocos de feno entre duas construções.

Agora, aproximam-se das casas em prateleiras. Sobem pela encosta e veem, depois, as chaminés da Cloetta.

— Sabe — diz Zeke —, podia jurar que hoje cheira a chocolate. Da fábrica.

— Vou acionar o GPS. Para encontrarmos logo o que procuramos, o primeiro nome da lista.

Ela não queria deixá-los entrar.

Pamela Karlsson, 38 anos, loura, cabelos no estilo pajem, vivia sozinha, balconista na loja H&M. Morava num prédio quase detrás da loja Hemköp. Apenas quatro apartamentos num prédio cinzento, de madeira. Falou com eles com a porta semiaberta e presa pela corrente de segurança. Tremia de frio, vestindo apenas a camisola de dormir e ceroula, aparentemente acordada pelo toque da campainha.

— Precisam entrar? Está tudo tão desarrumado...

— Está frio na escada — diz Malin, que pensa: “Um homem foi encontrado morto, pendurado numa árvore, e ela se preocupa com a falta de arrumação. Enfim... Pelo menos telefonou”.

— Estive numa festa ontem.

— Mais uma... — diz Zeke.

— O quê?

— Nada — diz Malin. — Para nós, não faz diferença se estiver desarrumado. Não vai demorar muito.

— Nesse caso — a porta se fechou, um ruído, e se abriu de novo —, façam o favor de entrar.

Uma divisão apenas, um sofá-cama, uma pequena mesa e uma cozinha minúscula. Móveis do Ikea e um banco em estilo rústico, provavelmente herdado, sem cor definida. Caixas cartonadas de pizza, latas de cerveja, uma caixa de vinho branco. No parapeito da janela, um cinzeiro, cheio até a borda.

Ela notou que Malin olhou para o cinzeiro.

— Eu não os deixo fumar aqui dentro, normalmente, mas ontem não podia obrigá-los a sair.

— Quem são eles?

— Os meus amigos. Ontem, estávamos navegando na internet e, de repente, vimos o homem e o pedido para que telefonássemos. Liguei logo, quase imediatamente.

Ela se sentou na cama. Não era gorda, mas afundou o lençol.

Zeke se sentou numa poltrona.

— O que é que você sabe a respeito do homem?

— Não muito. Só que morava aqui no bairro. E como se chamava. De resto, nada mais. É ele?

— Sim, estamos quase certos disso.

— Credo, foi dele que falamos na festa, ontem à noite.

“Recordações distorcidas”, pensou Malin. “Lembranças de alguém como ele deviam ser um tema de conversa indecente numa festa como essa. ‘Mas, esperem aí, escutem agora o que aconteceu com o amigo de um amigo meu...’”

— Quer dizer que não sabe nada a respeito de quem ele era?

— Não muito. Sei que vivia de uma pensão por doença. E era chamado de Gandula. Pensei que era por ele ser incrivelmente gordo, mas o *Corren* escreveu outra coisa qualquer.

Malin e Zeke deixaram Pamela Karlsson com sua desarrumação e sua dor de cabeça e se dirigiram de carro para a rua Ugglebovägen, uma casa desenhada por arquiteto em quatro planos diferentes em que cada divisão parecia ter vista para o campo e, mais adiante, para o lago Roxen. Foi um corretor de seguros de olhos encovados, chamado Stig Unning, que abriu, depois de eles baterem à porta com uma pata de leão dourada.

— Foi meu filho que telefonou. Podem falar com ele. Está no porão.

O filho, Fredrik, diante de um jogo de videogame. Talvez 13 anos, magro, espinhento, vestido com um jeans grande demais e uma camiseta laranja. Gnomos morrendo aos montes no monitor.

— Foi você que telefonou para nós? — perguntou Zeke.

— Sim — respondeu Fredrik Unning, sem levantar os olhos do jogo.

— Por quê?

— Porque eu reconheci a imagem. Acreditei que havia algum tipo de recompensa. Há mesmo?

— Infelizmente, não — disse Malin. — Não existe recompensa para quem reconhece uma vítima de assassinato.

Um gnu explode em pedaços, um duende vê seus membros cortados.

— Devia ter telefonado para o *Aftonbladet*.

Bangue. Morto, morto, morto.

Fredrik levanta os olhos para eles.

— Você o conhecia? — perguntou Malin.

— Não, de jeito nenhum. Só sabia seu apelido e que cheirava mal, a mijo. Nada mais do que isso.

— Nada mais para nos contar?

Fredrik Unning hesita, e Malin julga ver um medo repentino passar por seus olhos, antes de ele voltar a fixar a vista no monitor e, freneticamente, movimentar o joystick.

— Não — diz Fredrik.

“Ele sabe de alguma coisa”, pensa Malin. “Ou, então, já sabe por que

estamos aqui, já sabe o que aconteceu.”

— Está absolutamente seguro de que não tem nada mais a acrescentar?

Fredrik Unning abana a cabeça.

— Não, nem uma palavra, nada.

Um lagarto vermelho deixa cair uma pedra cinzenta gigantesca na cabeça de um monstro, parecido com Hulk.

A terceira pessoa na lista, o pastor pentecostal Sven Garplöv, 47 anos, morava numa casa recém-construída, do outro lado do rio Motala, num dos extremos de Ljungsbro. Telhado branco, árvores brancas, portas brancas, branco sobre o branco, como se fosse para manter os pecados bem longe. No caminho, passaram pela fábrica Cloetta, a dobra do telhado é uma perversa cobra de açúcar, e a chaminé despejava seus aromas, fazendo sonhar com uma vida doce.

— Lá dentro fazem biscoitos com chocolate — disse Zeke.

— Eu não recusaria se me oferecessem uma — disse Malin.

Apesar de estarem com pressa, a mulher do pastor, Ingrid, convidou-os para tomar café. Sentaram-se os quatro no conjunto de sofás verdes de couro, na sala de estar pintada de branco, comendo biscoitos amanteigados, sete tipos, feitos em casa.

A gordura nos biscoitos.

É exatamente o que ela precisa.

A mulher do pastor ficou em silêncio. Ele falou:

— Tenho um serviço a realizar ainda hoje, mas a assembleia vai ter de aguardar. Um pecado dessa gravidade está em primeiro lugar. Aquele que espera para rezar nunca espera demais. Não é, Ingrid?

A esposa concorda. Depois, faz um sinal com a cabeça, apontando para o prato de biscoitos.

Eles pegam seus biscoitos uma segunda vez.

— Ele era, sem dúvida, uma alma preocupada. Uma alma para a qual o Senhor olha de maneira especial. Falamos dele rapidamente, uma vez, na assembleia, e então alguém, não me lembro mais quem foi, mencionou o nome dele. Era muito solitário, constatamos. Precisava de um amigo como Jesus.

— O senhor falou com ele alguma vez?

— Desculpe?

— Sim, o senhor convidou-o alguma vez para comparecer à igreja?

— Não, creio que não. Nenhum dos nossos pensou nisso. Nossas portas estão sempre abertas para todos, embora um pouco mais para alguns. Devo confessar.

E agora eles estão diante da porta de um tal Conny Dyrenäs, 39 anos, que vive num apartamento e na avenida Cloettavägen, logo atrás do campo de futebol, o Cloettavallen, e não leva mais de alguns segundos, depois de terem tocado a

campanha, para que a porta seja aberta.

— Eu ouvi vocês chegarem — diz o homem.

O apartamento está cheio de brinquedos, por todo lugar, em grande quantidade. Plástico em cores berrantes.

— Crianças — explica Conny Dyrenäs. — Estão na casa da mãe neste fim de semana. Normalmente, ficam comigo. É incrível como sinto a falta delas. Tentei dormir mais um pouco esta manhã, mas acordei à mesma hora, como de hábito. Fiquei navegando na internet. Querem café?

— Acabamos de tomar, mas obrigado assim mesmo — diz Malin. — Está absolutamente certo de que é Bengt nas imagens?

— Sim, sem dúvida.

— Conheceu-o? — pergunta Zeke.

— Não, mas ele fez parte da minha vida.

Conny Dyrenäs vai até a porta que dá para a varanda, faz sinal para o acompanharem.

— Vocês veem o alambrado e a baliza, ali? Ele costumava ficar lá embaixo à espera das bolas quando o Linköping FC jogava em casa. Não fazia diferença nenhuma se chovia verdadeiros torós ou se estava frio no inverno ou calor no verão. Estava sempre lá. Às vezes, durante o inverno, ele chegava e ficava olhando para o campo vazio. Certamente, tinha saudade. Era como se tivesse arranjado um trabalho, um lugar a preencher neste mundo. Corria atrás das bolas, assim que eram chutadas por cima do alambrado. Aliás, corria muito. E o povo nas bancadas costumava rir. Inegavelmente, era divertido, mas meu próprio riso, de qualquer maneira, ficava engasgado na garganta.

Malin olha para o alambrado, também branco pelo frio e pela neve, as arquibancadas cobertas e o pavilhão do clube no fundo.

— Pensei em convidá-lo para tomar café comigo, algumas vezes — diz Conny Dyrenäs. — Mas já é tarde demais.

— Parece que ele era uma pessoa muito só. Devia ter feito isso, tê-lo convidado para tomar café — diz Malin.

Conny Dyrenäs concorda, parece querer dizer alguma coisa, mas permanece em silêncio.

— Sabe mais alguma coisa sobre ele? — pergunta Malin.

— Não sei ao certo. Corriam vários rumores a respeito dele.

— Rumores?

— Sim, de que seu pai era louco. De que os pais e ele moravam numa casa e uma vez ele agrediu seu pai com um machado, na cabeça.

— Um machado na cabeça?

— Sim, era o que se dizia.

“E disso Daniel Högfeldt não tomou conhecimento?”

— Mas pode ser que seja apenas conversa fiada. Deve ter acontecido há 20

anos. Talvez mais. Agora, sem dúvida, ele deve estar bem. Tinha um olhar bondoso. Isso eu via até mesmo daqui. Mas não transpareceu nada dessa bondade nas fotos publicadas, não é verdade?

Malin está em frente a grade de arame, olha para o campo de futebol, um manto de neve branca já um pouco acinzentada e, por trás, um grupo de construções escolares bem mais cinzentas. À esquerda, o pavilhão do clube, uma longa escada de cimento pintada de vermelho diante de um portão verde, e um quiosque de salsichas com a marca Cloetta por cima.

Ela procura aspirar o ar. Talvez à procura do aroma do chocolate?

Atrás do quiosque, uma quadra coberta de tênis, um templo para um esporte fino.

Malin enfia os dedos na tela de arame.

Através das luvas pretas Thinsulate, não consegue sentir a frieza do metal. É apenas um arame grosso e, ao mesmo tempo, grosseiro, sem vida. Chacoalha um pouco a tela, fecha os olhos e vê o verde do campo, sente o odor pesado da relva recém-cortada, a expectativa no ar quando a equipe principal entra correndo no campo, os jogadores saudados pelas crianças de oito, nove e dez anos e pelos velhotes aposentados, com suas garrafas térmicas cheias de café. E lá atrás o Gandula, sozinho, recuado, do lado de fora, longe de todos.

“Como é que se pode ficar tão sozinho?”

Machadada na cabeça.

“Eles vão procurar seu nome nos velhos arquivos, vai acabar aparecendo. As senhoras no arquivo são zelosas, competentes, vão encontrá-lo. Vamos vê-lo. Pode ter certeza disso.”

Malin estica os braços no ar. Apanha a bola com as mãos, antes de ficar pesada e quieta. Deixa-se cambalear para trás e para o lado e pensa: “Eles riram de você, mas não todos, você e suas desesperadas tentativas de apanhar a bola, pressentimentos e incidentes da vida numa pequena cidade como esta. Eles pouco entendiam que você era um deles, um dos que faziam com que esta pequena cidade fosse aquilo que é. Você deve ter sido uma constante na vida de muita gente, visível, mas invisível, conhecido, mas desconhecido, uma trágica piada ambulante que dava brilho às vidas normais, justo por ser motivo de piadas.

“Vão sentir sua falta na primavera. Vão se lembrar de você. Quando a bola voar por cima do alambrado, vão querer que você pudesse estar de volta. Talvez, então, venham a entender o que significa ter uma sensação desagradável na boca do estômago. Pode alguém se sentir mais sozinho do que você? Motivo de risos na vida, a inconsciente falta na morte.”

Nessa altura, toca o telefone em seu bolso.

Ela escuta a voz de Zeke atrás de si:

— Deve ser Sjöman.

E era Sjöman, sim.

— Não telefonou mais ninguém, apesar de ele ser agora uma espécie de celebridade. Vocês conseguiram alguma coisa?

— Rumores de uma machadada na cabeça — diz Malin.

— Uma o quê?

— Ao que dizem, ele matou o pai com uma machadada na cabeça, uns 20 anos atrás.

— Temos de conferir esse dado — diz Sjöman. Depois, acrescenta: — Se quiserem, podem ir ao apartamento dele. Os peritos já terminaram. Vão dizer, com certeza, que ele não foi assassinado lá. Nesse caso, devido à violência do crime, deveriam ser encontradas marcas de sangue. O teste com luminol deu zero. Edholm e mais alguns estão verificando, porta a porta, o que dizem os vizinhos. O endereço é Härnavägen, 21b, andar térreo.

Quatro pães da marca Skogaholm, devidamente fatiados, dentro de embalagens laminadas, em cima da bancada da cozinha, com manchas cinzentas e esverdeadas. Luminárias de tubos de mercúrio no teto fazem as embalagens de plástico dos pães deixarem transparecer umidade. Estão estragados, comê-los será arriscar-se a morrer.

Malin abre a porta da geladeira. Há com certeza uns 20 pacotes de salame lá dentro, leite integral e vários pacotes de manteiga sem sal.

Zeke olha por cima dos ombros dela.

— Um homem de bom gosto.

— Você acredita mesmo que ele vivia com essa alimentação?

— Sim — responde Zeke. — Não é impossível. Em princípio, esses pães são açúcar puro. E os salames são gordurosos. Combinam mal. Uma verdadeira dieta de solteiros.

Malin fecha a porta da geladeira. Por trás das persianas rebaixadas, observa os contornos de muitas crianças que enfrentam o frio e tentam construir algum tipo de boneco com a neve. Parece ser uma missão impossível. A massa de neve está muito dura e resiste a qualquer tentativa de se lhe dar forma. As crianças são todas descendentes de imigrantes. Essas casas de dois andares, enfileiradas, geminadas, são de aluguel. O cimento é pintado de branco e as madeiras, de marrom. Constituem, com certeza, os fundos abandonados de Ljungbro.

Risos abafados do lado de fora. Demonstrações de alegria como se desse para dominar o frio.

No entanto, talvez não sejam os fundos abandonados.

As pessoas vivem sua vida. A alegria irrompe, pontos luminosos de magma no dia a dia.

Um sofá manchado, padrão da década de 1970, encostado contra a parede, e um tapete de um marrom amarelado com salpicos diversos. Uma mesa de jogo com o respectivo pano verde, um par de cadeiras estilo Windsor, um colchão no

chão, a um canto, uma colcha muito bem dobrada.

Espartano, mas sem exagero. Nada de sujeira espalhada, de caixas de papelão de pizza, nada de pontas de cigarro no chão, nada de lixo amontoado. Ordem e limpeza na solidão.

Numa das janelas da sala de estar, existem três pequenos buracos no vidro, devidamente tapados com fita adesiva, passada ao longo das rachaduras que se espalham a partir dos buracos.

— Parece que alguém atirou pequenas pedras contra o vidro — diz Zeke.

— Você pode estar certo.

— Acha que isso significa alguma coisa?

— Há muitas crianças nos arredores, e elas ficam sempre inventando travessuras. Talvez tenham atirado cascalho com força demais?

— Ou será que ele recebia visitas de amor?

— Com certeza, Zeke. Temos de chamar os peritos para examinar o vidro da janela, se é que já não fizeram isso — diz Malin. — Para ver se podem decidir qual foi a causa dos buracos no vidro.

— Estou admirado por eles não terem levado o vidro — diz Zeke. — Mas, certamente, foi Johannison que esteve aqui. E talvez não tenha aguentado fazer esse serviço.

— Se Karin tivesse passado por aqui, o vidro já estaria agora no laboratório — diz Malin, seguindo em direção ao guarda-roupa, perto do quarto onde o homem dormia.

Calças de gabardine, enormes, em vários tons de um marrom triste, penduradas cuidadosamente nos cabides, lavadas e engomadas.

— Não combina — diz Zeke. — Esta ordem na casa e as roupas lavadas com as afirmações de que ele cheirava mal, a sujeira e urina.

— Não — diz Malin. — Como sabemos se ele não cheirava mal? Talvez a expectativa fosse a de que ele cheirasse mal? Então, um disse isso para outro que, por sua vez, disse para outro a mesma coisa, que disse a mesma coisa ainda para outro, até que isso se transformou em verdade. O Gandula cheira a urina, o Gandula não se lava, não toma banho.

Zeke concorda.

— Ou, então, alguém poderá ter estado aqui depois e arrumado a casa.

— Isso os peritos deveriam ter notado.

— Tem certeza?

Malin passa a mão pela testa.

— Não, não posso afirmar isso. A questão é muito difícil de esclarecer.

— E os vizinhos? Nenhum deles viu algo de estranho?

— Nada, segundo Edholm, que tratou do processo de bater à porta de todos.

Os últimos resquícios da dor de cabeça desapareceram. Agora, resta apenas a sensação de estar inchada, de moleza, a sensação que chega quando o álcool sai

do corpo.

— Quanto tempo antes de ser pendurado na árvore Johannison disse que ele foi morto? No mínimo cinco horas? Alguém poderia ter estado aqui? Ou a sujeira era um mito?

O guisado indiano de frango ao curry, bem quente, está no fogão, os aromas de alho, gengibre e açafrão se espalham pelo apartamento, e Malin está com fome, todo o corpo pede comida.

Picar, bater, fatiar. Assar e cozer.

Cerveja meio fraca em cima da mesa. Nada vai melhor com o curry que uma cerveja.

Janne acaba de ligar. Sete e quinze. Estão a caminho. Aliás, já se ouviu a chave entrando na fechadura da porta. E Malin vai a seu encontro, no hall de entrada. Tove, bem excitada, como se uma cena estivesse para acontecer.

— Mamãe, mamãe! Vimos cinco filmes neste fim de semana. Cinco, e todos eram bons, exceto um.

Janne por trás da excitada Tove no hall. Culpado, mas com uma expressão de autoconfiança. “Sempre que ela estiver comigo, sou eu quem decide. E você sabe disso. Essa discussão nós já terminamos há muito tempo.”

— Quais foram os filmes que viram?

— Todos de Ingmar Bergman.

Assim foi a cena, a variante do dia, do teatro a que os dois costumam submetê-la.

Malin não pôde evitar uma gargalhada.

— Ah, é...

— Eram todos muito bons.

Janne:

— Você está fazendo curry? Perfeito, nesse frio.

— Sem dúvida, Tove. Sua mãe acredita no que você diz. Quais foram os filmes que viram, realmente?

— Vimos Morangos maduros.

— Tove, o título é *Morangos silvestres*. E esse vocês não viram...

— Ok. Vimos *A noite dos mortos-vivos*.

— “O quê? Janne? Você está louco? Mas ela recua, conscientemente. E pensa: Mortos-vivos.”

— Mas também estivemos na academia de ginástica do quartel — diz Janne.

— Fizemos musculação.

— Musculação?

— Sim, eu quis experimentar — diz Tove. — Tentar entender aquilo que você acha tão divertido, mãe.

— Cheira muito bem, esse guisado.

Horas na esteira no ginásio do departamento de polícia. Bancada de musculação. Johan Jakobsson junto: “Mais uma vez, Malin. Mais uma vez, sua frangota”.

Está suando. Força. Está bem claro, notório. Nada é melhor do que treinamento físico quando ela quer sentir novas energias.

— E você, mamãe, o que fez?

— O que acha? Trabalhei.

— Vai trabalhar esta noite?

— Que eu saiba, não. E tratei de fazer uma comida.

— O quê?

— Não reconhece pelo cheiro?

— Curry. De frango?

Tove não consegue esconder seu entusiasmo.

Janne, de ombros encolhidos.

— Bem, vou embora — diz ele. — A gente se fala durante a semana.

— Sim, a gente se fala — diz Malin.

Janne abre a porta.

Justo no momento em que ele vai sair, Malin acrescenta:

— Não quer ficar para comer um pouco de curry? Dá para você, também.

SEGUNDA-FEIRA, 6 DE FEVEREIRO

Malin esfrega os olhos, está com sono.

Quer começar cedo, na manhã seguinte.

Cereais, fruta e coalhada. Café, café, café.

— Tchau, mamãe.

Tove, agasalhada, no hall, levantou-se mais cedo do que de costume. Já Malin se apronta mais tarde. As duas ficaram em casa o dia todo, no domingo, fazendo bolos, lendo. Malin teve de abafar um impulso, o de ir ao departamento de homicídios, apesar de Tove ter dito que ela poderia ir trabalhar, se quisesse.

— Então, até logo. Você vai estar em casa quando eu voltar à noite?

— Talvez.

A porta se fecha. A meteorologista do canal 4: "...e assim vai ficar ainda mais frio. De fato, está correto, há um vento mais frio a caminho, vindo do mar de Barents, que se estende como uma tampa sobre o país, até a Escânia, no sul. Portanto, agasalhem-se bem, com muita roupa, se tiverem de sair de casa".

"Devo sair?"

"Quero sair. Quero continuar com o caso.

"O Gandula.

"Quem foi você, na realidade?"

A voz de Sjöman no celular. Malin dirige apenas com uma das mãos.

Segunda-feira, gente a caminho do trabalho treme de frio nas paradas dos ônibus na praça, a Trädgårdstorget. Seu hálito se transforma em fumaça ao sair da boca e sobe pelo ar e pelos edifícios heterogêneos em volta da praça, edifícios dos anos 1930, com seus muito ambicionados apartamentos, edifícios dos anos 1950 com lojas no térreo, e o pomposo edifício na esquina, construído nos anos 1910, onde durante décadas funcionou uma grande loja de discos que agora teve de fechar as portas.

— Ligaram de um lar para idosos chamado Vretaliden, em Ljungsbro. Um velhinho de 96 anos parece que contou para uma funcionária um monte de coisas sobre o Gandula e a família dele. Leram o jornal para o velho, que parece ver mal, e então ele começou a contar suas lembranças. A chefe das enfermeiras telefonou. Achou que seria melhor se falássemos com ele. Vocês podem fazer isso logo.

— O próprio velhinho está disposto a falar conosco?

- Parece que sim.
- Como ele se chama?
- Gottfrid Karlsson. A enfermeira chama-se Hermansson.
- E seu prenome, qual é?
- Ela disse apenas ser a irmã Hermansson. Acho melhor falar com ela

primeiro.

- Você disse Vretaliden? Vou direto para lá.
- Não vai levar Zeke com você?
- Não, vou já para lá.

Malin freou, deu uma volta em U na frente de um ônibus da linha 211, que vinha atrás dela, em direção ao hospital da Universidade.

O motorista do ônibus reagiu, buzinou, ameaçou com o punho fechado.

“Sorry”, pensou Malin.

— Encontrou alguma coisa nos arquivos?

— Eles começaram o trabalho justamente agora, Malin. Você já sabe que nada foi encontrado nos computadores. Mas continuamos procurando. Vamos ver se surge alguma coisa durante o dia. Telefone assim que puder, caso fique sabendo de alguma coisa.

Cumprimentos recíprocos e, depois, silêncio dentro do carro. Ouve-se apenas o barulho do motor em aceleração, assim que Malin troca de marcha.

Vretaliden.

Lar para idosos, com prestação de serviços, tudo em um mesmo lugar. Edifício ampliado e modificado ao longo dos anos. Arquitetura original dos anos 1950, em convivência com o pós-modernismo dos anos 1980. O complexo está situado num vale, a uns cem metros de uma escola, com apenas algumas ruas arborizadas e algumas casas de telhados vermelhos entre as duas instituições. Ao sul, um campo pertencente à firma Wester, comércio e jardins, onde normalmente se plantam morangos. Ao fundo, algumas estufas.

Mas, agora, está tudo branco.

“O inverno não tem aromas”, pensa Malin, no momento em que corre do estacionamento para a entrada do lar. Um hall de vidro, com uma porta giratória rodando lentamente. Malin hesita. Já tinha trabalhado na casa de saúde Åleryd, durante o verão, aos 16 anos, um ano antes de encontrar Janne. Não gostou do trabalho. Mais tarde, justificou-se, dizendo que era jovem demais, inexperiente para cuidar dos idosos, com suas fraquezas e necessidades. E muitas das atividades práticas eram desagradáveis. Mas gostava de falar com os idosos, de agir como companhia, quando tinha tempo, e de escutar suas lembranças, recordações de suas vidas. Eram muitos os que gostavam de fazer isso, de recordar, se ainda conservassem a capacidade de falar. Bastava fazer uma primeira pergunta, e logo eles ficavam relatando peripécias de sua vida. Depois,

era só enfiar algumas réplicas aqui e ali, para manter e continuar a conversa.

Um balcão branco na recepção.

Alguns idosos em cadeiras de rodas que se parecem com poltronas.

Tromboses? Doentes avançados de Alzheimer? “Você deu mesmo água para as flores?”

— Olá, eu sou da polícia de Linköping. Gostaria de falar com a irmã Hermansson.

O lar cheira a produtos químicos, não perfumados, de limpeza.

A jovem recepcionista, de pele gordurosa e cabelos recém-lavados, cor de burro quando foge, levanta os olhos para Malin, com uma expressão de compadecida.

— Enfermaria três. Pode pegar o elevador. Ela deve estar na expedição de enfermagem.

— Obrigada.

Enquanto espera pelo elevador, Malin olha para os velhinhos nas cadeiras de rodas. A saliva escorre pela boca de um deles. Será que ficam sentados assim o dia todo?

Malin anda na direção das cadeiras, tira um lenço de papel do bolso de dentro do casaco. Estende o braço e enxuga a saliva que saiu da boca e escorre pelo queixo de um dos idosos.

A funcionária por trás do balcão abre os olhos de espanto, mas não se zanga. Logo sorri.

O elevador faz plim-plim.

— Assim fica melhor — murmura Malin no ouvido do velhinho.

Ele balbucia qualquer coisa em voz baixa, como se quisesse responder.

Ela passa a mão pelos ombros dele. Depois, corre para o elevador, mas a porta se fecha novamente. “Droga, agora vou ter de esperar.”

A irmã Hermansson tem cabelos curtos, fez permanente, os caracóis caem em cachos como se fossem de lã de aço sobre seu rosto anquilosado. Olhos duros por trás de óculos de fundo de garrafa.

Talvez 55 ou 60 anos?

Está em pé, de bata branca, por trás da expedição de enfermagem, um pequeno espaço entre dois corredores com salas. Está firme, de pernas afastadas, braços cruzados. “Este é meu território.”

— Uma mulher — diz Hermansson. — Esperava que fosse um homem.

— Atualmente, também existem policiais femininas.

— Achava que a maioria usaria uniforme. Não é preciso estar bem lá em cima para poder usar trajes normais?

— Gottfrid Karlsson?

— Na realidade, sou totalmente contra uma coisa dessas. Ele está velho. E

agora, com este frio extremo que faz, não é preciso muito para estimular a inquietação na enfermaria. A inquietação não é boa companhia para os idosos.

— Ficaremos agradecidos por toda a ajuda que pudermos obter. E, aparentemente, ele tem um bocado de coisas para nos contar, não é verdade?

— Acho que não. Mas a assistente que leu para ele as notícias do *Corren* insistiu.

Hermansson passa por Malin e segue por um dos corredores. Malin atrás dela, até que Hermansson para em frente a uma porta, tão de repente que até as solas de suas sandálias Birkenstock chamam.

— Aqui estamos.

Depois, Hermansson bate à porta.

Ouve-se um fraco, mas claro: “Entre”.

Hermansson faz um gesto na direção da porta.

— Faça o favor de entrar no território de Karlsson.

— Você não vai estar presente?

— Não, nós não nos damos muito bem, Karlsson e eu. E isso é coisa dele, não minha.

É muito bom ficar deitado aqui à espera, sem ansiar por nada, só vendo o tempo passar, tão pesado quanto eu. E, entretanto, poder flutuar.

Justo agora, estou flutuando, voando para longe da apertada caixa do necrotério e da sala, para longe, através da janela do porão (gosto de tomar esse caminho, embora nem as paredes sejam uma barreira para mim).

E os outros?

Vemo-nos uns aos outros só quando queremos. Portanto, na maior parte do tempo, continuo sozinho, mas conheço todos os outros, como moléculas num corpo gigantesco e difuso.

Quero ver a mãe. Mas talvez ela não saiba ainda que estou aqui. Quero ver o pai. Quero falar com ambos, explicar que sei que nada é fácil, contar para eles a respeito de minhas calças, de meu apartamento, de como estava limpo, a respeito das mentiras, de que eu era alguém.

Minha irmã?

Ela já estava cansada da vida. Eu entendi. E compreendo.

E lá continuo eu, flutuando sobre os campos, sobre o lago Roxen, contorno a piscina e o parque de campismo em Sandvik, passo por cima do palácio de Stjärntorp, cujas ruínas, de certa forma, resplandecem de branco à luz do sol.

Flutuo como uma canção, como a alemã Nicole no festival de melodias: “Ein bisschen Frieden, ein bisschen Sonne, das wünschich mir”.⁶

Depois, passo sobre uma floresta, densa e escura, cheia dos segredos mais horríveis. Estão me seguindo ainda?

Eu os avisei. As serpentes estão subindo pelas pernas da mulher, seus dentes venenosos mordem o sexo dela, que fica em sangue.

Uma estufa, uma plantação de flores, uma área gigantesca para plantar morangos aonde eu costumava ir quando criança.

Então, desço ainda flutuando, passo pela casa das crianças malvadas, não quero demorar muito por aqui, prefiro seguir logo para o quarto de esquina de Gottfrid Karlsson, no terceiro andar do velho edifício de Vretaliden.

Gottfrid está sentado lá em sua cadeira de rodas. Velho, mas satisfeito com a vida que viveu e que vai viver ainda por alguns anos.

Malin Fors está sentada numa cadeira, na frente dele, com uma mesa de perneio. Está um pouco confusa, não sabe se o velhote na sua frente ainda está bem da vista, o suficiente para encarar o olhar dela.

Não acredite em tudo o que Gottfrid diz. Mas a maior parte do que conta pode servir como “verdade” em suas dimensões.

O homem em frente a Malin.

O cretinismo fez seu nariz ficar largo, grosso e vermelho, as faces são amareladas e afundadas, mas ainda assim cheias de vida. Suas pernas são

magras por baixo do tecido de algodão grosso da calça hospitalar bege; a camisa é branca e bem engomada.

Os olhos.

Quanto ele consegue ver? Cego.

O instinto dos velhos. É apenas a vida que nos pode ensinar. Ao vê-lo, Malin recorda o verão em que trabalhou num lar semelhante. Como alguns idosos, de certa maneira, acharam que a vida, em grande parte, já estava para trás e encontraram a tranquilidade, enquanto outros ficam completamente raivosos diante do fato de que, em breve, vão morrer.

— Não se preocupe, senhorita Fors. Acho que ainda é senhorita, não? Apenas vejo a diferença entre a luz e a escuridão, portanto não precisa tentar olhar em meus olhos.

“Um dos tranquilos”, pensa Malin, inclinando-se para a frente, articulando bem as palavras, falando alto.

— Muito bem, senhor Gottfrid, sabe por que razão estou aqui?

— Não há nada de errado com meus ouvidos, senhorita Fors.

— Desculpe.

— Leram-me o jornal a respeito do terrível acontecido com o rapaz do Kalle da Curva.

— Kalle da Curva?

— Sim, o pai de Bengt Andersson era chamado assim. Sangue ruim, o dessa família, sangue ruim. Na realidade, não havia nada de errado com o rapaz, mas o que é que se pode fazer com um sangue daqueles, sempre com uma diabólica paciência?

— O senhor pode contar mais sobre o Kalle da Curva?

— Sobre Kalle? Com muito gosto, senhorita Fors. Histórias são tudo o que tenho agora.

— Então, continue.

— Kalle da Curva era uma lenda aqui na comunidade. Dizia-se que teria vindo de uma família de ciganos que costumava acampar num terreno livre na outra margem do rio Motala, lá para os lados de Ljung, perto da tipografia. Talvez fosse verdade o que também se dizia, que ele era fruto de uma ligação entre irmão e irmã, que todos sabiam serem os donos da tipografia. E que os ciganos receberam dinheiro para criá-lo. E que era por isso que Kalle da Curva se tornou aquilo que era.

— Quando foi isso?

— Foi na década de 1920, acho eu, que Kalle nasceu. Talvez nos anos 1930. A região era diferente, nessa época. Havia fábricas. E plantações e produção de doces. Nada mais. Desde o início, Kalle se afastava, ficava longe de nós, as outras crianças. A senhorita entende, ele era a ovelha mais negra de todas as ovelhas. Não na cor da pele, mas por dentro. Como se a dúvida o condenasse,

como se a insegurança fosse o motivo de ele se tornar louco, uma mágoa que, por vezes, fazia com que perdesse a noção de tempo e de espaço. Dizia-se que foi ele que deitou fogo no depósito da tipografia, mas ninguém sabe ao certo. Quando tinha 13 anos, ainda não sabia ler nem escrever. O professor expulsou-o da escola lá em Ljung, e foi então que o prenderam pela primeira vez, por ter roubado ovos de um camponês, Tureman, criador de galinhas.

— Aos 13 anos?

— Sim, senhorita Fors, ele estava com fome, certamente. Talvez os ciganos se tivessem cansado dele. Talvez os donos da tipografia tivessem parado de pagar. Não sei. Essas coisas, não dava para saber ao certo na época. Não era tão fácil como agora.

— Essas coisas?

— Paternidade, maternidade.

— E depois?

— Depois, Kalle desapareceu, durante muitos anos. Houve rumores de que teria trabalhado como marinheiro, no mar. Ou ficado preso em Långholmen, coisas horríveis. Assassinatos, violência contra menores de idade. Mas do que é que sabíamos? Embarcado ele não esteve, senão eu teria percebido.

— Como assim?

— Eu passei muitos anos na marinha mercante durante a guerra. Sei como se porta um marinheiro. E Kalle não era marinheiro.

— Onde é que ele esteve, então?

— Em primeiro lugar, era um mulherengo. E era um beberrão...

— Quando ele voltou aqui?

— Deve ter sido, mais ou menos, em meados dos anos 1950. Durante uma época, trabalhou como mecânico lá na garagem de uma fábrica, mas não foi por muito tempo. Depois, foi trabalhar nas plantações como substituto de outros trabalhadores. Enquanto sóbrio, trabalhava por dois. E assim ele continuava.

— Continuava como?

— Continuava a ficar com as prostitutas e a bebida. Certamente, não existem muitas trabalhadoras, prostitutas, e até donas de plantações, que não conheceram Kalle da Curva. Ele era um imperador nos salões de dança no Folkspark. Aquilo que não conseguia meter na cabeça, letras e cifras, saía-lhe do corpo. Era um dançarino de primeira. Encantava como o diabo. Tinha quem queria.

— Como ele era fisicamente?

— Esse era o segredo, senhorita Fors. As mulheres não conseguiam resistir a ele. Parecia um pouco com um animal predador disfarçado em ser humano, despertava apetite físico. Tinha ombros largos, olhos negros, profundos, muito juntos, um queixo que merecia ser esculpido em mármore.

Gottfrid Karlsson fica em silêncio como para deixar que a imagem de macho,

indisfarçável, fique bem viva na jovem senhorita Fors.

— Machos assim já não se fazem mais, senhorita Fors. Embora exista ainda gente *impolida* nesta região.

— Por que “da Curva”?

Gottfrid põe suas mãos pigmentadas, manchadas e desgastadas pela idade, nos braços da cadeira de rodas.

— Deve ter sido no final da década de 1950 ou no início dos anos 1960. Eu trabalhava como capataz na fábrica Cloetta. De algum modo, Kalle tomou posse de uma boa soma de dinheiro e comprou um terreno, com uma velha casa de campo, pintada de vermelho, perto do terreno da Wester, a cerca de duzentos metros daqui, numa curva junto ao túnel que passa por baixo da grande estrada hoje chamada Andersvägen. Na época, o túnel ainda não existia, e onde está localizada a estrada era um pasto. Eu também ofereci dinheiro pela mesma casa, por isso sei o que se passou. Era uma grande soma naquela época. Tinha acontecido um assalto a um banco em Estocolmo, e os rumores eram de que seu dinheiro teria vindo daí.

“Nessa altura, tinha encontrado uma mulher, a mãe de Bengt, Elisabeth Teodorsson. Ela era tão segura, com os pés no chão, que parecia completamente imperturbável. Dava para pensar que sobreviveria à própria Terra. Mas não foi isso que aconteceu.”

Então, o velhote suspira, fecha os olhos.

As palavras de Gottfrid parecem ter terminado.

Talvez seja cansaço pelo esforço feito para desenterrar as memórias? Ou está cansado das coisas que contou? Mas, de repente, ele reabre os olhos e dá para ver alguma luminosidade em suas pupilas enevoadas.

— A partir da compra da casa, ele passou a ser chamado Kalle da Curva. Antes, todos sabiam quem era Kalle. Então, seu nome recebeu esse acréscimo. Acho que aquela casa se tornou para ele o princípio do fim. Não tinha nascido para o que se chama uma vida normal.

— E depois nasceu Bengt?

— Sim, 1961, eu me lembro, mas, antes de ele nascer, Kalle da Curva foi parar atrás das grades.

Gottfrid Karlsson volta a fechar os olhos.

— O senhor está cansado?

— Não, de modo algum, senhorita Fors. Ainda não contei tudo o que tinha para contar.

Ao sair, Malin vai para o balcão da expedição da enfermagem.

A irmã Hermansson está sentada junto do balcão e escreve várias letras com uma caneta de tinta preta numa espécie de diagrama.

Ela levanta os olhos.

— E então?

— Tudo bem — diz Malin. — Muito bem.

— Ficou sabendo de mais alguma coisa?

— Sim e não.

— Todos aqueles cursos que Gottfrid Karlsson fez na universidade tornaram-no especial, depois de aposentado. De modo que posso até compreender que ele tenha conseguido meter uns bichinhos em sua cabeça. Certamente, deve ter contado a respeito desses cursos que fez.

— Não — respondeu Malin. — Não contou nada a esse respeito.

— Então, é melhor eu ficar calada — diz Hermansson, voltando a seu diagrama.

Embaixo, perto da entrada, os velhotes nas cadeiras de rodas desapareceram.

Ao passar pela porta giratória e sentir o frio de fora, Malin rememora as últimas palavras de Gottfrid Karlsson, palavras de que eles, na polícia, vão se lembrar muito, a toda hora.

Malin já se despedia quando ele pega no braço dela.

— Tome cuidado, agora, senhorita Malin.

— Perdão?

— Lembre-se de uma coisa, senhorita Fors. É sempre a cobiça que mata.

O terreno onde o chalé da curva se encontrava antes.

Qual a situação agora? O esplendor da classe média, uma casa do tipo tristeza. Quando é que a casa rosa de madeira, produzida numa fábrica, alegria de um marceneiro, foi montada ali? Em 1984? Em 1990? Mais ou menos por aí. Aquele que comprou a casa do Gandula, porém, sabia o que estava fazendo. Certamente, comprou barato, esperou por uma boa conjuntura, deitou abaixo a casa, mandou construir uma casa pré-fabricada e vendeu-a.

“Aquele que construiu a nova casa atirou fora a vida de alguém?”

“Não.

“Isso porque uma casa não é mais do que uma propriedade, e o que faz uma propriedade, senão criar obrigações? Alugue uma moradia, não possui nada. Esse é o lema dos conscientes e dos pobres.”

Malin sai do carro. Precisa se arejar na atmosfera sufocante. Por trás das cúpulas dos vidoeiros, avista a passagem para pedestres, o túnel por baixo da estrada, a Linköpingsvägen. Um buraco negro em que a encosta do outro lado parece um caminho impenetrável.

A casa em frente é uma residência dos anos 1950, ampliada. A do vizinho à esquerda, a mesma coisa. “Quem mora aqui hoje? Não é o Kalle da Curva. Nem um bêbado. Alguns mulherengos? Alguns gorduchos abandonados cujas almas nunca chegaram a crescer?”

“Nada disso. Vendedores, médicos, arquitetos, gente desse tipo.”

Malin dá asas à sua imaginação, ainda fora do carro.

A voz de Gottfrid Karlsson:

— Kalle da Curva maltratou um homem no Folkpark. Era uma coisa que fazia constantemente. Para ele, a luta corpo a corpo era uma espécie de alimento. Mas, naquele caso, o homem ficou cego de um olho, e por isso Kalle apanhou seis anos de prisão.

Malin atravessa o túnel e a estrada, sobe a encosta a pé por uma ciclovia ainda cheia de neve por limpar. O aqueduto pode ser visto à distância, não existia antes. Carros que desaparecem, as rodas acorrentadas, na neve que rola pela estrada. Malin pode imaginar a vegetação verde, o esplendor do verão, os barcos do canal que deslizam sobre a água no verão. Nessa época, chega gente do mundo inteiro. E a área não é mais sua, não é sua. Seu mundo vai permanecer como agora, nesta comunidade. Sua solidão. O riso dos outros quando você corre atrás das bolas, jogadas por cima da rede de segurança.

— Elisabeth conseguiu remediar a situação costurando. Ela fazia reformas nas roupas das madames do palácio e costurava também para as lojas de moda, estabelecidas numa rua específica, a Vasagatan. Apanhava o ônibus todas as manhãs, com Bengt no colo, para ir buscar as roupas, e apanhava o mesmo

ônibus, à noite, para devolvê-las, já reformadas. Os motoristas deixavam-na viajar de graça. Foi então que ele ficou gordo. Dizia-se que a mãe deixava o rapaz comer manteiga e açúcar apenas para mantê-lo tranquilo enquanto ela costurava.

Malin está agora junto da barra horizontal da estrada, por cima do túnel. Olha para a casa, para o chalé vermelho que há tempos existiu ali. Um chalé bem pequeno, mas, para o rapaz, todo o Universo, as estrelas no céu escuro da noite eram recordações de sua própria vida passada.

— Quando Kalle saiu da prisão, Elisabeth ficou grávida logo em seguida. E ele, constantemente bêbado, agora já sem dentes, prematuramente envelhecido. Dizia-se que foi espancado numa casa em ruínas, por alguma coisa que fez em Estocolmo. Dizia-se que tinha delatado alguém. Mas as mulheres continuaram a ficar doidas por ele, como sempre. Aos sábados, costumava ir ao parque. Saias e lutas.

Telhados negros. Fumo pela chaminé. Certamente, de uma lareira.

— E assim nasceu Lotta, a irmã de Bengt. E Kalle continuou o mesmo, bebendo e lutando. E batendo na mulher, no rapaz e na menina quando esta não queria parar de chorar, mas, de certa forma, continuaram juntos. De certa forma. Kalle costumava também ir até à pastelaria e ficar do lado de fora discutindo com quem passava. A polícia vinha e o prendia. Mas já estava velho.

Malin volta para a casa, hesita antes de penetrar pela via que levava à garagem. Há um carvalho centenário a um dos cantos do terreno. Essa árvore já devia existir aqui no seu tempo, Gandula, não é verdade?

Já existia, sim, no meu tempo.

Eu corria por baixo e à volta do carvalho, juntamente com minha irmã. Corríamos para lá a fim de manter distância de nosso pai, para obrigá-lo a ficar longe com a ajuda de nossos risos, de nossos berros, de nossos gritos.

E como eu comia.

Enquanto comesse, havia esperança. Enquanto houvesse comida, havia fé. Enquanto comia, não existia outra realidade, a não ser a comida. Enquanto comia, esquecia a tristeza que sempre existiu no buraco escuro onde vivíamos.

Mas de que serviam as corridas e as comidas?

Em vez disso, foi a mãe que desapareceu. O câncer levou primeiro o fígado dela e depois ela toda. Ela fugiu de nós em pouco mais de um mês. E depois — sim, o que aconteceu depois? —, aí começou a noite eterna.

— Os serviços sociais deveriam ter ficado com as crianças, senhorita Fors, quando Elisabeth morreu. Mas eles não podiam fazer nada. Kalle queria ficar com as crianças, e essa era a lei. Bengt talvez já estivesse com 12 anos, a pequenina Lotta, com seis. Para Bengt, decerto, já não dava para aguentar mais,

tinha chegado o fim. A paciência ferida, irrecuperável. Ele era o mais solitário de todos os solitários, o filho do Kalle da Curva, um monstro de quem era preciso manter distância. Como é que se fala às pessoas que nos olham como se fôssemos um monstro? Eu vi isso acontecer a distância. E se é que pratiquei algum pecado na vida foi quando passei por ele sem lhe falar, quando ainda era uma pessoa real, se é que a senhorita Fors entende o que eu quero dizer. Quando ele precisava de mim e da comunidade.

Mas a mãe? Elisabeth? Levantar a mão para apagar um golpe, uma pancada, era a única força que lhe restava. E, golpeadas as mãos, já não serviam mais nem para costurar.

Malin faz uma caminhada em volta da casa.

Percebe os olhos de quem está lá dentro. Como a observam, pensam em quem ela pode ser.

“Podem observar, não tem problema.

“Macieiras recém-plantadas, o aroma das flores, um idílio. Você sabe o quanto é fácil destruir tudo isso? Fazer tudo desaparecer e não voltar mais?”

“Mãe, mesmo que você não aguente, volte para casa.”

“O que é que você pediu, Bengt?”

Não aguento dizer mais nada.

Até mesmo nós, eu, temos um limite.

Agora, quero apenas flutuar.

Flutuar e arder.

Mas eu senti a falta da mãe. E receava pela minha irmã. Talvez fosse por isso que desferi o golpe, não sei, para conseguir, de algum modo, manter o equilíbrio. Você própria pode ver as casas à volta da nossa. Eu vi, sim, como devia ser e como poderia ser.

Eu o amava, a meu pai, foi por isso que levantei o machado naquela noite.

Jovens mijões. Jovens sujos. Jovens medrosos, irritados. Jovens que não gostam de ir à escola. Jovens bêbados.

Uma jovem, uma pequena Lotta que parou de falar, que cheira a urina, com o fedor de miséria que não pode existir em uma social-democracia recém-restaurada.

Duas botas Caterpillar que abrem sulcos profundos na neve, nas traseiras de uma mansão de sonhos, uma porta que se abre, a voz máscula de um homem desconfiado:

— Desculpe, posso ajudá-la em alguma coisa?

A jovem policial, já preparada, apresenta sua credencial.

— Polícia. Estou apenas estudando o terreno. Morou alguém aqui, há muito tempo, que agora está sendo investigado.

— Quando foi isso? Já moramos aqui desde 1999.

— Não se preocupe. Foi há muito mais tempo, antes mesmo de sua casa ter sido construída.

— Então, posso fechar a porta? Entra tanto ar frio.

Tipo de vendedor. Alguns cabelos brancos, apesar de não ter mais de 40 anos.

— Pode fechar. Vou terminar daqui a pouco.

Uma mãe que se evapora com câncer, um pai que destrói tudo o que está ao alcance de seus braços. Um rugido pleno de exigências que ecoa por estas terras, estes bosques e pela história destes campos.

A voz de Gottfrid:

— Ele pegou no machado, senhorita Fors. Não tinha nem 15 anos. Esperou em casa que Kalle da Curva voltasse, com mais uma bebedeira. Depois, quando o velho abriu a porta, ele desferiu o golpe. O garoto tinha afiado o machado, mas o golpe não acertou. A lâmina apanhou a orelha, que quase se separou da cabeça, ficou pendurada, oscilando, presa por algum tendão. E Kalle correu para fora da casa, o sangue escorrendo aos borbotões pelo pescoço e pelo corpo. Seus gritos ecoaram pela comunidade naquela noite.

A neve é branca, mas Malin sente o cheiro do sangue alcoolizado de Kalle da Curva. Sente o cheiro do desespero do Gandula de 14 anos, vê Lotta, sua irmã mais nova, cheirando a urina, deitada na cama, de boca aberta, os olhos cheios de um medo que nunca mais chegou a desaparecer.

— Ele nunca tocou nela. No entanto, as histórias também correram a esse respeito.

— Quem é que não tocou nela?

— Nem o velho, nem Bengt. Estou certo disso, embora nenhum deles escapasse dessa suspeita.

Vestígios de sangue através da história.

A rapariga foi adotada. Bengt foi parar numa casa de acolhimento por cerca de um ano e voltou, depois, para um Kalle sem uma das orelhas, com uma fita em volta da cabeça e uma tampa branca no buraco de onde a orelha caiu.

E, então, num início de verão, o velho morreu. Após alguns anos de fúria em que os dois, ele e Bengt, ficaram a maior parte do tempo a se vigiar mutuamente. Por fim, o coração cedeu. Encontraram o Gandula, nessa altura, com pouco mais de 18 anos.

— Tinha ficado com o cadáver, sozinho, por mais de um mês. Ao que pareceu, ele só saía para comprar pão.

— E depois?

— A assistência social administrou a venda da casa. Depois, foi derrubada, senhorita Fors. E enfiaram Bengt num apartamento em Härna. Queriam acelerar o esquecimento.

— Como o senhor sabe de tudo isso?

— Não sei muita coisa, não, senhorita Fors. Aquilo que lhe contei é do

conhecimento de todos na comunidade. Mas a maioria das pessoas morreu ou já esqueceu o que se passou. Quem é que gosta de se lembrar de tristezas? De loucos? Pessoas como Bengt vivem à margem dos outros, senhorita Fors. É claro que nós as vemos, mas raramente, ou nunca, nos lembramos delas.

— E o que aconteceu depois que o enfiaram no apartamento?

— Isso eu não sei. Nos últimos dez anos, fiquei resolvendo meus problemas. Sei que ele pegava bolas, que estava bem e limpo todas as vezes que o vi. Portanto, alguma coisa deve ter acontecido.

Malin volta para o carro, aciona a chave da ignição.

Pelo retrovisor, o túnel de pedestres logo começa a se tornar apenas um ponto negro. Ela respira fundo.

Alguém se preocupou com ele, talvez, mas quem?

Fecho os olhos e sinto as mãos quentes da mãe em meu corpo de três anos, sinto quando ela me belisca nas gordurinhas e no peito, como enfia o nariz em minha barriguinha redonda e faz cócegas. Suas mãos são quentes, não vou querer nunca que ela deixe de fazer isso.

Procure mais, Malin, procure mais.

O olhar de Zeke é frio, quando se encontra com ela na entrada do edifício do Departamento de Polícia de Linköping. Está irritado, insulta-a, enquanto dão aqueles poucos passos em direção à mesa dela na ampla sala comum. Johan Jakobsson acena de seu lugar. O de Börje Svärd está vazio.

— Malin, sabe que não gosto quando você sai por aí sozinha. Tentei telefonar, mas o celular estava desligado o tempo todo.

— Estava com pressa.

— Malin, não demora mais tempo para me apanhar aqui do que para apanhar uma prostituta no Reeperbahn, em Hamburgo. Quanto leva para dar uma passada por aqui? Cinco minutos? Dez?

— Prostitutas no Reeperbahn? Zeke, o que diriam as damas a esse respeito? Agora, pare de resmungar. Sente-se aqui e escute. Você vai ouvir o que gosta.

— Corta essa, Malin. O que você quer me dizer?

Mais tarde, quando Malin relata tudo sobre o pai de Bengt Andersson, o Kalle da Curva, e do mundo que construiu, Zeke abana a cabeça:

— Ser humano? Um verdadeiro animal, não é verdade?

— Eles já chegaram a algum lugar, nos arquivos?

— Não, ainda não. Têm mais alguns anos para testar. O registro criminal dele estava limpo, mas isso se explica: ele tinha somente 14 anos quando aquilo aconteceu. Precisamos apenas confirmar o que o velhote disse. Mas isso será mais rápido. E o Bengt foi declarado morto esta manhã. Consegui saber por intermédio de um nome nos serviços sociais de Ljungsbro, uma Rita Santesson.

— Já falou com ela?

— Rapidamente, por telefone.

— Você não foi lá? Nem foi me buscar? Agora, vou ter de voltar a Ljungsbro.

— Que raio, Malin. Você sai por aí, eu não. Estamos fazendo essa investigação juntos ou não? E sair para Ljungsbro até pode ser passeio agradável.

— E os outros, o que estão fazendo?

— Estão trabalhando, ouvindo as últimas pessoas do processo de bater à porta. E, além disso, estão ajudando a seção de roubos, um assalto à casa de campo de um dos diretores da Saab, durante o fim de semana. Roubaram um quadro qualquer, de um americano, Harwood, acho eu, que vale milhões.

— Warhol. Quer dizer, um roubo na casa de campo de um diretor é mais importante do que isto aqui?

— Sabe como é, Malin. Ele era apenas um aposentado gordo e solitário. Não era exatamente o ministro das Relações Exteriores.

— E Karim?

— A mídia se acalmou, de modo que ele também se acalmou. E um quadro

de Warhol pode ir parar no jornal *Dagens Nyheter*.

— Então, vamos embora, vamos falar com Rita Santesson.

Rita Santesson parece que vai desmaiar diante dos olhares dos dois. Usa um pulôver verde claro tricotado em seu corpo magro, e as pernas não são mais do que um par de pinos na calça bege do tipo Manchester. Suas faces são encovadas, os olhos úmidos pela luz de mercúrio, e o cabelo perdeu completamente a cor, aquela que antes tinha. Nas paredes, cobertas de um papel amarelado, estão penduradas reproduções do pintor sueco Bruno Liljefors,⁷ uma corça na neve e uma raposa que ataca um corvo. Nas janelas, as persianas estão fechadas, como se fosse para manter a realidade do lado de fora.

Rita Santesson tosse, mas é com muita decisão que atira a pasta escura com o nome de Bengt Andersson e seu número de registro fiscal em cima da mesa vermelha, já velha, diante dos dois.

— Isso é o que tenho para vocês.

— Podemos tirar uma cópia?

— Não, mas podem fazer anotações.

— Podemos usar sua sala?

— Preciso dela para atender. Vocês podem utilizar uma das mesas do refeitório.

— Precisamos, também, falar com você, mais tarde.

— Podemos fazer isso agora. De fato, não tenho muito a dizer.

Rita Santesson deixa cair o corpo em sua cadeira. E faz um gesto indicando duas cadeiras de plástico alaranjado, obviamente para visitantes.

Tosse de novo, uma tosse profunda, que vem dos pulmões.

Malin e Zeke sentam-se.

— Muito bem, o que desejam saber?

— Como ele era? — pergunta Malin.

— Como ele era? Não sei. As poucas vezes que estive aqui comigo, estava distraído, ausente. Tomava antidepressivos. Não falava muito. Parecia até querer ficar sozinho. Tentamos declará-lo pensionista doente, mas ele opunha-se firmemente. Achava, decerto, que seria internado em algum lugar. Vocês sabem, a esperança é a última que abandona os seres humanos.

— Nada mais? Alguma coisa sobre inimigos? Sobre pessoas que lhe eram hostis?

— Não, ninguém que eu saiba. Na realidade, parecia não ter amigos nem inimigos. Como disse...

— Nada mais? Tente se lembrar. — Era a voz insistente de Zeke.

— Sim, uma coisa. Ele queria saber de sua irmã. Mas isso não podíamos fazer. Quer dizer, não era uma coisa de nossa alçada pesquisar a situação de parentes por conta dele. Não acho que estivesse em condições de ousar, ele

próprio, entrar em contato com ela.

— Onde é que a irmã dele mora agora?

Rita Santesson indica a pasta sobre a mesa:

— Está tudo aí.

Depois, levanta-se e aponta para a porta.

— Vou receber um cliente dentro de um minuto. O refeitório fica no fundo do corredor. Se não tiverem mais nenhuma pergunta...

Malin olha para Zeke. Este abana a cabeça.

— Muito bem...

Malin se levanta, mas, antes:

— Tem certeza de que não existe mais nada que devemos saber?

— Nenhum assunto em que eu queira entrar.

Rita Santesson, de repente, parece encontrar novas forças no corpo. A tigresa doente é uma ditadora em sua jaula.

— Não quer entrar no assunto por quê? — ataca Zeke. — Ele foi assassinado. Ficou pendurado numa árvore como um negro linchado. E você não quer “entrar no assunto”?

— Nem mais uma palavra, obrigada.

Rita Santesson cerra ainda mais a boca, encolhe os ombros, o movimento faz todo o seu corpo tremer. “Você odeia os homens, não é verdade?”, pensa Malin, que, depois, pergunta:

— Com quem ele se encontrava antes de você?

— Isso eu não sei, mas deve estar escrito na pasta. Somos três aqui neste escritório. Começamos todas no ano passado.

— Pode me dar o nome das pessoas que serviam aqui antes?

— Pergunte na recepção. Lá, certamente, podem informar.

Um cheiro azedo de caféina queimada e de comida requeimada. Uma toalha florida sobre uma mesa em forma de elipse.

Leitura sombria. Os dois dividem o trabalho por turnos, um lê, outro faz as anotações.

Bengt Andersson. Entradas e saídas na psiquiatria, depressões, eremita, diversos assistentes, uma escada para a carreira dos funcionários do serviço social.

Um acontecimento estranho em 1997.

O tom nos relatórios muda.

Palavras como “solidão, paralelamente, procura de contatos” aparecem.

A assistente nesse período: Maria Murvall.

Surge, então, uma referência à irmã nas anotações. Maria Murvall escreve:

Bengt pergunta pela irmã. Fui ver nos arquivos. A irmã, Lotta, primeiro ficou numa casa de acolhimento, depois foi adotada por uma família em Jönköping. Novo nome:

Rebecka Stenlundh.

“Lotta se tornou Rebecka”, pensa Malin, “Andersson se transformou em Stenlundh.”

Rebecka Stenlundh troca de nome tal qual uma gata que alguém assume quando os antigos donos se cansam dela.

Nada mais sobre a irmã, a não ser: *Bengt tem medo de entrar em contato com a irmã*, um número, um endereço em Jönköping, escritos à mão, na margem.

Depois, uma reflexão impensável: *Por que me empenho tanto no caso?*

Maria Murvall.

“Conheço esse nome. Já ouvi esse nome antes.”

— Zeke, Maria Murvall. Não lhe parece um nome conhecido?

— Soa conhecido, sim, sem dúvida.

Novas palavras.

De bom humor. Depois de minhas visitas e de minha insistente reclamação, ele conseguiu tomar cuidado com a higiene e a arrumação. Atitude exemplar.

Depois, um final rápido.

Maria Murvall foi substituída, primeiro por Sofia Svensson, depois por Inga Kylborn e, em seguida, por Rita Santesson.

Todas fazem o mesmo julgamento: *Solitário, cansado, difícil fazer contato com ele.*

Última reunião, três meses antes. Nada de extraordinário nisso.

Deixam a pasta na recepção. Uma jovem de piercing no nariz e cabelos negros sorri para os dois e responde:

— É claro — quando lhe pedem os números de telefone das assistentes que trabalharam com Bengt Andersson.

Cinco nomes.

Dez minutos depois, a jovem lhes entrega a lista dos nomes e respectivos números.

— Por favor. Espero que a lista lhes seja útil.

Antes de sair, Zeke e Malin vestem casaco, luvas, gorro e cachecol.

Malin olha para o relógio na parede, do tipo institucional, ponteiros pretos sobre fundo branco.

Três e quinze da tarde.

O telefone de Zeke toca.

— Sim... Sim... Sim... Sim...

Com o telefone ainda na mão, Zeke diz:

— Era Sjöman. Ele quer fazer uma reunião agora, às quinze para as cinco, para uma atualização do caso.

— Aconteceu alguma coisa de novo?

— Sim, telefonou um velhinho da Faculdade de História da Universidade,

dizendo que tem uma teoria sobre o que poderia ter inspirado o assassinato.

Sven Sjöman respira fundo, enquanto dá uma olhada rápida para Karim Akbar, a seu lado e na frente do quadro branco, na sala de reuniões.

— *Midvinterblot*⁸ — diz ele fazendo uma longa pausa antes de continuar: — Segundo Johannes Söderkvist, professor de História na Universidade, *Midvinterblot* era, sem dúvida, uma espécie de ritual pelo qual, nos tempos antigos, o povo matava animais e os oferecia aos deuses. Penduravam-se os animais nas árvores, o que tem ligação clara com nosso caso.

— Mas, neste caso, trata-se de um homem — diz Johan Jakobsson.

— Eu ia falar disso. Houve vítimas humanas, também.

— Portanto, podemos estar diante de um assassinato ritualista, realizado por uma espécie atual da seita religiosa Asa — diz Karim. — Vamos trabalhar a partir dessa hipótese como uma de nossas teorias.

“Uma das nossas teorias?”, pensa Malin, imaginando já os títulos das matérias nos jornais: *Assassinato por seita! Ao que parece, pela Congregação da Fé Asa!*⁹

— Foi isso que eu disse — confirma Johan. — Havia um traço de procedimento ritualista neste caso.

Nada de sentido triunfalista na sua voz, apenas pura constatação.

— Conhecemos algumas dessas seitas? As seitas Asa?

Börje Svärd lança a pergunta para cima da mesa.

Zeke recosta-se na cadeira. Malin sente o ceticismo invadir todo o seu corpo.

— Por enquanto, não temos conhecimento de nenhuma dessas seitas — reage Sven. — Mas isso não significa que, por esse motivo, não existam.

— Se existem — diz Johan —, estão na internet.

— Mas será preciso ir tão longe? — atalha Börje. — Parece inacreditável.

— Existem coisas nesta comunidade em que não dá nem para acreditar — diz Karim. — Sinto como se já tivesse visto de tudo.

— Johan e Börje — diz Sven —, vocês assumem o inquérito sobre essa questão de sacrifícios e seitas na internet, e Malin e Zeke vão falar com o professor Söderkvist e procurar saber o que ele tem para nos dizer sobre o assunto. Ele vai estar à disposição de vocês esta noite na faculdade.

— Vamos a isso — diz Johan. — Posso trabalhar em casa esta noite. Acho que posso ir longe, bastando pesquisar em volta, nos diversos sites. A questão é saber se existe alguma coisa. Mas, a essa altura, temos de passar por cima dos direitos de autor.

— Passamos mesmo — salienta Karim. — Essa é uma questão de força maior.

— O melhor é não ter preconceitos em se tratando desse problema — diz Sven.

— Mais alguma coisa?

Era Karim falando, em tom de autossacrifício, mas também quase de brincadeira.

— O vidro da janela do apartamento dele foi mandado para análise no SKL — diz Malin. — Se possível, queremos saber como aquele buraco surgiu. Segundo Karin Johannison, suas bordas talvez nos deem alguma luz.

Karim acena, confirmando.

— Ótimo. Temos que procurar embaixo de cada pedra. Mais alguma coisa?

Malin relata o que ela e Zeke conseguiram durante o dia. Termina dizendo que, no carro, na viagem de volta do escritório da assistência social em Ljungsbro, ligou para três dos números da lista sem conseguir nenhuma resposta.

— Devíamos falar também com a irmã dele, que atualmente se chama Rebecka Stenlundh.

— Vão a Jönköping amanhã e tentem encontrá-la.

— Mas não esperem muita coisa — diz Sven. — Com essa movimentação que ela parece ter tido na vida, tudo pode ter acontecido.

— Vamos lá, força, força...

Johan Jakobsson está quase por cima dela e dá uma ajudazinha com os dedos por baixo da barra de pesos.

Setenta quilos.

Tanto quanto ela pesa. As costas bem coladas no banco, a barra que quer vir para baixo, para baixo, mais para baixo, pesada para burro, ela se sente quase esmagada pelo peso.

O suor escorre.

— Vamos lá, mais uma vez, para cima. Você quer dar uma de frangota?

Ela até lhe pediu para que a chamasse assim, de frangota, caso contrário nunca conseguiria. De início, ele ficou constrangido, ela notou, mas agora, não. Tornou-se uma coisa natural.

“...três vezes, quatro, cinco, força, e depois seis, sete, oito...”

A força que, apenas segundos antes, parecia tão viva, agora estava chegando ao fim.

A armação redonda do teto, lá em cima, explodia, a sala ficava mais branca, os músculos, cada vez mais fracos, não respondiam, estavam mudos. Só a voz de Johan:

— Força! Mais uma vez...

E Malin empurrava a barra de pesos para cima, esticando os braços, mas depois a barra vinha para baixo, na direção do pescoço.

Posta a barra no descanso, a pressão contra seu corpo acabou, a cor azul-clara das paredes surgiu de novo, assim como o amarelo do teto. Os aparelhos do ginásio estão numa cave sem janelas, sente-se o cheiro de suor.

Ela se levanta. Estão sozinhos na sala. A maioria dos outros policiais prefere treinar no centro da cidade. “Lá os aparelhos são melhores.”

Johan faz uma careta.

— A oitava vez parecia impossível — diz ele.

— Você não devia ajudar — diz Malin. — Eu ia conseguir sozinha...

— Teria cortado o pescoço, se eu esperasse um pouco mais.

— Agora é sua vez — diz Malin.

— Para mim, chega por hoje — responde Johan, tirando o agasalho Adidas do corpo todo suado. “Os filhos.”

— Agora, a culpa é dos filhos.

Johan solta uma gargalhada e vai embora.

— É apenas uma questão de treino, Malin. Nada mais.

Então, ela fica sozinha na sala.

Vai para a esteira. Acelera quase ao máximo. Corre, corre, até que tudo fica branco novamente, até que o mundo em volta desaparece.

A água bem quente do chuveiro cai sobre a pele.

Fecha os olhos, tudo escuro à sua volta.

A conversa com Tove algumas horas antes.

— Você não pode esquentar alguma coisa do congelador? Caso contrário, ainda há o resto do curry. Seu pai não comeu tudo.

— Está tudo bem, mãe. Vou dar um jeito.

— Vai estar em casa quando eu chegar?

— Talvez vá à casa da Lisa para estudar. Temos prova de geografia na quinta-feira.

“Estudar”, pensou Malin, “desde quando ela precisa fazer isso?”

— Poderei te fazer as perguntas, se você quiser.

— Não precisa.

Xampu nos cabelos, sabonete no corpo, nos peitos, sem uso.

Malin fecha a torneira da ducha, enxuga o corpo, deita a toalha na cesta de roupa suja antes de tirar a roupa limpa do armário. Veste-se, põe o agasalho Swatch amarelo e vermelho, presente de Tove no Natal. Sete e meia. Zeke deve estar à espera no carro, no estacionamento. É melhor se apressar. O professor que vai falar sobre os rituais certamente não quer esperar a noite inteira.

Avançam a passos rápidos entre as fachadas de placas avermelhadas. Debaixo de seus pés, range a mistura de areia com sal para derreter o gelo de que ainda se veem pedaços, aqui e ali. A passagem por entre os edifícios alongados, sem movimento naquela hora, cria uma espécie de túnel de vento gelado que se entranha nos ossos. As luminárias da rua, uma ou outra, chegam a estremecer.

A Universidade.

Como uma caixa retangular, uma cidade dentro da cidade, localizada entre o bairro Valla, um campo de golfe e o Mjärdevi Science Park.

— Não imaginava que o local do conhecimento pudesse parecer tão sinistro — diz Zeke.

— Não é sinistro — reage Malin. — Apenas severo.

Ela própria estudou ciências jurídicas em meio período, durante dois anos, com Tove em volta de suas pernas e Janne nas florestas ou em algum campo minado, só Deus sabe onde. “E ainda o serviço de patrulhamento, plantão noturno, sozinha, sozinha com você, Tove.”

— Você disse edifício C?

A letra C brilha sobre o portão de entrada mais próximo. A voz de Zeke, cheia de esperança:

— Sorry, é o edifício F.

— Puxa, como está frio.

— Cheira mal.

— E, no entanto, não existe cheiro nenhum.

Apenas uma luz ilumina uma das janelas do segundo andar do edifício F.

Como se fosse uma estrela aguardada num céu relutante.

— Ele informou que devíamos digitar B 3267 no portão e que, depois, digitaria outro número para nos deixar entrar.

— Você vai ter de tirar as luvas — diz Zeke.

Um minuto depois, os dois já estão dentro de um elevador, a caminho do professor Johannes Söderkvist cuja voz, um minuto antes, no interfone, soou completamente indefinida.

— É a polícia?

— Sim, inspetores Fors e Martinsson.

Ouviu-se um *zeeee* e depois, finalmente, o calor do aquecimento interno.

“O que eu estava esperando?”, pensa Malin na sala, ao se sentar numa cadeira desconfortável em frente ao professor. Um senhor rabugento de colete de lã? Um professor de História não pertence à categoria dos mais finos. Ela se sente insegura. Quem é esta pessoa?

É jovem. Não tem mais de 40 anos. Bom aspecto, talvez o queixo um pouco

delicado demais. Mas com as faces e uns olhos azuis e frios, não há nada de errado. “Olá, professor!”

Ele está sentado numa poltrona, levemente inclinado para trás, do outro lado de uma mesa de escritório, pedantemente bem-arrumada, com exceção, talvez, do pacote de biscoitos que está ao lado, em cima dela.

A sala deve ter uns dez metros quadrados. À volta, junto das paredes, prateleiras com livros e uma janela que dá para o campo de golfe, agora deserto e em silêncio.

Ele sorri, mas apenas com a boca e as faces, não com os olhos.

“Esconde uma das mãos”, pensa Malin, “aquela com a qual não nos cumprimentou. Esconde-a por baixo da mesa. Qual o motivo dessa atitude, professor Söderkvist?”

— O senhor tem algo a revelar para nós, não é verdade? — pergunta Zeke.

A sala cheira a material de limpeza.

— *Midvinterblot* — diz o professor, enquanto se inclina ainda mais para trás.

— Vocês sabem o que é?

— Vagamente — diz Malin.

Zeke abana a cabeça, negativamente, e faz sinal para o professor continuar.

— Um ritual pagão, uma coisa que os vikings costumavam fazer uma vez por ano, mais ou menos nesta época. Matavam-se animais e pessoas em oferendas aos deuses, a fim de alcançar a felicidade e o bem-estar. Ou como penitência. Para limpar o sangue. Para se reconciliar com os mortos. Nós não sabemos ao certo. A documentação confiável de que dispomos é muito escassa, mas podemos estar certos de que, entre as vítimas, havia seres humanos e animais.

— Vítimas humanas?

— Vítimas humanas, sim. E penduravam-se essas vítimas nas árvores, muitas vezes em lugares abertos, para que os deuses tivessem delas uma imagem clara. Pelo menos, é isso que supomos.

— E o senhor acha que o homem na árvore do bosque de Östgöta poderá ter sido vítima de um ato pagão, um *Midvinterblot* atual? — pergunta Malin.

— Não, não é isso que quero dizer.

O professor sorri.

— O que quero dizer é que, sem dúvida, existem semelhanças no cenário. Deixem que lhes conte uma coisa: existem lugares, jardins de cura e hotéis, neste país, em que se praticam atos pagãos inofensivos, nesta época do ano. Sem ligação direta com os aspectos mais obscuros desses atos, as pessoas organizam palestras a respeito da antiguidade nórdica e servem comidas que consideram originárias dessa época. Por motivos comerciais. Mas existem outras pessoas que talvez estejam interessadas nos aspectos menos saudáveis da época, por assim dizer.

— Por interesses menos saudáveis?

— Já encontrei dessas pessoas, por vezes, durante minhas palestras externas. Uma espécie de gente que tem dificuldade em conviver em nosso tempo e, por isso, se identifica mais com a história dos tempos antigos.

— Que vive no passado?

— Qualquer coisa nesse sentido.

— É da fé Asa que se trata?

— Eu não a chamaria assim. Nós falamos mais de história nórdica antiga.

— O senhor sabe onde se encontram essas pessoas?

— Não conheço nenhuma congregação em especial. Essas pessoas nunca representaram um ponto interessante para minhas pesquisas. Mas é certo que existem. É certo que esses tarados já foram escutar minhas palestras. Se fosse vocês, eu começaria por verificar na internet. Assim como vivem no passado, também são tecnicamente atualizados.

— De fato, o senhor não conhece nenhum desses grupos?

— Ninguém em especial. Em minhas palestras, a entrada é franca, não se faz nenhum registro dos participantes. É como ir ao cinema ou a um concerto. Chega-se, vê-se e ouve-se. E, depois, vai-se embora.

— Mas o senhor sabe que eles são tecnologicamente atualizados.

— Não são todos, hoje em dia?

— E nos seus cursos na Universidade?

— Aqui, eles nunca vêm. E o ato pagão do Meio do Inverno não chega a ser uma matéria importante em relação ao todo.

Nessa altura, o professor levanta a mão escondida por baixo da mesa, afaga a face, e Malin nota o ferimento em zigue-zague nas costas da mão.

O professor parece tomar consciência do que fez e enfia a mão, novamente, sob a mesa.

— O senhor se feriu?

— Sim, nós temos gatos em casa. Uma gata se assanhou durante uma brincadeira. Nós a levamos ao veterinário. Verificou-se que ela tem um tumor no cérebro.

— Lamento — diz Malin.

— Obrigado. Os gatos são como crianças para nós, Magnus e eu.

— Acha que ele mentiu sobre a mão?

Malin mal consegue ouvir a voz de Zeke, no túnel de vento entre os edifícios.

— Não sei — responde, gritando.

— Acha que devemos fazer uma verificação sobre ele?

— Vamos pedir a alguém para realizar uma pesquisa rápida sobre essa figura.

No momento em que Malin profere essas palavras, o telefone começa a tocar em seu bolso.

— Droga!

— Deixa tocar. Telefone de volta depois, quando entrarmos no carro.

Já passavam pelo McDonald's, no cruzamento de Ryd, quando Malin retornou o telefonema de Johan Jakobsson. Ela descarta a possibilidade de a mulher dele, eventualmente, estar pondo as crianças para dormir e que o toque do telefone possa prejudicar seu sono.

— Johan Jakobsson.

Barulho de crianças ao fundo.

— Aqui é Malin. No carro, com Zeke.

— Muito bem — diz Johan. — Não encontrei nenhuma seita na internet, mas a expressão *Midvinterblot* aparece em vários sites. Principalmente em anúncios de cursos organizados...

— Já sabemos disso. Mais alguma coisa?

— Era onde eu queria chegar. Além dos cursos, encontrei um site de um indivíduo que diz ser mágico, mas um mágico da arte existente na antiguidade nórdica, no tempo dos vikings. Nessa página, está escrito que, segundo a tradição dos vikings, o *Midvinterblot* era realizado, todos os anos, no mês de fevereiro.

— Sim, continuo escutando.

— Depois, entrei num grupo do Yahoo!, um blog, sobre magia viking.

— Um o quê?

— Um grupo na internet interessado em discutir sobre o assunto.

— Ok.

— O grupo não tem muitos membros, mas o indivíduo que organiza a discussão deu, como endereço de casa, uma rua perto de Maspelösa.

— Maspelösa?

— Isso mesmo, Fors. A uns cinco quilômetros apenas do local do crime.

— Vocês vão ouvi-lo ainda esta noite?

— Só porque ele tem um site na internet? Não, vamos esperar até amanhã.

— Mas isso não está certo!

— Certo ou errado, não sei. Mas, se for o caso, vocês podem ir lá agora, não?

— Podemos, sim, Johan.

— Malin, você está maluca. Vá para casa. Vá fazer companhia a Tove.

— Tem razão, Johan. Isso pode esperar. Vão vocês lá, amanhã.

A bancada da cozinha está fria, mas mais quente do que lá fora.

Magia.

A arte da magia na antiguidade nórdica, no tempo dos vikings.

Inexplicável até agora, um buraco no vidro.

Haverá ligação entre tudo isso?

A fé Asa.

Zeke começou a rir, mas, depois, seu rosto adotou uma expressão de incerteza, como se uma ideia tivesse atravessado sua mente: se foi possível pendurar um homem nu numa árvore, numa madrugada gelada de inverno, também podem existir tarados que vivem a vida segundo a mitologia nórdica.

Mas têm de seguir várias pistas ao mesmo tempo, sempre na esperança de encontrar alguma coisa de relevante. São muitos os inquéritos policiais que deram errado só porque os policiais se fecharam a novas informações ou, o que é ainda pior, se apaixonaram pelas próprias teorias.

Malin come dois sanduíches de pão com queijo magro antes de se sentar à mesa do escritório e começar a telefonar para as pessoas da lista que recebeu do serviço de assistência social em Ljungsbro.

O relógio no computador marcava nove horas e doze minutos da noite.

Um bilhete de Tove na entrada.

“Estou na casa da Filipa, estudando matemática. Temos prova amanhã. Volto o mais tardar às dez horas.”

“Matemática? Ela não disse antes geografia? Filipa?”

Ninguém atende em lugar nenhum. Deixa uma mensagem. Nome e número de telefone, assunto, “por favor, telefone para mim assim que ouvir esta mensagem”. Como é que esta gente está tão ocupada numa noite de segunda-feira? E por que não?

Teatro, cinema, algum concerto. Ciclos de estudo, treinos.

Tudo coisas que as pessoas fazem para manter o tédio a distância.

O número de Maria Murvall tem um sinal de advertência. A assinatura foi cancelada. As informações não indicam nenhum outro número.

Nove e meia.

Malin sente o cansaço no corpo por efeito do treino. Sente que as fibras dos músculos protestam à medida que aumentam de tamanho. Depois do encontro na Universidade, seu cérebro ficou embaralhado.

Será que a noite de sono vai ser tranquila? Nada afasta melhor os pesadelos do que o treino e a concentração, no entanto, ainda se sente inquieta e preocupada. A impossibilidade de ficar em casa, apesar do frio lá fora.

Levanta-se, veste um casaco, põe o coldre com a pistola por uma questão de hábito, deixa de novo o apartamento. Andando, sai pela Hamngatan, sobe até uma praça, a Filbyterorget, e continua em direção ao palácio e ao cemitério,¹⁰ onde as pedras das campas que estão cobertas de neve guardam os segredos dos respectivos proprietários. Malin olha para os memoriais. Costuma fazer isso de vez em quando: ver as flores quando as há, tentar sentir a presença dos mortos, ouvir suas vozes, fingir que é aquela que consegue suspender as dimensões da realidade, que é uma super-heróina, dotada de forças fantásticas.

O vento sopra.

As vibrações do frio.

Malin fica parada diante de um túmulo.

Os carvalhos balançam um pouco. Os ramos congelados deixam cair o que parece ser uma chuva de neve. Há pequenas velas que tremeluzem a seus pés, uma coroa de flores é um círculo escuro em campo de neve.

“Vocês estão aqui?”

Mas tudo é silêncio, vazio, quietude.

Eu estou aqui, Malin.

“O Gandula?”

A noite é terminantemente dura e fria, e Malin deixa o cemitério, sai andando ao longo do muro e, depois, por uma avenida, Vallavägen, até chegar à antiga torre de distribuição de água e ao hospital.

Passa pelo apartamento dos pais.

“Dê água às plantas...”

Há alguma coisa que não bate. Uma luz avermelhada está brilhando por uma das janelas do apartamento. Por que razão a luz está acesa?

“Nunca me esqueço de apagar as luzes.”

Sobe a escada de entrada. Mantém a luz acesa.

Pega o celular, digita o número dos pais. Quem quer que esteja lá em cima deve ficar confuso, mas, antes de fazer a ligação, ela se lembra de que os pais suspenderam a assinatura do telefone.

Resolve não subir de elevador.

Sobe os três lances de escada tão silenciosamente quanto pode, com suas botas Caterpillar. Sente o suor brotar nas costas.

A porta não está forçada, não há nenhuma marca visível.

Malin encosta o ouvido. Escuta. Nada. Olha pela faixa da caixa do correio. A luz parece vir da cozinha.

Pressiona a maçaneta da porta para baixo.

“Será que devo pegar na pistola? Não.”

A porta range ao abrir, vozes abafadas vêm do quarto dos pais.

As vozes calam-se. Em vez disso, corpos em movimento. Será que eles me ouviram?

Malin decide entrar, passa rápido pelo corredor em direção ao quarto dos pais.

Abre a porta.

Tove está deitada sobre a colcha verde da cama. “Eu mesma.” Tove enfia desajeitadamente o jeans, tenta abotoá-lo, mas os dedos não obedecem.

— Mamãe!

Ao lado, na cama, um rapaz alto, magro, de cabelos longos, tenta vestir uma camiseta escura, com as palavras hard rock. Sua pele é anormalmente branca, como se nunca tivesse apanhado sol na vida.

— Mamãe, eu...

— Nem uma palavra, Tove, nem uma palavra.

— Eu... — diz o rapaz, com uma voz que mal consegue sair da garganta. — Eu...

— E você também, fique calado. Calados os dois. E vistam-se.

— Nós já estamos vestidos, mamãe.

— Tove! Eu estou avisando!

Malin sai do quarto, fecha a porta e grita:

— Quando estiverem prontos, saiam daí.

Quer gritar uma porção de coisas, mas o quê? Não consegue gritar: “Tove, você cometeu um erro, um preservativo que se rompe, e acontece a mesma coisa que aconteceu comigo. É isso? Acha que é divertido ser mãe adolescente, mesmo que você ame sua criança?”

Escutam-se sussurros e risadinhas no quarto.

Dois minutos depois, os dois saem. Malin espera-os na entrada, aponta para as poltronas no salão.

— Tove, você se senta aqui, e você, quem é?

“Bonito”, pensa Malin. “Mas, minha Nossa Senhora, não tem mais de 14 anos. E Tove, Tove, você ainda é uma menina.”

— Eu sou Markus — diz o rapaz pálido, afastando o cabelo dos olhos.

— Meu namorado — exclama Tove, da poltrona.

— Até aí já entendi — responde Malin. — Não sou idiota.

— Eu estudo na Escola Ånestad — diz Markus. — Nós nos conhecemos numa festa, faz algumas semanas.

“Que festa? Tove já foi a alguma festa?”

— Você tem sobrenome, Markus?

— Stenvinkel.

— Já pode ir embora, Markus. Vamos ver se nos encontraremos novamente.

— Posso me despedir de Tove?

— Vista o casaco e vá embora.

— Mãe, eu, de fato, estou apaixonada por ele.

A porta da frente bate, enquanto Tove diz estas palavras:

— O relacionamento entre nós já é um pouco sério.

Malin se senta no sofá em frente ao de Tove. Em volta, o salão está escuro.

Ela fecha os olhos, suspira.

Depois, surge a raiva de novo.

— Apaixonada? Você tem apenas 13 anos, Tove. O que é que entende disso?

— Provavelmente, tanto quanto você.

A raiva desaparece tão rápido quanto chegou.

— Estudar na casa da Filippa? Tove, você se sentiu obrigada a mentir?

— Achei que você ficaria zangada.

— Por que ficaria? Por você querer ter um namorado?

— Não, por sair sem dizer nada. E por ter de dizer que viríamos aqui. E, ainda, por ter de dizer que eu tenho aquilo que você não tem, um namorado.

Essas últimas palavras acertam Malin diretamente, como um soco no estômago. Ela não esperava isso. Contém-se. Resolve pensar.

— Você tem de tomar cuidado, Tove. Podem advir problemas enormes de uma situação como essa.

— Era disso que eu estava com medo, mãe, que você visse apenas os problemas. Acha que sou idiota a ponto de não perceber que o papai e você me tiveram por uma questão de acaso, de algo que deu errado? Quem é tão estúpida a ponto de ter uma criança tão cedo? Tão inábil assim, eu não sou.

— O que está dizendo, Tove? Você não veio por engano. O que a levou a dizer uma coisa dessas?

— Eu sei, mãe. Mas já tenho 13 anos, e as adolescentes de 13 anos já têm namorado.

— Cinema com Sara, estudo com Filipa... Como é que se pode ser tão idiota? Há quanto tempo vocês andam juntos?

— Vai fazer quase um mês.

— Um mês?

— Não é nada estranho que você não tenha notado algo.

— Mas por quê?

— O que acha, mamãe?

— Não sei, não. Diga para mim, Tove.

Tove não responde à pergunta. Mas diz:

— Ele se chama Stenvinkel. Markus Stenvinkel.

Depois, ficam as duas em silêncio, no escuro.

Pela janela, a noite de inverno lá fora umas vezes melhora, outras, piora.

— Markus Stenvinkel — ri Malin, finalmente. — Que garotão. Sabe o que fazem os pais dele?

— São médicos.

“Ótimo.”

A ideia surge na mente de Malin, sem querer.

— Muito bonito — diz Malin.

— Não se preocupe, mamãe. Aliás, estou com fome — diz Tove.

— Pizza? — pergunta Malin, batendo com as mãos em seus joelhos. — Comi apenas sanduíches com queijo esta noite.

O restaurante Shalom, na Trädgårdsgatan, tem as maiores pizzas da cidade, com o mais saboroso purê de tomate, e a decoração mais feia: paredes de gesso com ninfas pintadas por amadores e mesas de plástico do tipo que se usa ao ar livre durante o verão.

As duas compartilham um calzone.

— Seu pai sabe?

— Não.

— Ok.

— Como assim?

Malin bebe um gole da sua Coca-Cola.

O telefone dela toca de novo.

É Daniel Högfeldt no visor.

Ela hesita, não atende.

— O papai?

— Sinto que foi importante para você não contar nada para seu pai, nem para mim.

Tove fica pensativa. Pega mais um pedaço de calzone, antes de falar:

— Estranho.

Um tubo de luz cintila por cima da cabeça delas.

“Pode-se jogar no amor, Tove”, pensa Malin. “Pode-se jogar e perder tudo.”

Passa um pouco da meia-noite.

Daniel Högfeldt pressiona o botão que abre o portão do *Correspondenten*. O portão sobe, fazendo uma chiadeira irritante. Ele está satisfeito, trabalhou bem.

Olha para baixo, pela Hamngatan, e ao mesmo tempo respira fundo, sorvendo o ar gelado da madrugada.

Telefonou para Malin. Para fazer uma pergunta sobre o caso e para fazer outra pergunta... É... O que era exatamente que ele queria lhe perguntar?

Apesar de seu casacão fechado até o pescoço, bastam alguns segundos para o frio se entranhar pelo tecido.

Vai rápido para casa, para a Linnégatan.

Perto da Igreja de São Lourenço, ele levanta os olhos para a janela escura do apartamento de Malin, pensa em seu rosto e em seus olhos e no pouco que sabe sobre ela. E pensa também no que representa para ela: um jornalista muito ativo, inteligente, quase diabólico, um porco chauvinista com um enorme encanto e irresistível *sex appeal*. Um corpo que funciona muito bem, quando o corpo da parceira quer receber o que é seu.

Fazer amor.

Violento ou suave.

Mas há que fazer amor.

Ele passa pela loja da H&M e pensa a distância no último ato. Fazer amor não é uma coisa que você ou eu fazemos por fazer. É uma essência estranha que vem do corpo e flutua acima do prazer.

A conversa hoje que veio de Estocolmo.

Lisonjas e carícias. A promessa.

Daniel não ficou surpreso.

“Será que já estou preparado para frequentar aquele buraco em Estocolmo?”

A primeira página do *Correspondenten* encontra-se no chão molhado, quando Malin, de banho tomado e roupa limpa, caminha para a cozinha, pela manhã, de pernas ainda bambas, inseguras, sem muita flexibilidade.

Apesar do escuro, pôde ler o título da matéria que, no estilo jornalístico dos tabloides, leva a assinatura inimitável de Daniel:

A polícia suspeita de crime ritualista.

“Mais um furo, Daniel. Você deve estar satisfeito.”

Uma imagem de arquivo de Karim Akbar, uma declaração feita pelo telefone, altas horas da noite: “Não posso confirmar nem desmentir que nós, no momento, estamos investigando certos sites secretos na internet e certos seguidores da fé Asa”.

“Sites secretos? Seguidores da fé Asa?”

Daniel entrevistou o professor Söderkvist, que confessou ter sido ouvido pela polícia para dar informações sobre o ritual de que havia falado antes, durante o dia.

Depois, uma cópia da página principal de um site sobre a fé Asa e a foto 3 x 4 de certo Rickard Skoglöf, morador de Maspelösa, apontado como a figura central da congregação Asa. *Rickard Skoglöf não foi encontrado ontem à noite para comentar.*

Um quadro com informativos sobre o *Midvinterblot*.

E nada mais.

Malin redobra o jornal, deixa-o em cima da mesa da cozinha e prepara uma xícara grande de café.

O corpo. Os músculos e os tendões, as pernas e as articulações. Tudo dói.

De repente, buzina da rua.

“Zeke. Já está aí?”

— Jönköping. Saímos cedo.

As últimas palavras de Zeke antes de deixá-la em frente ao apartamento.

O relógio da rede de móveis Ikea indica quinze para as sete.

“Sou eu que estou atrasada. O que este inverno está fazendo comigo?”

Zeke ao volante no Volvo verde. Ombros doloridos, mãos pendentes. Música coral alemã em dó menor enche o carro, e ambos estão cansados. A estrada E4 atravessa campos gelados da paisagem plana.

Objetos de ornamentação, um shopping alegre, antes da cidade de Mantorp, a excursão favorita para Tove, um pesadelo para Malin. Depois, as cidades de Mjölby, Gränna, o lago Vättern como uma faixa de planura branca, diante de um horizonte de tonalidades cinzentas que se confunde com outras tonalidades cinzentas de outro horizonte e formam uma imagem de gelo e escuridão, de eterna falta de luz.

A voz de Zeke serve como libertação, voz alta para se sobrepor à música:

— O que você acha da antiguidade nórdica?

— Karim pareceu de certa maneira positivo.

— Mr. Akbar. O que é que sabe um chefe de polícia, frangote como ele só, a respeito de alguma coisa?

— Zeke, ele não é tão ruim assim.

— Não, até aceito isso. Mr. Akbar tem de dar a impressão de que estamos chegando a alguma solução para o caso. E os buracos na janela, você achou alguma coisa de novo a respeito deles durante o sono?

— Não faço ideia nenhuma. Talvez sejam uma saída para alguma coisa, não sei o quê.

E Malin pensa que está tudo na mesma. Como acontece em todas as grandes investigações, talvez a provável solução esteja escondida bem pertinho, a seus pés. Mas ainda é inatingível, insuspeita.

— Quando é que Karin vai estar pronta com sua perícia da janela?

— Hoje ou amanhã.

— Mais uma coisa — diz Zeke em seguida. — Quanto mais penso no Gandula pendurado na árvore, mais me convengo de que, de certa forma, tudo se trata de feitiçaria.

— Também já senti o mesmo — diz Malin. — Resta ver se tem alguma ligação com a fé Asa ou qualquer outra coisa semelhante.

Malin toca a campainha do apartamento de Rebecka Stenlundh, que mora no segundo andar de um prédio de telhado amarelo, num monte, ao sul da cidade de Jönköping.

O apartamento deve ter uma vista fantástica. E, no verão, os arredores devem ficar verdejantes e bem arborizados, com todos os vidoeiros em flor. Até mesmo a garagem, um pouco abaixo no caminho, parece bem agradável, com o portão pintado de laranja, e rodeada de muitos arbustos.

O lar de Rebecka Stenlundh está situado numa área meio indistinta. Não é bonito, mas agradável. Um local onde as crianças podem crescer de forma ordenada.

Por perto, nada de áreas sociais ocupadas por imigrantes. Antes um lugar em que as pessoas podem viver sem ser notadas, suas vidas compartilhadas por poucos e com boa saúde. Um ambiente no meio de um ponto central do país, uma linha saudável no centro de perplexidade geral. Malin sempre fica surpresa cada vez que se depara com um ambiente desses, surpresa com sua existência hoje em dia. A felicidade no país do bem-estar social. Até em matéria de balanços: 2,3 para cada criança.

Nada de resposta, não atende.

Passa um pouco das nove horas, deviam ter telefonado antes informando que chegariam, mas será que ela ao menos sabe o que aconteceu com o irmão?

— Não, vamos chegar lá sem avisar.

Palavras de Zeke.

— Podemos chegar lá e surpreendê-la com a notícia da morte do irmão.

— Será que ela não foi informada antes de seu nome se tornar público?

— Na época, ninguém sabia que ele tinha uma irmã, e já há muito tempo os jornais deixaram de se referir a detalhes tão complexos.

Malin toca a campainha uma segunda vez.

Ruído na fechadura da vizinha.

O rosto de uma velhota, amistosa, sorridente.

— Procuram por Rebecka?

— Sim, somos da polícia de Linköping — diz Malin. E Zeke mostra seu distintivo.

— Da polícia? Oh, meu Deus! — A velhota pestaneja, cheia de medo. — Ela, certamente, não fez nada de mau, não? Jamais poderia pensar uma coisa dessas.

— Nada disso — diz Zeke, com a voz mais calma possível. — Queremos apenas falar com ela.

— Ela trabalha lá no hipermercado Ica. Tentem lá. É a superintendente. Loja mais bonita e fina não existe. É o que posso dizer a vocês, inspetores. E deviam se encontrar com o filho dela também. Um rapaz mais fino do que ele nunca se viu. Ele me ajuda numa coisa ou outra.

Justo no momento em que estão entrando na loja do Ica, com as portas se abrindo automaticamente, toca o telefone de Zeke.

Malin para a seu lado, escuta o que ele diz, vê como enrugando a testa.

— Sim, sim, então, está correto.

Zeke desliga.

— Encontraram no arquivo a pasta do caso com o machado — diz ele. — Está correto aquilo que o velhote contou a você. Lotta, ou Rebecka, viu tudo. Ela tinha, então, oito anos de idade.

Verduras e frutas bem alinhadas e um aroma de alimentos que faz Malin sentir fome. Cartazes com uma tipografia bonita, luzes em todos os cantos, indicando: **AQUI É TUDO LIMPO.**

“A velhota tinha razão”, pensa Malin. Nada de alimentos mal dispostos, apenas a vontade de dar às pessoas um pouco de respeitabilidade no dia a dia. Parece que alguém se esforça um pouco mais em favor dos outros. A consideração pelos outros deve ser um bom negócio. Aqui, todos voltam.

Uma mulher de meia-idade no caixa, cabelos louros, bem encaracolados, de permanente feita.

Rebecka?

A voz de Zeke:

— Desculpe, procuramos por Rebecka Stenlundh.

— A chefe. Tentem encontrá-la por ali, no balcão das carnes. Ela está remarcando os preços.

No balcão das carnes está uma mulher baixa e agachada, cabelos escuros por baixo de uma rede, as costas parecem arqueadas, bata branca com o logotipo vermelho do Ica.

“Parece se esconder por dentro da bata”, pensa Malin, “exatamente como se alguém pudesse vir e atacá-la pelas costas, exatamente como se todo mundo lhe

quisesse fazer mal, e ela nunca pudesse deixar de estar suficientemente alerta.”

— Rebecka Stenlundh? — pergunta Malin.

A mulher gira sobre os sapatos. Um rosto agradável surge: traços suaves, olhos castanhos com mil tonalidades de amizade, faces com pele que rebrilha de saúde, levemente bronzeada.

Rebecka Stenlundh olha para os dois.

Uma das sobrancelhas se levanta um pouco, as contrações fazem seus olhos brilharem, claros e puros.

— Eu já esperava que vocês viessem — disse ela, em seguida.

— Será que ele está à nossa espera?

Johan Jakobsson deixou que suas palavras pairassem no ar, no momento em que já estavam a caminho do sítio.

— Com certeza — diz Börje Svärd, abrindo as narinas de tal maneira que os pelos castanhos do bigode chegaram a vibrar. — Ele sabe que estamos chegando.

Três casas de pedra cinzenta no campo aberto de Östgöta, a alguns quilômetros de uma pequena cidade ainda sonolenta, Maspelösa. As casas parecem quase sufocadas debaixo de tanta neve, que chega até as janelas muito pequenas e baixas. O telhado de palha quase afunda sob o peso da neve branca, mas há luz na casa da esquerda. Uma garagem recém-construída, com arbustos de ambos os lados, foi erguida, espremida entre dois carvalhos.

Apenas uma falha: “Maspelösa nunca chega a acordar”, pensa Johan.

Alguns sítios maiores, umas cinquenta casas e prédios pequenos construídos em local aberto, uma das comunidades nos campos suecos em que a vida parece ter ficado para trás.

Param, saem do carro, batem à porta.

Da casa em frente ouve-se um mugido. Depois, o som de alguma coisa batendo no metal. Börje vira-se.

Nessa altura, abre-se uma porta baixa, que range.

De dentro da casa e do escuro, surge uma cabeça abundantemente coberta de cabelos.

— Porra, quem são vocês?

A barba crescida ao acaso parece brotar de todo o rosto, mas os olhos azuis, assim como o nariz, se destacam, estão alerta.

— Johan Jakobsson e Börje Svärd, da polícia de Linköping. Podemos entrar? Suponho que você seja Rickard Skoglöf.

O homem confirma.

— Primeiro, a identificação.

Para cumprir a exigência, eles são obrigados a enfiar as mãos nos bolsos, mas antes têm de tirar as luvas, desabotoar os casacos e procurar seus distintivos.

— Está satisfeito agora? — indaga Börje.

Rickard Skoglöf faz um gesto com um dos braços e abre a porta com o outro.

— A gente já nasce com determinado talento. Já vem entranhado na carne quando se chega à nossa dimensão.

A voz de Rickard Skoglöf é tão clara como o gelo.

Johan esfrega os olhos, observa à sua volta naquela que é a cozinha da casa. O teto é baixo. A bancada de lavar louça está abarrotada de pratos sujos e caixas de pizza. Nas paredes, imagens de Stonehenge, de sinais relativos à antiguidade

nórdica. E as roupas de Skoglöf: calça claramente feita em casa, de lona escura, e um tipo de capa, de tecido ainda mais negro, que desce solta sobre sua barriga bem avantajada.

— Talento?

Johan escuta como a pergunta de Börje soa hesitante.

— Sim, o poder de ver, de influenciar.

— Feitiçaria?

A casa está fria.

Um antigo sítio do século XVIII que, segundo o próprio Rickard Skoglöf, foi renovado: “A renovação ficou barata, mas como demorou”.

— Feitiçaria é o nome. Mas é preciso ter cuidado na utilização dessa força. Ela pode tirar tantas vidas quanto aquelas que pode dar.

— E qual é a razão de existir um site na internet a respeito de seu feitiço?

— Meu site. Em nossa cultura, nossa verdadeira origem se perdeu. Mas existem meus camaradas.

Rickard Skoglöf se abaixa e entra na outra divisão da casa. Os dois vão atrás dele.

Um sofá bem velho, encostado numa parede. E um monitor gigantesco de computador em cima de uma mesa de escritório, com tampo de vidro, brilhante, duas CPUs ligadas e, atrás da mesa, uma moderna cadeira de escritório, revestida de couro escuro.

— Camaradas? — indaga Johan.

— Certas pessoas estão interessadas em feitiçaria e em nossos antepassados nórdicos.

— E vocês fazem reuniões regularmente?

— Várias vezes por ano. Entretanto, mantemos contato no fórum de discussões e por meio de mensagens via internet.

— Vocês, quantos são?

Rickard Skoglöf suspira. Depois, endireita-se e olha para eles.

— Se quiserem falar mais sobre o assunto, me sigam até o estábulo. Tenho de dar comida a Särinner e aos outros.

As galinhas cacarejando correm de um lado para o outro num ambiente ainda mais frio, com as paredes meio sujas. A um canto, um par de esquis novos, do tipo para andar longas distâncias sobre a neve.

— Você gosta de esquiar? — pergunta Johan.

— Não, eu não.

— No entanto, tem aqui um par de esquis novos.

Rickard Skoglöf não responde. Em vez disso, segue em frente, na direção de seus animais.

— Puxa, aqui dentro a temperatura deve ser negativa — diz Börje. — Seus

animais vão congelar.

— Não há nenhum risco — afirma Rickard Skoglöf, enquanto atira a ração de um balde para as galinhas.

Há dois currais junto de uma das paredes.

Um porco preto, bem gordo, em um. Uma vaca marrom, com manchas brancas, no outro. Ambos os animais estão comendo. O porco grunhe feliz diante das maçãs que acaba de receber.

— Se acham que vou dar o nome dos camaradas que costumam comparecer às reuniões, estão bem enganados. Vão ter de encontrá-los por seus próprios meios. Mas não vai dar em nada.

— Como sabe? — pergunta Johan.

— São apenas jovens inofensivos e velhos sem vida própria que estão interessados no assunto.

— E você, também não tem nenhuma vida própria?

Rickard Skoglöf faz um gesto na direção dos animais:

— Este sítio e aqueles amigos ali representam mais vida do que muitos têm.

— Não era a isso que me referia.

— Tenho talento — diz Rickard Skoglöf.

— E qual é, concretamente, esse talento, esse dom?

Börje olha, fixamente, para aquele homem de cabelos longos na sua frente.

Rickard Skoglöf larga o balde de ração no chão. Ao levantar a cabeça de novo e olhar os dois homens, sua expressão é de total desprezo. E desconsidera a pergunta com um gesto de mão.

— Quer dizer que a força do feiticeiro pode tirar e dar vida — diz Johan. — É por isso que vocês fazem oferendas?

Rickard Skoglöf fica com uma expressão ainda mais cansada.

— Ah, já entendi — acrescenta ele. — Vocês acham que fui eu quem pendurou Bengt Andersson na árvore. Parece que nem o jornalista que esteve aqui acreditou nisso.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Se eu faço oferendas? Sim, faço. Mas não da forma que vocês acreditam.

— E qual é a forma em que nós devemos acreditar?

— Que eu mato animais. Ou talvez seres humanos. Mas é o gesto que conta. A vontade de dar. Tempo, frutas. A união dos corpos.

— União dos corpos?

— Sim, o ato pode ser de uma oferenda, de uma entrega. Se a gente se abre.

Johan pensa: “Como eu e a minha mulher fazemos de três em três semanas? É isso que você quer dizer?”. Em vez disso, pergunta:

— O que fez na noite de quarta para quinta-feira?

— Devem perguntar isso à minha namorada — diz Rickard Skoglöf. —

Agora, os animais estão satisfeitos, passam bem. Aguentam um pouco de frio.

Não são tão fracos como muitos outros.

Ao sair da casa e voltar ao ar livre, os dois policiais se deparam com uma jovem descalça na neve com os braços levantados para os lados. O frio parece não a incomodar. Está apenas de calcinha e camisa de dormir. Levanta a cabeça para o céu, de olhos fechados, e os cabelos negros caem-lhe pelas costas como uma longa sombra, em contraste com a pele muito branca.

— Esta é Valkyria — diz Rickard Skoglöf. — Valkyria Karlsson. Meditação matinal.

Johan repara como Börje perde o bom humor.

— Valkyria! — grita ele. — Valkyria, está na hora de parar com essa brincadeira. Nós queremos falar com você.

— Börje, você precisa gritar? Porra!

— Pode gritar — diz Rickard Skoglöf. — Não vai ajudar em nada. Ela estará pronta dentro de dez minutos. Não adianta tentar interrompê-la. Podemos esperar na cozinha.

E eles passam ao lado de Valkyria.

Seus olhos castanhos agora estão abertos. Mas não veem nada. “Ela está a milhões de quilômetros de distância”, pensa Johan. Depois, imagina-a ainda no ato, o da entrega, de se abrir para qualquer um, qualquer coisa.

A pele de Valkyria Karlsson está cor-de-rosa por causa do frio, os dedos quase congelados. Segura uma xícara de chá bem quente e leva-a até o nariz para sentir o aroma.

Rickard Skoglöf está sentado à mesa, com cara de divertido, parece gozar com a situação difícil para os dois policiais.

— O que você fez ontem à noite? — pergunta Börje.

— Fomos ao cinema — responde Rickard Skoglöf.

Valkyria Karlsson baixa a xícara de chá.

— O novo *Harry Potter* — informa ela, com voz suave. — Disparates divertidos.

— Algum de vocês conheceu Bengt Andersson?

Valkyria abana a cabeça. Depois, olha para Rickard.

— Antes de ler nos jornais, nunca ouvi falar dele. Tenho um talento. E é tudo.

— E na noite de quarta-feira, o que vocês fizeram?

— Fizemos oferendas.

— Entregamo-nos aqui em casa — murmura Valkyria, enquanto Johan olha para os seios dela, a um tempo pesados e leves, seios que desafiam a força da gravidade, balançando por baixo da camisa de dormir.

— Portanto, não conhecem ninguém que possa ter feito isso? — indaga Börje.

— Por motivos pagãos, pode-se dizer...

Rickard Skoglöf solta uma gargalhada. Depois, diz:

— Está na hora de vocês irem embora.

O refeitório da loja do Ica é muito aconchegante, chão encerado e uma iluminação indireta, suave, alaranjada. O aroma de café feito na hora se alastra pela sala, e a torta toscana adere, agradavelmente, aos dentes.

Rebecka Stenlundh está sentada em frente a Malin e Zeke, os três a uma mesa de tampo laminado, cinzento.

“Com esta iluminação, parece mais velha do que é”, pensa Malin. De algum modo, a luz e as sombras fazem sobressair as rugas que lhe acentuam a idade. Mas em algum lugar as consequências de tudo o que ela passou deviam se alojar. Ninguém consegue passar por isso sem ficar com marcas.

— A loja não é minha — diz Rebecka. — Se é que pensaram isso. Mas o dono deixa que eu faça como quero. Somos a loja desse tamanho que mais lucro dá à empresa em toda a Suécia.

— *Retail is detail* — diz Zeke. — Ou seja, como dizem os ingleses, o varejista tem de ser detalhista.

— Exatamente — replica Rebecka, enquanto Malin baixa os olhos para a mesa.

Depois, Rebecka faz uma pausa.

“Agora, ela se concentra”, pensa Malin. “Vai respirar fundo, bem fundo, preparando-se para contar sua história.

“Você nunca desiste, nunca se deixa dobrar, Rebecka. Não é verdade? Como consegue isso? Como se mantém sempre em seu curso?”

E, então, ela começa a falar:

— Decidi que devia enfrentar tudo lá em casa, com a mamãe e o papai, tendo sempre meu irmão Bengt por trás, para me defender. Decidi que era maior do que as coisas que aconteciam. Embora muitas vezes odiasse meu pai, compreendi uma vez, ao completar 22 anos, que ele não podia ser dono de mim, nem tinha direito à minha vida. Eu corria para os braços de todos os rapazes errados, bebia, fumava, cheirava pó, comia demais, mas treinava muito até o corpo não aguentar mais. Ia acabar chegando à heroína, se não tomasse uma decisão. Não podia continuar mais a me zangar, a ter medo, a ficar triste. Isso acabaria com minha vida.

— Você tomou uma decisão, assim, sem mais nem menos?

Malin surpreende-se diante do jeito como as palavras saem de sua boca, como se fossem palavras de raiva, de inveja.

Rebecka recosta-se na cadeira.

— Desculpe — diz Malin. — Não quis ser agressiva.

Rebecka cerra os dentes e morde os lábios antes de continuar:

— Acho que não existe outra maneira de se comportar. Apenas isso. Tomei uma decisão, prezada Malin. Se me perguntarem, eu direi que é a única forma.

— E com seus pais adotivos, como foi? — pergunta Zeke.

— Desisti da convivência com eles. Fazem parte de minha vida passada.

“Seja qual for o lugar a que este caso nos leve”, pensa Malin, “sempre terá a ver com uma lógica errada dos sentimentos, a lógica que leva alguém a torturar outra pessoa, a pendurá-la, nua, numa árvore, no meio da natureza, no frio gelado de um inverno.”

Rebecka volta a morder os lábios, mas depois relaxa os músculos do rosto.

— Foi injusto, claro. Eu sei. Nada de errado com eles, mas era um caso de vida ou morte. E eu me sentia na obrigação de seguir em frente.

“Apenas isso”, pensa Malin. “O que foi mesmo que T. S. Eliot escreveu?

“Not with a bang, but a whimper.” [11](#)

— Você tem família?

“Pergunta certa”, pensa Malin. “Mas estou perguntando por um motivo errado.”

— Um filho. Demorou um bocado antes de eu decidir ter uma criança. O menino tem agora oito anos e é para ele que eu vivo. Você tem filhos?

Malin acena que sim:

— Uma filha.

— Então você sabe. Seja lá o que possa acontecer, nós existimos para eles e por causa deles.

— E o pai?

— Estamos separados. Ele me deu uma bofetada uma vez, mais por engano, acho eu, uma mão que voou por acaso depois de uma festa de lagostins de água doce, em agosto, mas foi o suficiente.

— Você mantinha algum contato com Bengt?

— Com meu irmão? Não, nenhum.

— Será que ele tentou entrar em contato com você?

— Sim, ele me telefonou uma vez. Mas eu desliguei ao saber de quem se tratava. Existia um antes e um depois. E de modo algum os dois podiam se encontrar. Egoísmo, talvez?

— Por princípio, não?

— Mais ou menos uma semana mais tarde, depois do telefonema dele, ligou uma assistente social. Maria, acho que se chamava assim. Ela pediu que eu falasse com Bengt, mesmo que não fosse para nos encontrarmos. Falou das depressões dele, de sua solidão, parecia realmente se importar com ele. Vocês entendem?

— E o que aconteceu depois?

— Eu pedi a ela para nunca mais me telefonar.

— Uma pergunta, uma pergunta dura — diz Malin: — Seu pai chegou a assediá-la sexualmente? Ou o Bengt?

Rebecka Stenlundh permanece estranhamente calma.

— Não, nunca aconteceu isso. Refleti várias vezes sobre o assunto, se sofri algum constrangimento. Mas não, nunca.

Em seguida, um longo silêncio.

— Mas, afinal, de verdade, o que é que eu sei?

Zeke molha os lábios.

— Você sabe se Bengt tinha alguns inimigos? Se há alguma outra coisa que nos possa interessar?

Rebecka Stenlundh abana a cabeça.

— Vi a fotografia no jornal. Senti que tudo me dizia respeito, quer eu quisesse, quer não. Não se pode evitar, não é verdade? Por mais que se faça, sempre se está ligada ao passado, não é assim? É como se estivesse presa a um poste com uma corda. Uma pessoa pode se mexer, mas jamais consegue se soltar.

— Você parece se dar muito bem, está ótima — diz Malin.

— Ele era meu irmão. Vocês deviam ter ouvido a voz dele ao telefone. Soou como se fosse a pessoa mais sozinha do mundo. E eu fechei-lhe a porta na cara.

Uma voz no alto-falante.

“Chamando Rebecka ao caixa, chamando Rebecka ao caixa.”

— O que você fez na noite de quarta-feira?

— Estava com meu filho no Egito, em Hurghada.

“Por isso o bronzado da pele”, pensou Malin.

— Comprei barato as passagens, *last minute*, no dia anterior. O frio me deixa louca. Voltamos na sexta-feira passada.

Malin bebe o resto de seu café, levanta-se.

— Acho que é tudo — diz ela. E repete: — Acho que é tudo.

Se a perdoei, irmã?

Nada começou, nem terminou com você. Portanto, na realidade, o que existe para perdoar?

Ponha suas mãos alinhadas, eduque seu filho com a educação que nós nunca tivemos. Dedique a ele seu amor. Remarque suas carnes com amor.

Eu não posso tomar conta de você. Mas posso flutuar e vê-la, não importa o lugar para onde você fuja.

Graças a Maria Murvall, eu passei a comer os sanduíches rústicos à moda de Skogsholm, tal como o salame, tal como a manteiga sem sal. Eu me lavei como ela disse para eu me lavar, engomei minhas calças, escutei o que ela ordenava, acreditei nas teorias dela acerca de respeitabilidade. Mas que tipo de respeitabilidade houve na floresta?

Limpeza?

Clareza?

Você devia flutuar comigo, Maria, em vez de ficar sentada onde está.

Ou não?

Será que não devíamos todos flutuar, deslizar adiante como o Volvo verde, lá embaixo, na estrada?

Huskvarna, a famosa marca de eletrodomésticos.

Cortadores de grama e encaminhadores de alces. Espingardas de chumbinho para todos os tipos de caça e um ser sobrenatural, um elfo feito de fósforos de madeira, que fica a mirar o lago Vättern. Foi nessas águas que John Bauer¹² se afogou quando o barco em que viajava afundou. Nenhum mágico conseguiu salvá-lo. Será que ele descansa agora em alguma de suas densas florestas?

Nada de música dentro do carro. Malin recusou-se. E o barulho engasgado do motor a fez se lembrar de ligar o celular.

A caixa postal liga logo de volta.

“Você tem uma nova mensagem...”

“Aqui é Ebba Nilsson. Assistente social. Você me procurou ontem à noite. Estarei em casa a manhã toda. Poderá me telefonar de volta.”

Disca o número.

Um, dois, três toques.

Nada de atender, nem agora? Ah, sim.

— Sim, alô, com quem estou falando?

Voz guinchada, como se a gordura pressionasse as cordas vocais. Malin vê Ebba Nilsson diante de si: uma dama baixa e redonda perto da aposentadoria.

— É Malin Fors, da polícia de Linköping. Já ligamos uma para a outra.

Silêncio.

— E o que é que a polícia quer?

— Bengt Andersson. Você foi assistente dele durante um período.

— Correto.

— E já sabe o que aconteceu?

— Isso eu não pude evitar.

— Pode contar alguma coisa a respeito de Bengt?

— Receio que muito pouco — diz Ebba Nilsson. — Infelizmente. Durante o tempo em que trabalhei em Ljungsbro, ele me visitou apenas uma vez. Falou muito pouco, mas não era de admirar. Não levava uma vida fácil... E era isso que se via nele.

— Tem alguma coisa de que se lembre e nos possa interessar?

— Na verdade, acho que não, mas a moça que me substituiu teve um bom contato com ele. Foi o que ouvi dizer.

— Maria Murvall?

— Isso mesmo.

— Nós já tentamos entrar em contato com ela. Mas o número que temos só dá sinal de inexistente. Você sabe onde poderemos encontrá-la agora?

Novo silêncio na linha.

— Minha querida — diz Ebba Nilsson, por fim.

— Perdão?

Zeke desvia os olhos da estrada e encara Malin.

— Você ia dizer qualquer coisa.

— Maria Murvall foi violentada numa floresta perto de Hultsjön alguns anos atrás. Não se lembram?

Rita Santesson:

— Não quero falar disso.

Maria.

Murvall.

O nome não me é desconhecido.

“Um caso da polícia de Motala. Agora me lembro. Devia ter ligado uma coisa a outra.”

Maria Murvall.

“Ela era a única que se importava com você, Bengt? Até mesmo sua irmã lhe virou as costas.”

A lógica dos sentimentos.

Os flocos de neve dançam por cima da pista.

“Ela era a única que se importava com você, Bengt? E foi estuprada.”

FLORESTA DE HULTSJÖN, FINAL DO OUTONO, 2001

O que você está fazendo aqui na floresta sozinha?

Assim, já tão tarde, minha jovem?

Não há cogumelos nesta época do ano, e também já é tarde demais para encontrar amoras.

Está escurecendo.

Os troncos das árvores, arbustos, os ramos, as coroas das árvores, as folhas, o musgo e os vermes. Tudo se prepara para a dominação mais interior, para hibernar.

Assassinos de crianças. Estupradores. É um homem? São vários? Alguma mulher, mulheres?

Eles a seguem, escondidos, quando você anda pela floresta, assobiando. Os olhos. Eles a veem. Mas você não os vê.

Ou talvez eles esperem, um pouco mais adiante. Os olhos?

A escuridão desce agora mais rápido, mas você não fica com medo, pode andar por essa trilha de olhos fechados, orientando-se com a ajuda do olfato.

As cobras, as aranhas, folhas apodrecendo.

Um alce?

Um veado?

Você se vira, a tranquilidade, o silêncio se abate sobre a floresta.

Vá em frente. Seu carro a espera, mas só na estrada. Em breve, você vai ver Hultsjön se empertigar na derradeira luz do dia.

Depois, só escuridão.

Som de passos na trilha atrás de você.

Alguém passa uma rasteira nela, a pressão sobre seu corpo, suas costas contra o chão molhado, alguém que respira, um hálito doce e quente em seu pescoço. Tantas mãos, tanta força.

Não importa o que você faça. Os movimentos de cobra, as pernas de aranha, tudo sobe por suas roupas, as raízes negras da árvore provocam seu grito, prendem-na para sempre ao silêncio da terra.

Os vermes sobem por suas coxas, por baixo da roupa, abrem as garras, castigam sua pele e atacam seu interior.

Quão imperfeito e duro é o tronco de uma árvore?

Carne, pele e sangue. Quão duro?

Não.

Assim não.

Ninguém escuta seus gritos na vegetação escura. E, se escutassem, viriam?

Ninguém ouve.

Não há salvação.

Apenas umidade, o frio e as dores, a incondicional dureza arde dentro de você,
despedaçando tudo dentro do seu eu.

Silenciosa para sempre.

Dormir, sonhar, acordar.

O hálito doce é o ar que você respira na noite, na floresta. Corpo nu, corpo
ensanguentado, condenado a vaguear pela orla da floresta, à volta de Hultsjön.

Você deve ter andado muito.

Você respira. O frio da noite fugiu em pânico quando chegou à estrada,
rastejando. Os faróis do carro.

Você andou muito.

A luz aumenta, cega, corrói.

É a morte que está chegando? O mal?

De novo?

Ele veio ontem, a passos rápidos, correndo, como se tivesse ficado escondido
atrás de um arbusto espinhoso.

— Maria Murvall.

Zeke deixa deslizar os dedos pelo volante.

— Eu sabia que já tinha ouvido falar desse nome. Droga. Eu e os nomes. Foi ela a mulher estuprada perto do Hultsjön há quatro anos. Um caso muito ruim.

— Caso da polícia de Motala.

— Exatamente na fronteira dos municípios. Por isso, eles assumiram o caso. Encontraram-na vagueando numa estrada, quase a cinco quilômetros do local onde tudo aconteceu. Foi um motorista de caminhão com cascalho que a encontrou numa pequena cidade perto de Tjällmo. Ela estava retalhada. E também cheia de nódoas negras.

— E nunca apanharam o autor.

— Não, se é que não foi uma autora. Acho, inclusive, que foi espalhado um cartaz de “procurado”. Eles encontraram as roupas dela e o lugar onde aconteceu o crime, mas nada mais.

Malin fecha os olhos.

Escuta o barulho do motor.

“Um homem pendurado numa árvore.

“A assistente social que tratava dele, violentada quatro anos antes.

Encontrada vagueando na estrada.

“Kalle da Curva. O pai decrépito, maluco. *Karlakarlen*. Homem macho.

“E tudo surge separado na investigação, mas, de certa maneira, forma um conjunto de circunstâncias.

“Uma coincidência?

“Teste da teoria.”

— Bengt Andersson. Ele deve ter sido ouvido na investigação. Caso ela tenha se preocupado tanto com ele como todos dizem.

— Certamente — diz Zeke, enquanto aponta para um carro pelo qual passaram. — Estou pensando em comprar um Seat daqueles. A empresa Seat foi comprada pela Volkswagen.

“Já sei”, pensa Malin. “Janne disse isso umas dez vezes quando começou a colecionar carros.”

— Não está satisfeito com seu carro?

— Murvall — diz Zeke. — O nome não apareceu também em outras circunstâncias?

Malin acena com a cabeça. Não sabe.

— Eu e os nomes, Malin — diz Zeke.

— Vou telefonar para Sjöman e pedir que consiga da polícia de Motala toda a papelada sobre a investigação. Lá em Motala, Nordström vai mandar tudo imediatamente.

Justo no momento em que entram pela rampa da garagem do departamento, telefona a terceira assistente social da lista, aquela que assumiu o lugar de Maria Murvall.

— Horrível, o que aconteceu. Repulsivo. Bengt Andersson estava deprimido, falava pouco, durante uma reunião só dizia: “Qual é a importância da limpeza? Qual é a importância da limpeza?”. Para ser sincera, nunca associei isso ao estupro. Mas talvez tenha alguma coisa a ver, não sei. Mas o autor do crime? Bengt Andersson? Ele não era de fazer uma coisa dessas. Qualquer mulher sente isso logo.

Malin sai do carro, o rosto se contrai numa careta involuntária, assim que o frio dos graus negativos lhe bate na pele.

— De qualquer forma, nunca cheguei a entrar na vida dele como Maria Murvall fez. Ao que parece, Maria se preocupou com ele para além do que o serviço exigia, tinha certa inclinação por ele. Era quase como se fosse uma irmã mais velha, pelo que pude entender.

Os dois entram no departamento.

Sjöman está junto da mesa de Malin, acena com um lote de fotocópias passadas por fax.

O colega de Motala, ao que parece, não precisou ser pressionado.

Sven Sjöman fala rápido, excitado. Malin e Zeke estão a seu lado. Malin chega a pensar em lhe dizer para se acalmar, para tomar cuidado com o coração.

— Bengt Andersson esteve entre as pessoas que foram ouvidas pela polícia de Motala no caso do estupro de Maria Murvall. Não deu nenhum alibi para aquela noite, mas nada foi encontrado no local do crime, nem qualquer coisa que o apontasse como o autor. Foi apenas um dos 25 assistidos por Maria Murvall ouvidos sobre o caso. Uma leitura realmente chocante — diz Sjöman, apontando com a papelada para Zeke.

— A realidade sempre ultrapassa a ficção — diz Zeke.

— Ela foi... Quero dizer, ela é irmã dos chamados irmãos Murvall — continua Sjöman. — Um bando de idiotas do campo que causaram problemas. Ainda que tudo tenha acontecido há muito tempo.

— Os Murvalls! Eu sabia... — diz Zeke.

— Deve ter acontecido antes de meu tempo — diz Malin.

— Rufiões — diz Zeke. — Tipos realmente virulentos.

— Ao que parece, foram encontradas roupas na floresta e conseguiram-se amostras de DNA correspondentes às deles, mas não o suficiente para incriminá-los.

— No corpo dela?

— Chovia nessa noite — diz Sjöman. — A água limpou tudo, e, ao que parece, o estupro foi realizado com um pedaço de galho de árvore. Ela ficou toda

ferida e arranhada por dentro... É o que está escrito aqui. Não se sabe se ela também foi penetrada de algum outro modo. Não foi possível comprovar.

Malin sente a dor.

Levanta a palma das mãos para Sjöman.

Pensa: “Já chega!

“Maria Murvall.

“O anjo dos solitários.

“Que encontro de amor você enfrentou...”

Malin escuta as palavras dentro de si. Quer chicotear-se até ficar roxa. “Nada de ser cínica, Fors, nada de ser cínica, cinismo nunca... Será que já sou? Cínica?”

— Ela nunca mais foi a mesma — continua Sjöman. — Segundo as últimas informações, antes de o caso ter sido arquivado, acabou por entrar em uma espécie de estado psicótico. Ao que se sabe, está agora num departamento fechado do hospital de Vadstena. Esse é o endereço aqui anotado.

— Já foi verificado? — pergunta Malin.

— Ainda não, mas isso é fácil — diz Zeke.

— Se algum médico quiser se opor, dizemos que isso é prioridade absoluta da polícia.

— Recebemos também uma mensagem de Karin — diz Sven —, de que vai ter alguma informação no final da tarde a respeito dos buracos na janela.

— Ótimo. Certamente, ela vai telefonar assim que chegar a uma conclusão — diz Malin, que pergunta: — Como estão os estudos sobre a antiguidade nórdica?

— Börje e Johan continuam a trabalhar nesse assunto. Já ouviram um tal de Rickard Skoglöf e sua namorada, Valkyria Karlsson, enquanto vocês estiveram em Jönköping. E vão em frente.

— O interrogatório deu algum resultado?

— Nunca se sabe — diz Sjöman. — Se escutarmos como deve ser, talvez as pessoas digam mais do que elas próprias sabem. Estamos conferindo agora suas declarações.

A voz de uma médica do outro lado da linha.

— Sim, temos aqui uma Maria Murvall. Vocês podem vir falar com ela, mas de preferência que não sejam homens e em número o menor possível. Ah, sim, é você mesma que vem, parece ótimo.

Depois, uma longa pausa.

— Mas não espere que Maria vá falar muita coisa.

A chamada de Karin Johannison chega quando Malin acabara de se sentar no carro e de girar a chave de ignição.

— Malin? É Karin. Acho que já sei o que ocasionou os buracos no vidro da janela.

Malin deixa-se afundar no assento frio. Em apenas alguns segundos, sente que o vento gelado entra no carro e fica à espera que o ar quente vindo do motor se espalhe logo.

— Sorry, queria apenas ligar o motor. E o que encontrou?

— Posso dizer com toda a segurança que o buraco não foi causado por cascalho ou pedra; nesse caso, seus limites não seriam tão perfeitos. O buraco provocou, além disso, rachaduras muito grandes em comparação com seu tamanho, portanto, acho impossível que alguém do lado de fora tenha atirado qualquer coisa contra a janela.

— O que você quer dizer?

— O buraco foi provocado por uma bala, Malin.

Tiro em cheio.

Uma nova porta se abre.

— Tem certeza?

— Tanta certeza quanto é possível. O disparo deve ter sido feito com uma arma de pequeno calibre. Também não existem traços de fuligem ou pólvora no buraco, mas isso seria uma raridade acontecer quando se trata de vidro. A arma, de fato, pode ser uma espingarda de ar comprimido.

Malin fica em silêncio, os pensamentos lhe passam voando pela mente.

“Arma de pequeno calibre.

“Será que alguém tentou atirar em Bengt Andersson?

“Espingarda de ar comprimido.

“Uma brincadeira infantil.

“Os peritos não encontraram nada de anormal no apartamento de Bengt Andersson. Nenhuma marca de tiro em seu corpo.”

— Mas, então, devem ter sido balas de borracha. Será que esse tipo de munição poderia ter causado alguns dos ferimentos em Bengt?

— Não. Essas balas provocam uma espécie diferente de sangramento. Eu teria notado.

Barulho de motor.

Malin, sozinha, no carro, a caminho de uma mulher violentada e muda.

— Malin, por que você ficou em silêncio? Ainda está aí? — A voz é de Karin, ainda no telefone. — Parou para conversar mais?

— Não parei, não — responde Malin. — Estou apenas refletindo. Será que você poderia voltar ao apartamento de Bengt Andersson e ver se encontra algo

de novo? Leve Zeke junto.

Karin suspira, mas diz:

— Eu sei o que devo procurar, Malin. Confie em mim.

— Você vai informar Sven Sjöman?

— Ele já deve ter recebido meu e-mail.

“O que eu, nós, ainda não vimos?”, pensa Malin, enquanto pisa fundo no acelerador.

“Uma detetive”, pensa a médica-chefe Charlotta Niima. “Ela deve ter dez anos menos do que eu. E como olha para nós, como se quisesse nos atravessar com o olhar. Alerta, mas, ao mesmo tempo, cansada, como se quisesse entrar de férias e abandonar tudo o que diz respeito ao frio. O mesmo parece acontecer com seu corpo, atlético, mas um pouco lento nos movimentos, como que hesitante, diante de minha pessoa. Esconde-se por trás de sua objetividade.

“Ela é amorosa, mas, certamente, odeia essa palavra. E por trás desse olhar perscrutador? O que vejo nele? Tristeza? Mas deve ter a ver com seu trabalho. O que deve ver por aí? Exatamente como eu. Trata-se de saber dividir os ambientes, ligar e desligar como se fosse um aparelho qualquer.”

Os óculos de armação escura fazem Charlotta Niima parecer muito rígida, mas, ao lado das ondulações artificialmente grandes de seus cabelos ruivos, esses óculos lhe dão uma vaga aparência de loucura.

“Talvez seja preciso ser um pouco louca para poder trabalhar com os loucos, não?”, pensa Malin. “Ou será preciso ser completamente sã?”

Existe algo de masculinidade na postura da médica Niima, como se ela usasse, talvez, a doença de seus pacientes para manter sua própria tendência anormal sob controle.

Preconceitos.

O hospital está instalado em três edifícios da década de 1950, devidamente pintados de branco, num campo cercado em um dos extremos da cidade de Vadstena. Através da janela da sala da dra. Niima, Malin consegue ver o lago Vättern, quase completamente gelado, até o fundo onde nadam peixes entorpecidos que tentam romper com seus corpos a massa viscosa e traiçoeira. E onde, dali a pouco, não poderão nem respirar.

À esquerda, para lá da cerca, pode ver ainda o muro vermelho do Convento de Vadstena.

Birgitta. Rezas. Santas. A vida em conventos.

Malin viajou sozinha. Conversa de mulher para mulher. Zeke não protestou.

O antigo manicômio, muito conhecido naquelas paragens como uma espécie de lixeira para impenitentes, foi reconstruído e transformado em moradias. Malin passou por elas ao atravessar a cidade. As fachadas brancas do manicômio

estavam cinzentas, e o parque que o circundava exibia seus troncos escuros e desfolhados, que escutavam, durante a noite, os gritos abafados de mil doentes mentais.

“Como é que se pode escolher viver numa casa dessas?”

— Maria já está aqui há quase cinco anos. Nunca falou com ninguém durante esse tempo?

A voz de Niima, simpática, íntima, mas mantendo distância.

Uma voz sem rosto, sem palavras.

— Maria não expressa nenhum desejo.

— Ela cuida de si?

— Sim, ela se lava e come. Vai ao banheiro. Mas não fala com ninguém e se recusa a sair de seu quarto. No primeiro ano, mantivemos vigilância sobre ela, tentou se enforcar no cano de aquecimento várias vezes. Mas agora, pelo que posso imaginar, já perdeu essa intenção suicida.

— Ela conseguiria morar num apartamento fora do manicômio? Com algum tipo de apoio?

— Quando tentamos tirá-la do quarto, ela sofre câibras. Nunca vi nada semelhante. Em nossa opinião, é totalmente incapaz de viver lá fora, em sociedade. Parece ver todo o seu corpo como uma prótese, uma substituição de alguma coisa que se perdeu. É metódica em relação a sua higiene diária, veste as roupas que nós lhe damos para vestir.

A dra. Niima faz uma pausa antes de continuar:

— E come três refeições por dia, mas não muito, não aumenta de peso. Controle total. Mas não temos nenhum contato com ela. Nossas palavras, nós mesmos, é como se não existíssemos. As pessoas gravemente autistas apresentam sintomas semelhantes.

— Remédios?

— Tentamos. Mas nenhuma de nossas chaves químicas conseguiu suplantar e abrir as fechaduras de Maria Murvall.

— E qual é a razão de nenhum homem poder se aproximar dela?

— Ela sofre as mesmas câibras. Nem sempre, mas por vezes. De quando em quando, seus irmãos vêm visitá-la. Sem problemas. Os irmãos não são homens.

— Alguns visitantes mais?

A dra. Niima acena com a cabeça, negativamente.

— A mãe dela prefere ficar afastada. O pai morreu há muito tempo.

— E os ferimentos físicos?

— Esses cicatrizaram. Mas fomos obrigados a operá-la para retirar o útero. Aquelas coisas que enfiaram nela lá na floresta causaram danos permanentes.

— Ela tem dores?

— Dores físicas? Acredito que não.

— Terapia?

— A senhora precisa compreender uma coisa, inspetora Fors. É quase impossível fazer terapia com uma pessoa que não quer falar. O silêncio é a arma mais eficiente da alma.

— Quer dizer que ela se mantém firme em si mesma por meio do silêncio?

— Sim. Se falasse, estaria fora de si.

— É aqui que Maria vive.

A funcionária abre, cautelosamente, a porta, a terceira de sete portas no mesmo corredor do segundo andar do edifício. Os tubos de luz branca no teto se espelham no chão de linóleo, e de um dos quartos se ouvem alguns gemidos fracos. Usa-se outro material de limpeza por aqui, em comparação com o que se utiliza nos lares para idosos. É um material mais perfumado. Erva-limão. Exatamente o mesmo usado no spa do Hotel Ekoxen.

— Deixe que eu entre primeiro e diga quem está chegando.

Através da pequena abertura da porta, Malin escuta a voz da funcionária. É como se estivesse falando com uma criança.

— É uma moça da polícia que está aqui para falar com você. Está bem?

Resposta nenhuma.

A empregada volta ao corredor.

— Você pode entrar agora.

Malin abre a porta por completo, passa por um pequeno hall, onde há outra, meio aberta, que dá para o banheiro.

Em cima de uma mesa, vê-se uma bandeja ainda com alguns restos de comida. Há uma televisão em cima de uma bancada, um tapete no chão, feito com pedaços de panos azuis e verdes e, nas paredes, algumas ilustrações penduradas, com motivos de motocicletas e carros de corrida.

E sentada na cama, a um dos cantos do quarto, Maria Murvall. Seu corpo parece não existir. Toda ela é apenas um rosto que desaparece por trás de mechas de cabelos louros, bem penteados.

“Você se parece muito comigo”, pensa Malin, “muito mesmo.”

A mulher na cama não reage nem um pouco à entrada de Malin no quarto. Está sentada, quieta, só com as pernas balançando à beira da cama, para cima e para o chão, os pés revestidos com meias amarelas, a cabeça inclinada para a frente. Os olhos estão abertos, mas o olhar vazio, estranhamente claro, está fixo em algum lugar, no ar que enche o quarto.

A neve cai em cascata contra o vidro da janela. Recomeçou a nevar. Com isso, talvez a temperatura suba alguns graus.

— Meu nome é Malin Fors. Trabalho como detetive da polícia de Linköping.

Nenhuma reação.

Apenas quietude e silêncio no corpo de Maria Murvall.

— Está frio lá fora. E venta também — diz Malin.

“Idiota.

“Falar por falar.

“É melhor ir direto ao assunto. Ou vai ou racha.”

— Um de seus assistidos na secretaria social de Ljungsbro foi assassinado.

Maria Murvall pestaneja, mas fica na mesma posição.

— Bengt Andersson. Foi encontrado pendurado numa árvore, completamente nu.

Ela respira fundo. Pestaneja de novo.

— Foi com Bengt que você se encontrou na floresta?

Um pé se mexe por dentro da meia de algodão amarelo.

— Pelo que entendi, você ajudou muito Bengt. Esforçou-se bastante para que ele vivesse o melhor possível. Confere?

Nova cascata de neve fina.

— Por que razão se importava tanto com ele? Por que ele era especial? Ou você se comportava da mesma maneira com todos?

As palavras ditas em silêncio:

“Vá-se embora. Não venha aqui com suas perguntas, não entende que eu morro um pouco ao ouvi-las? Ou pelo contrário. Sou obrigada a viver se responder. Eu respiro, sim, mas isso é tudo. E o que significa respirar?”

— Você sabe alguma coisa sobre Bengt Andersson que nos possa ajudar?

“Por que devo continuar com esta cena? Você sabe?”

Maria Murvall levanta as pernas do chão, muda a posição do corpo, leve como uma pena, se deita na cama, os olhos seguindo o movimento do corpo.

Exatamente como um animal.

“Conte o que você sabe, use as palavras.

“Um veado preto numa floresta. O mesmo homem que passou num campo coberto de neve?”

“Talvez?”

“Não.

“Ou ainda?”

Enfim:

— Qual motivo você acha que alguém teria para pendurar Bengt Andersson numa árvore no meio do prado de Östgöta no inverno mais frio de que há memória?

“Por quê, Maria? Será que ele ainda não tinha sofrido bastante?”

“E quem atirou no vidro da janela no apartamento dele?”

Maria fecha os olhos. Abre-os novamente. Continua a respirar, resignadamente, como se respirar ou não respirar já há muito tempo tivesse perdido seu significado. Como se tudo já não tivesse a mínima importância.

“Você está tentando me consolar?”

“O que você vê que os outros não veem, Maria? O que você ouve?”

— Bonitas ilustrações — diz Malin, antes de sair do quarto.

No corredor, Malin retém a funcionária que passava com toalhas de banho nos braços.

— As ilustrações nas paredes parecem ficar deslocadas no ambiente. Foram os irmãos que as puseram lá?

— Sim. Acham, certamente, que isso a faz se lembrar do lar em que viveu.

— Os irmãos vêm aqui com frequência?

— Apenas um deles. O mais jovem, Adam. Vem de vez em quando. De certa forma, parece ter até a consciência pesada pelo fato de ela estar aqui.

— A dra. Niima disse que são vários os irmãos que aqui vêm.

— Não, apenas um. Tenho certeza.

— Os dois mantinham algum contato especialmente bom?

— Isso eu não sei. Mas talvez, já que é ele que sempre vem. Uma vez, veio outro, mas não aguentou nem entrar no quarto. Disse que o quarto era muito pequeno, muito fechado e que ele não se dava bem com isso. Era exatamente como estar dentro de um guarda-roupa. Foi assim que se expressou. Depois, foi embora.

- *Você está aí, Bengt?*
- *Estou aqui, sim, Maria. Você me vê?*
- *Não, não posso vê-lo, mas posso ouvi-lo, flutuando.*
- *E eu que pensava que minha flutuação era feita sem ruídos.*
- *É silenciosa, também. Mas, você sabe, eu ouço coisas que os outros não ouvem.*
- *Ficou com medo?*
- *Você ficou?*
- *Acho que sim, mas pouco depois a gente compreende que não vale a pena ter medo, o que não impede de o medo voltar. Não é verdade? Claro que é.*
- *Sim.*
- *Não está tarde demais para você, Maria? Não da mesma maneira que é para mim.*
- *Não diga isso.*
- *É tudo a mesma coisa.*
- *Cheira a solidão aqui. É você ou sou eu?*
- *Quer dizer, aroma de maçãs? Não é de nenhum de nós. É de alguém, sim, mas não de nós.*
- *Quem será?*
- *Eles, elas, ele, ela, todos nós.*
- *Quem atirou em sua janela?*
- *Lembro-me de que, quando cheguei em casa, muito, muito tarde, vi o buraco. Eu sabia que era um buraco de tiro.*
- *Mas quem atirou?*
- *Acho que todos atiraram.*
- *Eram vários?*
- *Se nós estamos todos juntos, então, somos sempre vários, Maria.*

Zeke está três metros atrás de Karin Johannison, na porta, entre a cozinha e a sala de estar, no apartamento de Bengt Andersson. O casaco fechado, o aquecimento rebaixado para um mínimo, apenas o suficiente para que a água não congele e a tubulação não arrebente. Isso já aconteceu em vários lugares da cidade durante este inverno, atingindo um máximo na época do Natal, quando os bonitões foram passear na Tailândia e em outros lugares, deixando seus aquecedores desligados. De repente, bum! Explosão dos canos, a água escorrendo e produzindo estragos.

“E agora meus prêmios de seguro vão aumentar”, pensa Zeke.

Karin se abaixa, fica de joelhos no chão, inclina-se sobre o sofá e examina com uma pinça um buraco no estofado.

Zeke não sabe como ajudar, mas, quando se inclina para a frente desse modo, assim por trás, até que ela é tolerável, para não dizer atraente. Até provocativa.

Sem dúvida.

Na viagem de carro, ficaram em silêncio. Zeke deixou claro, com todo o seu corpo, que não estava para conversas. E Karin se concentrou, então, no caminho, mas sempre dando a entender que queria falar, que tinha esperado uma oportunidade para ficar sozinha com ele.

O buraco em que Karin procura está em linha reta com o buraco na janela, mas, de qualquer forma, o tiro poderia ter vindo de qualquer lugar.

Vira para lá, puxa para cá, e a mão de Karin segura alguma coisa. Ela diz:

— Muito bem, muito bem! — e eleva a pinça, triunfalmente.

Ela se vira, avança a pinça na direção dele e afirma:

— Se procurar um pouco mais, prometo que vou encontrar mais um par destas belezas.

Malin está na cozinha de seu apartamento. Tenta afastar da mente a imagem de Maria Murvall deitada na cama do quarto triste do manicômio.

— Continuem, você e Zeke, na linha de Murvall. Mas, se a pista da fé Asa exigir muito trabalho, vamos pôr mais gente ao lado de vocês.

Numa reunião, ao repassar as atividades realizadas até a visita a Maria Murvall, a voz de Karim Akbar refletia a ideia de que fora ele o autor de todas as manobras. Era ótimo, no entanto, verificar que todo o trabalho se concentrava nele.

Sven Sjöman:

— Vamos ter de levantar os registros criminais dos irmãos Murvall. E vocês, Börje e Johan, continuem na pista da fé Asa. Revirem todas as pedras rúnicas do país. E vamos ter de ouvir de novo os vizinhos de Bengt Andersson, a fim de saber se viram ou ouviram alguma coisa de extraordinário, agora que sabemos que o buraco no vidro da janela foi feito por um tiro.

Balas de borracha.

Três balas verdes foram encontradas no sofá por Karin e Zeke.

Provavelmente, uma para cada buraco no vidro da janela. O tamanho certo para servir numa arma de pequeno calibre. Poderia ser uma arma de salão de tiro.

Balas de borracha.

“Duras demais para ser brincadeira de criança. Mas talvez uma coisa não tão séria assim. Provavelmente, só para causar dores. Sofrimento. Precisamente como quando Bengt foi torturado.”

Balas de borracha.

Segundo Karin, era impossível dizer que tipo de arma foi usado.

Karin:

— Os relevos e sulcos do cano na borracha não são suficientemente evidentes. A borracha é mais flexível do que o metal.

Malin deita um pouco de vinho tinto no guisado que prepara no fogo.

Johan Jakobsson:

— Interrogamos alguns fanáticos da fé Asa na área de Kinda. Pelo que pudemos apurar, eram todos inofensivos. Digamos que eram pessoas *interessadas em História*. O professor da Universidade deve ser uma das pessoas mais excitadas em aparecer na mídia que já encontrei. E parece estar completamente limpo. O namorado, Magnus Djupholm, confirmou o incidente com os gatos.

Excitado pela mídia. Faz qualquer coisa para aparecer nos jornais.

A ideia fez com que Karim Akbar levantasse as sobancelhas, como se ele se sentisse atacado, de repente, por um instinto doentio.

E fez com que Malin sorrisse, dissimuladamente.

Johan trouxe consigo para a reunião exemplares dos jornais *Aftonbladet* e *Expressen*. Nada de especial. Apenas páginas inteiras com uma grande fotografia do professor, “perito em rituais da antiguidade nórdica”, que descreveu como o ritual pagão *Midvinterblot* acontecia. E dando a entender que esse ritual ainda se realiza hoje em dia.

Sven ficou em silêncio durante quase toda a reunião.

Malin mexe o ensopado no fogo, mais uma vez, e aspira o aroma da pimenta branca e da folha de louro.

O assassinato que investigam desaparece das mentes da sociedade. Novos assassinatos aconteceram, novos escândalos ocorreram com pessoas que sempre aparecem na televisão, jogadas políticas, bactérias assassinas na Tailândia.

“Quanto vale um corpo pendurado numa árvore quando deixa de ser ‘novo’? Gandula, você não é mais um caso atual.”

Abrem a porta da frente.

Tove.

— Mamãe, você está em casa?

— Estou na cozinha.

— Fez comida? Estou com fome.

— Strogonoff de carne.

As faces de Tove estão rosadas, bonitas. As faces mais bonitas do mundo.

— Encontrei-me com Markus. Fomos tomar café na casa dele.

Uma mansão enorme no bairro dos médicos em Ramshäll. O pai é cirurgião, um dos que vestem batas brancas e verdes. A mãe é médica na clínica de otorrinolaringologia. Casal habilitado em medicina. Uma combinação habitual na cidade.

Toca o telefone.

— Atenda você — diz Malin.

— Não, atenda você.

Malin atende o telefone no aparelho pendurado na parede.

— Malin, aqui é o pai. Como vocês estão?

— Bem. Mas está frio. Já dei água para as flores.

— Não é por isso que estou telefonando. Está tudo em ordem?

— Já respondi. Está tudo bem.

— Continua o frio aí na Suécia, não? A TV Suécia, na programação internacional, diz que as tubulações estão estourando nos apartamentos em Estocolmo.

— Aqui, em Linköping, também acontece o mesmo.

“Ele está escondendo alguma coisa”, pensa Malin. “Gostaria de saber se vai conseguir abordar o assunto.”

— O senhor quer saber alguma coisa de especial, papai?

— É apenas que eu... Não, é melhor falar disso em outra ocasião.

“Não consegui pedir. Não consegui.”

— Como queira, papai.

— A Tove está aí?

— Acaba de entrar no banheiro.

— Tudo bem, não era nada de importante. Qualquer coisa, a gente se fala.

Adeus.

Malin fica com o telefone na mão. Ninguém consegue terminar uma conversa tão abruptamente no telefone como o pai. Num momento, está lá, no segundo seguinte, já não está.

Tove volta à cozinha.

— Quem era?

— Seu avô. Estava um pouco estranho.

Tove se senta à mesa, olha pela janela.

— Todas as roupas que uma pessoa precisa vestir nesta época do ano. As pessoas ficam feias — diz ela. — As pessoas parecem gordas.

— Sabe de uma coisa? — diz Malin. — Tem comida suficiente para Janne. Vamos telefonar e ver se ele está com vontade de vir aqui comer?

Um desejo repentino de se encontrar com ele. De se aconchegar com alguém. Senti-lo. Apenas isso.

Tove fica feliz.

— Telefone para ele — diz Malin. E Tove perde o sorriso tão rápido quanto surgiu.

— Isso é uma coisa que você deve fazer, mamãe.

Um toque, dois, três, quatro, cinco. Ninguém atende.

Talvez esteja de plantão nos bombeiros.

Nos bombeiros, a telefonista avisa:

— Hoje é dia de folga dele.

Celular.

Uma mensagem de Janne: “Olá, você ligou para Janne. Deixe uma mensagem depois do bipe, e eu retornarei a chamada mais tarde”.

Malin não deixou mensagem nenhuma.

- Conseguiu falar com ele?
— Não.
— Então, vamos comer nós duas, mamãe.

Tove dorme em sua cama.

Faltam quinze minutos para a meia-noite. Malin ainda está acordada, sentada no sofá.

Levanta-se, dá uma olhadela no quarto de Tove, admira o corpo perfeito de sua menina por baixo do lençol, o peito oscilando, respiração tranquila.

“Irmãos não são homens.”

Um excesso de vida.

Uma quentura no corpo, o sangue circulando, intensamente. Um outro corpo em outra cama.

“Janne, Janne, onde você está? Venha aqui. Volte aqui. Tem ensopado no fogão.”

“Não posso. Estou transportando sacos de leite em pó nas montanhas da Bósnia, a estrada está cheia de minas explosivas. Eles precisam da minha ajuda aqui.”

“Nós precisamos de você.”

Malin entra em seu quarto. Senta-se na cama. Toca o celular.

Ela corre para a sala, encontra o aparelho no bolso do casaco.

— Aqui é Daniel Högfeldt.

Primeiro, raiva, depois resignação, em seguida, esperança.

— Você tem alguma coisa para mim?

— Não, nada de novo. O que você acha?

— Acho que você será muito bem-vinda aqui, se quiser.

— Você está em casa?

— Sim. Vem?

Malin olha-se no espelho da entrada. Como o rosto parece ficar mais fraco em seus contornos à medida que ela o faz.

Para que contrariar?

Ela diz baixo no telefone:

— Eu vou, eu vou, eu vou.

Bebe uma dose de tequila antes de deixar o apartamento. No chão, à entrada, deixa uma mensagem:

Tove,

Telefonaram-me do trabalho. Estou no celular.

Mamãe.

PARTE 2

IRMÃOS

São vocês que chegam?

Com amor?

Esboços, anotações, meu pequeno livro negro com palavras pequenas em preto, imagens de agora, do futuro, do passado, de sangue.

Não estou louco. É apenas uma parte de mim que cedeu, relaxou nas articulações. De que serviria falar com os psicólogos?

Está lá no guarda-roupa de casa o livro de anotações, aqui há apenas migalhas de bolo, maçãs, uma cesta por esvaziar e aquilo que precisa ser feito, que já está feito e que precisa ser feito de novo.

Deixem-me entrar, escutem, está frio aqui fora. Deixem-me entrar.

Porque motivo vocês riem? Suas gargalhadas fazem com que eu me descontrole.

Está frio e úmido.

Quero voltar para casa. Mas minha casa, agora, é aqui.

Quero apenas estar junto de vocês para brincar.

Receber amor.

Isso é tudo.

QUARTA-FEIRA, 8 DE FEVEREIRO

Quarto de dormir de Daniel Högfeldt.

“O que estou fazendo aqui?”

“São as mãos dele em meu corpo? Ele está ansioso, decidido, abraça, aperta, dá palmadas. Bate também? Deixe bater, deixe-o arranhar um pouquinho, um pouquinho de dor até vai bem.

“Eu desisto. Deixo acontecer. O corpo dele é forte, maciço, é quanto basta. Não me importo de quem ele seja.

“As paredes cinzentas. Minhas mãos junto da cabeceira cromada da cama. Ele morde meus lábios, a língua entra em minha boca, e, enquanto isso, ele penetra em mim...”

“Suor. Lá fora trinta e cinco graus negativos.

“Tove, Janne, papai, mamãe, Gandula, Maria Murvall.

“Daniel está por cima de mim, é ele que comanda agora. Você acha que sou sua, Daniel? Podemos fingir que sim, se quiser.

“Dói um pouco. E é maravilhoso.”

Ela assume o comando, rola, vira-se, vai por cima, pressiona o corpo dele contra o colchão, regula, ensaia, acerta nova penetração.

“Agora, Daniel, agora.

“Quase desmaio, um espasmo tremendo, maravilhoso.

“Será que não é possível ter tudo o que se precisa?”

Malin está deitada ao lado de Daniel, rola e se senta na cama. Olha para o corpo musculoso ainda adormecido a seu lado. Levanta-se, veste-se e sai do apartamento.

São cinco horas da madrugada. Linköping está deserta.

Ela segue para o departamento de polícia.

“Ouvi quando você saiu, Malin. Estava acordado, mas você não notou nada.

“Gostaria de mantê-la aqui comigo. Gostaria, sim. Esse maldito frio lá fora. Quer dizer, quero que fique comigo. Até mesmo os durões, os mais fortes, precisam de calor, todos precisam.

“Não há nada de original no calor.

“Mas, de qualquer maneira, o calor é essencial, significa tudo.

“Eu vou fundo e investigo a vida das pessoas, tento desvendar seus segredos.

Não existe nenhum calor nessa procura, no entanto, gosto do que faço.

“Como é que fiquei assim?”

Os irmãos Murvall.

Adam, Jakob, Elias.

Malin tem os registros à sua frente, em cima da mesa. Folheia, despreocupada, os papéis, lê, bebe café.

Três pessoas. Quase igualmente deploráveis.

Dá para ler o registro criminal dos três irmãos como se fosse o boletim de um combate de pugilismo.

Primeiro assalto: furtos, haxixe, bicicletas motorizadas, turbinadas, condução perigosa, desacato à autoridade, roubo de quiosques, roubo de caminhões da fábrica Cloetta.

Segundo assalto: maltratar pessoas, pugilato em bares.

Terceiro assalto: caça a ladrões, chantagem, roubo de barcos, posse de armas ilegais. Uso de armas de salão, Huskvarna.

Depois, é como se o combate tivesse terminado.

As últimas anotações dos atos ilegais dos irmãos datam de dez anos antes.

O que aconteceu com os irmãos Murvall? Eles se acalmaram? Constituíram família? Entraram numa linha respeitosa? Tornaram-se mais espertos? Esta última suposição: nunca! Isso não acontece. Uma vez gângster, sempre gângster.

Quem é o pior?

Anotações, extratos de interrogatórios.

O irmão mais novo, Adam. Um maluco por motores, fumante de haxixe, tendência para a violência, a acreditar no que está escrito nos papéis. Maltratou um concorrente, deixando um rapaz ensanguentado, depois de uma corrida de carros na pista de Mantorp, uma corrida que esperava ganhar e foi vencida pelo outro concorrente.

Apostador? Certamente. Três meses na prisão de Skänning. Dois alces mortos fora de época, em fevereiro. Um mês preso em Skänning. Por maltratar uma namorada. Comprovada tentativa de estupro: seis meses.

O irmão do meio, Jakob. De acordo com as informações, analfabeto. Disléxico. Tendência a ficar violento. E o que faz uma pessoa assim? Bate num professor no sétimo ano, parte a pontapé um braço de um rapaz da mesma idade em frente ao mosteiro em Ljungsbro. Escola especial para a juventude transviada. Vendedor de haxixe no pátio da escola e dá um murro no queixo de um policial que queria prendê-lo. Seis meses de prisão em Norrköping, chantagem contra o dono de uma loja em Borensberg, condução embriagado. Um ano na prisão em Norrköping. Depois, nada mais. Como se a perversão terminasse.

O irmão mais velho, Elias. Uma espécie de talento especial para o futebol.

Incluído na liga B com 13 anos de idade e carreira positiva até invadir e roubar o quiosque do parque esportivo do Linköping FC. Foi expulso do clube. Crime culposo ao matar um transeunte por dirigir bêbado seu carro, que acabou por se chocar com uma árvore. Seis meses em Skänning. Cena de pugilato, maltratando um cliente do restaurante Hamlet. Partiu uma garrafa de cerveja na cabeça de outro cliente. O homem perdeu uma das vistas.

“Retardado mental, facilmente influenciado, sempre em dúvida”, palavras do psicólogo. Retardado? Não será tarado?

A irmãzinha, Maria.

“Portanto, são estes seus irmãos, Maria? Os que plantaram as ilustrações em seu quarto? Adam? Na linguagem deles, na dele, isso significa muita consideração.”

O corpo roxo de Bengt na árvore.

Vingança de três irmãos?

Quarto assalto: assassinato?

Malin esfrega os olhos. Beberica sua terceira caneca de café.

Ouve abrir a porta do escritório, sente um sopro de vento frio.

A voz de Zeke, áspera e cansada:

— Chegou cedo hoje, Fors? Ou foi uma noitada excepcionalmente longa?

Zeke liga o rádio.

Volume baixo.

— Leitura agradável, não?

— Ao que parece, eles se acalmaram — replica Malin.

— Ou ficaram apenas mais espertos.

Zeke ia dizer algo mais, mas sua voz foi abafada pelo rádio. A música termina num descendo, depois um jingle, e em seguida a voz quente e macia de uma amiga de Malin: *Foi uma...*

Helen.

“Ela cresceu lá”, pensa Malin. “Quase da mesma idade dos irmãos. Talvez se lembre deles, não? Posso telefonar para ela. Vou ligar.”

— Olá, Malin.

A voz tão acariciadora e sensual no telefone quanto no rádio.

— Você pode falar?

— Temos três minutos e vinte e dois segundos antes de esta música terminar. Depois, posso dar a nós outro tanto de tempo se não fizer a fala intermediária.

— Então, é melhor ir direto ao assunto. Será que conheceu uns irmãos chamados Murvall na sua infância perto do Mosteiro Vreta?

— Como assim?

- Você sabe que eu não posso dizer nada.
- Irmãos Murvall. Claro. Todo mundo os conhecia.
- Eram famosos.

— Pode-se dizer que sim. Eram conhecidos por um apelido: “Os Malucos Murvall”. Eram terríveis. No entanto, havia qualquer coisa de lamentável com eles. Você sabe, todos achavam que dali não era de esperar nada. Jamais seriam considerados pessoas normais. E todos protestavam aos berros contra essa situação. Os irmãos viviam, por assim dizer, afastados da sociedade, desde tenra idade. Não sei, mas era como se batessem às portas e ninguém as abrissem para eles. Estavam marcados. Moravam em Blåsvädret, o lugar mais ventoso e depreciado da região. Eram lá os domínios da família Murvall. Não me admiraria se ainda morassem por lá.

— Lembra-se de Maria Murvall?

— Sim. Ela era a única que poderia chegar a ser alguém na vida. Estava numa classe paralela à minha.

— Chegaram a ser amigas?

— Não. De certa forma, ela também se mantinha um pouco afastada. Era como se sofresse o mesmo tipo de marcação. Como se as boas notas que obtinha fossem, por assim dizer, lamentavelmente inúteis. Os irmãos defendiam-na. Houve um rapaz que tentou intimidá-la por algum motivo, não me lembro mais o que foi, e eles passaram lixa de madeira nas faces dele. Duas feridas enormes, mas o rapaz não contou a ninguém quem lhe fez isso.

— E o pai?

— Era trabalhador braçal. Fazia serviços diversos. Chamavam-no de Svarten, lembro-me bem. A pele dele era bem clara, mas era conhecido pelo apelido de O Negro. Teve um acidente de carro, quebrou a coluna e passou a andar de cadeira de rodas. Depois, acabou por morrer, morte provocada pela bebida. E beber muito já era uma coisa que fazia antes. Ao que parece, partiu o pescoço ao cair de uma escada em casa.

— E a mãe?

— Corria o boato de que ela era uma espécie de bruxa. Mas acho que era uma dona de casa normal.

— Bruxa?

— Rumores, Malin, num buraco miserável como Ljungsbro, as pessoas vivem de rumores e intrigas.

A voz no rádio.

E a próxima música vou tocar para minha querida amiga Malin Fors, a estrela mais clara e brilhante da polícia de Linköping.

Zeke faz uma careta.

Pode vibrar, Malin. Em breve, você vai ser famosa no mundo inteiro. Mas agora ela

está investigando o caso de Bengt Andersson, no qual todos na cidade estão interessados. Se alguém souber alguma coisa sobre o caso, telefone para Malin Fors, da polícia de Linköping. Qualquer informação será útil.

Zeke faz uma careta ainda pior.

— Agora é só esperar uma tempestade de telefonemas em sua linha.

A música começa. É a voz do cantor Plura, vibrante de sede e de sentimentalismo:

“Esta é a canção que mais amo. Este é meu momento na Terra... Eu sou o que sou... O garoto da província... Podem me chamar assim, o garoto da província...”

“E eu, o que sou?”, pensa Malin.

“A garota da província?”

“Não por amor. Talvez por obrigação.”

Justo no momento em que a música termina, o telefone de Malin, em cima de sua mesa, toca.

— Caramba, já? — diz Zeke.

— Pode ser qualquer um — diz Malin. — E não ter nada a ver com o caso.

O aparelho parece vibrar com uma segunda chamada em espera, insistindo em ser atendida. Urgente.

— Malin Fors, polícia de Linköping.

Silêncio.

Ouve-se a respiração.

Malin faz um gesto para Zeke esperar, ergue a mão.

Uma voz grossa, sincopada:

— Sou eu, do videogame.

“Videogame?”

Malin tenta se lembrar, febrilmente. Procura na mente.

— Do *Gnu warriors*.

— Desculpe?

— Vocês me interrogaram a respeito...

— Agora me lembro — diz Malin, vendo Fredrik Unning sentado, com o joystick na mão, no porão da casa burguesa. Vê também seu pai, que olha para ele com um olhar que implica distanciamento.

— Eu lhe perguntei se não tinha nada para nos contar que nos pudesse interessar.

— Isso mesmo, ouvi no rádio.

Na voz, o mesmo medo, agora, como antes nos olhos.

Um sentimento transitório que desaparece tão rapidamente como surgiu.

— E você sabe de alguma coisa?

— Será que a senhora pode vir aqui, a senhora e aquele outro?

— Nós temos de ir hoje para os lados de Ljungsbro. Pode demorar um pouco, mas vamos.

— Ninguém precisa saber, não é? Que vocês estiveram aqui.

— Claro que não. Tudo pode ficar entre nós — diz Malin, que pensa:

“Depende, evidentemente, do que você disser”. E, de repente, repara com que facilidade ela mente, diretamente, no ouvido de um jovem, desde que esteja em jogo alguma coisa que venha a beneficiar a investigação, ou seja, seu próprio interesse. E sente como odiaria ser tratada assim. Não obstante, mente.

— Vai ficar entre nós.

— Ok.

Depois, um clique e a expressão inquiridora de Zeke, do outro lado da mesa.

— Quem? — pergunta ele.

— Lembra-se de Fredrik Unning? O adolescente que jogava aqueles videogames na mansão?

— Ele?

— Sim, ele tem alguma coisa para nos contar, mas vamos primeiro à casa dos Murvall. O que acha?

— Murvall primeiro — diz Zeke, apontando para a porta. — Que será que o jovem Unning tem em mente?

— Se souberem que está entrando por esse caminho, os preços dos imóveis por aqui vão baixar uns 30 por cento — diz Zeke, enquanto gira o volante por um posto de gasolina deserto e entra pela estrada que leva a um conjunto de casas conhecido pelo nome de Blåsvädret, o “Lugar Ventoso” de Linköping. O frio faz ranger os ossos fora do carro. Os termômetros parecem se contorcer de raiva para marcar os graus ainda mais negativos, provocados pelo vento. Os redemoinhos de neve se formam por toda parte, o vento levanta os montes de flocos mortos do chão e atira-os contra o para-brisa do carro.

— Droga, que ventania! — diz Malin.

— E o céu está branco.

— Silêncio, Zeke. Cale a boca!

— Adoro quando você peca por falta de originalidade, Malin. Simplesmente adoro.

Um lugar horrendo. Essa é a primeira sensação.

Ótimo ter Zeke a seu lado. Isso porque, se alguma coisa acontecer, ele saberá reagir numa fração de segundo. Como daquela vez, em Lambhov, quando um drogado puxou uma seringa e a apontou contra o pescoço dela. Malin nem chegou a notar nada, e ele já tinha levantado o braço e tirado a seringa das mãos do drogado. Depois, Zeke ainda o derrubou no chão e deu-lhe uns pontapés na barriga.

Ela teve de segurar Zeke para ele parar.

— Não há perigo, Fors, vai parecer um par de murros normais. Mas podia ser pior. Afinal, ele queria matá-la, e isso nós não podíamos tolerar, não é verdade?

Nova tempestade, ainda mais forte.

— Que estranho, quase não soprava vento no caminho para cá. Que raio de lugar é este?

— Blåsvädret é uma espécie de Triângulo das Bermudas — diz Zeke. — Aquilo tudo pode acontecer.

Uma única rua.

O passo do vento.

Cinco casas de madeira pintadas de vermelho de um lado, garagens e oficinas do outro, uma casa de tijolos a desmoronar, com as persianas baixadas, uma casa maior, pintada de branco, no fim da rua, quase invisível devido à neve que caía.

As casas de Blåsvädret que não eram habitadas pela família Murvall estavam sem vida; os moradores, certamente, se encontravam no trabalho. O relógio do painel de instrumentos do carro marca onze horas e trinta minutos, quase a hora de almoço, e Malin começa a sentir câibras no estômago.

“Comida, por favor, não café.”

Os irmãos Murvall moram em casas vizinhas. As duas últimas casas de madeira e a de tijolos são deles, a casa branca é da mãe. Os caixilhos das janelas das casas de madeira são pintados de preto. Há destroços de automóveis espalhados de qualquer maneira pelos terrenos em volta, todos meio cobertos de neve e gelo. Mas há luz por trás das persianas da casa de tijolos, na frente da qual se vê uma estaca de ferro enferrujado balançando ao vento. A oficina em frente tem portas pesadas de ferro também enferrujado, e, perto, um Range Rover verde de um modelo antigo.

Zeke para o carro.

— A casa de Adam — diz ele.

— Vamos tocar a campainha.

Os dois abotoam seus agasalhos e saem do carro. Mais carros destruídos, mas, ao contrário daqueles que estão no terreno de Janne, podem ser considerados irrecuperáveis. Por mais amor que tivesse, nenhuma mão conseguiria fazê-los voltar a circular. À entrada da garagem, uma picape Skoda verde. Zeke observa o capô, enfia a mão enluvada na neve e abana a cabeça.

O vento desafia todas as descrições. São rajadas violentas que atacam como setas de verdadeiro frio ártico, setas que perfuram com a maior facilidade e desprezo o tecido das capas, dos sobretudos de lã, dos casacos e dos blusões.

Há areia com sal para derreter o gelo nos degraus de cimento de acesso à casa. A campainha não funciona. Zeke bate à porta com o punho, mas é só silêncio como resposta.

Malin olha pela pequena janela da porta. Vê os contornos difusos de um hall, roupas de criança, brinquedos, um armário de armas, tudo desordenado. Desmazelado.

— Não há ninguém em casa.

— Devem estar trabalhando fora a esta hora — comenta Malin.

Zeke concorda.

— Talvez tenham passado a ser gente decente.

— Duvido — diz Malin. — Nota como as casas parecem seguir o mesmo padrão em relação a seu estado precário?

— Parecem ser uma e a mesma coisa — comenta Zeke. — Não fisicamente, mas, se cada casa tem sua alma, estas aqui são todas almas gêmeas.

— É melhor seguirmos para a casa da mãe.

Apesar de a casa de madeira estar apenas a uns 75 metros de distância, um pouco mais abaixo no caminho, é impossível descortinar qualquer outra coisa, a

não ser seus contornos. Mal se consegue ver a pintura branca da madeira em contraste com o branco da neve em volta.

Os dois caminham até a casa.

Ao se aproximarem, a neblina deixa ver um pouco mais. Verificam que o quintal está todo plantado com macieiras já adultas. Os ramos negros ao vento se destacam no ambiente. Malin respira fundo, pelo nariz, fecha os olhos por alguns momentos, na tentativa de reconhecer o aroma das flores e das frutas que devem surgir, respectivamente, na primavera e no final do verão.

Mas o mundo aqui não tem aromas.

Malin reabre os olhos.

A fachada da casa já está envelhecida, o madeiramento parece cansado, mas, ainda assim, infinitamente obstinado. Há luz em todas as janelas.

— Parece que a mãe está em casa — diz Zeke.

— Parece que sim — concorda Malin, mas, antes que terminasse de falar, é interrompida.

Na entrada, está um homem alto, com barba por fazer há pelo menos uma semana e com bigode e cavanhaque em volta da boca bem destacada. Está vestido com um macacão verde. Foi ele quem abriu a porta da frente da casa e se colocou na posição de quem quer impedir a entrada.

— Seus danados, quem são vocês? Se entrarem no terreno, vou buscar uma arma e abro a cabeça de vocês.

— Bem-vindos a Blåsvädret — diz Zeke, sorrindo, na expectativa de que suas palavras amainassem o espírito repressivo do homem.

— Somos da polícia.

Malin mostra seu distintivo, enquanto se aproxima mais da entrada.

— Podemos entrar?

E, nesse momento, ela consegue ver os outros.

Todos, a família inteira que olha para eles pelas janelas da casa: mulheres cansadas, crianças de várias idades, uma senhora de xale, de olhos negros, profundos, por cima de um nariz afilado e cabelos brancos, finos, lisos e raros, que caem pelas faces de um branco glacial. Malin olha para esses rostos e a parte superior desses corpos e chega a pensar que essas pessoas estão todas apoiadas, ligadas num único corpo inferior, escondido sob o parapeito das janelas. Pensa que coxas, joelhos, pernas e pés dos familiares estão juntos num só corpo, sem possibilidade de ser diferenciados, numa situação ímpar, mas ao mesmo tempo numa demonstração de força.

— O que vocês querem de nós?

O homem na entrada parece lançar as palavras contra eles como se fossem muros.

— E com quem temos a honra de falar?

A franqueza de Zeke parece surtir efeito.

— Elias Murvall.

— Então, por favor, senhor Elias, queira nos deixar entrar. É melhor sairmos deste frio aqui fora.

— Não vamos deixar ninguém entrar.

Da casa, ouve-se uma voz forte de mulher, de alguém que está habituada a fazer o que quer.

— Deixe a polícia entrar já, rapaz.

Elias Murvall se afasta para o lado e segue-os pelo hall de entrada. Eles sentem logo um odor de couve queimada.

— E tirem os sapatos na entrada! — Mais uma vez, a voz de comando da mulher.

A entrada está cheia de roupas de inverno: casacos de criança em cores fortes, jaquetas acolchoadas, um sobretudo do exército. Da entrada, Malin observa diretamente a sala de estar, com móveis de estilo em cima de tapetes do tipo Wilson, reproduções do pintor Johan Krouthén,¹³ de cercados de pasto da região local. E o monitor de computador de um modelo mais recente e mais caro, mas mal colocado na sala.

Malin tira as botas Caterpillar, sente-se desamparada com apenas meias nos pés entre aquele tipo de gente.

A cozinha.

Uma enorme mesa dobrável, posta para o almoço, no meio da sala. À mesa, está sentada aquela que deve ser toda a família Murvall, numa expectativa silenciosa. São mais pessoas do que aquelas há pouco nas janelas. Nem todas ligadas entre si. Malin conta três mulheres com filhos pequenos, bebês no colo. Em outras cadeiras, crianças maiores: será que àquela hora não deviam estar na escola? Aulas em casa? Ou todas elas ainda não têm idade para estar na escola?

Dois homens mais na sala, um deles com uma barba curta, bem cortada, e o outro de barba feita há pouco tempo. Estão vestidos com macacões de mecânico, tal qual Elias, e todos têm traços fisionômicos marcantes. O de barba feita, que parece ser o mais jovem, deve ser Adam. Ele bate com a mão em cima de um guardanapo na mesa como se o tampo fosse uma porta. Seus olhos são de um azul tão escuro que quase se igualam aos olhos negros da mãe. O irmão do meio, Jakob, de cabelos finos, sentado diante do fogão, com uma proeminente barriga por baixo do macacão, olha para eles com uma expressão enevoada, como se já tivesse estado mil vezes diante de policiais insistindo em querer alguma coisa dele, e ele, mil vezes, mandando-os para o inferno.

A mãe está ao fogão. É uma mulher baixa, magra, vestida com uma saia vermelha e um casaco cinzento de lã sem colarinho. Ela vira-se para Malin:

— Às quartas-feiras, minha família come pudim de couve.

— Gostoso — diz Zeke.

— Como ele sabe disso? — replica a mãe. — Ele já comeu antes meu pudim de couve?

Ao mesmo tempo, estende a mão na direção de Elias, fazendo um gesto como a dizer: “Olhe aqui, sente-se à mesa. AGORA!”.

Algumas das crianças começam a perder a paciência, saltam da cadeira, correm da cozinha para a sala de estar e vão pela escada para o andar de cima.

— E então?

A velhota olha fixamente para Malin e depois para Zeke.

Zeke não hesita, sorri um pouco e avança com as palavras dirigidas para a sala:

— Estamos aqui por motivo do assassinato de Bengt Andersson. Ele foi ouvido em relação ao caso de estupro de sua filha Maria Murvall.

À medida que as palavras saem da boca de Zeke e enchem o ambiente, Malin sente por momentos a passagem de um calor pelo corpo. “É exatamente assim que tem de ser. Zeke não tem medo, entra direto no ninho de vespas. Impõe respeito. Esqueço por vezes, mas é por isso que eu o admiro.”

Ninguém muda de expressão.

Jakob Murvall se estica sobre a mesa, pega um cigarro do maço de Blend amarelo e o acende. Um bebê no colo de uma das mulheres começa a choramingar.

— Não sabemos nada sobre isso — diz a velhota. — Não é, rapazes?

Os irmãos acenam com a cabeça, negativamente.

— Nada — diz Elias. — Absolutamente nada.

— Sua irmã foi estuprada. E um dos que figuraram na investigação apareceu agora assassinado — diz Zeke.

— Onde estavam todos vocês na noite de quarta para quinta-feira? — perguntou Malin.

— Nós não precisamos lhes contar nada — diz Elias. E Malin pensa que ele disse aquilo com exagerada firmeza, como se não quisesse mostrar fraqueza diante dos outros.

— Oh, sim, vão precisar responder, aliás, vão ter de responder — afirma Zeke. — Sua irmã...

Adam Murvall se levanta de punhos erguidos e grita:

— Esse maldito pode muito bem ter estuprado Maria. E agora está morto, o que é muitíssimo bem merecido.

A cor de seus olhos muda de azul para negra ao expelir essas palavras:

— Talvez agora ela possa descansar em paz.

— Rapaz, sente-se. Já!

É a voz da mãe a falar do fogão.

No momento, são várias as crianças que começam a chorar, as mulheres tentam acalmá-las, e é Elias Murvall que obriga seu irmão a se sentar na cadeira.

— Isso mesmo — diz a mãe, assim que o silêncio se restabelece. — Acho que agora o pudim de couve ficou pronto. E as batatas, também.

— E a fé Asa — diz Malin. — Vocês professam essa fé?

Gargalhada geral por parte dos adultos à volta da mesa.

— Nós somos homens de verdade — diz Jakob Murvall. — Nada de vikings.

— Vocês têm armas em casa? — pergunta Malin.

— Armas de caça, todos temos — diz Elias Murvall.

— Como obtiveram as licenças, com a fama que têm?

— Nossos pecados de juventude? Já se passou muito tempo.

— Vocês têm espingardas de salão?

— Que tipo de espingardas temos é uma coisa que não lhes interessa.

— Portanto, vocês não atiraram com espingardas de salão contra a janela de Bengt Andersson, não é verdade?

— Alguém atirou na janela dele — diz Elias Murvall. — Isso é uma coisa em que ele já não está mais interessado. Ou está?

— Nós gostaríamos de ver o armário de armas — diz Zeke. — Pois, certamente, vocês devem ter um armário desses, não é? E temos muitas perguntas ainda a fazer. Mas queremos falar com um de cada vez. Ou aqui e agora, ou na delegacia. Vocês podem escolher.

“Todas as mulheres olham para mim”, pensa Malin. “Tentam entender aonde quero chegar, como se eu fosse tirar deles alguma coisa que elas, lá bem no fundo, não querem ter, mas que estão dispostas a defender até a morte.”

— Vocês podem chamar meus rapazes para interrogatório. E, se quiserem ver o armário, vão ter de trazer um mandado de busca — diz a velhota. — Mas os rapazes Murvall agora vão comer. Portanto, fora daqui.

— Queremos falar também com a senhora — diz Zeke.

Rakel Murvall levanta o nariz para o teto.

— Elias, acompanhe os policiais até a porta.

Malin e Zeke saem da casa para o frio, viram-se, olham para a fachada, veem os contornos por trás das janelas cada vez mais enevoadas. Malin sente como é bom ter calçado suas botas de novo.

— Como é que se pode viver assim, hoje, na Suécia? — diz ela. — Totalmente fora da normalidade atual. De uma maneira quase bizarramente anacrônica.

— Não sei, não — diz Zeke. Depois, encontra uma explicação, a primeira que lhe vem à mente: — É o assistencialismo — diz ele. — É o mal dos subsídios. Posso imaginar que o grupo todo recebe algum tipo de auxílio, desde o subsídio por desemprego à assistência social. Para não falar de bônus de família por todas aquelas crianças. Vale no mínimo uma fortuna por mês.

— Não tenho tanta certeza em relação aos benefícios recebidos — diz Malin.

— Talvez nem recebam algum auxílio. Mas, de qualquer maneira, estamos no início do terceiro milênio, na década de 2000, na Suécia. Uma família que parece viver totalmente fora das regras do país.

— Eles vivem de pequenos reparos, caçam e pescam, enquanto nós suamos para ganhar a vida. Você quer que eu sinta simpatia por eles?

— Talvez pelas crianças. Quem sabe o que elas passam?

Zeke para, parece considerar o raciocínio.

— Viver fora da normalidade social não é assim tão raro, Malin. Viver sem acompanhar as normas da realidade atual. Olhe para os bandos que vivem em Borlänge, Knutby, Sheike e na metade de toda a província da Norrland, no norte do país. É claro que também existe disso aqui entre nós, no centro. E, enquanto eles não ameaçam a ordem geral, ninguém se preocupa com isso. Deixem-nos levar essa vida miserável. Deixem-nos em paz, vivendo do modo que escolheram. Pobres, imbecis, imigrantes, deficientes. Ninguém se importa, Malin. As pessoas só se importam em receber a confirmação de que podem viver num ambiente de normalidade. E quem somos nós, na realidade, para ter opinião sobre a maneira como os outros devem viver? De fato, eles podem ter até uma vida mais divertida do que nós.

— Não quero nem acreditar numa coisa dessas — diz Malin. — E, no que diz respeito a Bengt Andersson, há um motivo para isso.

Encaminham-se para o carro.

— Está bem. São gente boa, esses Murvall — diz Zeke, no momento de girar a chave da ignição.

— Você viu o ódio nos olhos de Adam Murvall? — pergunta Malin.

— E eles são vários, podiam ter feito tudo em conjunto. E atirar contra a janela dele, para quebrá-la com suas balas de borracha, não acha? Uma brincadeira para aqueles homens. Temos agora de arranjar o mandado de busca e apreensão para que possamos olhar dentro do armário de armas. E também devem ter armas que não estão licenciadas. Não faltarão os contatos para arranjar essas armas e a respectiva munição.

— Acha que temos indícios suficientes para conseguir o mandado? Na realidade, juridicamente falando, não existe nenhum dado concreto de que estejam envolvidos no caso.

— Talvez não. Vamos ver o que diz Sjöman.

— Como ele estava zangado, Adam Murvall.

— Pense se isso acontecesse a uma irmã sua, Malin, você não ficaria zangada, também?

— Eu não tenho irmã, nem irmão — diz Malin. Mas, depois, acrescenta: — Eu ficaria furiosa.

A distância e desta altitude, o lago Roxen parece um edredom branco, levemente acinzentado, largado em cima do lugar. As árvores e os arbustos, às margens do lago, estão vergados sob o peso da neve que vem de cima. E os campos de pasto, mais à frente, cortados rente e ainda enfrentando os ventos fortes, à espera de um calor que será difícil imaginar quando virá. Se é que virá.

Telhados brancos com junções acastanhadas, andar em cima de andar, num estilo cuja origem se encontra na década de 1970, quatro andares de escada, plantados numa encosta, por cima de outra encosta mais inclinada.

Bateram à porta com uma argola que tinha a forma a cabeça de um leão cujas mandíbulas polidas oferecem uma passagem estreita.

Da primeira vez que falaram com Fredrik Unning, Malin ficou convencida de que ele tinha alguma coisa para contar, alguma coisa que reteve por medo. Agora, Malin tinha certeza. E a cada metro que os dois avançavam em direção à casa, mais crescia sua expectativa.

O que estará escondido atrás dessa porta?

Tinham de ser cautelosos. Zeke permanecia inquieto a seu lado, a névoa branca saía de sua boca, a cabeça descoberta, enfrentando o frio e suas garras repulsivas e infecciosas.

Um ruído por trás da porta.

Um espreitar por uma abertura da porta que se abre depois, para deixar ver o rosto de um rapaz de 13 anos e um corpo levemente balofo, sem treinamento físico, vestido com uma camiseta Carhartt e calça de treino de um modelo do exército.

— Como demoraram! Só agora chegam — diz ele. — Achei que vinham direto.

“Se soubesse, Fredrik”, pensa Malin, “como você está resumindo os sentimentos de muitos cidadãos diante da polícia, ao falar como falou.”

— Podemos entrar? — pergunta Zeke.

O quarto de Fredrik Unning está localizado no terceiro andar com as paredes revestidas de cartazes de skates. O conhecido Bam Margera, de Jackass, flutua bem alto no espaço por cima de uma esquina de cimento. E num dos cartazes mais recentes vê-se a figura do jovem Tony Alva deslizando ao longo de uma rua deserta de Los Angeles. Cortinados brancos, leves, escondem a vista imaginada de uma janela que vai do chão até o teto. E o tapete apresenta algumas manchas aqui e ali. A um dos cantos, uma aparelhagem de som estereofônico que parece ser nova, e uma televisão plana montada no chão, certamente, de 45 polegadas.

Fredrik Unning está sentado agora na beira da cama, com sua atenção concentrada nos dois. Longe vai o tempo da primeira visita em que ele se

mostrava alheio. Longe estão seus pais. Seu pai, corretor de seguros, levou a mulher, dona de uma boutique, para uma pequena viagem a Paris. “Eles costumam fazer essa viagem de vez em quando. A mamãe gosta de comprar, e o papai gosta de comer. É bom ficar sozinho.”

Caixas de pizza vazias na cozinha, pedaços de torta Gorby, comidos pela metade, e um cesto de lixo supercheio no meio do chão.

Malin se senta ao lado de Fredrik, na beira da cama. Zeke fica junto da grande janela, como uma figura negra em contraste com a luz lá de fora.

— Você sabe de alguma coisa sobre Bengt Andersson que nos deva contar?

— Se disser alguma coisa, ninguém mais vai saber que fui eu que disse, combinado?

— Combinado — diz Malin.

Zeke acena com a cabeça, concordando. E acrescenta:

— Tudo vai ficar entre nós. Ninguém vai saber de onde a informação veio.

— Eles nunca o deixavam ficar em paz — diz Fredrik Unning, enquanto olha fixamente os cortinados. — Ficavam em cima dele o tempo todo. Como se estivessem possesores.

— Em cima de Bengt Andersson?

Zeke fala da janela.

— Quem eram eles?

E Fredrik Unning fica de novo com medo, o corpo se encolhe, se afasta de Malin. E ela pensa em como o medo alastrou-se à sua volta com o correr dos anos, em como as pessoas, uma depois da outra, parecem ter entendido que o silêncio é sempre o meio mais seguro para sobreviver, que cada palavra pronunciada é um perigo em potencial. E talvez tenham razão. Ou não?

“Só agora perguntam isso? Como demoraram.”

— Bengt — continua Fredrik Unning.

— Quem? Enfim, está tudo bem — diz Malin. — Coragem, agora.

E a palavra coragem faz com que Fredrik se descontraia.

— Jocke e Mangan. Eles sempre estavam dispostos a torturá-lo, a maltratar o Gandula.

— Jocke e Mangan?

— Sim.

— Como eles se chamam, na verdade? Jocke e Mangan?

Nova hesitação. Novo medo.

— Precisamos saber.

— Joakim Svensson e Magnus Tedensjö.

Fredrik Unning diz os nomes com uma voz que denota decisão.

— E onde eles vivem?

— Estão em minha escola. São uns porcos. Grandes e maus.

“A essa hora, você devia estar na escola”, pensa Malin, mas ela não diz isso.

— O que eles faziam contra o Gandula?

— Perseguiam-no, irritavam-no, gritavam-lhe nomes feios. E, acho eu, vandalizavam sua bicicleta e atiravam contra ele sacos plásticos cheios de água, pedras e outras coisas. Acho até que atiraram uma mistura de neve com lama na caixa de correio dele.

— Neve com lama? — A pergunta veio de Zeke.

— E não só. Misturavam farinha, água, ketchup, qualquer coisa, tudo junto, uma porcaria.

— E como você sabe disso?

— De vez em quando, obrigavam-me a ir com eles. Caso contrário, me batiam.

— Batiam em você?

Vergonha nos olhos de Fredrik, medo:

— Eles não podem saber que eu disse isso, ok? Eles chegam a maltratar gatos, também.

— Gatos? Como assim?

— Apanham os gatos e passam-lhes mostarda no cu.

“São corajosos, esses rapazes”, pensa Malin.

— Você mesmo viu-os fazer isso?

— Não, mas ouvi falar. Soube por outros.

Ainda da janela onde estava, a voz de Zeke soou como uma chicotada:

— Será que foram eles que atiraram na janela de Bengt com uma espingarda? Você também estava lá?

Fredrik Unning abana a cabeça.

— Eu nunca fiz isso. E onde eles iriam arranjar a espingarda?

Lá fora, o teto de nuvens se abriu um pouco e por algumas pequenas brechas passaram alguns hesitantes raios de sol que vieram se abater contra o tapete branco de neve no terreno, fazendo com que ficasse mais claro e brilhante. E, em sua mente, Malin imagina como o lago Roxen será durante o verão, visto dali de cima, à luz quente dos raios solares, dançando livres sobre a superfície reluzente dos campos. Mas, infelizmente, um inverno como este não dá muito lugar a pensamentos positivos sobre ambientes ensolarados e luzidios.

— Droga — diz Zeke. — Esses tipos, Jocke e Mangan, devem ser da pior espécie!

— Eu sinto pena de Fredrik Unning — diz Malin.

— Pena?

— Sim. Você deve ter percebido como ele se sente sozinho, não? Deve ter feito tudo para acompanhar seus colegas rufiões.

— Quer dizer que não o obrigavam a acompanhá-los?

— Isso também faziam, certamente. Mas a conclusão não é tão simples

assim.

— De qualquer forma, ao que parece, eles vivem bem.

Palavras de Fredrik Unning, ditas há pouco: “O pai de Mangan trabalha em plataformas de petróleo, e a mãe é dona de casa. O pai de Jocke já morreu, e a mãe dele, acho eu, trabalha como secretária”.

O telefone de Malin toca.

O número no mostrador é de Sven Sjöman.

— Malin.

Ela conta resumidamente sobre a visita à família Murvall e o que foi ouvido da boca de Fredrik Unning.

— Pensamos em tentar ouvir logo Magnus Tedensjö e Joakim Svensson.

— Precisamos nos reunir — diz Sven. — Eles podem esperar uma ou duas horas.

— Mas...

— Reunião do grupo de investigação dentro de trinta minutos, Malin.

As crianças enfrentam o frio.

O parque infantil defronte da janela da sala de reuniões está cheio de pequenas figuras lunares que circulam com movimentos lentos e muita roupa. Agasalhos azuis, vermelhos, e um cor de laranja, que funciona como um aviso: “Atenção, sou pequenino, tenham cautela comigo!”. As assistentes circulam com calças de lã azul-escuras, o ar quente da respiração congelando ao sair da boca. Ficam pulando no mesmo lugar, sempre que não precisam ajudar algum dos pequenos a se erguer do chão. E toca a mexer os braços para os lados e para a frente, abraçando o corpo, para manter a temperatura com a ajuda do exercício.

Se o frio insiste em continuar, é preciso saber conviver com ele. Como se fosse preciso saber conviver com uma dor.

Interpretação de Börje Svärd das ramificações de Rickard Skoglöf.

Interrogatório de jovens que parecem passar a vida diante de monitores de computador ou que desempenham papéis teatrais:

— Qualquer coisa, menos suas próprias vidas.

Hesitação no corpo de Börje. Malin consegue notar isso, consegue farejar esse tipo de coisa. Como se a vida inteira lhe tivesse ensinado apenas uma única lição: “Jamais aceite uma definição como única!”.

Relato das pesquisas.

Rickard Skoglöf parece ter crescido num ambiente normal, num lar comum de trabalhadores na cidade de Åtvidaberg. Seu pai trabalhou na fábrica Facit, de máquinas de escrever, até a empresa ser desativada. Mais tarde, foi para a firma Adelsnäs, para o ramo do cultivo de frutas, onde trabalhou também seu filho, durante as férias de verão, quando já frequentava a universidade. Dois anos. Depois, o vazio total. Valkyria Karlsson foi criada numa fazenda enorme,

de uma família de camponeses, na província de Dalsland. Conseguiu 120 pontos em antropologia, na Universidade de Lund, depois do curso secundário em Dals Ed.

Karim Akbar. Também hesitante, mas mesmo assim:

— A pista da fé Asa, continuem por aí, tem de haver alguma coisa.

A voz um tanto convincente demais, como se assumisse o papel de influente e impulsionador.

Johan Jakobsson, com olheiras. Doenças do inverno, noites sem dormir, troca de fraldas. Novas rugas na testa a cada manhã, cada vez mais fundas. “Papai, onde você está? Não quero, não quero.”

Malin fecha os olhos.

Não aguenta mais a reunião. Quer sair, trabalhar, interrogar os *teenage bullies* de Ljungsbro, ver o que eles sabem. Talvez possam fazer as investigações avançar, talvez tenham conseguido a arma que está por trás dos tiros contra a janela do apartamento do Gandula, talvez algum de seus atos de malvadez tenham extrapolado, quem sabe do que são capazes dois irrequietos garotos de 15 anos?

Tove e Markus no apartamento dos pais de Malin.

Na cama.

Malin os vê na sua frente.

— E temos ainda os dois adolescentes que viviam maltratando Bengt Andersson — diz Sven Sjöman. — Você e Zeke vão ter de ouvi-los na escola. Vão para lá logo depois da reunião. A essa hora, devem estar lá.

“Com certeza, com certeza”, pensa Malin, dizendo:

— E, se não os encontrarmos na escola, vamos saber onde moram e já temos seus números de celular.

Depois dos rapazes, Malin quer convocar os irmãos Murvall para interrogatório, chamar a velhota, pressioná-la. Chamar as esposas.

Os irmãos.

Os olhares das esposas.

Nenhuma cortesia, apenas suspeição contra *forasteiros*. Sozinhas, apesar de se manterem unidas.

“Que tipo de solidão é essa? De onde provém? De costumeiras violências à sua volta? De sempre terem enfrentado um não? Por parte de todos. Ou essa solidão é inata e faz parte de todos nós? E se a oportunidade se apresentar, e essa solidão germinar, ela se sobrepõe a tudo e passa a nos dominar?”

“Conhecimento profundo sobre a solidão. O medo.

“Onde vi pela primeira vez essa solidão, essa aversão, no olhar de Tove? Quando vi pela primeira vez no olhar dela alguma coisa diferente de pura bondade, de alegria?”

“Ela tinha talvez dois anos e meio. De repente, entre expressões de inocência

e de encanto, havia nela um traço de calculismo e, ao mesmo tempo, de angústia. E a criança se transformou para sempre em mulher.

“A solidão. O medo. A maioria ainda consegue conservar alguma coisa da alegria infantil, da falta de preconceitos em encontros com outras pessoas, sem sentimentos de posse. Ainda consegue vencer a solidão sempre presente. Tal como Fredrik Unning tentou fazer hoje. Estender a mão. Como se tivesse reconhecido valer mais do que ser deixado aos quatro ventos por seus pais e ser obrigado a agir como ajudante de garotos que, na realidade, não queriam saber dele.

“A alegria é possível.

“Como em Tove. Como em Janne, apesar de tudo. Como em mim mesma.

“Mas as mulheres à mesa da família Murvall? Onde foi parar sua alegria pura? Como desapareceu? Esgotou-se, acabou para sempre? Será que é assim?”, pensa Malin, no momento em que Sven Sjöman faz um resumo da situação das investigações. “Será que existe a alegria livre de malícia e que, uma vez perdida essa alegria, ela fica perdida para sempre? E passa a ser substituída apenas por mutismo e severidade?”

“E o que acontece se a pessoa é obrigada a ceder à solidão?”

“A que violências isso pode levar? Ao ponto de ruptura? Ao isolamento final?”
A criança estende seus braços para a mãe, para a ama, a babá:

Toma conta de mim, me pega no colo.

É claro que te pegarei no colo.

Nunca te deixarei aos quatro ventos.

“Mamãe, estou pensando em dormir na casa do papai, está bem?”

Mensagem de Tove na caixa postal do celular. Malin escuta-a ao avançar pela grande sala cheia de mesas de escritório.

Malin telefona:

— Aqui é a mamãe.

— Mamãe, deixei uma mensagem...

— Já recebi. Está tudo bem. Como é que você vai chegar lá?

— Vou até o quartel dos bombeiros. Ele termina o plantão às seis. E, depois, vamos para casa.

— Está bem. De qualquer maneira, vou ter de trabalhar até tarde.

Palavras de Sjöman na reunião:

— Já os convoquei para interrogatório. Se toda a família Murvall não vier amanhã, voluntariamente, mando-os buscar. Mas ainda não temos o suficiente para o mandado de busca e apreensão no que diz respeito às armas.

Ao terminar a conversa com Tove, Malin telefona para Janne. E deixa mensagem:

— Tove vai dormir hoje em sua casa? Quero apenas conferir.

Depois, ela se senta na cadeira, à mesa de seu escritório. Aguarda. E observa Börje Svärd, que cofia seu bigode, no outro lado da sala.

A fachada do edifício principal da escola de Ljungsbro é de um cinzento mate, as telhas, de um vermelho queimado, como o de todos os telhados, todos cobertos agora por uma camada fina de neve. Em pequenos redemoinhos, pedaços congelados, com movimentos circulatorios, em alguns lugares dos amplos espaços.

Estacionaram perto das salas de artesanato, gaiolas de trabalhos manuais, salas alinhadas em prédios baixos ao longo da rua que leva ao centro da comunidade.

Malin olha para dentro das salas, vazias, serras em descanso, plainas e equipamentos para moldar e soldar. Os dois passam pelo que deve ser uma sala de tecnologia; guindastes e correntes suspensas do teto, sós, como se estivessem à espera de ser usados. Ao olhar em sentido contrário, ela pode descortinar o lar para idosos de Vretaliden e, dentro dele, a figura de Gottfrid Karlsson, sentado em sua cama, coberto pela manta alaranjada do lar, incitando-a tranquilamente: “O que aconteceu a Bengt Andersson? Quem o matou?”.

Malin e Zeke caminham em direção à entrada do edifício principal, passando por aquele que deve ser o refeitório da escola. Lá dentro, através das janelas enevoadas, veem o pessoal limpando as bandejas com água quente e os balcões. Zeke abre a porta da entrada, disposto a fugir do frio o mais depressa possível. E logo na sala aquecida da entrada veem-se uns cinquenta alunos falando uns com os outros. Lá fora, do outro lado, o jardim da escola, cheio de uma neblina cerrada, como pode ser visto através das janelas.

Ninguém presta atenção a Malin e Zeke, todos estão bem ocupados com suas conversas, como de hábito acontece entre os jovens.

“O mundo de Tove.

“Ele é assim.”

Malin nota a presença de um jovem magro, de cabelos longos e negros e um olhar de preocupação, que está falando com uma bonita moça loura.

Do outro lado da sala, uma tabuleta acima de uma porta de vidro, indicando: “Recepção do Diretor”.

— Vamos — diz Zeke, assim que vê a tabuleta.

Britta Svedlund, diretora da Escola de Ljungsbro, deixou que eles entrassem logo, diretamente. Talvez fosse a primeira vez que a polícia tivesse um assunto a tratar com a escola, durante sua direção.

Mas, provavelmente, não.

A escola é conhecida por seus problemas. E todos os anos alguns alunos são deslocados para um instituto de tratamento da juventude, em algum lugar no interior da província, para a continuação dos estudos e tratamento, em

consequência de pequenas infrações cometidas.

E, agora, Britta Svedlund recebe a polícia, sentada, de pernas cruzadas, a saia curta, deixando ver um pouco da coxa, mais do que seria normal, e um par de meias pretas de náilon. Malin nota que Zeke está com dificuldade em manter o olhar sob controle. Ele não pode deixar de achar a mulher bonita, apesar das rugas e dos cabelos grisalhos dela.

“Maldição masculina”, pensa Malin, enquanto se senta, corretamente, na incômoda cadeira de visitantes.

As paredes do escritório estão cobertas de prateleiras com livros e reproduções de pinturas de Bruno Liljefors. A mesa, dominada por um computador de geração antiga. E, depois de ouvir a explicação de Malin e Zeke para sua visita à escola, Britta Svedlund diz:

— Eles vão terminar na primavera. Para Magnus Tedensjö e Joakim Svensson, Mangan e Jocke, restam apenas alguns meses, e vai ser um prazer vê-los sair daqui. Todos os anos surgem uns ovos podres. Alguns, nós conseguimos mandar embora. Joakim e Magnus são mais inteligentes. E, por isso, fazemos todo o possível para transformá-los em gente.

Malin e Zeke devem ter parecido verdadeiros pontos de interrogação, visto que Britta Svedlund acrescentou:

— Eles nunca fazem nada que seja ilegal. E se cometeram alguma ilegalidade, nunca foram apanhados. Vêm de famílias bem constituídas, o que é uma vantagem não muito comum entre os que frequentam esta escola. Não. O que mais fazem é atormentar os outros, alunos e professores. E, além disso, praticam luta corporal. Posso garantir que, em cada duas lâmpadas que se estragam nesta escola, uma foi destruída por eles.

— Precisamos dos números de telefone de seus pais — diz Zeke. — E seus endereços particulares.

Britta Svedlund digita no teclado do computador e, depois, escreve num papel os nomes, endereços e números.

— Aqui estão todos os dados — diz ela, ao estender o papel para Malin.

— Obrigada.

— E sobre Bengt Andersson? — pergunta Zeke. — Sabe de alguma coisa que eles possam ter feito a ele?

Britta Svedlund, de repente, fica na defensiva:

— Como é que vocês receberam essas informações? Não duvido que sejam verdadeiras. Mas como souberam?

— Isso estamos impedidos de dizer — responde Malin.

— Aquilo que eles fazem fora das paredes da escola, depois do horário escolar, confesso, sinceramente, que não me diz respeito. Se fosse me importar com o que os alunos fazem em seu tempo livre, eu ficaria doida.

— Portanto, você não sabe de nada — diz Zeke.

— Isso mesmo. O que sei é que, de qualquer maneira, eles não faltam mais do que é exatamente permitido para obter suas notas, que, aliás, são espantosamente boas.

— Eles estão aqui na escola, agora?

Britta Svedlund digita de novo alguma coisa no teclado do computador.

— Estão com sorte. Eles começam agora mesmo sua aula de artesanato. Essa aula eles nunca perdem, a não ser contra a vontade.

A sala de artesanato cheira a madeira cortada e aplainada, mas, no centro dela, o odor é de tintas e solventes.

Ao entrarem na sala, o professor, um homem de uns 60 anos, vestido com um casaco cinzento, acolchoado, e com o rosto coberto por uma barba grisalha, deixa um aluno junto da máquina de aplainar e vem ao encontro deles.

O professor estende a mão coberta de aparas e serragem, mas recolhe-a logo. Sorri. Malin nota que os olhos dele são azuis, calorosos, e aparentemente não perderam sua luminosidade com o passar dos anos. A seguir, ele levantou a mão a título de saudação.

— Olá! — diz ele. E Malin sente que seu hálito tem um cheiro forte de caféina e tabaco, um hálito verdadeiramente clássico de professor. — Vamos ter de nos saudar à maneira dos índios. Mats Bergman, professor de artesanato. Atrás de mim está a classe 9b. Vocês são da polícia, presumo eu? Britta telefonou e disse que iam chegar.

— Confere — responde Malin.

— Então, já sabe quem procuramos. Eles estão aqui? — pergunta Zeke.

Mats Bergman confirma:

— No fundo da sala. Na área de pintura. Eles pintaram o tanque de gasolina de uma bicicleta motorizada com algum motivo especial.

Por trás do professor, Zeke avista a área de pintura. Encaixada a um canto da sala, com prateleiras cheias de latas de tinta, atrás de placas de vidro plástico arranhado. Lá dentro, dois rapazes sentados de modo que Malin apenas consegue divisar suas cabeleiras louras.

— Poderá haver problemas? — inquire Malin.

— Aqui dentro, não — responde Mats Bergman, sorrindo de novo. — Sei que eles podem ser arruaceiros lá fora, mas aqui dentro sabem se comportar bem.

Malin empurra a porta da área envidraçada de pintura. Os rapazes, cada um sentado em seu banco, olham para cima com uma expressão, inicialmente calma, mas logo ficam agitados, tensos e preocupados, na expectativa. Malin observa-os de cima a baixo, compondo uma expressão autoritária, a mais autoritária que pôde arranjar. O motivo pintado: uma caveira vermelha, com ossadas, sobre fundo preto.

Desordeiros?

Sim.

Atiradores?

Talvez.

Assassinos?

Quem sabe? Essa questão tem de ficar em aberto.

A essa altura, os rapazes se levantam. Ambos são musculosos e uma cabeça mais altos do que Malin. Ambos vestem jeans largos do modelo hip-hop e agasalhos marrons do tipo monge, com o logotipo WE.

Rostos de adolescentes, são estranhamente iguais em suas faces infantis, cheias de espinhas, nariz grande demais, mostrando a chegada do prazer e do excesso de testosterona.

— Quem são vocês? — pergunta um deles, no momento de se levantar.

— Senta aí — ruge Zeke, por trás dela. — Agora!

E, como se fosse atingido por um teto em queda livre, ele se senta e fica encolhido, sentado em cima de seu banco todo cheio de manchas de tinta. Zeke fecha a porta da área, e os dois fazem uma pausa calculada, antes que Malin se apresente:

— Eu sou Malin Fors, da polícia, e este aqui é meu colega Zacharias.

Malin tira seu distintivo do bolso traseiro do jeans.

Mostra-o para os rapazes, que agora parecem estar ainda mais preocupados, como se estivessem com medo, diante de um mar de ilegalidades cometidas que agora ameaçava vir afogá-los.

— Bengt Andersson. Sabemos que vocês costumavam atormentá-lo. E agora queremos saber tudo e, em especial, onde passaram a noite de quarta para quinta-feira.

O pavor assomou nos olhos dos rapazes.

— Quem é quem entre vocês? Magnus?

O de agasalho azul faz um sinal com a cabeça.

— Muito bem — diz Malin. — Fale.

Aquele dos rapazes chamado Joakim Svensson começa a se desculpar.

— Puxa, nós apenas gracejamos um pouco com ele. Só para irritá-lo; a gente chamava ele de gordo. Nada demais.

Magnus Tedensjö continua:

— Ele era muito bom em apanhar as bolas durante as partidas de futebol.

Mas cheirava mal. A mijo.

— E isso era suficiente para que vocês se achassem no direito de atormentá-lo?

Malin não consegue esconder a irritação na voz.

— Exatamente — diz Magnus Tedensjö, fazendo uma careta.

— Temos o testemunho de pessoas que dizem ter visto vocês importunando

Bengt Andersson e que vocês o maltratavam com pedras e bombas de água. E agora ele foi encontrado morto — diz ainda Malin, que passa a palavra a Zeke:

— Trata-se de assassinato. Será que é possível enfiar isso na cabeça de vocês, seus idiotas?

— Ok, ok.

Magnus Tedensjö abre os braços para o lado e olha para Joakim Svensson, que concorda:

— Maltratar? Nós atiramos pedras contra ele e cortamos a ligação elétrica para o apartamento dele, jogamos um monte de merda na sua caixa de correio, tudo bem. Mas agora ele está morto, já não faz diferença nenhuma.

— Poderá fazer a maior diferença do mundo — diz Zeke, num tom calmo de voz. — O que nos garante que vocês, um dia, não foram longe demais? Que vocês, de certa maneira, não tiveram um contato mais direto com ele? Que não houve luta? E que vocês acabaram por matá-lo? Tentem ver nosso lado da questão, garotos. Portanto, o que fizeram na noite de quarta para quinta-feira?

— Como é que poderíamos levá-lo para aquele lugar? — diz Joakim Svensson, que acrescenta: — Estivemos na casa de Mangan, vendo filmes em DVD.

— Isso mesmo. Minha mãe foi para a casa de seu amiguinho. Meu pai morreu, de modo que ela arranjou outro homem. Um tipo muito razoável, diga-se de passagem.

— Alguém poderá confirmar essa versão? — pergunta Malin.

— Sim, nós mesmos — diz Joakim Svensson.

— Ninguém mais?

— Será preciso?

“Juventude, juventude”, pensa Malin. “Eles deslizam entre a insolência e o pavor em questão de segundos. Uma mistura perigosa do autorretrato *grandioso* com a dúvida. No entanto, o Markus de Tove me pareceu um tipo de adolescente muito diferente. O que Tove acharia desses dois aí? Estes não são, precisamente, cavalheiros à moda de Jane Austen.”

— Vocês aí, idiotas — diz Malin. — Estou falando de assassinato. Vocês ouviram? Assassinato. Não de maltratar gatos na rua. Vai ser preciso comprovar tudo, podem estar certos. Entretanto, o que vocês viram?

— *Os reis de Dogtown* — respondem os dois ao mesmo tempo. — Um filme muito bom — acrescenta Magnus Tedensjö. — Trata-se da história de arruaceiros tão bons quanto nós.

Joakim Svensson faz uma nova careta.

— Nós nunca maltratamos nenhum gato, se é que você acreditou nisso.

Malin dá uma olhada por cima do ombro.

Lá fora, as plainas, as lixadeiras e as serras estão ligadas, como se nada tivesse acontecido. Alguém usa o martelo para, febrilmente, pregar um prego

num objeto com a forma de uma gaveta. E Malin se volta de novo para os rapazes.

— Vocês chegaram a dar tiros na janela do apartamento de Bengt Andersson?

— Nós? Dar tiros? Onde iríamos arranjar a arma?

Inocentes como cordeirinhos.

— Vocês estão interessados na fé Asa? — pergunta Zeke.

Ambos se entreolham, como se quisessem saber do que se tratava. Idiotas ou culpados, impossível decidir o que são.

— Interessados em quê?

— Fé Asa.

— O que é isso? — pergunta Magnus Tedensjö. — Alguma coisa relativa a acreditar em *ases*? Claro, eu acredito.

Porcos malditos antes mesmo de saírem dos cueiros. Arruaceiros, metidos. Mas perigosos?

— Atormentar os gatos? Só pode ser coisa de Unning, de ele ter batido com a língua nos dentes — diz depois Magnus Tedensjö. — Aquele pedacinho de merda. Não aguenta nada.

Zeke estica o corpo na direção dele, faz os olhos vibrarem como os de uma serpente. Malin sabe muito bem como ficam nessa hora. Ouve a voz do colega, o tom grave, tão frio e congelante como a noite que se aproxima lá fora, olhando pelas janelas da sala de artesanato.

— Se mexerem num único fio de cabelo de Fredrik Unning, eu vou fazer, pessoalmente, com que vocês comam o ensopado de suas próprias tripas, com toda a merda lá dentro. Agora, vocês já estão avisados, já sabem.

— Sim, ela pode dormir aqui.

A mensagem de Janne chega às oito e quinze da noite. Malin está cansada, no carro, a caminho de casa depois dos exercícios no ginásio da polícia. Foi obrigada a purificar o cérebro após um dia em que ele armazenou muita porcaria humana.

Os dois voltaram para o departamento depois de terem ouvido os arruaceiros de Ljungsbro. E ela, sentada ao lado de Zeke, fez para si mesma um resumo rápido da situação:

“Bengt Andersson, irritado e maltratado, e talvez mais do que isso, pelos arruaceiros com muita testosterona. Vamos ter de ouvir amanhã os pais deles. Ver o que sai daí. Na realidade, nada existe para poder retê-los. As ilegalidades cometidas contra Bengt Andersson que confessaram prescreveram com sua morte. E eram talvez mais travessuras buliçosas de juventude do que qualquer outra coisa.

“Os tiros pela janela da sala de estar.

“Os idiotas da fé Asa lá fora no campo. O assassinato cometido, reconhecidamente, como um ato do ritual pagão.

“E, finalmente, a família Murvall como uma grande nuvem negra pairando sobre toda a investigação.

“As armas no armário.

“Maria Murvall, de boca fechada, em silêncio, estuprada. Por quem? Bengt?”

Malin desejaria responder não a essa questão. Mas sabe que ainda não pode fechar nenhuma porta em lugar nenhum, em nenhuma hipótese. Em vez disso, precisa tentar prever o imprevisível. Escutar a voz da investigação.

O que mais poderá sair da escuridão dos campos e dos bosques?

“Sim...”

Ela olha para a primeira palavra da mensagem.

Por momentos, desvia a atenção do caminho.

“Sim.

“Foi essa a promessa que fizemos uma vez um ao outro, Janne, mas não soubemos prever o que viria pela frente. Até onde podemos ir com nossa arrogância?”

Malin estaciona, corre rápido para o apartamento. Procura um par de ovos, se deixa cair no sofá, liga a televisão. Acaba presa por um programa sobre alguns americanos agitados que competem para ver quem constrói a motocicleta mais bonita e mais perfeita.

O programa diverte-a, de um jeito descomplicado. E, depois de uma interrupção para publicidade, ela compreende, enfim, a razão.

Janne podia ser um daqueles americanos, feliz para além de todos os limites, quando, enfim, conseguiria esquecer todos os problemas do dia a dia, todas as

recordações, e se entregar àquela que era sua verdadeira paixão.

Vê a garrafa de tequila em cima da mesa.

Como é que a garrafa foi parar ali?

“Foi você que a colocou lá, Malin, na hora em que retirou o prato com os restos de ovo.

“A água ambarina.

“Beber um pouco?”

“Não.”

O programa sobre motocicletas terminou.

Nessa altura, a campainha da porta toca. Malin pensa que deve ser Daniel Högfeldt, que transpõe a última fronteira e agora aparece e bate à porta sem avisar, exatamente como se já tivessem oficializado sua situação.

“Não é possível que seja Daniel. Mas talvez...”

Malin vai até a entrada, abre a porta, sem olhar pelo visor.

— Daniel, seu monstro...

“Não é Daniel.”

Em vez dele, um homem de olhos azul-escuros, um cheiro de óleo de motor, gordura, suor e loção de barba. Olhos em fogo. Que gritam, quase com raiva, para ela.

Ele se mantém do lado de fora da porta. Malin vê nele fúria, desespero, violência? “Droga, o que ele vem fazer aqui? Zeke, você deveria estar aqui e agora. Será que ele quer entrar?”

O estômago se contrai, ela fica com medo. Numa fração de segundo, começa a tremer, imperceptivelmente. Os olhos dele. A porta. Devia fechar a porta. Nada de infantilidades diante da obstinação desse homem.

Ela quer fechar a porta, mas não, o pé de uma bota alta, rústica e negra se interpõe na abertura estreita entre a porta e sua ombreira. Maldita bota! Ataca-a, dá pontapés, pisa, mas a cobertura de aço da bota torna seus ataques com os pés revestidos apenas de meias sem qualquer efeito. As dores nos pés nus são suas.

Ele é forte. Coloca as mãos na brecha e reabre a porta.

Impossível contrariá-lo.

“Maria Murvall. Será que vai acontecer comigo o mesmo que aconteceu com você?”

Medo.

Agora, um pensamento, mais do que uma sensação.

“Adam Murvall.

“Você fez mal à sua irmã? É daí que vem esse seu olhar? É por isso que você ficou zangado hoje de manhã?

“Apenas um temor. Controla-o, manda-o embora.

“E onde está o casaco com minha pistola? Mas ele apenas me encara

fixamente, sorri, faz caretas e me olha fixamente de novo. Depois, retira a bota, tira as mãos da porta, recua, não invade o apartamento. Vira-se e vai embora, tão rápido como deve ter sido sua chegada.

“Que inferno!”

As mãos tremem, o corpo explode em adrenalina, o coração dispara acelerado.

Malin dá uma olhada para a escada. Há um papel no chão, à beira da porta. Escrito à mão, letras tremidas.

“Deixe Maria descansar. Ela quer que a gente vá para o inferno.”

Como se tudo, em resumo, não passasse de uma velha história já sem sentido. Por fim, uma vaga ameaça: “Vá para...”.

Agora, Malin volta a senti-lo, o medo. Aparece ao mesmo tempo que a adrenalina se escoa do corpo. E o medo se transforma em pavor. A respiração se altera, fica acelerada. “E se Tove estivesse em casa?” Depois do pavor, a fúria:

“Como é que eu pude ser tão idiota?”

“O homem à porta.

“Podia ter me possuído. Facilmente. Me violentado.

“Estava sozinha.”

Ela volta para o sofá. Deixa-se cair. Resiste ao desejo de tomar uma dose de tequila. Passam-se cinco minutos, dez, talvez meia hora, antes de reunir forças para telefonar para Zeke.

— Ele esteve aqui há pouco.

— Quem?

De repente, Malin não consegue se lembrar do nome.

— Aquele com os olhos azul-escuros.

— Adam Murvall? Quer que mandemos alguém?

— Não, droga... Ele foi embora.

— Droga, Malin. O que ele fez?

— Acho que se pode dizer que ele me ameaçou.

— Vamos prendê-lo já. Venha também para o departamento, assim que se sentir recuperada. Ou quer que eu vá buscá-la?

— Não, obrigada. Estou bem.

Três viaturas, duas a mais do que horas antes. Adam Murvall os vê chegar pela janela. Os carros param em frente a sua casa. Ele se apronta, sabe por que vieram, por ter feito o que fez.

— É preciso dizer o que se pensa.

E muitas coisas mais. A irmã mais nova, o irmão mais velho, os acontecimentos na floresta. Logo metemos uma coisa na cabeça. Talvez não haja outra saída?

— Vá até aquela porca de mulher, Adam. Entregue-lhe o papel e venha

embora.

— Mamãe, eu...

— Vai.

Tocam à porta. Lá em cima dormem Anna e as crianças. Os irmãos dormem em suas casas. Quatro policiais chegam aos degraus da entrada.

— Posso vestir o casaco?

— Está falando conosco, seu sacana?

Então, os agentes caem sobre ele, atiram-no ao chão, ele luta para respirar. Os policiais pressionam seu corpo. Anna e as crianças surgem na escada que conduz ao andar de cima, gritam e chamam pelo papai, papai, papai, papai.

No quintal, os demais agentes mantêm os outros irmãos à distância, enquanto Adam é conduzido, algemado como um cão selvagem, até a viatura.

Um pouco mais longe, numa janela iluminada, está a mãe. Ele a vê, apesar de seu corpo estar dobrado para a frente.

O frio levou embora os últimos resquícios de preocupação e medo, assim como a adrenalina que restava. A cada passo no caminho para o edifício do departamento, Malin se sente mais pronta para enfrentar Adam Murvall e seus irmãos, na manhã seguinte. Pois, por muito que queiram viver fora da sociedade, eles, todos eles, agora entraram nela. E, após terem entrado, não vão mais sair de lá, se é que, realmente, essa situação existe ou existiu.

Ao passar pelo velho quartel dos bombeiros, Malin, sem saber por quê, é levada a pensar na mãe e no pai. Na casa com telhado de pequenas lajes, em Sturefors, onde cresceu. Como ela compreendeu, posteriormente, a razão de sua mãe sempre tentar mostrar que seu lar parecia mais fino do que realmente era. Mas aqueles poucos olhos treinados que passavam pela porta de entrada deviam notar que os tapetes originais eram de baixa qualidade, que as litografias nas paredes eram produzidas em grandes quantidades e que todo o lar era apenas uma tentativa de ser distinto. Ou seria outra, talvez, a situação?

“Talvez eu faça essa pergunta na próxima vez que nos virmos, mamãe. Se bem que você vai atirar a pergunta para o alto, desconsiderando-a, embora tenha entendido muito bem o que eu queria dizer.”

— Que idiota — diz Zeke.

Malin pendura seu casaco na cadeira, junto de sua mesa de trabalho. Todo o departamento fica na expectativa do café feito na hora e cujo aroma lhes chega às narinas. Normalmente, café feito na hora, só de manhã.

— Nada inteligente, não é?

— Não sei, não — reage Malin.

— O que quer dizer com isso?

— Eles são daqueles que gostam de conduzir os acontecimentos. Você não pensou nisso?

Zeke abana a cabeça.

— Será que você não está tornando as coisas mais complicadas do que são? Você está bem mesmo?

— Sim, estou muito bem.

Dois policiais entram na sala, vindos do refeitório, com as faces rosadas em consequência do café quente.

— Martinsson — berra um deles. — Seu garoto fez algum gol contra o Modo?

— Ele jogou muito bem contra o Färjestad — berrou o outro.

Zeke prefere ignorar os dois colegas uniformizados, finge que não ouve, tenta se mostrar ocupado.

Karim Akbar chega e é a grande salvação de Zeke. Coloca-se entre Malin e ele.

— Vamos prendê-lo — diz Karim. — Sjöman mandou, agora mesmo, uma viatura buscá-lo. Devem chegar a qualquer momento.

— Com que argumento vamos mantê-lo na prisão? — pergunta Malin.

— Ele perturbou a paz de uma policial em sua casa.

— Ele tocou a campainha da porta e deixou uma mensagem.

— Tem o papel?

— Claro.

Malin procura no bolso, encontra e apresenta um papel dobrado na direção de Karim, que, cautelosamente, desdobra-o e lê.

— Está claro como o sol — diz ele. — Há razões de sobra: obstrução da investigação de um crime, quase uma ameaça, e ação ilegal contra a paz de um lar.

— É isso mesmo — completa Zeke.

— Tudo dirigido contra você, pessoalmente, Malin. Por quê? O que acha?

Malin suspira.

— Porque eu sou mulher. Acho que é muito simples. Atacam primeiro as mulheres. São medrosas, mais fáceis de assustar. Chega a ser cansativo.

— Os preconceitos são sempre cansativos — responde Karim. — Não podem ser de outra maneira, não é?

— É verdade. Não posso imaginar outra coisa.

— Onde está Sjöman? — pergunta Zeke.

— A caminho.

Tumulto na recepção.

“Estão chegando? Não, nenhuma luz azul no andar.”

A seguir, ela o vê.

Daniel Högfeldt. Ele gesticula, fala agitado, mas através de uma janela à prova de balas e de som, entre a grande sala e a entrada. Não se ouve nada. Vê-se apenas um rosto bem conhecido, um casaco de couro preto, vestindo um corpo de quem quer alguma coisa, que parece falar a sério, mas que, de certa forma, revela alguém que faz de sua profissão uma brincadeira.

Ao lado de Daniel está a jovem fotógrafa, que dispara freneticamente sua câmera. A recepcionista Ebba e Malin se perguntam se o piercing em seu nariz vai ou não ficar preso na câmera, se as tranças vão se enrolar na objetiva. Börje Svärd tenta acalmar Daniel, mas logo passa a abanar a cabeça, resignado, e se afasta.

Daniel lança um olhar mais preciso na direção de Malin. A vaidade escorre por seu rosto. Mas será talvez também a saudade? A diversão recordada ou imaginada? Difícil de interpretar.

“O melhor é fixar o olhar em alguma outra coisa”, pensa Malin.

— *Meet the press* — diz Karim, sorrindo para ela, ao mesmo tempo que a pele de seu rosto parece mudar de cor. Em seguida, acrescenta: — Aliás, Malin, você

parece abatida. Está tudo bem?

— Abatida? Isso é uma coisa que você jamais diria a um homem, seu colega — diz Malin, ao virar o rosto para seu computador, tentando fingir que estava ocupada.

Karim sorri de novo.

— Mas, Fors, foi apenas uma indagação, com a melhor das intenções.

Börje chega até eles, com um olhar ligeiramente divertido. Como se fosse alguém que tem uma coisa que outro quer ter, mas que nunca vai levar.

— O orgulho da corporação jornalística. Ele quer saber se Adam Murvall é suspeito pelo assassinato ou se vai ficar preso por algum outro motivo. Ficou zangado quando eu disse “sem comentários”.

— Não irrite a imprensa sem necessidade — diz Karim. — Normalmente, eles já são diabólicos. — E acrescenta: — Como ele sabe do que está acontecendo aqui e agora?

— São oito policiais envolvidos, oito celulares funcionando — diz Zeke.

— Mais dez outros — completa Malin.

— Mais salários ridiculamente baixos — acrescenta Karim, antes de abandonar o lugar e caminhar na direção de Daniel.

— Que raio de situação é esta? — comenta Börje. — Uma tentativa de apoio para com os soldados rasos?

— Quem sabe — diz Zeke. — Ele talvez tenha tido uma revelação que se estende para além da expressão de seu próprio rosto.

— Ele está certo — diz Malin. — Parem de ser ridículos.

Nesse momento, a luz azul começa a piscar freneticamente na entrada, e logo uns colegas, bem fortes, abrem as portas para deixar passar uma viatura pintada de branco.

Músculos.

Mãos de ferro seguram os braços de Adam Murvall, puxados para trás e para cima. As algemas de metal prendem seus pulsos, cortam a pele das articulações. Um solavanco. O corpo avança, instintivamente inclinado para a frente, para se defender. A cabeça pendente para o chão. Eles o empurram, suas pernas vestem calça azul, galochas pretas nos pés, e o piscar da luz azul, em contraste com o asfalto coberto de neve, todo branco, tudo isso faz pensar em um céu estrelado. Os flashes de câmeras. Portas automáticas que se abrem. Um frio trocado por outro frio.

Uma voz estridente, uma mulher ou um homem?

— Adam Murvall, você sabe o motivo de sua prisão?

“Acha que sou idiota?”

Depois, ainda mais uma porta, um padrão azul e bege por baixo dos pés, vozes, rostos, a jovem, um bigode.

— Levem-no diretamente para a sala de interrogatórios.

— Qual?

— A número um.

— Quem?

— Vamos esperar pelo Sjöman.

Uma voz firme de homem. Karim acha que o sotaque não se distingue, mas ele é apenas um desqualificado.

Através de uma janela espelhada que dá para a sala de interrogatórios, Malin vê Sven Sjöman ligar um gravador, escuta quando ele fala a data e a hora, diz seu nome e o nome de quem será interrogado, além do número do processo.

Malin vê ainda quando Sjöman se recosta na cadeira metálica, laqueada de preto.

A sala.

Quatro por quatro metros.

Paredes cinzentas, com placas acústicas, perfuradas. Um espelho que não engana ninguém. “Por trás do espelho, estou sendo observado.” O teto pintado de preto, com iluminação halógena indireta. A confiança deve ser criada, quebrada, a culpa deve ser fundamentada, confessada. A verdade deve surgir, e, para isso, é preciso silêncio e calma.

Ninguém tem mais calma do que Sven.

Ele tem esse talento.

A capacidade de levar os estranhos a confiar, de transformar em amigo um inimigo. Informações: “Como é o ambiente onde moram? E suas casas?

Detalhes, deem-me detalhes”.

Do outro lado da mesa, Adam Murvall.

Calmo.

As mãos algemadas na frente, em cima da mesa, tambo laqueado, prateado, manchas roxas, incipientes, logo acima dos anéis de metal. Na relativa obscuridade, paira a cor de seus olhos. E, pela primeira vez, Malin observa melhor o nariz dele, como sobressai da raiz e termina numa ponta afiada que se desdobra para os lados, tornando as narinas bem proporcionais.

Um nariz nada vulgar.

Não um bico de galo, como se costuma dizer no campo.

— Então, Adam — diz Sven. — Você não pôde se controlar, não é?

Adam Murvall não muda de expressão, apenas esfrega as mãos, uma na outra, produzindo ruídos tilintantes sempre que as algemas de metal batem entre si.

— Não precisamos falar disso agora. Nem de sua irmã. Podemos falar de carros, se preferir.

— Não precisamos falar de nada — diz Adam Murvall.

Sven inclina-se para a frente sobre a mesa. Com uma voz que é a essência da amizade e da confiança, ele diz:

— Vamos lá, conte um pouco a respeito de todos aqueles carros que vocês têm em seus terrenos. Presumo que ganhem muito dinheiro ao desmanchá-los.

Vaidade, Malin. Encontre um caminho nas histórias deles pela vaidade. Nessa altura, eles se abrem e, ao se abrirem, em regra, tudo dá certo.

Sven Sjöman.

Um mestre da persuasão para levar as pessoas a falar.

Adam Murvall acha que o policial à sua frente já deve trabalhar na corporação há muito tempo, mas não nesta cidade. “Caso contrário, já devia ter se lembrado de mim. Eles nunca se esquecem. Ou será que finge não se lembrar? Os outros que estão atrás do espelho me observam. Olham para mim, mas eu não me importo. Vocês acham que vou falar? Como podem acreditar nisso? Não ligue para os carros, mas, claro, se você começar a perguntar sobre eles, eu sempre poderei falar. Quanto aos carros, não há segredos, não é?”

Adam sente, contra a vontade, que já está cedendo um pouco.

— Você não estava aqui há nove anos — diz Adam Murvall. — Onde estava?

— Acredite em mim — responde Sven. — Minha carreira é uma tristeza. Há nove anos, eu era inspetor criminalista em Karstad, mas então minha mulher conseguiu vir trabalhar aqui, e para mim restou apenas tratar da transferência.

Adam Murvall acena com a cabeça, e Malin pôde notar que ele fica satisfeito com a resposta. Que diferença isso faz para ele? Por que se interessa pelo currículo de Sven? De repente, Malin concluiu que, se Sjöman fosse mais antigo no lugar, se lembraria, certamente, dos irmãos Murvall.

“Vaidade, Malin, vaidade.”

— Então, os carros?

— Os carros? São apenas mais uma coisa a que nos dedicamos.

Adam Murvall demonstra autoconfiança. Sua voz, um motor bem lubrificado.

— Nós desmontamos os carros e vendemos as melhores peças.

— Isso é tudo do que vocês vivem?

— Temos também o posto de gasolina, aquele que fica no caminho para o aqueduto, o Posto Preem.

— E isso é o suficiente para vocês?

— Mais que isso estragaria, não é?

— Conheceu Bengt Andersson?

— Eu sabia quem ele era. Todos o conheciam.

— Você acha que ele teve alguma coisa a ver com o estupro de sua irmã?

— Esqueça. Não toque nesse assunto.

— Sou obrigado a perguntar, Adam. Sabe disso.

— Não fale de Maria, o nome dela não é apropriado numa boca suja como a sua.

Sven recosta-se na cadeira; nada de seu movimento denuncia qualquer espécie de raiva diante daquele insulto.

— Você e sua irmã mantêm contato regular? Ouvi dizer que é o único que a visita.

— Não fale de Maria. Ela tem de ficar em paz.

— Foi para isso que escreveu a mensagem?

— Isso não é de sua conta. O problema, nós mesmos vamos resolvê-lo.

— E o que você fez na noite de quarta para quinta-feira?

— Jantamos na casa da mamãe. Depois, fui para minha casa com minha família.

— Foi isso mesmo que fizeram? Não foram vocês que penduraram Bengt na árvore? Uma solução à sua moda?

Adam abana a cabeça.

— Porco.

— Quem? Eu ou Bengt? Foi você ou algum de seus irmãos que atirou na janela da sala de estar de Bengt? Algum de vocês foi lá às escondidas, uma noite dessas, tal como você foi à casa da investigadora Fors hoje à noite? Para deixar um papel, uma mensagem?

— Eu não sei nada a respeito dos tiros que furaram a maldita janela. E agora não digo mais nada. Pode ficar aí a noite inteira. A partir de agora, de minha parte, só silêncio.

— Como sua irmã?

— O que você sabe sobre minha irmã?

— Seu bom coração. Todos falam sobre isso.

Os músculos do rosto de Adam Murvall se descontractam um pouco.

— Você sabe que sua situação é péssima, não sabe? Ameaças a uma policial, resistência violenta, direitos violados. Com seu histórico, são alegações muito sérias.

— Eu não ameacei ninguém. Fui entregar uma carta.

— Sei muito bem como pode ficar zangado, Adam. Você ficou furioso contra o gordo e repulsivo Bengt? Aquele que violentou sua irmã? Aquele que destruiu o bom coração dela? Como foi? Adam, foi você que pendurou...

— Eu devia ter feito isso, sim.

— Portanto, você...

— Acha que sabe de tudo.

— O que é que eu não sei?

— Vá para o inferno...

Adam Murvall pronuncia essas palavras em voz baixa, antes de, lentamente, levantar o indicador e levá-lo ao meio da boca.

Sven desliga o gravador, ergue-se da cadeira. Sai da sala, deixando Adam Murvall sozinho. Este se mantém sentado, as costas retas, como se sua coluna

fosse feita de uma única estaca sólida, de aço, impossível de derrubar.

— O que acham?

Sven Sjöman olha para todos à sua frente.

Karim Akbar, na expectativa, junto à porta.

— Tem qualquer coisa que não combina bem — diz Malin. — Uma coisa qualquer.

Mas seu coração não lhe indica o quê.

— Ele não nega — comenta Johan Jakobsson.

— São um bando de durões, bad boys — diz Zeke. — Negar ou confessar? Nunca. Isso seria fazer uma concessão. O que, para eles, está, simplesmente, fora de cogitação.

— Sven já decidiu mantê-lo preso. Vamos colocá-lo esta noite na cela mais fria. Talvez isso o amacie — diz Karim, o que provocou silêncio geral. Ninguém sabe se está brincando ou se fala sério.

— Brincadeira — diz Karim em seguida. — O que acham? Querem que eu transforme isto aqui num buraco prisional à moda curda? É isso?

Karim solta uma gargalhada. Os outros sorriem.

O relógio na parede da sala de observação por trás do espelho. Os ponteiros pretos marcam onze horas e vinte minutos.

— Eu acho — diz Malin — que pode valer a pena falar com toda a família Murvall. É o que acho. Amanhã.

— Podemos mantê-lo preso por uma semana. Os irmãos e a mãe serão ouvidos amanhã de manhã. Podemos chamar também as esposas — confirma Karim.

Pela janela espelhada e com isolamento sonoro, Malin observa a entrada de dois policiais uniformizados, que levam Adam Murvall da sala de interrogatórios para uma das celas da cadeia local.

O céu está limpo, cheio de estrelas.

A Via Láctea sorri para os seres humanos, o longo caminho de luz tem um aspecto severo, mas, ao mesmo tempo, consolador e caloroso.

Malin está junto de Zeke, já no estacionamento, perto do Mercedes preto que pertence a Karim Akbar.

Quase meia-noite.

Ele fuma um de seus raros cigarros. Os dedos parecem ficar roxos por causa do frio, mas isso não o incomoda.

— Você devia baixar o ritmo, Fors. Vá com mais calma.

O brilho das estrelas enfraquece.

— Mais calma com quê?

— Com tudo.

— Tudo?

— Apenas reduzir um pouco a velocidade, o ritmo acelerado.

Malin para, espera que o tempo quente volte logo, mas sabe que vai demorar, nunca mais chega.

Zeke apaga o cigarro, procura as chaves do carro.

— Vem comigo?

— Não — responde Malin —, vou andar, preciso espiair um pouco.

Adam Murvall está deitado em um beliche na cadeia, puxa o cobertor para cima do corpo musculoso e pensa nas palavras que Svarten, o pai, costumava pronunciar e repetir como se fosse um dogma, quando entrava em delírio alcohólico, sentado na cadeira de rodas, na cozinha.

“No dia em que você ceder, está ferrado. Ferrado, entende?”

Svarten cedeu. Nem ele próprio chegou a entender direito.

Depois, Adam Murvall pensa na mãe, que ela pode confiar nele, tal como ele sempre confiou nela. De certa maneira, ela sempre conseguiu ficar entre eles e todos os diabos do mundo, como uma muralha.

Adam não é daqueles que falam. E as crianças devem estar dormindo agora, embora, com certeza, Anna tenha demorado para fazê-los descansar.

Adam Murvall vê o peito de sua filha Annelis, de sete anos, subindo e descendo conforme a respiração. Vê os cabelos louros e ondulados do filho Tobias, de três anos, deitado sobre um lençol decorado com pequenos barcos à vela, azuis, e vê também seu bebê de oito meses dormindo de costas no berço. Em seguida, Adam também adormece. Sonha com um cachorro que está em frente à porta em pleno inverno. É uma noite de céu claro e estrelado, e o cão ladra tão alto que a porta estremece, apesar dos pregos enferrujados que a sustentam. E Adam sonha que ele próprio está sentado a uma mesa posta, na cozinha de uma grande casa branca. E vê a mão, cheia de finas veias salientes, se estender por cima da mesa e arrancar a perna de uma galinha corada no forno. E a mesma mão atira pela janela a perna da galinha para o cachorro.

O animal continua lá fora na neve e ladra.

Mas, com a perna da galinha na boca, fica em silêncio.

Depois, volta a ladrar. Uma voz:

“Deixem-me entrar. Não me deixem aqui fora. Estou com frio.”

QUINTA-FEIRA, 9 DE FEVEREIRO

Não é nenhum pesadelo.

É apenas o que é.

Janne anda para a frente e para trás na sala de estar. Os jovens do campo de refugiados em Kigali acabam de vir ter com ele de novo, durante a noite. Trazem seus pés recém-cortados na palma das mãos, aproximam-se da cama dele e exibem-nos como se fossem troféus sangrentos. O sangue vermelho escuro pingava em cima do lençol da cama, ainda quente, fresco, cheirando a ferro.

Janne acorda ao sentir que o lençol está molhado.

O suor.

Como de hábito.

É como se o corpo relembresse as noites úmidas na floresta e se adaptasse às reminiscências da mente, mais do que às condições do momento.

Janne sobe sem ruído a escada, abre um pouco a porta do quarto de Tove, que ainda dorme, tranquila, no ambiente aquecido.

No quarto de hóspedes, dorme Markus. Bom rapaz, ao menos pelo que Janne pôde julgar durante o curto jantar, antes de Tove e Markus desaparecerem em direção aos quartos.

A respeito de Markus dormir em sua casa, ele não disse nada a Malin, que parece não saber de nada, mas ele pensa que sabe, sim. “Iria protestar com certeza, mas está tudo bem”, pensa Janne, ao descer a escada. “É melhor controlarmos a situação com eles por perto do que irem para o apartamento do sogro.

“Sogro?

“Foi isso que eu disse?

“De qualquer forma, telefonei para o pai de Markus, para saber se não havia problema.

“Ele se mostrou amigo. Nada da atitude pomposa assumida pela maioria dos médicos lá no hospital, quando chegamos com alguém na ambulância.”

Pela manhã, a família Murvall se apresentou no departamento.

Chegaram no Range Rover verde e num micro-ônibus Peugeot, pouco depois das oito.

O sol produzia reflexos na pintura dos veículos que vomitavam as pessoas

para fora. Pelo menos, foi assim que Malin resolveu descrever a situação para si.

O clã Murvall: homens, esposas, crianças e mais crianças ocuparam todo o saguão do edifício.

Conversas agitadas.

Gente em ponto de ruptura.

Dispostos a não fazer o que as autoridades pediam que fizessem: contar, falar. Uma mistura consciente de arrogância e resignação em cada movimento, em cada expressão, em cada piscar de olhos. Roupas surradas, jeans muito usados, agasalhos e casacos de cores vivas, fora de moda, desfilaram em parada. Não fazia diferença, tudo sujo, cheio de manchas, o ranho escorrendo do nariz das crianças, para completar o conjunto.

— Ciganos — sussurra Börje Svärd ao ouvido de Malin, no momento em que observam a cena, da janela do salão dos escritórios. — Eles formam um bando de ciganos.

No meio do grupo, a mãe Murvall.

Como se estivesse sozinha entre todos.

— É uma família e tanto, a sua — diz Sven Sjöman, tamborilando com os dedos em cima da mesa, na sala de interrogatórios.

— Nós nos mantemos unidos — constatou a mãe. — Como nos velhos tempos.

— E isso é inusitado hoje em dia.

— É, mas continuamos unidos.

— E a senhora Murvall já tem muitos netos, todos bem tratados.

— Nove no total.

— E podiam ser muitos mais, caso Maria...

— Maria? O que o senhor tem a ver com ela?

— O que a senhora fez na noite de quarta para quinta-feira, na semana passada?

— Dormi. Isso é o que uma velha como eu faz durante a noite.

— E seus filhos?

— Os rapazes? Pelo que sei, dormiam também.

— A senhora conhecia Bengt Andersson?

— Bengt o quê, inspetor? Eu li nos jornais a respeito dele, se o senhor se refere àqueles que o penduraram na árvore.

— Àqueles?

— Eu li nos jornais que, provavelmente, eram vários.

— Como seus filhos?

— Que vergonha, inspetor. Que falta de vergonha na cara.

Malin observa os olhos de Sofia Murvall. As bolsas sob eles caem por cima das

faces, mas os cabelos castanhos parecem bem lavados, reunidos num longo e bonito rabo de cavalo até abaixo do pescoço. A sala de reuniões teve de funcionar como lugar de interrogatório.

Jakob, o filho do meio. Sua esposa. Quatro crianças, de sete meses a dez anos. Exausta, cansada de tantas noites maldormidas, esgotada até a medula.

— Quatro crianças — diz Malin. — Você deve se sentir feliz. Eu tive apenas uma.

— Posso fumar aqui dentro?

— Infelizmente, não. Aqui as regras são duras. Mas talvez eu possa abrir uma exceção — diz Malin, empurrando por cima da mesa o copo de café que havia terminado de beber. — Coloque as cinzas aqui.

Sofia Murvall procura no bolso de seu agasalho verde um maço de Blend Menthol e um isqueiro com publicidade de uma transportadora. Acende o cigarro, e a fumaça doce, mentolada, faz com que Malin sinta náuseas, mas ela se esforça e sorri.

— Deve ser dura a vida no campo.

— Nem sempre é divertida — diz Sofia Murvall. — Mas quem disse que é para ser divertida?

— Como vocês se encontraram, você e Jakob?

Sofia vira a cara para o lado e puxa mais uma fumaça de seu cigarro.

— Você não tem nada com isso.

— Vocês são felizes?

— Muito, muito felizes.

— Mesmo depois do que aconteceu com Maria?

— Não houve diferença nenhuma.

— Custa acreditar nisso — diz Malin. — Jakob e seus irmãos devem ter ficado incrivelmente frustrados.

— Eles cuidaram da irmã, se é isso que quer saber, e é o que fazem ainda hoje.

— Também cuidaram daquele que provocou o acontecido? Ao pendurarem Bengt Andersson na árvore?

Alguém bateu à porta da sala.

— Entre — reageu Malin. E uma nova agente, de nome Sara, entreabre a porta e olha pela abertura.

— Há um pequenino aqui fora chorando. Dizem que precisa mamar, ok?

Sofia Murvall não reage, nem muda de expressão.

Malin acena, afirmativamente, com a cabeça.

A mulher que deve ser a esposa de Adam Murvall traz um bebê gordinho que chora para dentro da sala e deixa-o no colo de Sofia. A criança abre a boca, busca a mama mais próxima da mãe. Sofia apaga o cigarro, desnuda a mama, o bico rosa aparece, o bebê o encontra e começa a chupar.

“Você entende sua felicidade? Reconhece-a?”

Sofia acaricia a cabeça do filho.

— Está com fome, querido? — Depois: — Jakob não teve nada a ver com isso. Impossível. Ele dormiu em casa todas as noites e, durante o dia, ficou trabalhando na oficina. Eu posso vê-lo da janela da cozinha o dia inteiro.

— E sua sogra? Você se dá bem com ela?

— Sim — diz Sofia Murvall. — Uma pessoa mais fina do que ela não existe. Elias Murvall, fechado. Sua expressão, a de uma concha.

— Não vou dizer nada. Deixei de falar com a polícia há 15 anos.

A voz de Sven Sjöman:

— Não somos assim tão perigosos, especialmente diante de um brigão como você, não é?

— Se eu não disser nada, como vão saber o que fiz ou não fiz? E vocês acham que sou assim tão fraco a ponto de ceder?

— Af é que as coisas batem — diz Sven. — Não achamos que você seja um fraco. Mas, se não disser nada, vai ser mais difícil. Você quer que as coisas fiquem difíceis?

— O que acha?

— Foi você que atirou pela...

A boca de Elias Murvall, costurada por uma linha cirúrgica invisível, a língua domesticada, sem movimento. Tão silenciosa que dava para escutar o zunido do equipamento de ventilação.

De seu lugar de observadora, Malin não o ouve, mas sabe que existe. Um sopro contínuo, mecânico, que renova o ar no ambiente.

Jakob Murvall ri às gargalhadas diante da pergunta:

— Se temos alguma coisa a ver com isso? Vocês são loucos. Nós respeitamos a lei, há muito tempo estamos calmos, dentro da legalidade. Somos mecânicos de automóveis, iguais a quaisquer outros.

Börje Svård:

— Certo. Que diz sobre os rumores de que vocês ameaçaram aqueles que ofereceram propostas para a compra da casa que estava à venda em Blåsvädret? Que ameaçaram até o corretor de imóveis interessado na venda?

— Rumores. Está em nossos domínios. E oferecemos a proposta mais alta. Podemos comprá-la. Ou não?

“A noite entre quarta e quinta-feira? Estava dormindo, ao lado de minha esposa. É verdade que não dormi a noite inteira, mas fiquei deitado na cama, com minha mulher.

“Maria. Você não devia nem mencionar o nome dela, ouviu, seu maldito? Bengt Andersson... Maria... O Gandula, esse monstro, ela devia tê-lo mandado para o inferno.”

Jakob Murvall se levanta, apressadamente.

Em seguida, um corpo de homem que amolece, músculos que se descontraem.

— Ela tomou conta dele. Ela é a mais doce, a mais carinhosa mulher que Deus deu de presente a nosso maldito planeta. Ela tomou conta dele, apenas um pouco. Você não entende isso, não é, seu fracassado? Ela é como é. Ninguém pode detê-la. E se ele agradeceu fazendo o que fez lá na floresta, merecia morrer, merecia se retirar para o inferno de onde veio.

— Mas não foram vocês que fizeram isso, não é verdade?

— O que você acha, seu fracassado? O que é que você acha?

“A retirada de um exército”, pensa Malin.

O clã Murvall evacuou o saguão do departamento, tremendo de frio. Todos voltaram para seus veículos.

Elias e Jakob ajudam a mãe a ocupar o lugar da frente no micro-ônibus, mas será que a velhota precisa dessa ajuda?

Antes, na saída, com um xale em volta da cabeça, ela estava com os olhos tão abertos que parecia que iam sair das órbitas.

E insultou Karim Akbar.

— Vou levar meu Adam para casa.

— O chefe das investigações...

Karim ficou estupefato diante da velha senhora, tão impositiva quanto, de repente, furiosa. E foi também influenciado pela educação recebida de respeito aos mais velhos.

— Ele vai para casa. Agora. Comigo.

O resto da família como uma muralha por trás dela, a esposa de Adam na frente, com as crianças em volta das pernas, fungando.

— Mas...

— Então, pelo menos, vou vê-lo.

— Senhora Murvall, seu filho... Ele não pode receber visitas. O chefe das investigações, Sven Sjöman...

— Eu quero que esse tal de chefe das investigações vá para o inferno. Quero ver meu rapaz. E depois ouvir.

E mostra um sorriso que logo se transforma em careta, a prótese dentária sobressaindo irrealisticamente branca.

A provocação como uma peça de teatro, uma brincadeira.

— Vou ver o que posso...

— Você não pode fazer nada, não é verdade? — E, então, Rakel Murvall se vira, levanta um dos braços no ar, e a retirada recomeça.

O relógio da parede indica que são duas horas e cinquenta minutos, quase três da tarde.

Sala de reuniões. Frio demais para poder ser arejada. Por isso, o mau cheiro do cigarro mentolado ainda persiste.

— Lisbeth Murvall dá álibi para seu marido, Elias — diz Malin.

— Todos dão álibis uns para os outros — diz Zeke. — De um jeito ou de outro.

Johan Jakobsson:

— E parecem não ter outra ligação com Bengt Andersson a não ser o fato de ele ter sido assistido pela irmã e de seu nome ter aparecido na investigação sobre

o estupro.

— De qualquer maneira, devemos realizar uma busca em Blåsvädret — diz Sven Sjöman. — Quero saber o que existe nas casas deles.

— Temos justificativas para isso? — Karim se mostra hesitante. — Um motivo, indícios. É tudo o que temos.

— Eu sei o que temos e o que não temos. Mas é o suficiente.

— Vamos apenas dar uma olhada — diz Börje Svärd. — Nada de mais. Não há perigo. Ou há?

“Isso é apenas virar o mundo de pernas para o ar”, pensa Malin. “Nada além disso”. Mas diz:

— Arranje o mandado.

— Ok — reage Karim.

— Eu quero ouvir os pais de Joakim Svensson e de Magnus Tedensjö — diz Malin. — Alguém vai ter de confirmar o que eles fizeram na noite de quarta-feira, e talvez se consiga saber mais alguma coisa quanto à maneira como molestavam Bengt Andersson.

— Os tiros — menciona Zeke. — Ainda não sabemos quem atirou.

— Vamos fazer o seguinte — diz Sven. — Primeiro, a busca na casa dos Murvall. Depois, podemos falar com os pais desses arruaceiros.

Malin acena, concordando. Pensa que precisam reunir todas as forças. Ninguém sabe do que esses loucos são capazes.

A seguir, ela ouve a voz receosa de Fredrik Unning: “Isto aqui vai ficar entre nós...”. E acha que é de sua maldita responsabilidade seguir essa linha de investigação até onde puder.

— Então, vamos para Blåsvädret — diz Johan, se levantando.

— Ao se cavar numa duna, sempre aparece alguma coisa — diz Börje.

Duna, Börje, você sabe um bocado sobre dunas, não é?

Já esteve nas dunas, ao ficar alerta junto de sua esposa, ouvindo o quanto ela tinha dificuldade de respirar quando seu diafragma, desesperado, mal conseguia suportar os pulmões.

Você sentiu a areia encharcada a cobri-lo, a expectoração dela em seus dedos durante a noite, num quarto fracamente iluminado, quando ela lhe pedia para segurar a mão dela e dispensar a assistência das enfermeiras anônimas.

É isso, você conhece um bocado a respeito de dunas, Börje. E sabe também que sempre existe algo mais no meio da areia.

À sua maneira, esperou que as bolas voassem por cima de um alambrado, para que pudesse devolvê-las. Mas ninguém nunca se riu de seus movimentos.

Nunca precisou estar real e verdadeiramente com fome. Afetivamente sozinho. Perigosamente sozinho. Sozinho a ponto de lançar um machado afiado contra a cabeça de seu pai.

Eu flutuo sobre os campos, estou me aproximando de Blåsvädret, daqui de cima, um pequeno conjunto de casas como se fossem minúsculos pontos escuros sobre uma imensa toalha branca. A árvore onde fiquei pendurado parece um mastro de bandeira cerca de cinco quilômetros à esquerda. Deixo, vejo os carros, os policiais cheios de frio e os Murvall todos reunidos, apertados, na cozinha da casa de Rakel; ouço as maldições deles, sua fúria mal repressa; desconhecem os princípios das painéis de pressão e do reator não resfriado que explode. A violência pode ser apenas confinada, tanto quanto possível, e vocês se movimentam agora ao longo dos limites. E os quatro policiais uniformizados lá na rua, diante de suas portas, será que vão poder confinar a violência?

Na oficina, a maior, o grande barracão de telhado branco.

Malin e Zacharias, que é como ele se chama, abrem a porta de um dos compartimentos mais interiores. Está frio lá dentro, dez graus apenas, mas mesmo assim se sente o cheiro.

A vaidade conduziu-os para lá.

Ou a curiosidade?

Ou talvez uma penitência, Malin?

Vocês vão se perguntar por que os Murvall não fizeram uma limpeza maior, e a dúvida de vocês continuará existindo. Que é isso? Qual é o animal que não se curva?

Vocês vão ver as correntes penduradas do teto, os guindastes que ajudam as pessoas a suspender coisas mais pesadas, coisas que, de outro modo, não conseguem levantar em direção ao teto ou ao céu.

Vocês vão ver as pistas de sangue coagulado.

Sintam o cheiro.

E, então, vão sentir.

— Está vendo, Zeke?

— Vejo. E sinto o cheiro.

O mau cheiro do óleo de motor que dominava o primeiro grande ambiente da oficina desaparece diante do cheiro encontrado no ambiente interior.

— Luz, precisamos de mais luz.

Antes, tiveram de afastar as gigantescas portas de ferro que separam os dois ambientes, sem problemas, portas bem lubrificadas e obedientes. “Não se sente o peso”, pensa Malin, observando as marcas de pneus no caminho que leva até a porta.

O reino de facilidade, uma bem lubrificada porta de correr.

Então, o recinto sem janelas. Chão de cimento manchado, correntes que pendem quietas das vigas do teto, mas que, ainda assim, produzem pequenos ruídos, como a pele seca de serpentes jovens, traves suspensas, bonitos planetas negros bem no alto, junto ao telhado. Ao longo de todas as paredes, bancadas de aço inoxidável, brilhando vagamente no escuro, e ainda o mau cheiro, cheiro de morte e de sangue.

— Ali.

Zeke aponta para um interruptor junto à parede.

Segundos depois, a luz enche o ambiente. Zeke e Malin veem sangue coagulado no chão, nas correntes, as filas de facas dispostas com precisão sobre as bancadas de aço inoxidável.

— Essa foi demais.

— Chame os peritos.

— Agora vamos recuar cautelosamente e sair daqui, para não estragar eventuais pistas.

Malin, Zeke e Johan Jakobsson estão junto à bancada da cozinha da casa de Adam Murvall. Policiais de uniforme revistam o conteúdo das gavetas na sala de estar, cujo chão está cheio de jornais, fotografias, toalhas e talheres.

— Quer dizer que a dependência interna da oficina parece, realmente, um matadouro? Será que foram eles que fizeram tudo isso? — pergunta Johan.

Zeke acena com a cabeça, concordando.

— E o que vocês encontraram? — pergunta Malin.

— Todo o porão está cheio de carnes. Grandes congeladores brancos. Sacos marcados com a indicação de ano e detalhes sobre os cortes incluídos, carne moída 2001, bifês 2004, veado 2005. Tudo igual nas três casas. Certamente, também na casa da mãe.

— Nada mais?

— Uma quantidade enorme de lenha. Pouca papelada. Parece que não são muito a favor de guardar documentos.

São interrompidos por um chamado via rádio que vem do carro que está perto da garagem de Elias Murvall.

— Temos aqui um troço.

“A voz alegre dos frangotes. Era essa minha voz há dez anos?”, pensa Malin. “Na época em que terminei todos os exames na Academia de Polícia e fiz a primeira ronda já de volta à minha cidade de origem. Para sempre?”

Malin, Zeke e Johan saem correndo da cozinha de Adam Murvall; correm ainda mais rápido pelo jardim e pela rua na direção da garagem.

— Aqui — chama a atenção o jovem de uniforme e faz sinal do lugar onde está. Os olhos dele brilham de excitação ao apontar para uma picape Skoda.

— Toda a caixa de transporte está manchada de sangue — diz ele. — Inacreditável.

“Nem tanto”, pensa Malin, antes de dizer:

— Não mexam em nada.

Ela não nota como o rosto do jovem policial muda de uma extraordinária expressão de orgulho e felicidade para outra, de irritação mal contida que só a arrogância de um superior pode provocar.

Börje Svärd anda com os músculos abdominais muito tensos, pode sentir como as contrações se espalham pelo corpo.

O posto de combustível está bem organizado. Até aí ele só tem de elogiar os idiotas. Nada de estranho na loja, nada na oficina. Bem cuidadas, com uma aura de competência. Ali, até ele poderia deixar seu carro.

Nos fundos da loja, um pequeno escritório, algumas pastas na prateleira, uma máquina de fax. E outra porta. Dois cadeados bem fortes, pendurados numa lingueta. Mas não suficientemente fortes.

Na oficina, Börje encontra uma grossa alavanca de ferro. De volta ao escritório, coloca-a por trás da lingueta e se pendura nela com todo o peso de seu corpo. Logo pode ouvir os protestos do ferrolho e, em seguida, pressiona mais uma vez com o peito; o metal cede, e a lingueta voa de seu lugar.

Ele olha para dentro da dependência. Primeiro, percebe imediatamente o conhecido cheiro de lubrificante de armas. Depois, vê as espingardas penduradas nas paredes.

“Não é possível”, pensa ele. Em seguida, reflete e se lembra de que os postos de gasolina estão muito expostos a assaltos. E, se houver alguma arma no posto, não há razão para ter medo de que isso aconteça. Se não fosse por isso, as armas poderiam estar em outro lugar.

Börje sorri.

Imagina a conversa entre os outros moradores do lugar: “Podem fazer qualquer coisa, mas não toquem no posto de Blåsvädret. Os irmãos Murvall são loucos varridos. Lembrem-se disso”.

A noite começa a descer no horizonte, muita atividade em volta de Malin. Policiais de uniforme, civis, sangue, armas, carnes congeladas. A família agora reunida na cozinha de Adam Murvall, enquanto fazem a vistoria na casa da mãe.

Malin acha que está faltando alguma coisa. Mas o quê? Logo sabe o que é. Daniel Högfeldt. Ele devia estar aqui.

Mas, em vez dele, está outro jornalista furão de quem ela não sabe o nome. Em contrapartida, a fotógrafa está presente, com piercing no nariz e tudo.

Malin acaba por se surpreender ao pensar em perguntar por Daniel, mas seria dar um passo errado. Qual a razão que daria para justificar a pergunta?

O telefone toca.

— Olá, mamãe.

— Tove, minha querida, vou voltar para casa daqui a pouco. Aconteceram grandes coisas hoje no trabalho.

— Não vai perguntar se eu passei uma boa noite na casa do papai?

— Claro que sim. Você esteve...

— SIM!

— E agora, está em casa?

— Sim. Mas estava pensando em apanhar o ônibus e ir ao encontro de Markus.

Por meio do rádio, fala Johan:

— Børje encontrou uma grande quantidade de armas no posto.

Malin inspira fundo o ar frio.

— Para a casa de Markus? Está ótimo... Nesse caso, será que você pode comer qualquer coisa por lá?

As faces de Karin Johannison voltam a atrair os holofotes. Sua pele bronzeada se destaca ainda mais, graças ao contraste com a cor brilhante do fino blusão que usa, numa tonalidade vinho, esplendorosa. Não a mesma do blusão que vestia naquele dia em que pesquisou o local junto da árvore.

“Bordô”, pensa Malin, “assim diria Karin, ao classificar a cor.”

Karin abana a cabeça ao se aproximar de Malin, que estava na entrada da oficina, batendo os pés no chão para espantar o frio.

— À primeira vista, trata-se apenas de sangue de animais, mas vamos ter de esquadrihar cada centímetro quadrado para ter certeza, o que vai demorar alguns dias. Se você me perguntar, eu diria que usam o local como matadouro.

— Recentemente?

— A última vez deve ter sido há poucos dias.

— Mas, pelo que parece, não estamos na estação de caça.

— Isso eu também não sei — diz Karin.

— Mas esse fato também nunca evitou que certos indivíduos passassem o ano inteiro caçando.

— Caça ilegal? — Karin enrug a testa, só de pensar no fato de andar no meio da floresta, a uma temperatura de trinta graus negativos, com uma espingarda no ombro. Para ela, uma situação nada convidativa.

— Mas não impossível — diz Malin. — Afinal, há muito dinheiro envolvido. Quando morava em Estocolmo, eu sempre me indagava como era possível encontrar carne fresca de alce nos mercados o ano inteiro.

Karin gira o olhar na direção da garagem.

— Parece acontecer a mesma coisa com a picape. Mas não sabemos ainda.

— Sangue de animais?

— Sim.

— Obrigada, Karin — diz Malin, que sorri sem saber exatamente a razão. Karin fica confusa.

Corrige a posição de seu gorro, com os respectivos apêndices parecidos com protetores de orelhas, cada um deles com três pontos brilhantes de diamantes, certamente falsos.

— Desde quando — diz Karin — passamos a agradecer uma à outra pelo trabalho realizado como deve ser?

Dentro de sacos pretos de lixo, as armas estão alinhadas no chão da loja do posto de gasolina.

Não o tipo de loja habitual, para venda de cachorros-quentes e produtos perecíveis, mas sim de produtos não perecíveis, pensa Malin. Apenas um balcão com chocolates e uma velha e enferrujada geladeira com bebidas que funciona,

ruidosamente, a um canto. São essas as únicas concessões feitas à cultura de comestíveis. De resto, somente óleos para motor, peças sobressalentes e acessórios.

“Janne gostaria de se ver neste lugar.”

Carabinas da marca Huskvarna.

Gravuras de veados e alces, de homens em locais de espera no meio da floresta, de flores.

Espingardas de caça da marca Smith & Wesson.

Pistolas: Lugers, Colt e uma SIG SAUER P225, arma padrão da polícia.

Nada de Mausers. Nada de espingardas de ar comprimido. Malin já percebera que não havia nenhuma arma que pudesse ter sido usada contra a janela de Bengt Andersson. No armário de armas na casa só existiam espingardas de caça e carabinas normais. “Será que os irmãos têm algum outro esconderijo? Ou talvez, apesar de todas essas armas, não tenham nada a ver com os disparos feitos contra a janela? Como, aliás, declaram.

“O mais estranho de tudo: duas metralhadoras pequenas de um modelo usado pelas Forças Armadas e uma granada de mão.

“Esta se parece com uma maçã”, pensa Malin, “uma maçã disforme, de cor esverdeada.”

— Juro que essas metralhadoras e a granada vieram do roubo realizado no almoxarifado de armas do quartel de Kvarn, há cinco anos — diz Börje. — Foram roubadas dez metralhadoras e uma caixa de granadas. Tenho quase certeza de que vieram de lá.

Ele tosse, ao vasculhar todo o depósito.

— Os irmãos podem começar uma guerra com isto aqui — diz Zeke.

— Talvez até já tenham começado, não? — complementa Börje. — Ao enforcar Bengt Andersson naquela árvore.

Jakob e Elias Murvall estão sentados à mesa da cozinha, ao lado da mãe, na casa dela. Ao fundo, gavetas abertas, pratos de porcelana sobre tapeçarias de retalhos.

Os irmãos estão psiquicamente preparados, à espera de uma ordem que terá de ser cumprida a qualquer custo. “É como se estivessem numa guerra”, pensa Malin, exatamente como Börje disse. Como se estivessem prestes a sair da trincheira e avançar contra as linhas inimigas. Raket Murvall, a mãe, como uma matrona entre os dois, o queixo levantado, o pescoço ligeiramente inclinado para trás.

— Malin e Zeke, tratem do assunto — disse antes Sven Sjöman. — Pressionem, ameacem.

Policiais de uniforme no hall de entrada e na sala de estar, “caso eles tentem tomar alguma atitude”.

Zeke ao lado de Malin, em frente ao trio. Já tinham decidido antes, o mais antigo esquema de interrogatório do mundo, um bom e um mau. Os olhos de Zeke, o lobo no prado, farejando o sangue congelado pelo frio intenso.

— Eu faço o papel de má — diz Malin.

— Ok. Aguenta?

— Com você a meu lado, vou ser dura como pedra.

Malin inclina-se sobre a mesa, olha primeiro para Jakob, depois para Elias e, finalmente, para a mãe.

— Vocês estão metidos em encrencas até o pescoço.

Nenhum deles tem qualquer reação, apenas continuam a respirar fundo, sem alterar o ritmo conjugado, nem da respiração nem das pulsações do coração.

Zeke confirma:

— Cinco anos para cada um, no mínimo. Crime de roubo, roubo de armas, porte ilegal de armas, caça ilegal e, se encontrarmos sangue humano, acusação por assassinato. Caso encontremos o sangue de Bengt.

— Roubo? Que roubo? — pergunta Elias Murvall.

A mãe dele:

— Calado, nem uma palavra.

— Vocês não acham que podemos apanhá-los por roubo das metralhadoras?

— Nunca — murmura Elias. — Nunca.

Malin sente que alguma coisa no tom de voz de Elias faz com que Zeke ultrapasse os limites. Já tinha visto isso antes. É como se perdesse o autocontrole e todo ele se transformasse em ação, uma mistura de músculos, adrenalina e vontade de resolver aqui e agora. Zeke salta da cadeira, dá a volta à mesa, tudo num movimento só. Segura com as mãos o pescoço de Elias Murvall, força a batida da cabeça dele sobre a mesa de madeira e pressiona-a até que as faces fiquem esbranquiçadas.

— Seu troglodita de merda — murmura Zeke. — Vou tirar os pelos do seu cu e enfiá-los por sua goela abaixo.

— Quietos, Jakob — diz a mãe. — Quietos.

— Foi você que o matou? Foram vocês? Lá dentro, na oficina? Como se mata um cachorro. E depois foram pendurá-lo numa árvore para que todos vissem, é isso? Para que todos soubessem o que acontece quando alguém se mete com a família Murvall? Foi isso que vocês fizeram?

— Me largue — chia Elias Murvall. E Zeke pressiona ainda mais. — Me largue — geme ele, depois. E Zeke o solta. E fica de braços cruzados atrás das costas.

“Cabeça dura”, pensa Malin. “Você tinha mesmo de pegar os irmãos, sozinhos, um a um, ou em conjunto, se a situação o exigisse, não é verdade?”

— Entendo — diz Malin, calmamente, assim que Zeke volta para seu lugar à mesa. — Vocês não puderam suportar a ideia de Bengt ter talvez estuprado sua

irmã. E resolveram liquidar o assunto à sua maneira. A gente até pode entender uma coisa dessas.

— E o que nos importa o que os outros pensam? — pergunta Jakob Murvall.

A mãe encosta-se ao espaldar da cadeira, cruza os braços sobre o peito.

— Não diga absolutamente nada, mãe — reage Elias Murvall.

— Ainda não chega, não é? — acrescenta Zeke. — Vamos encontrar, com certeza, o sangue de Bengt na picape, e com isso já teremos o suficiente para formalizar a acusação.

— Vocês não vão encontrar lá sangue nenhum de Bengt.

— Vocês devem ter ficado furiosos. Devem ter cedido à raiva na quinta-feira passada — diz Malin, com sua voz mais macia, com o olhar mais compassivo do mundo.

— Acusem os rapazes pela caça ilegal e por posse de armas — diz a mãe, de repente. — Mas, quanto ao resto, eles não sabem de nada.

“Mas você sabe”, pensa Malin.

— E você sabe?

— Eu? Eu não sei de nada. Mas, rapazes, contem a ela a respeito da caça, da casa de campo perto do lago, contem tudo, para ver se acabamos com essa conversa de uma vez.

A casa de campo, Malin.

A floresta.

Isso que rasteja entre os troncos das árvores lá fora, no frio.

Os irmãos e a mãe.

Foram eles que me fizeram mal, Malin? Que atiraram em minha janela, que me penduraram na árvore? Que fizeram em meu corpo todos esses ferimentos?

Eles resistem. Tentam conservar o que é deles.

Ou foram os rapazes?

Os fiéis da fé?

As perguntas não terminam nunca.

Fale com os pais dos rapazes, Malin, eu sei que vocês vão fazer isso agora, você e Zacharias. A questão é esclarecer. Aproxime-se mais da verdade que você acha ser a verdade que procura.

Em algum lugar lá fora está a resposta.

Em algum lugar, Malin.

“Siga o plano.

“Atue de acordo com o padrão estabelecido. Não descarte nada, antes de ter a certeza.

“Sem preconceitos, Malin.”

As palavras favoritas de Sven Sjöman.

Portas abertas de par em par, portas fechadas como aquela diante da qual ela está agora.

O dedo de Zeke na campainha da porta, os dois na pequena entrada de teto vermelho, do apartamento no térreo, luz na janela, justo ao lado da porta, uma cozinha, mas nenhuma pessoa dentro.

A rua, Pallasvägen.

Apartamentos térreos, construídos mais ou menos no fim da década de 1970, a considerar pelo estilo usado, espalhados por uma área plana e esquecida perto da piscina municipal de Ljungsbro. Caminhos cobertos de neve e gelo e de muita areia para evitar escorregões, ladeados por canteiros de arbustos em hibernação. Placas de grama cobertas de neve diante de cada entrada.

“Como se fossem casas, embora não sejam”, pensa Malin. “Apartamentos que fingem ser casas, para aqueles que não têm posses para tanto. Uma forma de morar que não é uma coisa nem outra. Será que os moradores também não são nem uma coisa nem outra? Até mesmo a garagem mais afastada, num estacionamento delimitado por arbustos, oferece uma impressão indefinida, desanimadora.”

A mãe de Joakim Svensson, Margaretha.

“Ela está em casa”, pensa Malin. “Mas por que não abre a porta?”

Zeke toca a campainha de novo. E seu hálito continua a se congelar à saída da boca. Um bafo branco, em contraste com o ambiente escurecido da noite que se aproxima.

O relógio no carro marcava cinco e quinze da tarde, no momento em que pararam no estacionamento. A noite, e talvez a madrugada, vai ser longa.

Os irmãos na cadeia.

A casa de campo na floresta.

E, então, Malin escuta passos descendo uma escada. A fechadura roda, com seu ruído característico. A porta se abre, apenas uma brecha.

“Todas essas pessoas”, pensa Malin, “que olham para o mundo através de pequenas brechas nas portas, de que elas têm medo?”

E, então, lembra-se do corpo de Bengt Andersson pendurado na árvore.

Os irmãos Murvall.

Rakel. E Malin pensa que talvez seja melhor para Margaretha conservar a porta fechada. E diz:

— É Margaretha Svensson? Somos da polícia de Linköping e queremos fazer algumas perguntas a respeito de seu filho. Podemos entrar?

A mulher acena que sim e abre a porta, antes entreaberta. Ela tem o corpo envolto numa toalha branca, os cabelos estão molhados, e a água goteja para o chão, pelas pontas louras e encaracoladas. As apresentações e os apertos de mão.

— Estava no banho — diz Margaretha Svensson. — Mas façam o favor de entrar. E podem esperar na cozinha, enquanto visto uma roupa.

— Joakim está em casa?

— Não, Jocke está fora, em algum lugar.

A cozinha está precisando de reparos, a pintura branca das portas dos armários está muito lascada, e as placas do fogão elétrico, gastas. No entanto, existe no ambiente uma atmosfera aconchegante. A mesa laqueada em marrom e as cadeiras desirmanadas, estilo Windsor, de certa forma emprestam um pouco de dignidade à cozinha e a sua simplicidade. Malin, assim que o frio aliviou sua pressão no nariz, consegue notar certo aroma de condimentos, especialmente de pimenta-do-reino.

Os dois despem seus blusões acolchoados, sentam-se à mesa e esperam. Na bancada da cozinha, vê-se uma lata de azeite e uma bandeja para frutas, cheia de diversos tipos de biscoito.

Cinco minutos.

Dez.

Em seguida, chega Margaretha Svensson, vestida com um agasalho de treino vermelho e calça branca de ginástica. E chega maquiada. Não pode ter mais de 38 anos de idade, no máximo 40, apenas alguns anos mais velha do que Malin. É bonita e tem uma excelente figura. Deve treinar bastante.

Chega e senta-se à mesa, encarando Malin e Zeke com um ar de expectativa.

— A diretora telefonou e disse que vocês já estiveram na escola.

— É verdade. Como talvez já saiba, seu filho e Magnus Tedensjö tinham por costume importunar Bengt Andersson, vítima de assassinato — diz Malin.

Margaretha Svensson escuta as palavras com atenção e faz uma pausa, antes de responder:

— A diretora disse isso. Eu não sabia de nada. Mas também acho que isso é muito possível. Quem sabe do que eles inventam e podem ser capazes?

— Eles estão sempre juntos? — pergunta Zeke.

— Sim, são como irmãos — diz Margaretha Svensson.

— Mas você não sabe nada do que eles fizeram contra Bengt Andersson?

Margaretha Svensson abana a cabeça.

— Será que eles tiveram acesso a armas?

— Facas ou instrumentos parecidos, é isso? As gavetas desta cozinha estão cheias delas.

— Armas de fogo? — pergunta Malin.

Então, Margaretha Svensson fica com uma expressão de espanto.

— Não posso nem imaginar uma coisa dessas. Absolutamente. Onde é que eles iriam conseguir essas armas?

— Fé Asa — diz Zeke em seguida. — Será que Joakim já andou metido nisso?

— Garanto que ele nem sabe do que se trata. Falem de artes marciais ou de skateboard. Disso ele entende tudo.

— Já sabe guiar automóvel? — pergunta Malin.

Margaretha Svensson respira fundo e passa a mão pelos cabelos ainda molhados.

— Ele está com 15 anos. Mas quem sabe do que esses dois são capazes?

— Eles nos disseram que estiveram vendo filmes aqui, na quinta-feira passada, mas que você não estava em casa, confirma?

— Quando eu saí, às sete da noite, eles ficaram aqui, e, quando voltei, Jocke estava na cama, dormindo. O filme ainda continuava na televisão ligada. Era um filme sobre skateboard que eles sempre veem.

— Onde você...

— Primeiro, estive treinando natação na piscina municipal. Depois, fui para a casa de meu namorado. Posso dar o número de telefone dele se quiserem. Voltei para casa por volta das onze e meia.

— Namorado?

— Meu amante. Chama-se Niklas Nyrén. Vocês podem telefonar para ele.

— Muito bem — diz Zeke. — Ele mantém algum contato com seu filho?

— Tenta. Acha, claro, que o rapaz precisa ter uma imagem masculina como modelo a seguir.

— O pai de Joakim morreu, não? — pergunta Malin.

— Faleceu em consequência de um acidente de carro, quando Joakim tinha três anos.

Em seguida, Margaretha Svensson endireita as costas e acrescenta:

— Fiz o melhor que pude para educar o rapaz, trabalhei em horário integral como assistente financeira de uma maldita firma de construção e tentei fazer dele uma pessoa decente.

“Mas não consegui”, pensa Malin. “Ele parece ser mais um criminoso pela metade, malcomportado, com tendência para torturar os outros.” Como se tivesse adivinhado os pensamentos de Malin, Margaretha acrescenta:

— Sei que não é um santo e que é impossível controlá-lo. Mas é duro na briga, e nisso eu tentei estimulá-lo, para não deixar que ninguém se aproveite dele, para ser desembaraçado. E ele é. Está bem preparado para a luta contra tudo o que se apresentar pela frente, não é verdade?

— Podemos ver o quarto dele?

— É só subir a escada, a porta em frente.

Zeke fica sentado à mesa, enquanto Malin sobe a escada.

O quarto tem cheiro de ambiente fechado. Solidão. Cartazes de skateboard. Estrelas de hip-hop. Tupac, Outkast.

Uma cama bem-arrumada, em cima de um tapete azul-claro. Paredes pintadas também em azul-claro. Uma escrivaninha com gavetas que Malin abre. Algumas canetas, papel, um bloco sem anotações.

Malin olha por baixo da cama. Nada. Apenas alguns montículos de poeira, a um canto.

Um lugar para dormir.

E Malin pensa como é bom saber que Tove não se encontrou com um rapaz como Joakim Svensson. Que o filho do médico é um verdadeiro sonho, comparado com aquele brutamontes.

Na casa seguinte, outro mundo, apesar de estar apenas a uns quinhentos metros de distância de onde Margaretha Svensson mora.

Uma mansão grande, com telhado de lajes, construída na década de 1970, garagem para dois carros, situada exatamente à beira de uma encosta que dá para o Canal Göta. Uma residência muito bem dimensionada, junto a uma praça com parque infantil, um jipe Subaru preto estacionado na rua, ao lado de alguns arbustos.

O dedo de Malin toca na campainha de um modelo preto e branco, bem popular. O nome escrito com mão trêmula num pedaço de papel, numa caixa de plástico, por baixo do espaço preto onde está localizada a campainha.

Tedensjö.

Já está escuro e o frio continua. A noite chega a Ljungsbro e com ela uma

temperatura cada vez mais negativa.

Joakim Svensson e Magnus Tedensjö foram deixados sozinhos no apartamento, entre as sete e as onze e meia da noite. Como se poderia ter a certeza de que os dois estiveram lá? Que os dois não deram uma escapada para realizar algum tipo de malandragem? Será que saíram para fazer algum mal a Bengt Andersson durante esse espaço de tempo? Será que o penduraram na árvore nesse período? Ou será, ainda, que Joakim Svensson saiu depois de a mãe chegar em casa?

“Nada é impossível”, pensa Malin. “E quem sabe se os dois não ficaram vendo os filmes para se inspirar? Talvez tudo tenha sido uma malandragem de dois adolescentes, uma malandragem que extrapolou?”

Henrietta Tedensjö abriu a porta de par em par.

Nada de pequena abertura hesitante.

— Vocês são da polícia, não é?

Uma grande cabeleira ruiva, olhos verdes, feições duras. Uma blusa branca, elegante, calça azul-escura, mulher de uns 55 anos de idade que sabe enfrentar todas as situações.

— Aquele carro é seu? — pergunta Malin. — Aquele, junto da garagem?

— É, sim. Bonito, não é?

Henrietta Tedensjö caminha na frente deles para dentro da casa, faz um gesto para indicar onde deviam deixar os casacos acolchoados, na parte mais interna do hall de entrada. Assim que se desembaraça de seu casaco, Malin vê que a anfitriã já seguiu para o interior da casa e entrou numa sala de estar com dois sofás brancos de couro, um de cada lado de uma mesa de centro cujos pés são grossas patas de leão em mármore vermelho.

Henrietta Tedensjö senta-se no sofá menor e aguarda os dois visitantes.

No chão, um tapete chinês rosa. Na parede, por trás do sofá maior, uma pintura em tons alaranjados, representando um casal nu numa praia, ao pôr do sol. Pela janela, vê-se uma piscina cheia de neve, iluminada por um holofote. E Malin pensa como deve ser agradável dar um mergulho pela manhã no verão.

— Por favor, sentem-se.

Malin e Zeke sentam-se um ao lado do outro no sofá maior, afundando-se na maciez das almofadas, sentindo que estavam quase desaparecendo. Malin nota que sobre a mesa há uma bandeja de madeira trabalhada, cheia de maçãs esverdeadas, de importação.

— Presumo que a diretora da escola também lhe telefonou — diz Zeke.

— Sim — confirma Henrietta Tedensjö.

E, depois, vêm as mesmas perguntas feitas a Margaretha Svensson.

As mesmas respostas, mais ou menos.

Os olhos verdes de Henrietta Tedensjö fixam-se na piscina lá fora, ao dizer:

— Eu desisti de Magnus há muito tempo. Ele é impossível, mas, desde que se

mantenha dentro das normas da lei, poderá fazer o que quiser. Tem um quarto seu no porão, com acesso direto para a rua. Pode entrar e sair quando quer. E se me disserem que ele perseguiu Bengt Andersson, eu vou responder que sim, que certamente ele fez isso. E a arma? Nada é impossível. Ele parou de me escutar aos nove anos de idade. Chamava-me de “velha maldita, filha de Satã”, sempre que não obtinha aquilo que queria. Por fim, desisti de lutar. Atualmente, vem aqui em casa para comer. Nada mais do que isso. E eu também faço o que quero. Estou filiada ao Lions e a um clube de jazz, na cidade.

Henrietta Tedensjö faz uma pausa; fica em silêncio, como se já tivesse dito tudo aquilo que queria dizer.

— Presumo que queiram ver o quarto dele, não é?

Ela se levanta e caminha para a escada que dá acesso ao porão.

Eles seguem seus passos.

No porão, passam por uma lavanderia, uma outra sala com sauna e banheira Jacuzzi, antes de parar diante de uma porta.

— É aqui.

Ela se afasta e os deixa passar.

Deixa que Zeke abra a porta.

O quarto está desarrumado, uma cama enorme por fazer, estranhamente colocada no meio do quarto, roupas atiradas ao acaso pelo chão de pedra, entre revistas, invólucros de biscoitos e latas vazias de refrigerantes. As paredes brancas estão vazias, e Malin acha que a luz que entra pela janela é muito pouca.

— Acreditem ou não, mas é aqui que ele gosta de estar — diz Henrietta Tedensjö.

Eles olham nas gavetas da única cômoda existente no quarto, reviram as roupas e os papéis no chão.

— Nada de mais por aqui — diz Zeke. — Você sabe onde Magnus está agora?

— Não faço a menor ideia. Eles estão por aí, em algum lugar, ele e Jocke. São como irmãos, os dois.

— E o pai de Magnus? Existe a possibilidade de falarmos com ele?

— Trabalha numa plataforma de petróleo no mar do Norte. Em frente a Narvik, na Noruega. Fica três semanas lá e duas em casa.

— Deve se sentir muito só — diz Zeke, enquanto fecha a porta do quarto de Magnus Tedensjö.

— Nem tanto — responde Henrietta Tedensjö. — Para nós, é até bom. Não precisamos nos chatear um ao outro por muito tempo. Além disso, ele ganha muito bem.

— Ele tem celular lá onde trabalha?

— Não, mas pode-se telefonar para a plataforma em caso de emergência.

— Quando ele volta para casa?

— Sábado de manhã. No trem que vem de Oslo. Mas podem telefonar para a plataforma, caso tenham pressa em falar com ele.

Uma voz do outro lado da linha. Os ruídos fazem com que as palavras em norueguês se tornem incompreensíveis, quase fantásticas, no momento em que Zeke saía da entrada da garagem da casa da família Tedensjö.

— Sim, alô. Este ramal é de Göran Tedensjö. Sim, ele estava aqui há pouco mais de uma semana. Terminou seu turno na última terça-feira, e não se espera que volte senão daqui a duas semanas. Estou escutando muito mal, muito... Onde ele está? Em casa... Quer dizer, raios, em casa, não... Eu não sei... Ele trabalha duas semanas e descansa três.

— Droga — diz Malin, ao desligar. — O pai Tedensjö não está na plataforma. Saiu de lá há pouco mais de uma semana.

— Ao que parece, Henrietta não sabia de nada — diz Zeke. — E você, o que acha que isso significa?

— Pode significar um monte de coisas ruins. Que estava em casa na semana passada quando Bengt Andersson foi assassinado e que talvez tenha ajudado os rapazes, se eles de alguma forma foram longe demais em suas travessuras contra Bengt Andersson. Ou, então, está enganando a esposa e tem uma amante ou está com um problema muito pior em algum outro lugar. Ou, simplesmente, resolveu curtir umas pequenas férias a sós.

— É no sábado que ele é esperado em casa?

— Sim.

— Vai ser difícil entrar em contato com ele antes disso. Acha que Henrietta está mentindo? Que ela faz o papel de ignorante? Para defendê-los, a ele e ao filho?

— Acho que não — diz Malin. — Acho que não...

— Então, Fors, é melhor deixar os Tedensjö de lado. Vamos antes enfrentar o frio e dar uma olhada na casa de campo dos Murvall, na floresta. É melhor continuar as indagações e avançar por outro lado.

“Tanto faz”, pensa Malin, que, depois, fecha os olhos, descansa e deixa as imagens ir e vir à sua cabeça como e quando quiserem.

Tove no sofá em casa.

Daniel Högfeldt de tronco nu.

Janne na foto ao lado da cama.

E, então, a imagem que permanece no fundo, por trás de todas as outras, que fica grudada na consciência, uma imagem impossível de descartar: a de Maria Murvall, deitada na cama de um quarto de hospital. Maria Murvall, entre os ramos negros e desfolhados das árvores, numa noite úmida, brutal.

Os faróis do carro iluminam o caminho na floresta, as árvores em volta parecem figuras aterrorizadoras; as casas de campo desertas, com seus contornos escuros,

fazem sonhar com dias amenos à beira dos lagos. Mas agora apenas a imagem do frio, com sua tonalidade cinzenta, mais ou menos clara, conforme o luar consegue ou não atravessar a camada de nuvens.

A descrição de Elias Murvall, antes, na casa da mãe:

— Em Hultsjön, depois de Ljungsbro, segue-se em direção a Olstorp, passa-se pelo campo de golfe e entra-se na Tjällmovägen. Cinco quilômetros à frente, se chega ao lago, o caminho para as casas de campo está livre de neve. Depois, é preciso andar. Vai ser fácil. Mas vocês não vão encontrar nada por lá.

Antes disso, Jakob Murvall, de repente, tagarela como se a mãe tivesse apertado um botão onde está escrito PALAVRAS. Ele passou a contar como organizavam as caçadas ilegais, como vendiam as carnes, como montavam as armadilhas para os veados e como os milionários russos ficavam malucos diante dessas armadilhas.

— Vamos lá esta noite. Ainda hoje. Sjöman vai ter de arranjar o mandado de busca e apreensão.

Zeke ainda hesitava.

— Será que não podemos esperar até amanhã? Os irmãos vão ficar presos. Nada podem fazer.

— Agora.

— Mas vou ter de ensaiar esta noite no coro, Fors.

— O quê?

— Ok, ok, Malin. Mas antes vamos ouvir os pais de Joakim Svensson e de Magnus Tedensjö. — Dessa vez, sua voz rouca denotava a certeza de que iria irritá-lo durante meses, caso insistisse em pôr um ensaio do coro Da Clapo à frente de uma investigação relativa a uma pista recém-descoberta.

O mandado foi conseguido, Sven Sjöman telefonou e confirmou. E, nesse momento, Zeke mantém as mãos no volante e dirige, tal como qualquer grupo coral dirigido por Kjell Lönnå ao cantar “Swing it, magistern”, com força total. Essa é a canção certa, a condição absoluta para chegar até a casa de campo. Zeke tem de segurar o carro no caminho, sobre o gelo formado à noite. O motor sempre engrenado, usando o acelerador e o freio na medida certa, para evitar derrapagens. O dique, bem branco à beira da estrada, é sempre uma ameaça, enquanto Malin fica perscrutando a escuridão, atenta ao menor sinal de olhos de veados, de alces ou cervos prontos para atravessar a estrada, justo no momento da passagem do carro. Poucas pessoas sabem conduzir como Zeke, que não apresenta aquela irreverente autoconfiança dos motoristas profissionais, e sim a cautelosa devoção de quem quer chegar a seu destino.

Contornam o lago. E podem perceber que a água congelada continua para dentro da floresta, formando o que se parece com um rio que corre, diretamente, para o coração da noite e da escuridão.

O relógio no painel de instrumentos indica que são dez horas e trinta e quatro

minutos. Uma hora imprópria para esse tipo de trabalho.

Tove em casa, acabou por não ir ao encontro de Markus:

— Esquentei os restos do guisado. Estou satisfeita, mamãe.

— Assim que a situação aqui no trabalho ficar mais calma, vamos fazer qualquer coisa de divertido, está bem?

“Divertido?” Malin pensa no que seria divertido, no momento em que vê crescer à frente uma parede de neve no final da estrada. Vê também uma brecha na parede, brecha feita por alguém. E vê os reflexos nas árvores que fazem lembrar estrelas em certas perspectivas.

“Em sua opinião, Tove, o que é divertido? Era tudo mais fácil quando você era pequena. Ir nadar na piscina municipal, era o que costumávamos fazer. E ir ao cinema é uma coisa que você quer fazer com os outros. Gosta de fazer compras, mas não com uma obstinação maníaca, como acontece com muitas outras garotas de sua idade. Talvez a gente possa ir a Estocolmo, para assistir a um concerto. Essa é uma boa opção. Já falamos muito nisso, mas nunca chegamos a ir. Visitar a Feira do Livro em Gotemburgo? Mas isso acontece no outono.”

— Deve ser aqui — diz Zeke, ao desligar o motor. — Esperemos que a caminhada não seja muito longa. Acho que esfriou ainda mais esta noite.

A geografia do mal.

Qual é seu aspecto? Sua topografia?

“Não foi muito longe daqui que se encontraram as pistas da violência cometida contra Maria Murvall, cinco quilômetros a oeste. Nenhum dos irmãos sabia o que ela estava fazendo na floresta, tampouco alguém falou então sobre a existência da casa de campo. A casa pertence ao agricultor Kvarnström, que a emprestou gratuitamente a eles, por razões que ninguém quer explicar.”

— Nós a mantemos em condições habitáveis, nada mais.

Maria na floresta.

Estraçalhada por dentro.

Noite fria de outono.

O Gandula na árvore.

Gelo nos prados.

Ramos de árvores como cobras, folhas e cogumelos apodrecidos como aranhas, e ainda os vermes por baixo da terra, espinhos afiados que cortam a sola de seus pés. Quem está pendurado ali na árvore? Vampiros, mochos, novos males?

Será a geografia do mal composta de picos de montes e de profundos vales? Florestas em crescimento. Uma mulher, com os restos de roupa preta pendurados no corpo, que se arrasta por uma trilha deserta na floresta, ao amanhecer.

Há animais circulando aqui na floresta?

Malin consegue pensar em tudo isso, enquanto ela e Zeke avançam sobre a neve, a caminho da casa de campo dos irmãos Murvall. Perscrutam as árvores com suas lanternas de bolso; a luz causa reflexos cintilantes, restaura a vida nos troncos escuros, provoca vibrações no silêncio quase total da noite. E faz com que os cristais de neve pisquem no chão como incontáveis olhos de lemingues, olhos de roedores que funcionam como faróis, ajudando a encontrar o caminho para o desconhecido.

— *How far*, Fors? Faz no mínimo quinze graus negativos, mas já estou suando.

Zeke vai na frente, avança por cima da neve. Ninguém esteve ali depois da última nevasca, embora existam pistas a seguir. De trenós a motor pelas áreas laterais.

“Os animais”, pensa Malin. “Deve ser assim que eles retiram os animais. Com trenós a motor.”

— Que trabalheira — diz Malin, a fim de inculcar coragem a Zeke por meio de sofrimento compartilhado. — Já andamos até aqui pelo menos um quilômetro, enfiando os pés na neve a cada passo.

— Qual seria a distância?

— Eles não quiseram dizer.

Param, um ao lado do outro, respiram fundo em silêncio.

— Talvez devêssemos ter esperado até amanhã, não? — comenta Malin.

— Agora, vamos continuar — reage Zeke.

Após 30 minutos de luta contra a neve e o frio, abre-se uma clareira na floresta, e, mais à frente, no meio de um bosque, uma casa, certamente com várias centenas de anos de existência e neve até nas fendas que servem de janelas.

Dirigem as faixas de luz das lanternas em direção à casa. Formam-se longas sombras, e as árvores constituem uma espécie de pano de fundo de tonalidades escuras, em contraste com o telhado branco, coberto de neve.

— Vamos entrar — diz Zeke.

A chave está onde os irmãos indicaram, pendurada num gancho por baixo da beirada do telhado. A fechadura chia quando giram a chave da porta.

— Não deve haver eletricidade aqui — diz Zeke, ao empurrar a porta. — Não vale a pena procurar por interruptores.

Candelabros que dançam no teto de uma sala vazia e gelada. “Bonito e bem-arranjado”, pensa Malin. Tapetes de retalhos no chão, um fogão a gás/óleo em cima de uma bancada simples, de madeira, uma mesa de acampamento no meio da sala, quatro cadeiras, velas, nenhuma lanterna e três camas de casal, ao longo da parede sem aberturas.

Malin vai até a mesa.

O tampo está manchado de óleo.

— Óleo de armas — diz ela, enquanto Zeke dá um grunhido de concordância.

Num armário, ao lado da bancada, veem-se latas de conserva com sopas de ervilhas, ravioli, bolinhos de carne moída. E numa caixa, ao lado, garrafas de bebidas alcoólicas.

— De certa forma, muito estranho; isto aqui faz lembrar um vestiário — diz Zeke.

— É verdade. Tudo muito neutro, muito frio, sem alma, nem sentimentos.

— O que você esperava, Fors? Eles nos mostraram o caminho para vir aqui certos de que não encontraríamos nada.

— Não sei, não. É um pressentimento apenas.

“Uma sala sem alma, nem sentimentos.

“O que existe além disso?”

“Se os elementos da família Murvall, bem lá no fundo, só têm maldade no coração, então, nesse caso, quais os crimes que cometeram?”

Nessa hora, Zeke para, fica atento. Malin se vira e vê que ele leva a mão enluvada à boca. Depois, aponta para a porta e faz sinal de que ouviu alguma coisa lá fora. Ambos tapam com a mão a luz de suas lanternas de bolso.

A escuridão é total.

— Ouviu alguma coisa? — sussurra Malin.

Zeke pede silêncio, e ambos ficam quietos, escutando. Um som arrastado vem em sua direção. Um animal a se esgueirar? Um animal ferido? A deslizar para a clareira. De repente, apenas silêncio de novo. O animal parou? Os irmãos Murvall estão na cadeia. A velhota? Não aqui, nem agora. Arruaceiros? Mas o que viriam fazer aqui?

Malin e Zeke vão pé ante pé até a porta ainda aberta, passam para fora, cada um para seu lado, e então o ruído recomeça, e os dois correm para a frente, com as lanternas apontando também para a frente, para o lugar de onde vinha o ruído.

Alguma coisa, uma sombra negra, balança agora, cada vez mais longe, desce na direção da floresta e desaparece. Um movimento compassado, um ser humano?

Uma mulher?

Um adolescente? Dois rapazes?

— Pare, pare aí! — grita Zeke.

Malin corre atrás, persegue a figura negra pela pista deixada, mas, ao correr, suas botas se afundam na neve. Ela se desequilibra, cai, se levanta, corre, cai novamente, se levanta e grita:

— Pare! Pare aí! Volte aqui!

A voz de Zeke, ameaçadora:

— Pare, senão atiro!

Malin vira-se e vê Zeke na entrada da casa apontando a arma, fazendo pontaria no escuro, no vazio da noite.

— Não vale a pena — diz Malin. — Seja o que for que esteve aqui, já vai muito longe.

Zeke baixa sua arma. Concorde.

— E veio de esquis — diz ele, apontando a luz da lanterna para duas faixas prensadas na neve.

Tove no colo de Malin.

“Quanto você pesa agora?”

“Quarenta e cinco quilos?”

“Por sorte, a mamãe continua a comparecer ao ginásio de vez em quando, não é verdade?”

As pernas ainda doem, mas o calor, de qualquer maneira, já começou a voltar aos pés.

Os dois seguiram a pista durante dois quilômetros. Nesse espaço de tempo, uma tempestade caiu sobre a floresta, perto de Hultsjön, e, quando chegaram ao final, a pista estava praticamente camuflada, debaixo de uma camada de flocos brancos. A pista terminou numa pequena estrada vicinal, e não se pode comprovar se havia ou não um veículo ali estacionado, à espera. Não havia sinal de óleo no terreno. As marcas dos pneus tinham sido cobertas pela neve.

— Engolido pela floresta — disse Zeke que, depois, determinou sua posição por meio do celular.

— São apenas dois quilômetros e meio. É mais rápido alcançarmos nosso carro do que pedir ao departamento para mandar outro.

Tove dormia no sofá quando Malin chegou. A televisão ligada, passava um filme. Malin ainda pensou em acordá-la, para que fosse para a cama andando.

Mas, depois, ao ver o corpo dela estendido sobre o sofá, um corpo longo e magro, grande para sua idade, os cabelos finos e louros contra a almofada, os olhos fechados, a boca mostrando tranquilidade, Malin quis sentir o peso da filha nos braços, o peso do amor bem vivo.

Mas teve de reunir todas as suas forças para levantar o corpo. Achou que Tove acordaria, mas, afinal, lá estava ela na sala de estar do apartamento, a sala escura e em silêncio, com a filha no colo. Depois, andou com ela até a entrada, abriu a porta do quarto, com o pé. E colocou-a direto na cama.

Em determinado momento, porém, Malin perdeu o equilíbrio, sob o peso daquele fardo descontraído, e sentiu o calor do corpo da filha deslizar de seus braços, caindo com um estrondo seco e surdo sobre o colchão.

Tove logo abriu os olhos.

— Mamãe?

— Sim?

— O que está fazendo?

— Apenas trouxe você para a cama.

— Ah, sim... — depois, voltou a fechar os olhos e a dormir.

Malin sai para a cozinha. Aproxima-se da pia e olha para a geladeira, que pisca no escuro e parece cansada de trabalhar.

“Quanto você pesava, Tove?”

“Três quilos e duzentos e cinquenta e quatro gramas.

“Quatro quilos, cinco, e assim por diante. Por cada quilo a mais no corpo, menos dependência, menos criança, mais adulta.

“Talvez a tenha pegado no colo pela última vez na vida”, pensa Malin, ao mesmo tempo que fecha os olhos e ouve os últimos ruídos da noite.

É em sonhos que o telefone está tocando? Ou é aqui, no quarto, na realidade?

De qualquer forma, o telefone está, sim, tocando. Malin estende o braço até a mesinha de cabeceira e pega o aparelho, no lugar de sempre, mas num estado incerto e vazio, na fronteira entre a sonolência e o alerta, onde tudo pode acontecer, onde nenhum pressuposto, por alguns momentos, pode ser dado como certo.

— Malin Fors.

Ela consegue se anunciar com decisão, mas a voz está rouca, muito rouca.

O passeio noturno deixou suas marcas na garganta, mas, de resto, ela se sente inteira, o corpo restabelecido, a cabeça também.

— Eu a acordei, Malin?

Ela reconhece a voz, mas ainda não consegue saber em quem colocá-la.

Quem? “Devo ouvir essa voz com frequência, mas não em conversas telefônicas.”

— Malin, está ouvindo? Estou ligando entre duas músicas e não tenho muito tempo.

A locutora. Helen.

— Estou, sim. Acordei agora.

— Então, vou direto ao assunto. Lembra-se de nossa conversa, quando você me telefonou a respeito dos irmãos Murvall? Eu me esqueci de mencionar uma coisa, uma coisa que talvez queira saber. Li nos jornais da manhã de hoje que os três irmãos estão presos na cadeia. Não ficou absolutamente claro se foi por causa do assassinato ou não, mas foi então que me lembrei: há um quarto irmão, aliás, um meio-irmão em relação aos outros três, acho eu. Ele era um pouco mais velho, um verdadeiro eremita. O pai dele era um marinheiro que morreu afogado. Muito bem. Lembro-me ainda de que os outros irmãos viviam juntos, mas ele, não.

Um quarto irmão, um meio-irmão.

Silêncio total.

— Sabe como ele se chama?

— Não faço a menor ideia. Como eu disse, ele era um pouco mais velho. E é por isso que me lembro de que ele não convivia com os irmãos. Era visto raramente. E já se passou muito tempo. Talvez eu nem esteja certa. Talvez tenha misturado tudo.

— Isso foi de grande ajuda — diz Malin. — O que eu faria sem você? Está na hora de nos encontrarmos novamente para beber uma cerveja, não?

— Seria ótimo, Malin, mas quando? Parece que nós duas trabalhamos demais.

Desligam. Malin ouve a presença de Tove na cozinha. Levanta-se da cama e vai ter com ela. De repente, sente uma imensa saudade da filha.

Tove, no café da manhã, serve-se de iogurte e lê o *Corren*.

— Esses irmãos, mamãe, parecem ser realmente malucos — diz ela, franzindo a testa. — Foram mesmo eles que fizeram aquilo?

“Preto ou branco”, pensa Malin.

“Fizeram ou não fizeram.

“De certa maneira, Tove tem razão. Tudo parece muito simples; no entanto, é tudo infinitamente mais complicado, difuso e multifacetado.”

— Ainda não sabemos.

— Tá, já sei. Mas acho que eles devem ficar na cadeia por porte de armas e por caça ilegal. E o sangue? Era mesmo só de animais, como aquela tia médica diz aqui?

— Ainda não sabemos. Estão trabalhando no caso, lá no laboratório.

— Aqui vem escrito que vocês estiveram interrogando uns adolescentes.

Quem são?

— Isso eu não posso dizer, Tove. Aliás, como foi no outro dia, lá na casa do papai?

— É... Eu já contei tudo ao telefone para você, não se lembra mais?

— O que vocês fizeram?

— Markus, papai e eu jantamos. Depois, ficamos vendo televisão, antes de ir para a cama e dormir.

Malin sente um aperto no estômago.

— Markus também estava lá?

— Sim, passou a noite, também.

— Passou a noite?

— Sim, mas cada um dormiu em sua cama, não na mesma cama. Espero que entenda bem.

Tove e Janne falaram com ela à tarde. Nenhum deles mencionou a presença de Markus. Muito menos que ele dormiria lá e jantaria com eles. Nem que Janne saberia de sua existência.

- Não sabia que papai já conhecia Markus.
- Por que razão não deveria saber?
- Você disse que ele não sabia de nada.
- Mas agora sabe.
- Por que é que ninguém me contou isso antes? Por que não me disseram

nada?

Até mesmo Malin percebeu como suas palavras soavam ridículas.

— Você podia ter perguntado — diz Tove.

Malin abana a cabeça.

— Mamãe — diz Tove —, às vezes, você é incrivelmente infantil.

— Há mais um irmão.

Johan Jakobsson acena de sua mesa com um papel na mão, assim que vê Malin entrar na sala do departamento de polícia. A conversa no celular com Janne ainda continua a rodar na cabeça dela:

— Você podia ter dito que Markus iria dormir em sua casa.

Janne ainda está sonolento. Tinha acabado de adormecer depois de seu turno da noite. Mas responde de forma clara e sem rodeios:

— Aquilo que acontece em minha casa, Malin, é problema meu. E se você não sabe como controlar melhor a Tove e admite que ela esconda certas coisas de você, talvez esteja na hora de meditar um pouco mais sobre suas prioridades na vida.

— Atitude de moralizador, agora?

— Vou desligar, quero dormir, ouviu?

— Quer dizer com isso que a responsabilidade é da Tove, e não sua?

— Não, Malin. A responsabilidade é SUA, mas você ainda tenta responsabilizar Tove. Adeus. Telefone novamente quando estiver mais calma.

— Registro de nascimentos — grita Johan. — Recebi uma cópia do registro de nascimentos, e aqui está escrito que Rakel Murvall teve quatro filhos homens. E o primeiro a nascer foi Karl Murvall. Deve ser um meio-irmão. No registro, está escrito que ele é filho de pai desconhecido. O nome dele está na lista telefônica. Mora na Tanneforsvägen.

— Eu já sei — diz Malin. — Vamos ter de ouvi-lo o mais depressa possível.

— Reunião dentro de três minutos — diz Johan, apontando para a porta da sala de reuniões.

Malin está pensando se as crianças vão brincar na área externa da creche naquele dia. Espera que sim. Afinal, parece que o frio abrandou um pouco, não?

Nenhuma criança brincava no parque da creche. Apenas balanços, brinquedos para escalar, caixas de areia e escorregadores. Tudo vazio.

Karim Akbar comparece à reunião. Está impecavelmente vestido com um terno cinzento e fica sentado a uma das pontas da mesa, ao lado de Sven Sjöman.

— Até agora nada, a não ser sangue de alces e veados — diz Sven Sjöman —, mas o laboratório continua trabalhando intensamente no caso. Até chegarmos a uma conclusão, vamos manter todas as portas abertas em relação aos irmãos Murvall. Se não conseguirmos mais nada, já desenterramos um pouco da merda que...

— As metralhadoras e a granada de mão não são pouca coisa — comenta Börje Svärd.

— A propósito de armas — diz Sven —, segundo os armeiros do SKL, nenhuma das armas encontradas em casa dos Murvall poderia ter sido usada para disparar balas de borracha contra o apartamento de Bengt Andersson.

— As metralhadoras e as granadas de mão podem não ser coisa pouca, mas também não constituem nosso foco principal — diz Karim. — A criminalística está tratando do assunto.

— A questão agora é saber quem vocês viram lá na floresta — questiona Sven.

— Nós não sabemos — responde Malin.

— Quem quer que seja, tem a ver com nossa investigação — acrescenta Zeke.

— Johan, conte o que sabe sobre esse quarto irmão — diz Sven.

Enquanto Johan conta, todos na mesa ficam em silêncio.

As perguntas ficam pairando no ar, até que Zeke fala:

— Nenhum dos membros da família Murvall mencionou, nem uma única vez, a existência desse meio-irmão. Será que ele cresceu com os outros?

— Parece que sim — diz Malin. — Helen acha isso.

— Talvez ele tenha se separado — comenta Johan.

— Talvez desejasse ter uma vida diferente daquela que os outros levavam — acrescenta Börje.

— Alguém sabe mais alguma coisa sobre esse tal de Karl Murvall? — pergunta Karim. — Sabemos, por exemplo, onde ele trabalha?

— Ainda não — responde Malin. — Mas vamos saber ainda hoje, ao longo do dia.

— Podemos até perguntar aos irmãos Murvall e a sua mãe, sempre tão amistosa — acrescenta Zeke, fazendo uma careta.

— Eu posso fazer uma tentativa — diz Sven, soltando uma gargalhada.

— E a respeito da pista Asa? — pergunta Karim, lançando um olhar inquisidor na direção do grupo de investigadores. — Pensando bem sobre o local do crime, não podemos deixar de considerar essa hipótese.

— Sinceramente — diz Johan —, temos estado ocupados com outras coisas. Mas é claro que vamos continuar a investigar essa pista.

— Continuem, então. Façam o máximo que puderem — diz Sven. — Malin e Zeke, como é que correram as conversas com os pais de Joakim Svensson e Magnus Tedensjö?

— Com as mães deles — corrige Malin. — O pai de Joakim já morreu, e Göran Tedensjö trabalha numa plataforma de petróleo, na costa da Noruega. Na realidade, não conseguimos muitas informações novas. Continuamos sem obter um alibi claro a respeito de onde os rapazes estiveram na noite de quarta-feira. E também não se sabe onde o pai Tedensjö se encontra no momento.

— Sem respostas claras? — pergunta Sven. — Sabe como eu gosto dessas

incertezas.

A partir daí, Malin explica por que o álibi dos dois rapazes ainda não está confirmado. Os dois ficaram sozinhos num apartamento vendo filmes. E quanto a Göran Tedensjö, sua mulher acredita que ele esteja na plataforma, mas de lá informaram que já tinha viajado para casa.

— De qualquer forma, é esperado em casa amanhã de manhã. Pensamos em falar com ele, então.

— E quanto ao amante de Margaretha Svensson? Será que ele sabe alguma coisa a respeito do filho dela? Pelo menos tentou estabelecer contato?

— Vamos ouvir Niklas Nyrén ainda hoje. Ontem, priorizamos a investigação na casa de campo da família Murvall.

— Muito bem. Mas deem prioridade agora ao quarto irmão Murvall. Vou tentar ouvir a família — diz Sven.

— Ah, sim, Karl? Ele se mudou para a cidade.

É a voz de Rakel Murvall no telefone.

“Mudou-se para a cidade? Trata-se apenas de uma pequena distância, nem cinco quilômetros, mas ela falou como se fosse um lugar do outro lado do planeta”, pensa Sven Sjöman.

— Nada mais tenho a dizer — afirma Rakel Murvall. E desliga.

— É aqui — diz Zeke, ao estacionar o carro diante de uma elegante casa de três andares na Tanneforsvägen, perto da fábrica Saab. A casa deve ter sido construída, na década de 1940, quando a empresa sueca, fabricante de carros e de centenas de caças de combate, teve sua maior expansão. No andar térreo da casa, uma pizzaria promete Capricciosas, a 39 coroas, cerca de quatro dólares, a unidade. E a loja do Ica, em frente, tem uma promoção de Café Clássico. A vitrine da pizzaria apresenta em amarelo seu nome, que Malin mal consegue pronunciar: CONYA.

Os dois se apressam, para fugir do frio, pela calçada larga. Empurram o portão não trancado que dá para a escada. E leem no quadro: TERCEIRO ANDAR, ANDERSSON, RYDGREN, MURVALL.

Sem elevador.

No patamar do segundo andar, Malin sente o coração bater acelerado e começa a ter falta de ar. Ao chegar ao terceiro, está cansada, quase não consegue respirar. Zeke respira fundo a seu lado.

— Nós sempre nos surpreendemos — diz ele, expirando fortemente, — quando se trata de subir escadas.

— É. A neve ontem não foi nada, comparada com esta escada.

Murvall.

Tocam a campainha, escutam o sinal por trás da porta. Mas o silêncio é total,

dentro do que parece ser um apartamento vazio. Tocam de novo, mas ninguém vem abrir.

— Está trabalhando, com certeza — diz Zeke.

— Vamos bater à porta do vizinho?

RYDGREN.

Após dois toques, aparece um homem já idoso, de nariz extraordinariamente grande e olhos caídos, que olha desconfiado para os dois e diz:

— Não estou interessado.

Malin mostra seu distintivo da polícia.

— Queremos falar com Karl Murvall. Não está em casa. O senhor sabe, por acaso, onde ele trabalha?

— Eu não sei nada a esse respeito.

O homem ainda aguarda um pouco.

— O senhor sabe...

— Não.

E fecha a porta.

A única outra pessoa em casa no prédio é uma senhora idosa que acha que eles são do serviço de assistência e que estão ali para lhe entregar o jantar.

Um a um, os irmãos saem de suas celas e tomam lugar na sala de interrogatórios, a fim de responder às questões apresentadas por Sven Sjöman:

— Não tenho nenhum irmão chamado Karl — diz Adam Murvall enquanto passa a mão pela testa. — O senhor poderá dizer que somos parentes, e, de acordo com sua maneira de ver as coisas, é verdade, mas não é isso que eu acho. Ele escolheu seu caminho. Nós, o nosso.

— Você sabe onde ele trabalha?

— Sobre isso, não sou obrigado a responder, não é verdade?

— O que você acha, Malin? Podemos esperar na pizzaria em frente e almoçar. E ver se ele vem comer em casa.

Os dois ainda estão fora do carro. Zeke procura as chaves, enquanto conversam:

— Já faz muito tempo que eu não como uma pizza.

— Não tenho nada contra. E talvez saibam onde ele trabalha.

Dentro da pizzaria Conya, cheira a orégano seco e a fermento. Nada das habituais paredes cobertas de tapeçaria. Em vez disso, tecidos em cores vivas, rosa e verde. Cadeiras estilo Bauhaus, à volta de mesas de madeira de carvalho laqueado. Um homem moreno, de mãos extraordinariamente limpas, recebe seus pedidos.

“Será que é o dono do lugar? Não é nenhum segredo que os imigrantes são obrigados a abrir suas próprias empresas para sobreviver. O que diria Karim a

respeito dele? Diria, certamente, que é um bom exemplo. Um ser humano que não deixa para os outros a obrigação de sustentá-lo. E que confia em si mesmo.

“Devemos esperar o curso dos tempos. Seus filhos”, pensa Malin, “se é que os tem, vão estar, certamente, entre os melhores alunos nas universidades. Esperemos.”

— O que desejam beber? Faz parte do preço do almoço.

— Coca-Cola — diz Malin.

— O mesmo — confirma Zeke. E, no momento em que puxa a carteira para pagar, pega também seu distintivo.

— Você conhece Karl Murvall, que mora neste prédio?

— Não — responde o dono da pizzeria. — Não o conheço. Ele fez alguma bobagem?

— Não temos nenhuma razão para acreditar nisso — diz Zeke. — Queremos apenas falar com ele.

— Lamento.

— A pizzeria é sua? — pergunta Malin.

— Sim. Por quê?

— Por nada. Imaginei que sim.

Os dois sentam-se a uma mesa com vista para o portão de entrada. Cinco minutos depois, chegam duas pizzas fumegantes, postas na sua frente, o queijo ralado derreteu, e a gordura forma pequenos olhos por cima do molho de tomate, do presunto e dos cogumelos.

— Bom apetite — deseja o pizzaiolo.

— Delicioso — diz Zeke.

E comem. Olham para a rua, para os carros que passam, para a fumaça saída dos canos de descarga, que cai pesadamente no asfalto.

“O que pode criar um muro entre pessoas que compartilham do mesmo sangue?”, pensa Sven Sjöman.

Acaba de ouvir Jakob Murvall. E as palavras dele ainda continuavam soando em sua cabeça:

— Ele vive a vida dele. Nós, a nossa.

— Mas vocês são irmãos.

— Os irmãos nem sempre são irmãos, não é?

“O que leva pessoas que poderiam compartilhar a alegria umas das outras, que poderiam se ajudar umas às outras, a virar as costas umas às outras? A ser, em vez disso, uma espécie de inimigas? Dá para discordar sobre dinheiro, sobre amor, sobre fé, sobre quase tudo. Mas na família? Em família? Se não conseguimos seguir juntos nas pequenas coisas da vida, como vamos concordar sobre os grandes problemas?”

É uma e meia.

A pizza já está no estômago, flutuando como um bloco de concreto. E os dois se recostam em suas cadeiras flexíveis, de vime.

— Ele não vem — diz Malin. — Vamos ter de voltar hoje à noite.

Zeke concorda.

— Pensei em voltar para o departamento, a fim de aprontar o relatório sobre o que aconteceu ontem — diz ele. — Você poderia ir até Ljungsbro e falar com o tal Niklas Nyrén, não?

— Ok. Tenho ainda algumas outras coisas que quero conferir — diz Malin.

— Precisa de ajuda?

— Posso fazer tudo sozinha.

Zeke acena com a cabeça:

— Como fez com Gottfrid Karlsson no lar para idosos?

— Huhum...

Acenam para o dono da pizzeria em sinal de agradecimento, antes de sair.

— Nada ruim, a sua pizza — diz Zeke.

Na melhor das hipóteses, Karl Murvall é uma pessoa desinteressante aos olhos de sua família. Pelo menos, isso é certo.

— Karl?

Elias Murvall olha, resignado, para Sven Sjöman.

— É melhor não falar desse chorão que se acha ridiculamente fino.

— Ele fez alguma tolice?

Elias Murvall parece refletir, amaciar um pouco. Depois responde:

— Ele sempre foi diferente, não é como nós.

A visão de Malin fica cada vez mais clara ao se aproximar da árvore no prado.

Não quer acreditar no que vê.

A árvore isolada no meio do prado não está sozinha. Uma picape, com carroceria coberta, está parada no caminho e em cima da neve, justamente no lugar onde o corpo de Bengt Andersson deve ter caído. E uma mulher, envolta num lençol branco — não, ela não está vestida com nada! —, ergue os braços para o céu, de olhos fechados.

E não os abre, nem quando o carro de Malin se aproxima. Sua pele é mais branca do que a neve, os pelos do púbis inacreditavelmente negros. Malin para o carro, e a mulher continua sem qualquer reação.

Congelada?

Morta?

Em pé, corpo ereto. Mas Malin nota que seu peito arfa um pouco, para cima e para baixo. E que todo o corpo balança, em função do vento.

Ao sair do carro, Malin sente que o *Midvinterblot* abriu suas portas, sente como a força da natureza influencia os sentidos, como a natureza parece ajustar a zero o corpo e encurtar a distância entre impressão, pensamento e ação. Uma mulher nua no meio do prado. O caso fica cada vez mais louco.

Ao fechar, a porta do carro produz um estrondo enorme, mas é como se não fosse sua própria força que tivesse causado o ruído.

A mulher deve estar gelada. Malin se aproxima, em silêncio.

Aproxima-se mais, cada vez mais perto, até chegar a poucos metros da mulher, que continua de olhos fechados, respirando, com os braços levantados para o céu. Seu rosto está completamente imóvel, e os cabelos, negros como carvão, pendem pelas costas, numa longa trança.

O prado em volta.

Passou apenas um pouco mais de uma semana desde que o corpo de Bengt Andersson foi encontrado, mas a faixa da polícia delimitando o espaço já caiu, e a neve que veio depois não conseguiu esconder o lixo deixado pelos curiosos: pontas de cigarro, garrafas, invólucros de biscoitos e doces, caixinhas de hambúrguer.

— Alô — grita Malin.

Nenhuma reação.

— Alô!

Só quietude.

Malin cansa-se da brincadeira, reconhece a mulher que está à sua frente, relembra as palavras de Börje Svärd ao contar o que ele e Johan Jakobsson viram durante a visita a Rickard Skoglöf.

Mas o que ela faz aqui?

Malin tira a grossa luva de uma das mãos e aperta o nariz da mulher, um

aperto forte, por duas vezes. Enfim, a mulher estremece, salta para trás e grita.

— Que porra você está fazendo?

— Valkyria? Malin Fors, da polícia de Linköping. Eu é que pergunto: o que você está fazendo aqui?

— Meditando. E agora você me perturbou, antes de eu chegar ao final. Você não entende quanto isso é irritante?

De repente, é como se Valkyria Karlsson ficasse consciente do frio que faz. Ela passa por trás de Malin e se dirige para seu carro. Malin segue seus passos.

— Por que justamente aqui, Valkyria?

— Porque foi aqui que o encontraram assassinado. Porque este lugar está cheio de uma energia própria. Você mesma deve sentir isso.

— De qualquer forma, muito esquisito, não é, Valkyria? Você deve concordar com isso.

— Não. Não é nada esquisito — diz Valkyria Karlsson, enquanto envolve seu corpo num casacão de pele de carneiro, e se senta em sua picape Peugeot.

— Tiveram, você e seu amiguinho, alguma coisa a ver com o que aconteceu aqui?

“Pergunta idiota”, pensa Malin. “Mas as perguntas idiotas, às vezes, podem provocar boas respostas.”

— Se tivéssemos, acha que eu ia contar para você?

Valkyria Karlsson fecha a porta do carro, e logo Malin vê a fumaça negra do motor se elevar para o céu, enquanto o carro, lentamente, desaparece no horizonte.

Malin vira-se para a árvore.

À distância de uns 35 metros.

Obriga-se a esquecer a imagem nua de Valkyria, voltará a ela mais tarde. Agora, precisa realizar o que veio fazer.

“Você está aí, Bengt?”

E ela consegue se lembrar do corpo, roxo e inchado, sozinho, balançando ao vento.

“O que é que todos esses curiosos que estiveram aqui esperavam ver?”

“Um fantasma a balançar?”

“Um cadáver? Sentir o mau cheiro da violência, da morte, tal como esta se apresenta em seus piores pesadelos?”

“Turistas num gabinete de horrores.”

Malin se aproxima novamente da árvore. Deixa a pulsação baixar, deixa de ouvir todos os sons, deixa o dia desaparecer em troca do que aconteceu ali uma vez, tenta imaginar a cena: um ser humano sem rosto que luta para empurrar um trenó, um corpo acorrentado, os pés, as roldanas como luas negras contra um céu estrelado.

Malin está, justamente, por baixo do ramo que se quebrou e onde Valkyria estava meditando, momentos antes.

Alguém pôs um ramo de flores no chão, enfiou um cartão dentro de um saquinho de plástico e prendeu-o no meio das flores.

Malin levanta o ramo, já apodrecido e congelado, e lê:

“Que vamos fazer agora, quando ninguém mais vai buscar nossas bolas?”

Assinado: Equipe A do Ljungsbro FC.

“Agora é que vocês sentem a falta dele. Na morte, chega o agradecimento. E depois do obrigado, o fogo?”

Malin fecha os olhos.

“O que aconteceu, Bengt? Onde você morreu? Por que morreu? Quem o odiava tanto assim? Será que foi por ódio?”

Por muito que eu grite, você não me ouviu. Por isso, agora, já nem tento, Malin Fors. Mas estou aqui, a seu lado, escutando suas palavras e agradecido por todos os seus esforços, por todos os incômodos que lhe causei. Mas será que tudo isso, realmente, é necessário e importante?

É isso o melhor que você pode fazer?

O corpo branco e nu dela.

Ela consegue se imunizar contra o frio. Eu nunca pude.

Eu sei quem me odiava tanto.

Mas era, de fato, ódio?

Sua pergunta tem fundamento.

Talvez fosse desespero? Solidão? Ou raiva? Ou curiosidade? Uma vítima? Um erro?

Ou talvez outra coisa, muito pior?

Será que posso fazer ouvir minhas palavras? Uma única e pequena palavra? Nesse caso, eu gostaria que fosse esta:

Escuridão.

A escuridão que surge quando a alma nunca consegue ver a luz em qualquer outro ser humano, quando ela define e por fim tenta se salvar.

Malin balança com o vento, estica o corpo, quer alcançar o ramo caído da árvore, ainda arrumado junto ao tronco, mas não consegue. É sempre aquela brecha entre o que ela quer e aquilo que consegue, uma brecha que cada vez fica mais clara para ela.

“Nada ainda terminou para você. Ou para vocês. Não é verdade?”

“Você quer alguma coisa, ter alguma coisa. E demonstra isso dessa maneira.

“O que você quer? O que vocês querem?”

“O que você ou vocês podem obter de um corpo nu, diante de uma árvore, num prado atormentado pelo inverno?”

“O que se pode exigir tão fortemente?”

Defronte da imponente fachada amarela da fábrica Cloetta, o paraíso dos amantes de chocolates, do outro lado do parque, está situada uma fileira de casas, construídas na década de 1930, casas intercaladas com prédios brancos, de apartamentos para alugar, onde cada um tem entrada e escada separada, própria.

Niklas Nyrén mora no prédio mais próximo da rua, no apartamento do meio, entre dois outros.

Malin toca a campainha uma, duas, três vezes, mas ninguém abre a porta.

No carro, a caminho da árvore, tentou lhe telefonar, tanto para o celular como para a casa. Não teve resposta, mas ainda assim quis tentar e ver se ele estava em casa.

Não teve sorte.

Não estava.

Margaretha Svensson contou que ele trabalhava como caixeiro-viajante, vendendo biscoitos, como representante da fábrica Kakmästaren, pertencente à Cloetta.

“Certamente está viajando, visitando clientes”, pensa Malin. “E está com o celular desligado.”

Deixou uma mensagem na secretária eletrônica:

“Olá, aqui é Malin Fors, da polícia de Linköping. Preciso lhe fazer umas perguntas. Por favor, me ligue, urgente, 070-314-2022, assim que ouvir esta mensagem.”

Na viagem de volta para a cidade, Malin escuta o programa da Rádio Suécia.

A grande personalidade da televisão Agneta Sjödin escreveu mais um livro sobre um guru na Índia que significou muito para ela.

— Na sua companhia — disse Agneta Sjödin —, eu me tornei um ser humano melhor e mais completo. Encontrá-lo foi como abrir uma porta e conseguir entrar em mim mesma.

O repórter, muito agressivo a julgar pela voz, escarnece de Agneta, e não entende a manobra.

— E quem você encontrou lá dentro desse espaço cheio de movimentações, Agneta? Talvez a contraparte indiana de símbolos rúnicos?

Depois, música.

Diante de Malin, Linköping parece chorar o final de mais um dia em que a escuridão chega mais cedo. Ao longo do horizonte, porém, o fulgor de uma luminosidade quente, a promessa de segurança, de um lugar mais seguro onde deixar as crianças crescer.

“E existem lugares piores, cidades piores”, pensa Malin. “Aqui, em Linköping, a cidade é suficientemente pequena para ser segura a um ponto que não deixa

espaço para grandes reclamações. E, ao mesmo tempo, suficientemente grande e desenvolvida para produzir uma sensação de mundanidade.

“Eu tive essa sensação. Pensava ficar em Estocolmo. Achava que, com o tempo, me habituaria a sua grandeza. Mas para uma mãe policial, solitária, seria o melhor? Com seus pais e o pai e os avós da filha a cem quilômetros de distância, sem amigos de verdade, seria?”

“Os armazéns do Ikea, da Babilândia, da Biltema, da BR de brinquedos. O cartaz da Skäggetorp. Luzes que acabam por se fixar em minha mente, luzes que, mesmo contra a vontade, acabam por me dar a sensação de estar em casa.”

Malin e Zeke tocam a campainha do apartamento de Karl Murvall logo depois das sete horas da noite. Antes, no departamento, ela já contara a Johan Jakobsson e Börje Svärd a respeito de sua visita ao local do crime e seu encontro com Valkyria Karlsson meditando no frio.

Depois, telefonou para Tove:

— Hoje, vou chegar tarde de novo.

— Posso chamar o Markus para vir aqui?

— Claro. Se ele quiser.

“Não gostaria de ficar”, pensa Malin. “Gostaria de ir para casa e encontrar de novo o namorado de minha filha. Será que ele vai ter coragem de ir a nossa casa? A única vez que me viu foi no apartamento de meus pais. Até que ponto, então, fui desagradável? Entretanto, Markus deve ter escutado a versão de Janne sobre minha personalidade. Aliás, que versão será essa?”

Continua o silêncio dentro do apartamento de Karl Murvall. Ele não tem registro de celular para onde telefonar, nem secretária eletrônica no número do telefone fixo.

Sven Sjöman, relatando seus interrogatórios:

— Eles chegam a negar quase por completo sua existência. Seja qual for o motivo, as reações provocadas no resto da família Murvall são as piores possíveis. Quer dizer, qual o motivo que pode levar uma mãe a negar a existência de um filho? Isso vai contra a natureza.

— Ele pode estar em qualquer lugar — diz Zeke, num momento em que ainda estão no patamar da escada, junto à porta.

— De férias?

Zeke abre os braços:

— Sei lá!

Os dois viram-se e estão prestes a descer a escada, quando ouvem o ruído do motor de um carro que chega e estaciona em frente ao portão.

Malin inclina-se para a frente e procura ver quem é, através de uma janela da escada. É um Volvo verde-escuro, com uma caixa para guardar esquis sobre o teto. Sob a luz da rua, a caixa fica com uma cor rosa muito estranha. A porta do

Volvo se abre, e de lá sai um homem de cabelos ralos, casacão escuro, que logo entra pelo portão da casa.

O portão se fecha, e o homem sobe rapidamente pela escada. Não para no primeiro patamar e chega ao segundo. Os dois veem-no, e ele olha para cima, em direção a eles; para, faz o gesto de quem quer retornar, mas resolve continuar subindo.

— Karl Murvall? — pergunta Zeke, mostrando seu distintivo. — Somos da polícia de Linköping e gostaríamos de conversar um pouco com você agora, se não tiver nada contra.

O homem sorri.

— Sou eu mesmo, Karl Murvall — repete ele. — Façam o favor de esperar um pouco.

Karl Murvall tem o mesmo nariz saliente de seus meios-irmãos, mas o dele é mais afilado.

É um homem de baixa estatura, com uma barriga já proeminente. E toda a sua figura parece querer, de certa forma, se enfiar pelo chão, embora, ao mesmo tempo, exiba uma força primitiva, notável.

Karl Murvall mete a chave na fechadura e abre a porta do apartamento.

— Li nos jornais a respeito de meus irmãos — diz ele. — Já sabia que, mais cedo ou mais tarde, viriam falar comigo.

— Você não podia ter vindo a nosso encontro, por vontade própria? — pergunta Zeke. Mas Karl Murvall parece não ligar para as palavras pronunciadas. Em vez disso, simplesmente convida, sorrindo:

— Façam o favor de entrar.

O apartamento de Karl Murvall.

Um quarto e sala.

Inquestionavelmente bonito. Mobiliado com parcimônia.

“É parecido com o apartamento de Bengt Andersson”, pensa Malin. Muito funcional, com estante de livros, sofá e uma escrivaninha encostada à janela.

Nenhum elemento decorativo, nada de flores, nada de ornamentos, nada que pudesse contrariar a simplicidade do apartamento. Ou, talvez, seu aspecto vazio, não contando com uma bandeja com maçãs amarelas e vermelhas em cima da escrivaninha.

Os livros são sobre programação eletrônica, matemática, Stephen King. A estante de um engenheiro.

— Café? — pergunta Karl Murvall. Malin acha que ele tem uma voz mais clara que a dos irmãos. E que, de certa forma, dá a impressão de maior equilíbrio, embora, ao mesmo tempo, de ter um caráter forte. Como alguém que se fortaleceu vendo e ouvindo quase tudo. Um pouco como Janne. Por exemplo, seu olhar. O olhar de quem sente uma mistura de desprezo e compaixão diante de outra pessoa que se vangloria de seu comportamento corajoso durante as férias nas montanhas. O olhar de quem tem a sensação de poder dizer: “Fique satisfeito por não saber do que está falando”.

— Está muito tarde para eu tomar café. Obrigado — diz Zeke. — Mas a detetive Fors, certamente, vai aceitar.

— Com muito prazer.

— Por favor, sentem-se.

Karl Murvall aponta para o sofá, e os dois sentam-se, ouvem-no trabalhando na cozinha, e, uns cinco minutos mais tarde, ele volta com uma bandeja com três canecas fumegantes.

— Trouxe uma terceira caneca, para o caso de... — diz Karl Murvall, ao colocar a bandeja na mesa de centro e antes de se sentar na cadeira da escrivaninha.

— Bonito apartamento — comenta Malin.

— Em que posso ajudar?

— Você trabalhou o dia inteiro?

Karl Murvall confirma com um aceno.

— Vocês procuraram por mim antes?

— Sim — confirmou Malin.

— Estou trabalhando muito. Sou responsável por todos os instrumentos tecnológicos das oficinas da Collins, em Vikingstad. Trezentos e cinquenta empregados em atividades cada vez mais computadorizadas.

— Um bom emprego.

— É verdade. Estudei para engenheiro eletrônico, e isso está dando bons frutos.

— Você teria condição de ganhar muito mais — diz Malin.

— Não estou muito interessado em condições materiais. Ser proprietário, dono de empresa, traz obrigações. Não preciso ter muito mais.

Karl Murvall bebe um gole de café, antes de continuar:

— Mas vocês não vieram aqui para falar disso.

— Bengt Andersson — diz Zeke.

— O pendurado na árvore — completa Karl Murvall, tranquilamente. — Horrível!

— Conhecia-o?

— Eu sabia quem ele era desde os tempos em Ljungsbro, lugar onde cresci. Todos nós o conhecíamos, e à família.

— Mas nada mais do que isso?

— Não, nada mais.

— Nem quando ele apareceu na investigação da violência cometida contra sua irmã?

Sem alterar o tom de voz, Karl Murvall responde:

— Mas isso era natural. Ele era um dos assistidos por Maria, e ela se preocupava com todos aqueles a quem prestava assistência. Conseguiu até que Bengt melhorasse em termos de higiene pessoal.

— Você e sua irmã mantêm contato direto?

— É difícil manter contato com ela.

— Mas antes?

Karl Murvall vira a cabeça para o lado.

— Vai visitá-la?

Novamente, silêncio.

— Você e seus irmãos parecem ter um relacionamento difícil — diz Zeke.

— Meus meios-irmãos — diz Karl Murvall. — Não mantemos nenhum contato. Essa é a verdade.

— Por quê? — indaga Malin.

— Eu procurei estudar. Tenho um bom emprego e pago impostos. Essas são coisas que não rimam bem com meus meios-irmãos. Imagino até que fiquem zangados com isso. Acham que eu penso que sou melhor do que eles.

— E sua mãe também? — insiste Zeke.

— Minha mãe talvez mais do que eles.

— Você é meio-irmão deles. No registro de nascimento está escrito que você é filho de pai desconhecido.

— Eu sou o primogênito de minha mãe. Meu pai era um marinheiro que desapareceu num naufrágio quando ela ainda estava grávida de mim. Isso é tudo o que sei. Mais tarde, ela encontrou Svarten, o pai deles.

— Como ele era?

— De início, um bêbado. Depois, um bêbado inválido. Mais tarde, um bêbado morto.

— Como foi que ele o acolheu?

— Não sei o que minha infância tem a ver com isso, detetive Fors. Não entendo mesmo.

Nesse momento, Malin consegue perceber uma mudança nos olhos de Karl Murvall. Como se a objetividade se transformasse em tristeza. E, depois, em raiva.

— Talvez vocês deversem se tornar terapeutas. Aquelas pessoas no Prado vivem suas vidas. Eu vivo a minha. É apenas isso, compreendem?

Zeke inclina-se para a frente.

— Para constar apenas. O que você fez na noite de quarta para quinta-feira da semana passada?

— Trabalhei. Tinha de fazer uma grande atualização do sistema e fui obrigado a fazê-la durante a noite. O guarda de vigilância da Collins poderá confirmar. Mas será que vai ser preciso?

— Não sabemos ainda, mas é quase certo que não.

— Trabalhou sozinho?

— Sim, é um trabalho que faço a sós, sempre que o projeto é grande e difícil. Para falar francamente, ninguém entende mesmo o sistema, e acabam só por empatar meu serviço. Mas o vigilante poderá confirmar minha presença, a noite inteira, no lugar.

— O que sabe sobre os negócios de seus irmãos?

— Nada. E se soubesse não contaria nada. Apesar de tudo, eles ainda são meus irmãos. E se nós não nos ajudarmos uns aos outros na família, quem fará isso?

Quando vestem seus casacos acolchoados antes de deixar o apartamento, Malin vira-se para Karl Murvall e pergunta-lhe:

— Eu vi a caixa de esquis em seu carro. Você gosta de esquiar?

— Eu uso essa caixa para carregar material — diz Karl Murvall, que acrescenta: — Não gosto de esquiar. Aliás, o esporte não é de meu gosto.

— Obrigado, então, pelo café — diz Malin.

— Obrigado — diz Zeke.

— Mas você nem bebeu — constatou Karl Murvall.

— Mas obrigado pela consideração.

Malin e Zeke estão ao lado do carro de Karl Murvall. Uma manta cobre todo o espaço do bagageiro. Por cima dela, uma grande caixa de ferramentas.

— Ele não deve ter passado uma época muito feliz durante o tempo em que

viveu com o resto da família — diz Malin.

— Não, sinto arrepios só de pensar no caso.

— Vamos à casa de Niklas Nyrén?

— Malin, nós já telefonamos para ele pelo menos umas dez vezes. O contato pode esperar para amanhã. Vá para casa e descanse. Vá para casa e para sua Tove.

O trem continua a rolar pelos trilhos.

Göran Tedensjö está estendido na cama de sua cabine. Deixa os pensamentos ir e vir.

“E quando em casa não houver mais nada pelo que valha a pena voltar? Uma pessoa fica tanto tempo fora que estar longe acaba por se tornar como ficar em casa, acaba por ser seu lar. De qualquer maneira, entretanto, aconteceram coisas pelo caminho.”

Continua escuro lá fora, a julgar pelo que consegue ver pela janela do vagão. Mas ele não consegue dormir, apesar do insistente e ritmado martelar das rodas ao passar por cima dos encaixes dos trilhos. Mesmo estando sozinho na cabine de primeira classe e apesar de os lençóis serem novos, quentes, macios e cheirarem bem, a recém-lavados.

A Statoil paga o bilhete.

Pensa até quando vai aguentar essa situação.

Está na hora de escolher a vida que quer levar. Está com 48 anos de idade e já há quase dez vive uma vida dupla. E mente para Henrietta, bem no rosto dela, cada vez que chega em casa.

Mas ela, ao que parece, não percebe nada.

Parece contentar-se com o dinheiro, pensa como é bom não precisar trabalhar e apenas comprar.

O pior é o rapaz.

Cada vez mais distante, a cada temporada que fica fora de casa.

E as histórias que recebe da escola. Pode ser ele, realmente, quem age dessa forma?

“Um verdadeiro demônio”, pensa Göran Tedensjö enquanto se vira na cama. “Será que é assim tão difícil se comportar como gente normal? Afinal, tem apenas 15 anos e sempre teve tudo o que quis.

“Será melhor fazer as malas e bater em retirada? Mudar para Oslo, ver o que dá?”

O trabalho é repugnante nesta época do ano. Faz tanto frio que alguma coisa acaba por congelar para sempre dentro de uma pessoa, em suas idas e vindas, à volta da perfuradora, bem lá em cima, na plataforma, sob a constante batida do vento glacial. De tal maneira que o corpo nunca chega a aquecer entre os turnos de serviço, e os homens nem sequer conseguem falar uns com os outros.

Mas são bem pagos.

Isso porque é lucrativo pagar bem a pessoas com experiência, tendo em mente os prejuízos que advêm de uma parada na produção. As tubulações são como cobras frias, cheias de sonhos negros.

“Norrköping é a próxima estação. Estamos chegando. A seguir, Linköping.”

Depois, o lar.

Quinze para as seis.

Henrietta não vem buscá-lo na estação do trem. Já há muito que deixou de fazê-lo.

O lar.

Se é que o lar, agora, não é lá fora.

O trem que veio de Oslo segue o caminho de Estocolmo para Copenhague, via Linköping. É um trem considerado lento, com pessoas que ainda sonham ou estão prestes a acordar.

O relógio marca seis e quinze. Aos dezesseis minutos, o trem deve chegar, e o amanhecer começa a se deixar ver. Faz quase mais frio do que antes. Mas ela resolveu enfrentá-lo, queria ver se Göran Tedensjö, realmente, viria no trem, como ficou combinado. E, de qualquer maneira, descobrir quais eram seus segredos.

Ela telefonou para a portaria da Collins. Eles consultaram seus registros e verificaram que Karl Murvall tinha estado na área da fábrica desde as dezenove e quinze de quarta-feira até as sete e cinquenta da quinta-feira seguinte. Tinha trabalhado durante a noite numa grande atualização do sistema de computação da empresa, e tudo tinha corrido bem, de acordo com os planos feitos. Ela perguntou se havia alguma possibilidade de saída por outra portaria e se Karl Murvall poderia ter saído de algum outro modo. Mas o vigilante mostrou-se absolutamente seguro: “Ele ficou na empresa durante toda a noite. Não existe nenhuma outra saída, além do grande saguão de entrada. E a cerca em volta da área da empresa tem sensores que a gente controla a partir da entrada. Teríamos visto se alguém tentasse pular ou destruir a cerca. E onde. Mas ele sempre esteve na sala, todas as vezes que passamos por lá, ao fazer nossas rondas”.

O jantar com Tove na noite anterior. Falaram sobre Markus. Depois, durante dez minutos, conseguiram ver juntas um filme da série *Pantera Cor-de-Rosa*. Nessa altura, Malin adormeceu no sofá.

Agora, ela já conseguia ver a passagem do trem pela ponte de acesso à estação, sobre as águas da lagoa Stångån.

À esquerda, do outro lado, o Centro Cloetta, como se fosse uma nave espacial, e a chaminé da empresa Tekniska Verken, insistindo em expelir fumaça. As letras da logomarca brilham em vermelho, como se fossem os olhos de uma fotografia mal tirada.

O trem cresce à medida que se aproxima, a locomotiva já está entrando pelo início da plataforma de chegada. Parece um projétil inventado por algum engenheiro.

Malin está sozinha na estação. Agita os braços à volta do corpo para se aquecer e ajeita seu gorro de pele.

“Nada de Henrietta Tedensjö”, pensa Malin. “Sou a única pessoa que está aqui à espera de alguém. E à caça de um assassino.”

Apenas uma das portas do trem se abre, a dois vagões de distância. Malin

apressa o passo, dirige-se para lá, sente como o ar glacial irrita os pulmões. Apenas um homem desce para a plataforma, com duas enormes malas de viagem, uma em cada mão.

Um rosto martirizado pelo tempo e um corpo meio gordo, mas musculoso. A figura, toda ela, irradia o hábito de enfrentar o frio e as privações do mau tempo, o casacão azulado nem sequer está fechado.

— Göran Tedensjö?

O homem fica surpreso.

— Sim, sou eu. E você?

A porta do vagão se fecha, a locomotiva solta um apito que quase se sobrepõe à voz de Malin quando esta diz seu nome e função. Assim que o ruído do apito termina e o trem prossegue sua viagem, abandonando a plataforma, ela explica rapidamente qual é sua missão.

— Quer dizer que você tentou entrar em contato comigo?

— Sim — confirma Malin. — Para conseguir alguns esclarecimentos.

— Então, já sabe que eu não estava na plataforma de petróleo.

Malin acena com a cabeça, positivamente.

— Podemos falar em meu carro — diz ela. — Lá está quente, deixei o motor ligado em ponto morto.

Göran Tedensjö concorda. Sua expressão muda, descontraí-se, mas há um sinal de culpa.

Minutos mais tarde, senta-se no lugar do passageiro no carro. Seu hálito cheira a café e a creme dental. E logo ele começa a falar, sem que ela precise perguntar nada.

— Conheci uma mulher em Oslo, há quase dez anos. Menti para Henrietta durante todo esse tempo. Ela acredita ainda que trabalho três semanas e descanso duas, mas é o contrário. Na semana livre, fico em Oslo com Nora e o filho dela. Gosto do rapaz, muito mais normal do que meu Magnus. Este, eu nunca cheguei a entender.

“Porque você nunca permanece tempo suficiente em casa”, pensa Malin.

— E armas? Você imagina onde Magnus poderia ter conseguido uma arma?

— Não. Nunca me interessei por isso.

— E também não sabe nada a respeito do que ele fez a Bengt Andersson?

— Infelizmente, não.

“Porque você nunca permanece tempo suficiente em casa”, pensa Malin novamente.

— Vou precisar do número de telefone dessa sua mulher em Oslo.

— Henrietta precisa saber alguma coisa? Ainda não sei o que quero. Já tentei confessar-lhe, mas você sabe como são as coisas. Portanto, ela precisa saber?

Malin abana a cabeça. Como resposta, como tentativa para que Göran Tedensjö fique em silêncio e como reflexão sobre a fraqueza, por vezes

inevitável, do sexo oposto.

Malin fica sentada em seu carro e vê o táxi que Göran Tedensjö tomou passando pelas lojas de fachadas tristes e desaparecendo em direção a Ljungsbro.

Pensa.

Deixa que todas as possibilidades circulem livres pela cabeça. Entretanto, telefona para os vários números de Niklas Nyrén. Nada de resposta. Pensa que ele talvez esteja na casa de Margaretha Svensson. Procura o número dela, mas se contém ao ver as horas.

São seis horas e trinta e dois minutos.

Sábado de manhã.

É melhor esperar.

“Algum tipo de consideração também deve existir, até mesmo quando se trata de uma investigação por assassinato. Deixemos que uma mãe exausta pelo trabalho, vivendo sozinha, tenha uma oportunidade de dormir um pouco mais.”

E, então, Malin resolve voltar para casa. Deita-se na cama, depois de ter dado uma olhada no quarto de Tove. E, antes de adormecer, volta à sua mente a imagem de Valkyria Karlsson, nua, no prado, como um anjo, talvez um anjo diabólico.

Quando é que um caso se torna um pesadelo diário?

Quando a procura pela verdade começa a andar em círculos? Quando chega a hora da primeira dúvida entre os policiais que trabalham na investigação, a sensação de que seus esforços não vão dar em nada, de que a verdade dessa vez jamais vai ser alcançada?

Malin sabe.

Pode acontecer mais cedo ou mais tarde na investigação. Pode ser no primeiro telefonema. Pode acontecer de repente ou chegar aos poucos. Pode verificar-se durante uma reunião, bem de manhã, em que cinco policiais, todos cansados e ainda mal acordados depois de um sábado inteiro de trabalho, em vez de dormir e recuperar as forças, ficam bebendo café e começam o dia para chegar a uma triste conclusão.

— Acabamos de receber o relatório final e conclusivo do departamento técnico a respeito da investigação nas casas da família Murvall. Eles trabalharam 24 horas por dia, mas do que serviu?

Sven Sjöman apresenta uma expressão de resignação, sentado a uma das pontas da mesa.

— Nada — diz ele. — Apenas sangue de animais, alces, veados, porcos selvagens e lebres. Pelos de animais na oficina. Nada mais.

“Merda”, pensa Malin, embora bem dentro de si já tivesse previsto isso mesmo.

— Então, por ali, estamos encalhados — diz Johan Jakobsson.

Zeke concorda, com um aceno.

— Encalhados em cimento armado, diria eu.

— Mas temos outras pistas. A fé Asa. Börje? — pergunta Sven. — Alguma novidade? Já ouviram novamente Valkyria Karlsson, depois de Malin a ter visto junto ao carvalho?

— Tentamos entrar em contato com ela por telefone, sem resultado. Vamos tentar hoje um contato pessoal — responde Börje Svärd. — Já ouvimos 20 pessoas ligadas a Rickard Skoglöf. Nenhuma parece ter a mínima ligação com Bengt Andersson. Mas precisamos, realmente, investigar: o que ela estaria fazendo ali no local do crime? Daquela maneira? Por quê?

— Meditar nua, em público, não seria comportamento indecoroso? — pergunta Johan.

— Ela não estava importunando ninguém — diz Malin. — Telefonei para a amante de Göran Tedensjö em Oslo e vou tentar falar com Niklas Nyrén ainda hoje. Ele pode ser considerado a última pedra a revirar nesta linha de investigação.

— Temos, simplesmente, de continuar lutando — diz Börje. E, justo no

momento em que pronuncia essas palavras, batem à porta da sala, e, sem que ninguém desse autorização para entrar, a assistente policial Marika Gruvberg mete a cabeça para dentro da sala.

— Desculpem se estou incomodando. Mas um camponês encontrou corpos de animais pendurados numa árvore, junto a um terreno arado. Acabou de entrar a chamada.

“Círculos”, pensa Malin.

“Sete círculos.

“Que levam a nada.”

As várias tonalidades do branco acinzentado confundem-se umas com as outras. É difícil a olho nu diferenciar terra e céu.

Os animais estão pendurados em um de três pinheiros, formando um pequeno grupo no meio de um campo entre o canal Göta e a Igreja de Ljung. Perto do canal, outro grupo de árvores sem folhas, os troncos escuros como se fossem sentinelas. E a leste, a uns 800 metros de distância, a imagem branca da igreja em forma de arca como que desaparece na atmosfera, apenas se distinguindo pelas casas à sua volta, todas de cores indefinidas, uma escola pintada na cor ocre, e a residência do professor, em amarelo, cor de uma planta: botão-de-ouro.

Os corpos parecem exangues, pendurados pelo pescoço, no ramo mais baixo do menor dos três pinheiros. A neve apresenta algumas manchas vermelhas de sangue congelado que deve ter jorrado do corpo dos animais e de seu pescoço. Um cão dobermann, um leitão e um cordeiro com menos de um ano de idade.

O focinho do cão está amarrado com uma fita adesiva, em preto e amarelo.

Por baixo da árvore, no sangue e na neve, há pontas de cigarro e lixo. E, na neve, Malin consegue notar marcas de uma pequena escada.

O camponês, de nome Mats Knutsson, está a seu lado, vestido com anoraque verde, acolchoado por dentro.

— Eu dava uma volta de carro pela propriedade como sempre costume fazer nesta época do ano, apenas por questão de controle. E, então, vi isto aqui na árvore, uma coisa estranha à distância.

— Você, certamente, não tocou em nada, não é verdade?

— Nem cheguei perto dos animais.

Zeke, cada vez mais desconfiado de tudo o que vive na pradaria.

— É como se quisessem fazer uma composição figurativa — grunhiu ele, a caminho do local. — Que merda, o que significa isso?

— É, não podem ter sido os irmãos Murvall.

— Não, eles estão na cadeia.

— Podem ter sido Magnus Tedensjö e Joakim Svensson, não?

— É possível. Segundo o garoto Fredrik Unning, eles costumavam torturar

gatos.

— Vamos ter de ouvi-los novamente.

— Assim como Skoglöf e Valkyria Karlsson.

A alguns metros de distância do ramo onde os animais ficaram pendurados, alguém escreveu MIDWINTERBLOT na neve, com letras irregulares, tremidas. Quem fez isso não usou o sangue dos animais, mas sim uma tinta spray vermelha. Era tudo o que Malin podia perceber a olho nu. Karin Johannison, que acabava de chegar, passou um pente-fino em toda a área, com a ajuda de uma colega que Malin ainda não tinha visto antes, uma jovem com sardas enormes e cabelos ruivos em tufo emaranhados por baixo de um gorro azul-turquesa.

Abaixo da palavra em vermelho, alguém urinou de maneira que formasse a palavra VAL. Ao que parece, a bexiga deve ter ficado vazia antes de terminar.

Zeke, ao lado da árvore, aponta para os animais.

— Eles cortaram o pescoço, para esvaziar o sangue deles.

— Acha que os animais estavam vivos antes?

— O cão, dificilmente. Os cães resistem por todos os meios, assim que seu instinto lhes indica haver perigo.

— As marcas da escada — diz Malin. — Entre os corpos. As marcas indicam que foi usado um escadote metálico, e veem-se os buracos na neve feitos por seus pés.

Börje Svärd anda de um lado para o outro, enquanto fala no celular.

Terminada a chamada, diz:

— Esse cão aí na árvore. Ele deve ter ficado totalmente esgotado ao final. Nem mesmo o focinho eles deixaram em paz. Pelo que posso ver, esse animal é um exemplar finíssimo de sua raça e, nesse caso, deve ter sido comprado num canil e, certamente, tem uma marca. Por ela vamos poder encontrar o dono no registro de impostos. Por isso, retirem-no de onde está. Agora!

— Estou quase acabando aqui — exclama Karin, ao mesmo tempo que olha para eles, sorrindo.

— Depressa, então — diz Börje. — Não é preciso que ele fique aí pendurado.

— Será que vai ser preciso chamar a unidade de medicina legal dessa vez? — pergunta Karin.

— Porra, claro que não precisa — grita Börje.

— Não para animais — diz Zeke. — O que acha, Malin?

Malin abana a cabeça.

— No entanto, vamos levar tudo que precisamos.

Nesse momento, escutam o motor de um carro que se aproxima. Todos reconhecem logo o som de um carro da polícia e se viram. O carro chega tão próximo quanto possível, e, ao longe, na estradinha, veem Karim Akbar sair do veículo e gritar em sua direção.

— Eu sabia, eu sabia. Havia qualquer coisa na pista da Asa. Naquela história

do professor. Nos círculos dos seguidores da Asa.

Alguém bate nas costas de Malin, e ela se vira.

O camponês Knutsson está atrás dela, aparentemente tranqüilo, nada perturbado com toda a movimentação.

— A senhora ainda precisa de mim ou já posso ir embora? As vacas...

— Pode ir — diz Malin. — Nós telefonaremos se precisarmos de mais alguma coisa.

— E os animais?

O camponês faz um gesto na direção da árvore.

— Os animais, nós vamos retirá-los.

Exatamente no momento em que termina a frase, Malin vê a distância o carro de reportagem do *Corren*.

“Daniel”, pensa ela, “onde é que você tem estado?”

Mas não é Daniel que sai do carro. Em vez dele, a fotógrafa de piercing no nariz e um jornalista grisalho que Malin sabe chamar-se Bengtsson, um tipo moreno, cheirando a nicotina, cachimbo na boca e um genuíno desprezo por computadores e processadores de texto.

“Desses aí, é Karim que vai ter de se ocupar, agora que conseguiu chegar aqui.

“Será que posso perguntar por Daniel?”, pensa Malin, depois. Mas, mais uma vez, resolve afastar essa ideia da mente. “Como justificar? E por que me preocupo em saber dele?”

— Tragam agora o cachorro para baixo — ordena Börje.

Malin consegue ver a frustração e a raiva no corpo de Börje, todos os sentimentos que dirige ao cadáver do animal na árvore.

Ela gostaria de dizer: “Calma aí, Börje, o cão já não sente nada no lugar onde está, pendurado na árvore”. Mas fica em silêncio. Aquilo que o cachorro sentiu já passou há muito tempo.

— Já estamos prontas — diz Karin. Entretanto, Malin já escuta os cliques da câmera da fotógrafa e ouve a voz rouca de Bengtsson, entrevistando Karim Akbar.

— O que vocês acham...

— Grupos de... gangues... adolescentes...

E, então, Börje corre na direção dos animais na árvore, toma impulso e pula para apanhar o cão, mas não consegue chegar nem a suas patas, com manchas pequenas de sangue coagulado.

— Börje, que droga — grita Malin, mas ele pula de novo e de novo e de novo, tentando vencer a força da gravidade na intenção de salvar o animal de sua posição indefesa.

— Börje — grita Zeke. — Você está maluco. Eles vão chegar com uma escada. E, então, poderemos retirá-lo daí.

— Cale a boca.

E, então, Börje consegue, finalmente, segurar uma das pernas traseiras do animal, puxa o cão, que ainda resiste, mas acaba por baixar junto com o corpo de Börje. O galho da árvore quer voltar à posição anterior. Por fim, a corda que segurava o cão à árvore cede. Börje grita, cai de costas também, na neve avermelhada pelo sangue.

O cão acaba por tombar ao lado dele, com os olhos abertos, sem vida.

— Este inverno faz com que todos fiquem loucos — sussurra Zeke. — Completamente loucos.

Do meio do campo, Malin consegue avistar os bosques onde Maria Murvall foi atacada e violentada. A orla da floresta aparece como uma faixa negra em contraste com o céu de nuvens brancas. Não consegue ver as águas, mas sabe que a corrente do rio Motala corre por aquelas bandas, num murmúrio de um grande riacho por baixo de um teto de gelo.

No mapa, a floresta não parece tão imponente; uma faixa de 15, 20 quilômetros de largura que se estende do lago Roxen até Tjällmo e Finspång e, para o outro lado, até Motala. Mas, dentro da floresta, dá para desaparecer, dá para uma pessoa se perder e encontrar pela frente coisas que são incompreensíveis para nós, simples seres humanos. Dá ainda para chegar ao esgotamento entre tanta lama e folhas apodrecidas, para não falar de cogumelos silvestres não colhidos, a ponto de se tornarem parte das correntes submersas. Antigamente, o povo da região acreditava em duendes, elfos, gênios, fantasmas e seres sobrenaturais com pés de bode e que eles andavam entre os troncos das árvores, tentando atrair os humanos para matá-los.

Malin pensa: “No que o povo acredita hoje em dia?”. E olha para o campanário da igreja em vez de olhar para a floresta. “No hóquei e nos festivais de canções?”

Depois, passa a vista pelos animais mortos, estendidos sobre a neve.

Börje Svård, com protetores de orelhas, escreve um número num papel e digita-o em seu celular.

Zeke também está usando seu celular.

Outro camponês, de nome Dennis Hamberg, de Klockrike, registrou a ocorrência de um roubo em seu estábulo. Estava desesperado. “Dois animais ecológicos roubados, um leitão e um cordeiro de um ano. Eu me mudei de Estocolmo para cá, a fim de trabalhar em agricultura sustentável e acabo sendo roubado.”

A floresta.

Escura e cheia de segredos, uma moça, fã de John Bauer, que olha fixamente a água do lago onde vê sua própria figura. Chega alguém atrás dela?

Depois, sentam-se todos no carro da polícia, ao som de um motor trabalhando em ponto morto. Um aquecimento interno no carro, enganoso, muito fraco, que os leva a manter abotoados seus casacos acolchoados, que desabotoam em seguida. Uma reunião convocada às pressas, no campo: Malin, Zeke, Johan, Börje e Karim. Sven Sjöman está ocupado no departamento, com papelada.

— E então? — diz Karim. — O que faremos agora?

— Vou procurar encontrar a pista do cão — diz Börje. — Não vai tomar muito tempo.

— A procura de informações de porta em porta poderá ser feita por policiais

uniformizados — diz Zeke. — Eu e Malin vamos dar uma olhada na casa do tal camponês ecológico e saber o que os rapazes Tedensjö e Svensson fizeram ontem à noite. Por enquanto, não podemos descartar ninguém.

— A conexão é bastante clara — diz Karim, de seu lugar, o do motorista. — O ritual, a evidência e a imprudência aumentados.

— Em casos desse gênero, a violência costuma sofrer uma escalada — diz Malin. — É isso que fala a experiência. E passar de um ser humano para animais não é exatamente uma escalada normal.

— Pode ser — diz Börje. — Quem sabe o que se passa pela cabeça de certas pessoas?

— Acompanhem também as figuras de Rickard Skoglöf e Valkyria Karlsson — diz Karim. — O selo da Asa neste caso é claro.

Ao terminar a reunião, Malin olha de novo para a floresta. Depois, fecha os olhos. Vê o corpo nu de uma pessoa indefesa, estendida no musgo espinhoso.

Abre os olhos. Quer afastar a imagem da mente.

Karin Johannison passa por ela, com uma grande mala esportiva na mão.

Malin retém-na.

— Karin, as possibilidades de analisar o DNA das pessoas através do exame de marcas de sangue têm aumentado nos últimos anos, não é verdade?

— Isso você já sabe, Malin. Não precisa me adular com sua suposta ignorância. Em Birmingham, no principal laboratório da Inglaterra, eles já conseguiram ir incredivelmente longe. Não imagina o que eles podem conseguir do nada.

— E nós, na Suécia?

— Ainda não temos os mesmos recursos. Mas já mandamos material para eles analisarem.

— Se eu tiver uma prova, você poderá tratar do envio para Birmingham?

— Claro. Tenho um contato lá. Um intendente, John Stuart, que encontrei durante uma conferência em Colônia, na Alemanha.

— Voltarei ao assunto mais tarde — diz Malin.

— Disponha — responde Karin, que segue em frente, não sem antes pegar de novo a mala. Apesar do peso, movimenta-se com total elegância, como se fosse uma modelo numa passarela de Paris.

Malin se afasta um pouco dos outros, pega o celular, liga para a central telefônica da polícia de Motala.

— Você pode ligar para o ramal de Sven Nordström?

— Claro — responde a telefonista.

Três toques, depois a voz:

— Nordström.

— Aqui é Fors, de Linköping.

— Olá, Malin. Há quanto tempo a gente não se fala.

— É verdade. Mas agora eu preciso de sua ajuda. Você se lembra, certamente, daquele caso do estupro de Maria Murvall, irmã dos rapazes que surgiram em nossa atual investigação? Ela tinha restos de roupa no corpo quando foi encontrada, não é?

— Tinha, sim. Mas as manchas de sangue na roupa estavam tão sujas que a perícia técnica não conseguiu nada.

— Segundo nossa Johannison, as novas técnicas melhoraram muito. E ela tem um contato em Birmingham, que poderá conseguir algo mais.

— Quer dizer que você pensa em mandar os restos de roupa para a Inglaterra, é isso?

— Sim. Você pode providenciar o envio para Karin Johannison no SKL?

— Na realidade, isso devia seguir os trâmites oficiais.

— Diga isso para Maria Murvall.

— Temos as provas no arquivo. Karin vai recebê-las ainda hoje.

— Obrigada, Sven.

Logo no momento em que Malin desliga, Karin passa em seu carro. Malin pede que ela pare.

Karin baixa o vidro da janela.

— Você vai receber o material ainda hoje, de Nordström, da polícia de Motala. Mande tudo para Birmingham, o mais rápido possível. Há pressa.

— O que é?

— Roupas de Maria Murvall. Restos da roupa dela.

Margaretha Svensson mostra-se cansada ao abrir a porta de seu apartamento. Sente-se o aroma de café vindo da cozinha. Ela não parece surpresa de ver novamente Malin e Zeke. Faz apenas um gesto, convidando-os para entrar e sentar-se à mesa da cozinha.

“Será que Niklas Nyrén está aqui?”, pensa Malin. Mas, se estivesse, estaria sentado aqui à mesa ou, então, na sala de estar. Devia estar visível.

— Querem café?

Malin e Zeke ficam parados no hall de entrada, depois de fechada a porta.

— Não, obrigada — diz Malin. — Temos apenas algumas perguntas que você não vai demorar muito a responder.

— Então, perguntem.

— Você sabe o que seu filho fez ontem à noite e durante a madrugada?

— Sim. Ele ficou aqui em casa. Ele, Niklas e eu jantamos juntos e, depois, ficamos vendo televisão até tarde.

— Portanto, não saiu daqui, não é?

— Não saiu, não. Estou absolutamente certa. Ele está dormindo lá em cima. Podem perguntar-lhe.

- Não é preciso — diz Zeke. — Niklas Nyrén está aqui?
- Está na casa dele. Saiu daqui ontem, já tarde.
- Eu lhe pedi que me telefonasse. Deixei uma mensagem.
- Ele falou nisso. Mas tem trabalhado muito.

“Investigação de assassinato”, pensa Malin. “Uma investigação desgraçada, e as pessoas não têm tempo para telefonar de volta. E depois reclamam que a polícia é lenta.” Às vezes, Malin acha que o povo devia entender que, na realidade, a polícia é a última instância numa sociedade em que todos e cada um têm a obrigação de manter a ordem e colaborar para sua manutenção.

Mas todos confiam que outros façam isso. E eles próprios não fazem nada.

PDO, Problema Dos Outros, como se diz no filme *Livet, universum och allting*:[14](#)

— O que acha? — pergunta Zeke, ao voltarem para o carro.

— Ela fala a verdade. Niklas ficou em casa, ontem. E Magnus Tedensjö não podia ter feito aquilo. Vamos ao camponês. É o próximo.

O grupo de casas no prado a um quilómetro de Klockrike está coberto de neve e de gelo. E os bosques ao redor, com vidoeiros e um bonito muro de pedras, dão apenas um pouco de defesa para o jardim, localizado diante de uma habitação recém-construída.

A casa é de tijolo, com janelas verdes. Diante do vestíbulo, pintado de azul-mediterrâneo, está estacionado um Range Rover.

Devia cheirar a lavanda, tomilho e alecrim, mas, em vez disso, só gelo. E na entrada do caminho de acesso à casa há um portal no qual alguém colocou um cartaz: FINCA DE HAMBERG.

A porta esverdeada da casa se abre, e a cabeça de um homem louro de uns 40 anos aparece.

— Ainda bem que chegaram depressa. Por favor, entrem.

O andar térreo da casa é constituído por um único bloco, formado por vestíbulo, cozinha e sala de estar. Ao ver as paredes de pedra aparente, os tijolos ornamentais, as bocas de fogo da cozinha, o chão de terracota e as cores naturais do ambiente, Malin sente-se transportada para Toscana ou Maiorca. Ou, talvez, para Provença.

Ela esteve apenas em Maiorca, e as casas não tinham essa aparência. O apartamento do hotel em que ela e Tove ficaram parecia-se mais com o ambiente interior da fila de casas em Skäggetorp. No entanto, pelas revistas de decoração de interiores, ela sabe que esse é o sonho de muitos suecos, amantes dos ambientes do sul da Europa.

Dennis Hamberg nota que os dois olham em volta.

— Nós queríamos que o ambiente fosse uma mistura de finca andaluza e casa de aldeia. Nós nos mudamos de Estocolmo para dar início a uma fazenda

ecológica. Na realidade, queríamos ficar ainda mais longe, mas as crianças precisavam de escola. Frequentam o nível secundário em Ljungsbro. E minha esposa conseguiu um bom emprego como responsável pelas relações públicas da empresa Nygård's Anna, em Linköping. Na década de 1990, eu viajei como um louco e agora queria ter tranquilidade e segurança.

— Onde está sua família agora?

— Na cidade, fazendo compras.

“E, no momento, você é um tagarela num campo deserto em pleno inverno”, pensa Malin.

— E o roubo no estábulo?

— Isso mesmo. Por favor, sigam-me.

Dennis Hamberg veste uma parca escura e leva-os pelo jardim até um celeiro vermelho. E aponta para a marca deixada por um pé de cabra na ombreira da porta.

— Foi por aqui que eles entraram.

— Eram vários?

— Sim. Está cheio de pegadas lá dentro também.

— Então, é melhor tentar evitar pisá-las — diz Zeke.

“Marcas de sapatos de ginástica e de botas grandes. Serão de botas militares?”, pensa Malin.

No estábulo, há várias gaiolas com coelhos. Numa cerca de madeira, um cordeiro sozinho. Em outra, de cimento, uma porca preta, com uns dez leitões.

— Reminiscências ibéricas. Pata Negra de Salamanca. Vamos produzir presuntos.

— Foi daqui que eles levaram um leitão, não é?

— Isso mesmo. Levaram um leitão e um cordeiro também.

— E vocês não ouviram nada?

— Nada. Nem um ruído sequer.

Malin e Zeke olham em volta. Depois, seguem para o jardim, com Dennis Hamberg em seu encalço.

— Achem que posso recuperar os animais? — pergunta Dennis.

— Não — responde Malin. — Foram encontrados mortos e pendurados numa árvore, hoje de manhã, perto de Ljung.

Os músculos do rosto de Dennis Hamberg contraíram-se. Depois, recuperado, procurou amparo numa atitude incompreensível.

— O que é que estão me dizendo?

Zeke repete as palavras.

— Mas isso não devia acontecer aqui, não é?

— Infelizmente, aconteceu.

— Vamos mandar para cá os técnicos da perícia para uma verificação.

Dennis Hamberg olha para longe, no prado. Cobre a cabeça com seu capuz.

— Antes de chegar aqui, não sabíamos quanto podia ventar. É claro que já conhecíamos o que são ventanias, tanto no Egito como nas ilhas Canárias, em Tenerife. Mas não como aqui.

— Vocês têm cachorro? — pergunta Malin.

— Não, mas vamos ter gatos quando chegar o verão. — E Dennis pensa um pouco, antes de perguntar: — E os animais, vou ter de identificá-los?

Malin desvia o olhar para o prado, mas escuta as palavras de Zeke, reprimindo uma gargalhada:

— Fique tranquilo, Dennis — diz ele. — Nós partimos do princípio de que os animais são seus. Mas, se quiser, podemos fazer uma identificação.

Börje Svård cerra os punhos dentro dos bolsos. Sente que alguma coisa está para acontecer, alguma coisa que não dá para distinguir. Está no ar, dá para respirar, para sentir. Na realidade, é a sensação de que está em andamento um processo de grande significado para ele próprio, um processo que vai muito além daquilo que consegue entender.

A névoa dentro do carro aumenta a cada momento, a cada expiração.

O dono do dobermann, segundo o registro no Departamento da Fazenda Nacional, chama-se Sivert Norling e mora na Olstorp svägen, 19, em Ljungsbro, do lado da ribeira, em que os caminhos levam à floresta, na direção de Hultsjön. Demorou apenas alguns minutos para conhecer o nome do dono do cachorro, graças à boa vontade do pessoal do departamento em Estocolmo.

“Comece por aqui.”

Todo o seu instinto de policial lhe diz isto: “Siga em frente, o mais rápido possível. Skoglöf e Valkyria podem esperar”.

E agora ele e Johan Jakobsson estão lá. Quer ver como é esse danado. Se é que foi o dono que fez tudo. De qualquer maneira, é preciso cuidar bem de seu cachorro e não deixar que uns doidos quaisquer consigam pôr a mão nele.

A residência branca está espremida entre várias outras iguais, todas construídas na década de 1970. As macieiras e as pereiras são árvores adultas, e, no verão, as cercas vivas devem estar altas e evitar a visão do exterior.

— Vamos ficar de olhos bem abertos — diz Börje. — Nunca se sabe. Podemos estar muito próximos.

— Como vamos fazer? — pergunta Johan.

— Tocamos a campainha.

— Tudo bem, acho que é o melhor a fazer.

Saem do carro, abrem a porta da cerca, sobem os degraus e tocam a campainha.

Tocam três, quatro vezes, antes de ouvirem passos por trás da porta.

Um rapaz nos últimos anos da adolescência abre. Veste calça preta de couro, tem cabelos compridos e argolas penduradas nos mamilos. Sua pele é tão branca quanto a neve no jardim, e o frio parece não o incomodar.

— E? — diz ele, olhando indolentemente para Börje e Johan.

— E? — repete Börje. — Você é Sivert Norling? — pergunta ele, enquanto mostra seu distintivo policial.

— Não. É meu pai.

— E seu nome é...?

— Andreas.

— Podemos entrar? Está frio aqui fora.

— Não.

— Não?

— O que querem?

— Seu cachorro, um dobermann, está desaparecido?

— Eu não tenho cachorro nenhum.

— Segundo o registro oficial, vocês têm um cachorro, sim.

— O cão é de meu pai.

— Mas agora mesmo você disse que não tinham cachorro nenhum.

Johan olha para as mãos do rapaz. Pequenas, manchadas de vermelho.

— Acho que você vai ter que vir conosco — diz ele, em seguida.

— Posso vestir um agasalho?

— Sim.

Sem dizer nada, o rapaz dá um passo para trás e fecha a porta com toda a força.

— Danado — grita Börje, enquanto tenta empurrar a porta.

— Controle os fundos, que eu fico aqui na frente.

Puxam as armas, afastam-se um do outro, enfiam-se pelas laterais da casa, os casacões raspando nas estacas irregulares.

Johan agacha-se, passa disfarçadamente por baixo da janela no terraço, as pranchas de madeira por baixo dos pés rangem, estica a mão para cima, vê se a maçaneta da porta gira.

Fechada à chave.

Passam-se cinco minutos, dez. Silêncio dentro da casa, ninguém parece se mexer lá dentro.

Börje estica a cabeça, tenta ver através do vidro da janela aquilo que parece ser um quarto de dormir. Tudo escuro lá dentro.

Então, Börje ouve um barulho que vem da porta, ao lado do portão da garagem. A porta abre-se com violência, e o rapaz sai correndo com algo escuro na mão. “Devo derrubá-lo?”, Börje ainda teve tempo para pensar, mas não disparou. Em vez disso, sai atrás do rapaz, que corre pela rua entre as casas.

Börje persegue o jovem, rua abaixo, pela comunidade e ao longo do rio Motala, virando à esquerda por outra rua. Algumas crianças com agasalhos brincam num jardim. O coração parece querer saltar do peito, mas a cada passada ele fica um pouco mais próximo.

O rapaz começa a aumentar de tamanho na sua frente. Os jardins das casas parecem aumentar e diminuir a todo momento, em ambos os lados. Os sapatos batem cadenciados no chão coberto de areia e sal por causa do gelo. Esquerdo, direito, esquerdo. O rapaz deve conhecer o bairro como sua própria mão.

Cansado.

Ambos correm agora mais lentamente.

O rapaz, de repente, para.

Vira-se.

Aponta o objeto negro que tem na mão na direção de Börje. Este se atira para o chão, de lado, contra um monte de neve.

“Que raio o rapaz está fazendo, o idiota, será que sabe a que está me obrigando?”

A neve está cortante e fria.

Em sua mente, Börje vê sua mulher na cama, sem se mexer, seus cachorros, excitados com sua chegada ao canil; vê ainda a casa e as crianças, longe, em países longínquos.

Vê um rapaz na sua frente, com uma arma apontada em sua direção.

Torturador de cachorros. Criança. O focinho do dobermann amarrado com fita adesiva.

Os dedos enfiados no gatilho das armas. A do rapaz e a sua.

Aponta para a perna. Na barriga da perna. Ele vai cair, e a bala não vai atingir nenhuma veia que possa rebentar e ele se esvaír em sangue.

Börje aperta o gatilho, o estampido é curto e forte. E, diante de si, na rua, o rapaz cai, desmorona, como se alguém tivesse cortado suas pernas.

Johan ouviu o tumulto na frente da casa e correu para lá.

“Para onde foram?”

Dois lados.

Johan corre para cima e, depois, para a esquerda. Será que eles estão para lá, depois da curva?

Respiração difícil.

Frio nos pulmões quando ouviu o tiro.

“Que porra é essa?”

E corre, então, para o lugar de onde veio o ruído.

E vê Börje aproximando-se de um corpo estendido no meio da rua. O sangue escorre de uma das pernas do rapaz, que estica a mão na direção do ferimento. Seus cabelos escuros e longos espalhados como um leque sombreado contra o branco da neve.

Börje se levanta, sacode alguma coisa preta do corpo.

Então, o rapaz começa a sentir a dor, solta um grito de desespero e de medo, talvez também de alguém confuso, em estado de choque. E o grito repercute por toda as paredes da área.

Johan aproxima-se correndo de Börje.

— Ele parou e apontou a arma para mim — esclarece Börje, tremendo, sua voz sobrepondo-se ao grito. Depois, indica a arma na neve. — Arma de brinquedo, de plástico. Uma dessas que se encontram em milhares de lojas por toda parte. Como é que eu podia adivinhar?

Börje agacha-se ao lado do rapaz e diz:

- Agora, calma. Tudo vai dar certo.
Mas o rapaz continua a gritar, agarrado à perna.
— Vamos ter de chamar uma ambulância — lembra Johan.

Malin olha pela janela para o parque infantil.

E pensa: “O que vai sair dessas marcas? Por que tudo isso acontece agora?”. Não sabe dizer, mas talvez tenha sido atingido um ponto de ruptura e alguma coisa esteja por surgir agora, um estouro de violência e desorientação.

Juventude.

Bando de jovens desorientados.

E não parecem ter qualquer conexão uns com os outros.

— Ele já foi operado. Vamos poder ouvi-lo mais tarde.

A voz cansada de Sven Sjöman:

— Seu pai confirma que o cachorro era deles. Que o comprou para o rapaz.

— Disse mais alguma coisa? — pergunta Zeke.

— Que o rapaz não ficou em casa na noite de ontem, que nos últimos anos viveu em seu próprio mundo de jogos de computador, internet, *death metal* e, tal como o pai se expressou, “desenvolvendo um interesse geral pelo oculto”.

— Pobre pai! — comenta Zeke, mas Malin vê que ele pensa no que disse, talvez consiga analisar sua própria situação com um pouco mais de perspectiva e pense em sua agonia diante dos jogos de hóquei de seu filho Martin, jogos que acha serem ridículos. Talvez chegue à conclusão de que sua agonia é uma idiotice e que deve tentar acabar com ela de uma vez por todas. Existem dez mil pais que gostariam de ter um filho como Martin. “Afinal, quando é o próximo jogo em casa?”

Zeke, provavelmente, não faz a menor ideia.

Sente dores nas costas só de pensar no estádio do Centro Cloetta.

— O pai é vendedor da empresa Saab — acrescenta Sven. — Trezentos dias por ano em viagens para o estrangeiro. Para lugares como Paquistão e África do Sul.

— Amigos? — pergunta Malin.

— Não de que o pai conheça o nome.

— Börje?

Johan Jakobsson, com preocupação na voz:

— Vocês sabem como são as coisas. Foi tirado do serviço ativo até que a investigação sobre o disparo tenha terminado.

— O caso é claro como um dia de sol — diz Malin. — Ele disparou para se defender. Esses idiotas são sempre fiéis à sua natureza.

— Eu sei — reage Sven. — Mas quando é que as coisas são assim tão simples, Fors?

A sala dez da ala cinco do Hospital da Universidade de Linköping está às escuras, acesa apenas a lâmpada de leitura por cima da cama.

Sivert Norling está sentado numa poltrona verde, perto da janela, na semiobscuridade do quarto. É um homem alto e magro, e, apesar da obscuridade, Malin consegue ver que seus olhos são azuis e duros. Os cabelos são curtos, e as longas pernas estão esticadas pelo chão. A seu lado, a esposa, Birgitta, loura, de jeans e uma blusa vermelha, o que faz com que seu rosto rosado pareça ainda mais inchado.

Na cama, está deitado o rapaz, Andreas Norling.

Vagamente conhecido de Malin, mas não sabe de onde.

A perna do rapaz está imobilizada, e seus olhos estão enevoados em consequência dos analgésicos tomados e da narcose, mas, segundo os médicos, ele vai aguentar um pequeno interrogatório.

Zeke e Malin estão ao lado da cama, e há um policial sentado na porta do quarto.

O rapaz recusou os cumprimentos de praxe quando os dois entraram e chegou a virar a cabeça para o outro lado, não querendo encará-los. Os cabelos longos e escuros estão raivosamente dispersos pela almofada.

— Você tem alguma coisa para nos contar? — pergunta Malin.

O rapaz não responde.

— Estamos investigando um assassinato. Não queremos dizer com isso que foi você que fez isso, mas queremos saber o que aconteceu na noite passada, junto da árvore.

— Eu não estive perto de árvore nenhuma.

O pai do rapaz levanta-se e exclama:

— Está na hora de você se comportar como deve ser e contar tudo o que sabe. O caso é sério, e não uma droga de um jogo qualquer.

— Ele está certo — diz Malin, com voz calma. — Você está em maus lençóis, mas, se contar o que sabe, talvez tudo possa ficar mais simples para você.

Nesse momento, o rapaz olha para Malin. Esta tenta tranquilizá-lo com o olhar, convencê-lo de que tudo vai terminar bem. Pode ser que ele ceda, confie nela e se decida por contar tudo. Afinal, talvez tudo não tenha a menor importância.

E ele começa a falar.

A respeito de ter lido no jornal sobre o cadáver na árvore e o *Midvinterblot*. Que pareceu uma violência, mas que tinha ficado em casa com a mãe na noite em que o assassinato deve ter sido cometido, que ele não tinha nada a ver com o assunto. Que ficara cansado de ouvir os peidos de seu cachorro e que sua namorada, Sara Hamberg, disse que podiam roubar uns leitões na casa dela e que o amigo Henkan Andersson tinha um trator com carroceria atrelada que eles poderiam usar. Também viram um site na internet que citava o *blot* e que

Rickard Skoglöf, conforme os jornais, era dono do tal site. Que Skoglöf era uma espécie de feiticeiro da fé Asa e que ele os excitou por meio de várias mensagens estranhas, e que uma coisa puxou a outra. Que não conseguiram parar e que era como se alguma força estranha os levasse a fazer o que fizeram.

— Bebemos sumo de amoras e tínhamos facas. Não acreditei que corresse tanto sangue como correu. Muito sangue mesmo. Foi uma violência, sem dúvida. E como estava frio!

A mãe começa a chorar de novo.

O pai parece querer bater no filho.

Pela janela do hospital, a noite lá fora está escura.

— Rickard Skoglöf estava com vocês?

— Não. Apenas as mensagens na internet.

— E Valkyria Karlsson?

— Quem é essa?

— Por que você fugiu? — pergunta Malin, a seguir. — E por que apontou contra o detetive Svärd?

— Não sei — responde o rapaz. — Não queria ser preso. Não é assim que se faz?

— Deviam bombardear Hollywood — sussurra Zeke.

— O que você disse? — O rapaz, de repente, fica interessado.

— Nada. Apenas pensei em voz alta.

— Tenho mais uma pergunta — diz Malin. — Magnus Tedensjö e Joakim Svensson, você os conhece?

— Conhecer? Jocke e Magnus? Não, mas claro que sei quem são. Porcos imbecis, é o que eles são.

— Eles interferiram de algum modo naquilo que foi feito ontem?

— Absolutamente nada. Eu jamais faria qualquer coisa com eles voluntariamente.

No elevador, ao descer, Malin consulta Zeke:

— Vamos meter Skoglöf na cadeia?

— Por que motivo? Incitamento à tortura de animais?

— Você tem razão. Vamos deixá-lo livre por enquanto. Mas, sem dúvida, devemos ter mais uma conversa com ele e Valkyria. Quem sabe o que eles convenceram outros a fazer?

— É claro. E vamos pedir a Johan para ouvir os outros dois adolescentes no caso dos animais.

— Muito bem. Mas hoje ainda temos uma coisa a fazer.

— O quê?

— Vamos à casa do Börje.

Os armários pintados da cozinha brilham pela limpeza, e em cima da mesa está

uma toalha Marimekko nas cores laranja e preta. No teto, uma luminária fluorescente.

Na cozinha da casa de Börje Svärd respira-se tranquilidade, e existe uma qualidade estética muito acima daquilo que Malin acha que poderá alcançar. O lar inteiro é assim. Muito bem cuidado, tranquilo e bonito.

Börje está sentado a uma das pontas da mesa. Sua mulher, Anna, parece colada na cadeira de rodas com o formato de uma poltrona em tom azul. A expressão de seu rosto parece petrificada. Sua respiração difícil, sofrida, persistente, enche o ambiente.

— O que eu podia fazer? — diz Börje.

— Você fez o certo — diz Zeke.

— Sem dúvida — acrescenta Malin.

— Quer dizer que ele vai se safar sem marcas?

— Absolutamente. A bala foi parar exatamente onde devia.

— No entanto, que atitude diabólica — diz Börje. — Tratar assim os animais.

Malin abana a cabeça.

— Uma doídice!

— Vou ficar sem trabalhar durante umas duas semanas, acho eu. Costuma levar esse tempo.

Um ligeiro balbuciar, seguido de alguns sons mais claros, vem da cadeira de rodas.

Linguagem?

Novos sons que por persistência acabam por formar meias palavras.

— Ela diz — traduz Börje — que está na hora de acabar com esses horrores.

— Está na hora, sim — completa Malin.

— O que aconteceu hoje no trabalho, mamãe? — pergunta Tove. — Parece cansada.

Tove pega a panela com purê de batata de cima do fogão e a traz para a mesa da cozinha.

— Bom, o que aconteceu? Alguns adolescentes, apenas um pouco mais velhos do que você, fizeram um monte de tolices.

— O quê?

— Idiotices, puras idiotices, Tove.

Malin tira um bom bocado do purê, antes de acrescentar:

— Prometa, Tove, que nunca fará nenhuma idiotice.

Tove promete com um aceno.

— O que vai acontecer com eles?

— Serão chamados a depor, imediatamente. E, depois, a assistência social vai tomar conta deles.

— Como?

— Não sei, Tove. Acho que vão apenas controlá-los.

DOMINGO, 12 DE FEVEREIRO

O relógio da capela marca onze horas, onze badaladas, e em seguida o sininho toca. E toca por mim. Antecipa para a região que é agora, agora mesmo, que o Gandula Andersson vai ser enterrado. E é ao som do sininho que se ouve a história de minha vida, aquela montagem de acontecimentos aparentemente irrelevantes em que se transformou minha existência. Mas, lamentavelmente, como vocês estão enganados! Eu conheci o que é amar, pelo menos algumas vezes, mesmo considerando que sempre fiquei hesitante diante do amor.

Embora seja verdade: eu vivia só, mas minha solidão não era a maior.

E agora vão falar sobre mim. Depois, serei queimado. Queimado num domingo, quem diria! Abriram uma exceção para mim, violentamente, como foi meu passamento.

Mas não faz diferença nenhuma; o que resta de mim já não vale nada, o que resta mesmo é o enigma. E, por esse motivo, existem partes de mim ainda conservadas. Eu sou um grupo de sangue, um código completo. Eu sou aquele que está deitado dentro desse caixão branco, de pinho, na capela alaranjada da Ressurreição, pouco depois de Lambhov, na direção de Slaka.

A uns cem metros de distância, ao longo de uma passagem subterrânea, esperam os fornos, mas não tenho medo do fogo que não é eterno nem quente, apenas um estilo novo de desaparecer.

Vocês estão muito sérios, sentados nesses bancos. São apenas dois, Malin Fors e um representante da agência funerária, aquele Skoglund que me fez bonito para a foto no jornal Correspondenten. Perto do caixão está uma mulher, a gola de sacerdotisa incomoda seu pescoço, e ela quer que tudo acabe rápido. A morte e a solidão sob minha forma enchem-na de medo. É dessa maneira que ela confia em seu deus ou deusa, na bondade dele ou dela.

E assim começa e termina a solenidade.

E continuo a flutuar.

A dor não desapareceu, é mais errática do que nunca, mas aprendi uma coisa: na morte, sou dono de minhas palavras.

Posso sussurrar uma centena de palavras, gritar milhares de palavras. Posso decidir ficar em silêncio. Na realidade, sou dono de minha própria história. Seus murmúrios não significam nada.

E passem apenas a escutar.

Malin cumprimentou o representante da agência funerária, Conny Skoglund, antes de entrar na capela. Deram-se bom-dia ainda sob as arcadas cor de areia e,

depois dos cumprimentos, ficaram em compreensivo silêncio, lado a lado, até que os sinos começaram a tocar e eles entraram na sala bem ampla. A luz penetrava no ambiente de uma forma quase indecente, impondo, do chão ao teto, uma luz vinda das janelas que davam vista para um parque. “Deve ser uma vista muito bonita na época verdejante do verão”, pensou Malin. “No momento, a luminosidade parece irreal.”

Os dois sentaram-se cada um de seu lado do corredor, como se quisessem encher dessa maneira a sala deserta.

Sozinho em vida.

Mais sozinho ainda na morte.

Encontrado há pouco mais de uma semana, Bengt Andersson vai ser cremado agora. Num domingo. Com uma única coroa de flores em cima do caixão, da comunidade de Ljungsbro. O clube de futebol achou suficiente a coroa colocada no local em que foi encontrado. Malin trouxe um cravo na mão. E os sinos continuam a tocar. E tocam tanto que ela acha que, se continuarem a tocar um pouco mais, tanto ela como o representante Skoglund vão ficar surdos. E a sacerdotisa também. Esta deve ter cerca de 35 anos. É ruiva, roliça e sardenta. Finalmente, os sinos param de tocar. Ouve-se, então, um cântico fúnebre. Depois, fala a sacerdotisa.

Ela diz o que deve ser dito e, na hora de se pronunciar pessoalmente, afirma: “Bengt Andersson foi uma pessoa anormalmente normal...”. E Malin quer levantar-se, fechar sua boca, para que as platitudes terminem, mas, em vez disso, prefere se desligar. E, sem se dar conta do que acontece, deposita o cravo branco em cima do caixão, enquanto pensa: “Vamos conseguir apanhá-los ou apanhá-lo. Você vai poder descansar em paz. Prometo”.

Malin Fors, se pensa que preciso da “verdade” para descansar em paz, você está enganada a meu respeito. Mas está a procurá-la para seu próprio bem, não é?

É você que precisa de descanso e tranquilidade, não eu.

Mas tudo bem. Podemos ser sinceros um com o outro. Não precisamos perder tempo, expondo pontos de vista e tendo discussões cansativas.

Está na hora de ele me enfiar pela passagem, o caixão está escuro e quente. E, em breve, ficará ainda mais quente.

Ele se chama David Sandström, tem 40 anos, e todos se perguntam como é que pode ter um emprego desses. Os fornos de queimar cadáveres não são tidos em alta consideração. Talvez sejam até menos considerados que um gordinho qualquer que atingiu seu próprio pai com um machado. Mas David Sandström gosta do que faz. Está só, não precisa enfrentar os vivos. E isso tem suas vantagens, que dispensam menção.

Estamos agora dentro do forno. É grande e espaçoso, com paredes de cor azul-celeste, situado por baixo da terra, com apenas pequenas janelas no teto. O forno é totalmente automatizado, o queimador-funcionário só precisa meter o caixão numa correia de

transporte. Em seguida, abre-se a portinhola de uma lareira que se acende ao apertar de um botão.

Depois, vou começar a arder.

Mas ainda não.

Primeiro, David Sandström vai empurrar o caixão para a correia, coisa que faz com o máximo cuidado.

“Puxa, como está pesado! No último pedaço entre o carrinho e a correia, é necessário empurrar o caixão, e isso costuma ser fácil, mas, nesse caso, como está difícil.”

Bengt Andersson.

David sabe como ele morreu, deixa que fique lá dentro, debaixo da tampa, não quer nem vê-lo. Prefere os mais jovens, gosta mais deles. Eles emanam mais tranquilidade.

“Upa!”

O caixão está na correia de transporte.

David aperta o primeiro botão da mesa de comando, a portinhola da lareira abre-se, aperta o botão seguinte e as chamas lambem esfomeadas a madeira e mordem-na com sofreguidão.

“Um pouco, um pouco mais.”

Então, o fogo se alastra e envolve todo o caixão em poucas dezenas de segundos, e a portinhola desce para sua posição anterior.

David Sandström pega o bloco de apontamentos que traz no bolso de dentro do casaco. Puxa uma caneta especial e escreve numa das últimas páginas:

Bengt Andersson, 61 10 15-1923. Nº 12.349.

Sinto o fogo.

Essa é a única sensação que existe. Agora vou acabar para sempre. Fico transpirando vapor, transformado em fumarada que sai pela chaminé do crematório, nas partículas queimadas e malcheirosas que se espalham por Linköping e pela atmosfera que a esfomeada Malin Fors respira ao passar pelo estacionamento, a caminho do departamento de polícia.

Restam apenas as cinzas, a serem atiradas no memorial, um pequeno bosque junto à capela do antigo cemitério.

Todas as nossas cinzas ali atiradas servem como pontos de atração para recordar. E minhas cinzas vão ficar lá para que se alguém, ao contrário do que se supõe, quiser zelar por minha memória, tenha um lugar para ir.

Vamos relembrar nossas recordações, visitar nossas vidas.

Inconsoláveis, não?

Mas são esses, atualmente, os hábitos dos vivos.

PARTE 3

OS HÁBITOS DOS VIVOS

Flores que devem ser regadas, correspondência que deve ser selecionada, torneiras que devem funcionar. Poeira a limpar, geladeira a descongelar, uma colcha a engomar e, depois, as recordações a reprimir, acontecimentos a esquecer, suspeitas a negar, promessas não cumpridas a perdoar e amores a relembrar eternamente.

Será que dá?

São treze horas e quarenta e cinco minutos, algumas horas depois do funeral de Bengt Andersson.

Malin movimentava-se dentro do apartamento de seus pais. Lembra-se da última visita que fez ali. Tove fazendo exatamente o que ela fizera na cama dos pais, a mesma consciência insuspeitada do fim a atingir, a mesma determinação ingênua em relação a seu corpo.

Entretanto...

Malin solta uma gargalhada. Tem de rir da determinação de Tove na procura, sua e de Markus, por um ninho de amor, no meio de tanto frio. Os dois foram ao cinema à tarde, para ver um novo filme de ação, criado a partir de uma já esquecida série de aventuras heroicas apresentadas na década de 1950, agora adaptadas ao gosto atual. Mais violência, mais sexo, embora tão casto quanto antes, e um final mais claro e mais feliz. A ambiguidade é inimiga da segurança, a segurança necessária para garantir o sucesso nas bilheteria.

“Onde o ritmo das histórias”, pensa Malin, “representa o fator principal.”

O aroma dentro do apartamento dos pais.

Aroma de segredos.

Da mesma forma que na casa de campo e de caça, na floresta, embora fosse mais claro e mais frio lá, durante a noite, aqui é mais fácil de alcançar, não tão personalizado. “A gente gira”, pensa Malin, “sobre o próprio eixo, refletindo demais sobre o passado, mas, ao mesmo tempo, perde-se substância se não se ousar remexê-lo. Os psicanalistas sabem tudo sobre isso.”

Malin atira o corpo no sofá, no salão.

Sente-se cansada de trabalhar e com sede: o pai tem o armário de bebidas alcoólicas acima da geladeira, na cozinha.

Um nó na alma.

Móveis finos que não são assim tão finos.

“Já regou as flores?”

Já reguei as flores, sim.

As flores. O aroma. O cheiro de pudim de couve.

De mentiras. Até mesmo aqui? Exatamente como na casa de Raket Murvall, em Blåsvädret. Embora mais vago, mais fraco, aqui. Tenho de ir lá novamente e

extrair os segredos dos azulejos do chão e das paredes.

O celular toca na entrada.

Está no bolso do casaco. Ela levanta-se do sofá, corre, procura o aparelho às apalpadelas.

Número do estrangeiro.

— Sim, aqui é Malin.

— Malin, aqui é o papai.

— Olá, estou em seu apartamento, acabei de regar as flores.

— Imagino que sim. Mas não é por isso que estou telefonando.

Ele quer alguma coisa, mas não ousa dizer o que quer. A mesma sensação da chamada anterior. E logo o pai respira fundo no telefone e expele o ar dos pulmões antes de começar a falar.

— Você sabe — diz ele —, nós aqui já falamos em receber a Tove durante algum tempo. Afinal, ela deve ter um período de férias, agora em fevereiro, não é verdade? Talvez fosse uma boa ocasião, não acha?

Malin afasta o aparelho do ouvido, olha para ele e abana a cabeça.

Depois, controla-se e volta a colocá-lo no ouvido.

— Daqui a duas semanas.

— Duas semanas?

— Sim, as férias começam daqui a duas semanas, mas há um problema.

— Que problema?

— Não temos dinheiro para comprar a passagem de avião. Para mim, não sobra uma coroa sequer. E Janne teve de trocar a instalação de aquecimento antes do Natal.

— Sim, também já falamos disso, sua mãe e eu. Nós podemos pagar a passagem. Estivemos hoje numa agência de viagens, e eles ofereceram uma promoção via Londres. Talvez você possa vir também. Arranjar uns dias de férias, não?

— Impossível — responde Malin. — Assim, de repente. E estamos com um caso, agora, difícil de resolver.

— Então, o que você acha?

— A ideia é ótima, mas precisa falar com Tove primeiro.

— Aqui ela vai poder nadar e andar a cavalo.

— Ela é que sabe o que quer e o que não quer. Pode ter certeza.

— Você vai falar com ela?

— É melhor você telefonar. No momento, ela está no cinema, mas deve voltar para casa lá pelas dez horas.

— Malin, mas você não pode falar com ela?

— Ok, ok, vou falar com ela e depois telefono. Amanhã.

— Não adie muito a decisão. A promoção pode acabar.

“As vozes.

“Deixem-nas voar.

“Escutem-nas todas, na investigação.

“Deixem que falem. Com isso, elas a conduzem ao objetivo.”

Na entrada do apartamento de Niklas Nyrén, existem caixas transparentes de bolos, redondos, quadrados; sonhos de framboesa, de cor bege; por baixo de caixas de plástico, chocolates diversos e brigadeiros. O tapete verde está cheio de migalhas de bolo. No caminho de entrada para a garagem, há um carro Volvo estacionado bem perto da caixa de correio.

“Cuidado, Malin”, pensa ela, ao tocar a campainha. “Se os rapazes fizeram aquilo, é possível que ele os tenha ajudado com sua força.”

Ao entrar no apartamento, Niklas Nyrén segue na sua frente até chegarem à sala de estar, bem organizada e dominada por um sofá em tecido vermelho, diante de uma televisão plana pregada à parede.

Nada no apartamento indica qualquer outra coisa, a não ser que Niklas Nyrén é um homem de meia-idade comum.

Está vestido de jeans e com um pulôver verde, o rosto é redondo, e a barriga, proeminente, caindo por cima da cintura. Muito tempo sentado. Muitas viagens dirigindo o carro. E consumo exagerado das provas de doces e de outros produtos assemelhados.

— Pensei em ligar para você — diz Niklas Nyrén. Sua voz é bastante grossa para pertencer a uma pessoa nitidamente obesa. Devia ser mais clara.

Malin não responde, senta-se numa poltrona junto a uma pequena mesa, perto da janela com vista para a fábrica Cloetta.

— Você tinha algumas perguntas a fazer — diz Niklas Nyrén, assumindo um lugar no sofá.

— Como sabe, o nome de Joakim Svensson apareceu na investigação sobre o assassinato de Bengt Andersson.

Niklas Nyrén acenou, positivamente, com a cabeça:

— É difícil para mim imaginar que o garoto esteja envolvido. Ele precisa apenas de um pouco de boas maneiras e de um exemplo masculino como referência.

— Seu relacionamento com ele é bom?

— Estou tentando — diz Niklas Nyrén. — Tento muito. Eu também tive uma infância muito ruim e gostaria de ajudar o rapaz. Ele tem as chaves deste apartamento. Demonstro que confio nele.

— Ruim como?

— Nada que eu goste de detalhar. Mas meu pai bebia muito, isso posso dizer. E minha mãe não era assim tão amorosa como devia.

Malin demonstra compreensão.

— E na noite de quarta para quinta-feira da semana passada, onde esteve?

— Margaretha esteve aqui, e estou certo de que Jocke viu esse tal filme na companhia de Mangan, como já foi dito.

— Mangan? Você conhece Magnus Tedensjö?

Niklas Nyrén levanta-se, vai até a janela e olha para a fábrica Cloetta.

— Andam sempre juntos. Para construir um bom relacionamento com um deles, é preciso fazer o mesmo em relação ao outro. Sempre tento inventar alguma coisa de que ambos gostem.

— E do que é que eles gostam?

— Do que gostam os garotos? Eu os levei para ver um torneio de skate em Norrköping. Estivemos no Mantorp Park. Deixei que eles guiassem meu carro na antiga estrada I4. Cheguei mesmo a levá-los uma vez a uma escola de tiro no verão passado.

“Não precisa ter tanto cuidado, Malin. Toda a figura de Niklas Nyrén irradia sinceridade ou, então, ele sabe muito bem como representar o papel de ingênuo.”

— Você gosta de caçar?

— Não, mas há tempos me dediquei ao esporte de tiro. Com espingardas de salão. Por quê?

— Será que me coloquei em maus lençóis?

Niklas Nyrén procura no guarda-roupa de seu quarto de dormir.

— É claro que não preciso ter um armário de armas para guardar uma espingarda de disparar chumbinhos, não é?

— Acho que não — responde Malin.

— Aqui está!

Niklas Nyrén ergue na mão uma pequena espingarda de cor preta, quase esguia demais, à frente de Malin, que recupera a serenidade ao ver a arma. Ninguém deve tocar na arma antes de o pessoal da perícia dar uma olhada.

— Por favor, coloque a arma em cima da cama — diz ela, enquanto Niklas Nyrén adota uma expressão de surpresa, ao pôr a arma onde ela pediu.

— Você tem daqueles sacos plásticos para guardar alimentos no congelador? — pergunta Malin.

— Sim, claro, na cozinha. É lá, também, que eu guardo a munição.

— Ótimo — diz Malin. — Por favor, vá buscar as duas coisas, os sacos e a munição. Eu espero aqui.

Malin senta-se na cama, ao lado da arma. Respira fundo o ar pesado do quarto, sem ventilação regular, e olha em volta para os quadros de peixes pendurados nas paredes brancas, reproduções vendidas nas lojas do Ikea, com molduras baratas.

Malin fecha os olhos, suspira.

Joakim Svensson tem a chave do apartamento.

Ele e Jimmy Tedensjö devem ter levado a arma daqui, alguma vez, enquanto Niklas Nyrén viajava, durante algum circuito de vendas, e foram até a casa de Bengt Andersson para disparar e lhe meter medo. Para atormentá-lo. “Os porquinhos”, pensa Malin, mas conteve-se. O excesso de testosterona e as circunstâncias, realmente, podem fazer com que esses adolescentes cometam atos muito desagradáveis. E aquele que sofre por viver abandonado e espezinhado acaba por se revoltar e pagar na mesma moeda.

Malin abre os olhos e vê Niklas Nyrén voltar da cozinha.

Numa das mãos, traz um pacote de sacos plásticos e, na outra, a caixa de munição.

— Eu costumo usar balas de borracha — diz ele. — Mas, se bem me lembro, esta caixa de munição estava por abrir. Alguém deve tê-lo feito. Faltam três balas.

A decepção transforma o rosto de Niklas Nyrén numa verdadeira máscara de desalento.

Pressionar os rufiões de Ljungsbro e levá-los a confessar que foram eles que dispararam contra o apartamento de Bengt Andersson? Pressioná-los em seguida para que contem ainda mais?

Se é que existe mais alguma coisa para contar. Quem sabe?

“Por muito que queira avançar nesse sentido, ainda é cedo demais”, pensa Malin.

Ela pisa fundo no acelerador, a caminho de Maspelösa, através da planície coberta de neve. Já decidiu que não vai tomar nenhuma atitude antes de Karin encontrar as impressões digitais na espingarda, que agora estava envolta num cobertor, no porta-malas do carro. Mas Malin ainda brinca com a ideia: “Não será melhor eu voltar e procurar Magnus Tedensjö em casa para pressioná-lo? Isso eu posso fazer sozinha. É uma brincadeira de criança em comparação com o caso da família Murvall. Não. É melhor esperar que Karin faça seu trabalho, concluir se as balas de borracha que atingiram o apartamento de Bengt Andersson realmente saíram da espingarda de Niklas Nyrén. Nesse caso, será fácil colocar os rapazes diante de um fato consumado. Alguns policiais de uniforme poderão tirar as impressões digitais dos rapazes para comparar com as da espingarda que, finalmente, encontrara.”

O endereço de Rickard Skoglöf está no celular. Não é fácil encontrar a casa, e Malin tem dar a volta no campo, até chegar ao pequeno retiro.

Ela para.

As casas de pedra, acinzentadas, são a expressão do desalento diante do frio reinante, a neve cobre os telhados de palha, e há luz na maior das janelas da

construção central.

“Idiotas da fé Asa”, pensa Malin, antes de bater à porta. “Desses também posso cuidar sozinha.”

Demora apenas alguns segundos antes de o homem que deve ser Rickard Skoglöf abrir a porta, vestido com uma longa capa e com os cabelos e a barba em total desalinho. Por trás dele, o corpo de uma mulher vestida de branco que deve pertencer a Valkyria Karlsson.

— Malin Fors, da polícia de Linköping.

— Ele deve estar suspenso, seu colega, depois do tiro que deu — diz Rickard Skoglöf, e sorri, enquanto convida Malin a entrar. Dentro da casa, um calor úmido, apesar dos estalidos de uma lareira em algum lugar na casa.

— Pode entrar por ali.

Rickard Skoglöf aponta para a esquerda, para dentro da sala de estar, onde um gigantesco monitor de computador está piscando sobre a escrivaninha.

Valkyria Karlsson está sentada no sofá, de pernas cruzadas debaixo do corpo e de camisa de dormir.

— Foi você — diz ela quando Malin entra na sala — que me perturbou na meditação.

Rickard Skoglöf entra, com três xícaras numa bandeja.

— Chá verde — diz ele. — Muito bom para os nervos, caso se tenha problemas com eles.

Malin não reage, pega uma das xícaras e senta-se na cadeira preta do escritório, diante do computador. Rickard Skoglöf continua de pé, depois de dar a caneca a Valkyria.

— Sente-se bem — pergunta Malin — estimulando jovens a fazer coisas idiotas?

— O que você quer dizer com isso? — pergunta Rickard Skoglöf, às gargalhadas.

Malin sente um impulso de atirar o chá quente na cara do desgraçado, mas contém-se a tempo.

— Chega de tolices. Sabemos que mandou mensagens pela internet para Andreas Norling, e quem sabe o que mais você pode ter feito.

— Ah, isso... Eu li a respeito no *Corren*. Nunca acreditei que eles fossem fazer o que fizeram.

— Você teve algum contato pessoal com Jimmy Tedensjö? Ou com Joakim...

— Não conheço nenhum Jimmy Tedensjö. Presumo que seja um daqueles adolescentes sobre os quais o *Corren* escreveu e que perseguiram Bengt Andersson. Gostaria de dizer de uma vez por todas que nós dois não temos nada a ver com isso.

— Nada — diz Valkyria, enquanto esticava as pernas no sofá. Malin nota que as unhas de seus pés estão pintadas com esmalte alaranjado, fluorescente.

— Estou disposta a confiscar o disco rígido de seu computador, aqui e agora — diz Malin. — Caso proteste, vou arranjar imediatamente um mandado de busca e apreensão.

Rickard Skoglöf nem sorri mais, está com medo.

Valkyria olha para Malin, com olhos de espanto. E diz:

— Xô, xô. Você jamais vai conseguir nada contra nós, sua maluca.

Tove volta para casa logo depois das seis horas. Fecha a porta com estrondo. Impossível dizer se é por distração ou por raiva.

“Um domingo bem-comportado”, pensa Malin, enquanto espera que Tove entre na sala de estar.

A espingarda foi entregue na perícia. Karin e seus colegas vão verificar a arma. É a primeira coisa que vão fazer amanhã pela manhã. O disco rígido de Rickard Skoglöf está em lugar seguro no departamento. Johan Jakobsson e os técnicos especializados em informática vão verificar tudo imediatamente e ver se esse profeta da Asa, filho do demônio, andou estimulando outras pessoas, incentivando-as a realizar ações verdadeiramente idiotas, como o assassinato de Bengt Andersson. Nesse caso, deve haver pistas em seu computador, de mensagens e outras indicações.

Então, Tove chega à sala e diante de sua mãe. Seu rosto e os olhos revelam tranquilidade, nada de preocupações nem de inquietações.

— O filme era bom? — pergunta Malin, do sofá.

— Não valeu a pena — diz Tove.

— Mas você parece satisfeita.

— Sim, Markus vem jantar aqui amanhã. Está bem?

Tove senta-se no sofá e pega batatas chips de uma concha em cima da mesa.

— Ele é bem-vindo.

— O que está vendo na televisão?

— Um documentário sobre Israel e Palestina e agentes duplos.

— Não há outra coisa?

— Certamente que há. Pode procurar.

Malin estende o controle remoto da televisão para Tove, que desata a procurar e a pular de programa para programa até se fixar no canal local, em que o Linköping Hockey Club está derrotando fora de casa a equipe do Modo, e Martin Martinsson já fez três gols. Segundo rumores, está presente no estádio um agente do hóquei norte-americano.

— Estive hoje na casa de seus avós.

Tove acena com a cabeça como quem pergunta: “E daí?”.

— O vovô telefonou e perguntou se você quer visitá-los em Tenerife durante as férias de fevereiro.

Malin observa atentamente a reação. Gostaria de ver um sorriso aberto nos

lábios de Tove, mas, em vez disso, surge uma expressão atribulada.

— Mas não temos dinheiro para a passagem de avião, não é?

— Eles pagam a passagem.

Tove parece ficar ainda mais preocupada.

— Mamãe, não sei se quero ir. Será que vão ficar chateados se eu disser que agradeço, mas não aceito?

— Pode fazer o que quiser, Tove. Cabe a você decidir.

— Mas eu não sei.

— É melhor pensar sobre o assunto, minha querida. Não precisa decidir nada até amanhã ou terça-feira.

— Está calor lá, não é?

— No mínimo, 20 graus — responde Malin. — Como no verão aqui.

Pendem maçãs nas árvores. E um, dois, três, quatro rapazes correm em volta, dentro do jardim. Caem na grama e sujam os joelhos de verde. E, então, resta apenas um dos rapazes, que cai, mas se levanta de novo e continua correndo. Corre até que chega à orla de uma floresta. Hesita durante alguns momentos, até que a coragem chega, e decide penetrar no escuro.

Corre entre os troncos das árvores, pisa nos ramos secos e cortantes, espalhados no chão, fere-se nos pés, mas não admite a si mesmo sentir dor e parar de combater o monstro que ruge por baixo, entre as raízes.

De repente, o rapaz está junto da cama de Malin, pressionando o busto dela para baixo, em ritmo certo, ajudando-a a respirar, na hora do amanhecer.

E ele murmura no ouvido dela, ainda dormindo, sonhando:

— Qual é meu nome, de onde eu vim?

SEGUNDA-FEIRA, 13 DE FEVEREIRO

Nevoeiro perverso pela manhã sobre a cidade e os campos.

Quase estagnação total na investigação.

A arma a ser periciada.

As informações a serem procuradas no disco rígido do computador, pela manhã, bem cedo.

Nenhum vento sobre o campo coberto de neve, nada acontece, apenas policiais exaustos, uns dormindo, outros acordados. Börje Svärd na cama, sozinho debaixo dos lençóis floridos e bem lavados, seus dois cachorros, pastores alemães, vindos do canil, um de cada lado da cama. Na sala, junto da entrada, os dois enfermeiros do serviço noturno de assistência domiciliar ajudam sua mulher a se virar na cama. E ele faz todo o possível para conter os animais e mantê-los em silêncio.

Johan Jakobsson em sua casa geminada em Linghem, sentado, ainda sonolento, com seus filhos nos braços. O programa *Loranga & Mazarin* na televisão, fones nos ouvidos das crianças. Quando é que vocês vão saber como é bom dormir? No dia anterior, gastou todo o tempo falando com os jovens que ajudaram a montar o esquema da matança dos animais. Os dois tinham álbis para a noite do assassinato de Bengt Andersson. Estavam apenas confusos, como os adolescentes costumam estar. Mas foi um dia de muito trabalho, um dia em que ele teve de deixar a família à deriva.

Zacharias Martinsson, o Zeke, dorme bem junto de sua esposa sempre gelada, com frio, pelo fato de dormirem com a janela ligeiramente aberta, convite para novos resfriados. Sven Sjöman, dormindo de barriga para cima em sua casa, ronca sonoramente, e a mulher já na cozinha, sentada à mesa, bebericando seu café feito na hora e lendo o jornal, o *Svenska Dagbladet*. Costuma sair da cama antes, sem incomodar o marido, embora isso não aconteça com muita frequência.

Até mesmo Karim Akbar ainda dorme em sua cama, deitado de lado, respirando bem, tossindo de vez em quando e procurando com o braço a mulher que já não está lá. Está sentada no vaso do banheiro, com o rosto entre as mãos, pensando como fazer com que tudo entre nos eixos e no que aconteceria se Karim soubesse.

Karin Johannison está acordada, bem sentada em cima de seu marido, movimentando os cabelos de um lado para o outro, usando e abusando de seu

corpo e usufruindo do parceiro a carne que é mais dela do que dele. Na realidade, é só para isso que ela precisa dele, não é verdade?

Também Malin Fors já está acordada.

E até já está ao volante de seu carro.

Consciente do que tem a fazer.

A terceira linha da investigação sobre a morte de Bengt Andersson tem de ser reativada, chicoteada, posta para correr.

Malin está com frio.

O sistema do carro não consegue aquecer seu interior logo pela manhã. Pela janela, já consegue ver a torre de pedra listrada do Mosteiro Vreta e, mais longe, o lugar chamado Blåsvädret. Lá, na cozinha, só, deve estar Rakel Murvall, com uma caneca de café na mão, preparado à moda antiga, o pó colocado diretamente na água. E, certamente, ela pensa que está na hora de os rapazes voltarem para casa, a oficina não pode continuar sem produzir.

Malin estaciona em frente à casa de Rakel Murvall. A casa branca de madeira parece mais desgastada do que na vez anterior em que esteve lá. É como se começasse a envelhecer de uma vez, a ceder à pressão do tempo frio e do uso das pessoas lá dentro. A entrada foi limpa da neve, bem limpa, como se preparada para receber o tapete vermelho de recepção aos regressados.

“Ela já deve estar acordada”, pensa Malin. “Vou surpreendê-la. Chegar quando ela menos espera.”

Exatamente como Tove, bate a porta do carro com estrondo, mas sabe por quê: trata-se de acabar com um senso de domínio, de agressividade, de superioridade, que faz da mãe Murvall um ser intransigente. E faz com que ela se abra, confesse tudo o que tem a contar e que Malin sabe que ela esconde.

Malin bate à porta.

Finge que Zeke está a seu lado.

Ouvem-se passos ligeiros, mas pesados, por trás da porta. E surge a mamãe Murvall. Suas faces pálidas envolvem os olhos talvez mais atentos e espantados que Malin já viu em qualquer pessoa, um olhar que a consome, que a faz esmorecer, ficar sem vontade própria e com medo.

Rakel Murvall tem mais de 70 anos. Malin pensa: “O que ela poderá fazer contra mim?” Mas sabe que talvez esteja errada. Ela pode fazer tudo e mais um pouco.

— Inspetora Fors — diz Rakel Murvall, num tom de voz de boas-vindas. E, à moda antiga, acrescenta: — O que posso fazer por “ela”?

— Deixar que eu entre em sua casa. Está frio aqui fora. Tenho mais algumas perguntas a lhe fazer.

— Mas “ela” acredita que terei mais algumas respostas?

Malin acena positivamente com a cabeça.

— Acho que a senhora tem todas as respostas do mundo.
Rakel Murvall afasta-se para o lado e deixa Malin entrar.

O café está quente e bem preparado, nem fraco, nem forte.

— Seus rapazes não são pombinhos — diz Malin, ao se sentar na cadeira, com o corpo bem ereto.

Nos olhos de Rakel Murvall, vê transparecer a vaidade, depois a raiva.

“O que é que ‘ela’ sabe sobre meus rapazes?”

— Na realidade, vim para falar de seu quarto filho.

Malin afasta de si a caneca de café, olha para Rakel Murvall, fixa o olhar nela.

— Karl — diz Malin.

— Você disse quem?

— Karl.

— Eu não ouço muita coisa sobre esse rapaz.

— Quem era o pai dele? Não é o mesmo dos outros rapazes. Até aí eu já sei.

— Pelo que vejo, você já falou com ele.

— Tive uma conversa com ele, sim. Ele disse que o pai era um marinheiro que morreu num naufrágio quando você ainda estava grávida.

— Tem razão — diz Rakel Murvall. — O naufrágio ocorreu perto de Cabo Verde, no dia 18 de agosto de 1961. O navio M.S. Dorian afundou com todos os homens a bordo.

— Acho que está mentindo — diz Malin, mas Rakel Murvall apenas sorri, antes de continuar:

— Peder Palmkvist era o nome dele, o marinheiro.

Malin levanta-se.

— Isso era tudo o que eu queria saber — diz Malin. A velhota levanta-se também. E com isso, aos olhos de Malin, ela volta a assumir a autoridade na casa.

— Se voltar aqui mais uma vez, vou denunciá-la por perseguição.

— Estou apenas tentando realizar meu trabalho, senhora Murvall, apenas isso.

— Os barcos afundam — diz Rakel Murvall. — Como pedras graníticas, escuras.

Malin passa de carro pelo posto da família Murvall. O cartaz da Preem está apagado, as vitrines parecem bocas abertas, escuras, bocejando em sua direção. E a ferraria no terreno dos fundos parece pedir para ser derrubada.

Ela passa ainda por dois lugares, Brunby e Härna, não quer ver o prédio onde o Gandula tinha seu apartamento. Da estrada, vê-se apenas o telhado da construção, mas ela sabe qual é o prédio.

“Certamente, o locador já mandou fazer a limpeza do apartamento. Suas

coisas, as poucas que dava para vender, já devem ter ido a leilão, e o dinheiro arrecadado já deve estar a caminho do fundo geral de heranças. Rebecka Stenlundh, a irmã de sangue, mas não do ponto de vista jurídico, não vai poder herdar nada do pouco que Bengt tinha.

“Alguém já alugou seu apartamento, Gandula? Ou ainda está vazio, esperando que você volte para casa? Talvez já esteja em casa, finalmente. O pó acumula-se no parapeito das janelas, as torneiras enferrujam, lenta, lentamente.”

Malin passa por baixo do aqueduto, pela frente da escola, pega o telefone e pensa: “Quero que se lixe a reunião da manhã”.

— Johan? É Malin.

— Malin?

É a voz de Johan Jakobsson no celular, bêbado de sono; certamente acaba de chegar para a reunião.

— Pode verificar uma coisa para mim, por favor, antes de encarar o disco rígido de Rickard Skoglöf?

Malin pede-lhe que confirme o naufrágio do navio e o nome do marinheiro.

— Coisa muito antiga para estar relacionada no registro de navegação marítima — diz Johan.

— Deve haver alguma coisa na internet. Há sempre alguém interessado nesses assuntos.

— Tem razão. Os heróis da marinha mercante devem ter seus admiradores que não os deixarão ficar esquecidos. Ou talvez haja alguma informação na Fundação da Marinha.

— Obrigada, Johan. Fico lhe devendo esta.

— Espere antes de fazer promessas. Vamos ver primeiro se consigo encontrar alguma coisa. Depois, vou encarar o disco rígido.

Malin desliga. Chegava então ao portão do lar para idosos, em Vretaliden.

Malin passa pela recepção sem se anunciar. Mas, embora tenha passado rapidamente pelo saguão de entrada, deu para sentir o mau cheiro do material de limpeza usado no local. O produto químico que utilizam é de baixa qualidade, não misturam nenhum perfume natural, o que torna o lugar deprimente. “Em geral, nos lares para idosos”, pensa Malin, “usam-se produtos de limpeza que cheiram a limão ou a flores, mas não naquele. E, aqui, o lar é para pessoas sensíveis, que realmente merecem um tratamento mais requintado.”

De qualquer forma, ela toma o elevador para o terceiro andar e prossegue pelo corredor até encontrar o quarto de Gottfrid Karlsson.

Malin bate à porta.

Responde uma voz fraca, mas ainda firme:

— Sim, pode entrar.

Malin abre a porta, entra cautelosamente e vê na cama um corpo magro escondido debaixo de um cobertor. Antes mesmo de ela dizer qualquer coisa, o velho abre a boca e fala:

— Senhorita Fors, sempre achei que voltaria aqui.

Malin acha que todos esperam saber a verdade, que a verdade está com eles, mas ninguém oferece realmente a verdade ou mesmo, por vontade própria, se dispõe a ajudar. Mas isso é, talvez, da própria natureza da verdade: uma sucessão de aparências tímidas, disfarçadas, mais do que afirmações definitivas, não é? No fundo, existe apenas um *talvez*.

Malin se aproxima da cama. Gottfrid Karlsson dá umas palmadinhas num lugar a seu lado.

— Sente-se aqui, senhorita Fors, pertinho deste velho acabado.

— Obrigada — diz ela, sentando-se na cama, perto dele.

— Eu pedi que lessem para mim a respeito de um caso — diz Gottfrid Karlsson, enquanto olha para Malin com seus olhos quase cegos. — Que coisas horríveis. E os irmãos Murvall parecem ser de uma espécie engraçada. Devo ter perdido a oportunidade de conhecê-los quando me aposentei. Mas, como é natural, conheci muito bem a mãe e o pai deles.

— Como era a mãe deles?

— Ela não se expunha muito. Mas lembro-me dos olhos dela e do que se pensava, então: “Ali vai Rakel Karlsson, e com aquela mulher não dá para brincar”.

— Karlsson?

— O mesmo sobrenome que o meu. Karlsson é, seguramente, o sobrenome mais vulgar na região. Sim, esse era o sobrenome dela antes de se casar com Svarten Murvall.

— E Svarten?

— Um bêbado fanfarrão, mas, bem lá no fundo, sentia medo. Não era como o Kalle da Curva. Era de outra têmpera.

— E o filho, o que ela teve antes de se casar com Svarten?

— Acho que me lembro dele, mas já esqueci seu nome. Acho que se chama... Bom, não interessa. Certos nomes desaparecem de minha memória. Como se o tempo apagasse certas coisas dentro do cérebro. Mas de uma coisa eu me lembro: que o pai do rapaz morreu num naufrágio quando ela ainda estava grávida.

— Como ela se portou em relação ao rapaz? Deve ter sido difícil.

— Ninguém mais viu a criança.

— Não viu?

— Todos sabiam que o rapaz existia, mas ninguém conseguia vê-lo. Nunca saía com a mãe, nunca foi visto na comunidade.

— E depois?

— Ele devia ter uns dois anos quando ela se casou com Svarten Murvall. Mas havia rumores, a senhorita Fors entende?

— Rumores de quê?

— Sobre isso não vou falar nada. Mas a senhorita poderá conversar com Weine Andersson.

Gottfrid Karlsson coloca sua mão, cheia de veias aparentes, sobre a mão de Malin.

— Ele mora no lar de Stjärntorp. Weine Andersson estava no Dorian quando o navio naufragou. Certamente tem informações mais seguras a respeito de uma coisa ou outra.

A porta do quarto se abre, e Malin vira o corpo.

A enfermeira Hermansson.

Os cabelos curtos parecem ficar em pé, espetados na direção do teto. E, nesse dia, deve ter trocado os óculos de fundo de garrafa por lentes de contato. Parece dez anos mais nova.

— Inspetora Fors — diz ela. — Como se atreve?

— Ninguém, nem mesmo a polícia, pode entrar aqui e falar com qualquer um de meus moradores sem se anunciar.

— Mas...

— Ninguém, inspetora Fors, ninguém. Nem mesmo você.

A irmã Hermansson arrasta Malin para a pequena recepção da enfermagem no corredor. E uma vez lá, continua:

— Os moradores podem se sentir mais indefesos do que são, mas, em sua maioria, estão mesmo muito fracos. E, nesta época do ano, em especial, com o frio extremo, com frequência morrem vários, uns atrás dos outros. E os que sobrevivem ficam preocupados...

Primeiro, Malin fica zangada. Moradores? Portanto, a situação não seria a de eles estarem em suas casas? E de fazerem como quisessem? Mas, depois, ela reconhece que Hermansson tem razão. Se ela não estivesse atenta e defendesse os velhinhos, quem faria isso?

Malin pede desculpa antes de ir embora.

— Desculpa aceita — diz Hermansson, com uma nítida expressão de satisfação pessoal.

— É tente mudar de produto de limpeza — acrescenta Malin.

Hermansson olhou para ela, em dúvida.

— Sim, vocês usam um produto não perfumado. E existem outros perfumados e antialérgicos que cheiram muito melhor e, na realidade, não custam muitos centavos mais.

Hermansson pareceu refletir.

— É uma boa ideia — diz ela, e começa a folhear vários papéis, como se fosse para assinalar que a conversa entre as duas tinha terminado.

No momento em que Malin já está a caminho do estacionamento, seu celular toca.

Ela corre de volta para o ambiente aquecido, mas não perfumado, do saguão de entrada e atende.

— Está confirmado. A Fundação da Marinha tem tudo em seus registros.

Johan Jakobsson também se mostra satisfeito.

— Quer dizer, o M.S. Dorian naufragou, e havia um Palmkvist a botes que se afogou, é isso?

— Exatamente. Ele não estava entre aqueles que escaparam nos botes salvas-vidas.

— Portanto, alguns conseguiram se salvar.

— Parece que sim.

— Obrigada, Johan. Fico lhe devendo esta.

Ruínas.

Malin afasta os olhos do caminho, por alguns segundos, e observa o Roxen, um lago onde o gelo parece ter se solidificado permanentemente. Os carros rodam por uma pista aberta no gelo, que está com, no mínimo, um metro de espessura, a fim de que os motoristas aprendam a evitar e a controlar as eventuais derrapagens quando estiverem nas estradas. Um treinamento em relativa segurança. E, no outro lado do lago, lá longe, vê-se a fumaça saindo das chaminés de pequenas casas de campo.

O palácio de Stjärntorp.

Sofreu um incêndio no século XVIII, foi reconstruído ao lado e é a residência da família Douglas, que, ainda hoje, cheira a dinheiro.

O palácio não poderia ser mais sombrio. Uma construção de pedra aparente, de dois andares, com janelas reduzidas, diante de um campo sem ornamentações, ladeado por lojas insignificantes. As ruínas do antigo palácio ainda podem ser vistas numa área lateral, como uma lembrança permanente de como tudo pode acontecer.

O lar para idosos foi construído em um canto da propriedade, logo depois da curva que marca o lugar em que a estrada abandona a floresta e se abre de frente para o lago.

A construção de três andares está pintada de branco, e Malin acha que nela não podem viver mais de 30 velhinhos, no meio de um silêncio quase total, visto que são poucos os carros que passam por ali.

Ela estaciona em frente à entrada.

“Qual será o tipo de Hermansson que vou encontrar pela frente dessa vez?”

Depois, pensa na noite que se aproxima. Na atitude de Tove ao convidar Markus para jantar. Espera que não haja atrasos. Olha para o edifício e pensa: “Weine Andersson. Há o risco de problemas com o jantar”.

Weine Andersson está sentado numa cadeira de rodas, ao lado de uma janela com vista para o lago Roxen.

Quando Malin anuncia sua presença na recepção para uma enfermeira idosa, esta parece ficar feliz com a visita. E parece não se importar ou ficar preocupada com o fato de Malin ser da polícia e ter uma missão a cumprir. Em vez disso, afirma: “Agora Wine vai ficar feliz. Raramente tem visitas”. E depois de uma pausa: “Ele gosta de jovens”.

“Jovem, eu?” , pensa Malin. “Será que ainda posso ser classificada como tal? Tove é uma jovem. Eu, não.”

— Ele está paralisado do lado direito. Teve um derrame, mas a fala não ficou prejudicada. No entanto, está muito sensível, muito emotivo.

Malin agradece e segue.

O homem calvo na sua frente tem tatuagens de marinheiro nas mãos. Na

mão paralisada, apoiada no braço da cadeira, alguém desenhou uma âncora de linhas grosseiras, com tinta preta.

Seu rosto está cheio de rugas, e a pele, com manchas. Um dos olhos está cego, mas o são parece ver melhor ainda.

— É verdade — conta ele com o olho fixado em Malin. — Eu estava a bordo do navio. Compartilhava a cabine com Palmkvist. Dizer que éramos amigos é talvez um exagero, mas vínhamos da mesma região, portanto, era natural que convivêssemos bastante.

— Ele morreu afogado?

— Ao largo de Cabo Verde, veio uma tempestade, não pior do que qualquer outra, mas o navio foi atingido de lado por uma onda gigantesca. O barco adernou e, em apenas meia hora, foi para o fundo. Eu consegui nadar e subir num dos botes salva-vidas. Demorou quatro dias, no meio da tempestade, antes de sermos apanhados pelo M.S. Francisca. Conseguimos sobreviver à custa da água da chuva.

— Não sentiram frio?

— Não estava frio, nunca. Apenas escuro. Nem mesmo a água era fria.

— E Palmkvist?

— Não voltei a vê-lo mais. Acho que ficou na cabine onde estava quando fomos atingidos pela primeira onda. A cabine deve ter ficado logo alagada. Eu estava de serviço e, no momento, na ponte de comando.

Malin podia imaginar a situação.

O navio aderna, fica de lado.

Um jovem acorda com o movimento, fica tudo escuro, a água entra, sobe, invade toda a cabine como se fosse os tentáculos de um polvo. A porta da cabine recebe a pressão da água pelo lado de fora, não consegue abri-la, a boca, o nariz, a cabeça, tudo fica envolvido pela água. E ele, finalmente, desiste. Engole a água e deixa-se envolver por um manto sob o qual tudo é agradável e pacífico e onde a escuridão é mais quente do que aquela onde permanecia antes.

— Palmkvist sabia que ia ser pai?

Weine Andersson não consegue esconder uma expressão negativa:

— Ao voltar para casa, escutei uns rumores. Mas posso garantir que Palmkvist não era o pai do filho de Rakel Karlsson. Ele não estava interessado em mulheres desse jeito.

— Ele não queria ter filhos, é isso?

— Marinheiros, inspetora Fors. Quem foram os primeiros marinheiros?

Malin acena com a cabeça, faz uma pausa antes de continuar:

— E quem foi o pai do rapaz, se não era Palmkvist?

— Cheguei à terra mais tarde. Na terceira noite, a tempestade, justo no momento em que pensávamos que ia amainar, voltou de novo. Tentei segurar Juan, mas ele acabou por deslizar, soltar-se de mim. Era noite, estava muito

escuro, e o vento soprava de maneira infernal, como na pior das noites de inverno. O mar queria nos comer, chiava de fome, vinha em cima de nós, segurava-nos, queria engolir-nos, e apesar de...

A voz apaga-se, fica em suspenso. Weine Andersson leva sua mão saudável ao rosto, baixa a cabeça e chora.

— ...apesar de eu o segurar o mais que podia, ele se foi, escorregou de meus braços. Eu vi o medo nos olhos dele. Vi-o desaparecer nas ondas escuras do mar... Não havia nada que eu pudesse fazer...

Malin espera.

Deixa que Weine Andersson se recomponha, mas, justamente no momento em que pensa estar pronto para responder à pergunta seguinte, o velho na sua frente começa a chorar de novo.

— ...passei a viver... — diz ele — ...a viver sozinho, não havia outro caminho a seguir, não restava nenhuma outra oportunidade para mim... acho eu.

Malin espera.

Vê a dor e os lamentos de Weine Andersson começar a desaparecer.

E, de repente, sem que pergunte nada, ele acrescenta:

— Palmkvist estava preocupado com os rumores a respeito de Rakel Karlsson. Eles começaram antes mesmo de termos partido para a viagem. Mas eu sabia, e muitos outros sabiam, quem era o pai da criança que ela esperava.

— Quem era? Conte, quem era?

— Você já ouviu falar de um homem chamado Kalle da Curva? Ele era o pai do menino que ela teve, e diz-se que foi ele quem bateu em Svarten de tal maneira que este acabou na cadeira de rodas.

Malin sente um calor invadir todo seu corpo. Um calor que é, ao mesmo tempo, glacial.

PARQUE PÚBLICO DE LJUNGSBRO, INÍCIO DO VERÃO DE 1958

Veja como ele se movimenta.

Músculos tensos e fortes, olhos negros.

Como os outros se dobram, como eles afastam o corpo para o lado, instintivamente, quando ele passa com ela, com outra e ainda outra.

Como ele é imenso. Kalle.

Como o aroma doce das noites de verão se mistura com o suor dos corpos que dançam, o desgaste da semana de trabalho que se esvai, a expectativa carnal, o sangue que escorre por todas as partes do corpo, tudo isso os torna sensíveis ao desejo.

Ele me viu.

Mas espera.

Está dançando para se preparar. Erga seu corpo, Rake!l, estique-o.

A orquestra está no palco. No ar, o aroma de salsichas e aguardente. E do desejo. Um, dois, três... As outras, em sua maioria gordas dos chocolates que comem, mas você não, Rake!l, você não. Você é roliça nos lugares certos. Por isso, estique o corpo, empine os peitos apenas para ele, quando ele estiver dançando com ela ou com outras.

Ele é animalesco.

Desejo puro.

Ele é a violência. Da espécie indomável, primitiva. Aquele que não sabe o que é fugir, aquele que permanece e afronta os que não têm voz, nem lugar, na terra do chocolate.

E esta noite Kalle vai dançar com você, Rake!l. Pense no que será ter a oportunidade de dançar com ele, Kalle... Esta noite, é Rake!l que vai dançar a última dança com Kalle, aquela que vai sentir o cheiro do suor da camisa dele.

E, então, uma pausa. Esta noite, os gorros das pessoas saem para a rua, lanternas acesas, coloridas, e a fila para as salsichas, garrafinhas que se esvaziam, as motocicletas abandonadas na entrada, os motociclistas quase roqueiros e suas acompanhantes na garupa, Kalle que fura a fila, lambe a mostarda da salsicha e engole. A gordinha por comer tanto chocolate está a seu lado, mas ele olha para mim agora, desliga-se dela e anda em minha direção, mas ainda não, ainda não. Eu me viro e caminho para os banheiros, entro no das mulheres, sentindo sempre os passos dele, seu hálito pesado e ofegante atrás de mim.

Ainda não, Kalle.

Eu não me exibio para qualquer um.

Dança das senhoras, aparece no cartaz.

E as mulheres vão direto para ele, o Homem. O único na sala que merece esse título.

Mas ele se nega.

Olha para mim.

Será que devo? Nunca. Eu não me exibio para qualquer um. Então, ele dança com a outra, há outro corpo, mas não é o meu que ele conduz no meio da sala.

A vez dos homens.

Nego-me a ele, a ele, a ele e a ele.

E, então, chega Kalle.

Estou em pé, encostada a um painel de madeira.

Ele pega minha mão. Não pergunta. Resisto, abano a cabeça, não adianta.

Ele me arrasta para o meio.

Mas não.

— Dance, Kalle — digo eu —, vá dançar com as outras, amantes de chocolates...

E ele larga minha mão, pega a mulher ao lado e roda, voltaia, até que a música termina. E eu estou perto da saída do parque e vejo que ele chega, caminhando, e vejo-o passar de braço dado com ela, com as outras.

“Kalle”, sussurro eu, em voz muito baixa, para que ninguém mais pudesse ouvir.

Fico mais algum tempo, ouço o motor das motocicletas indo embora, de bêbados se retirando, ainda sonhando e com dor de cabeça, as lanternas se apagando, a orquestra embalando suas coisas no ônibus.

“Eu sei que você vai voltar, Kalle.”

O canal Göta continua a deixar correr suas águas, está escuro agora, anoiteceu, céu de chumbo, sem estrelas lá em cima as camadas de nuvens se impuseram, esconderam não só as estrelas, como também o brilho da Lua.

Quanto tempo se passou?

Uma hora?

Você vem.

Já despachou a outra, Kalle?

E lá vem você, contornando a curva. E parece tão pequeno ao deixar para trás a guarita do guarda da ponte, uma fachada de madeira pintada de amarelo.

Mas você não é um moço qualquer.

Não é por isso que espero aqui, numa noite fria, úmida e enevoada de junho. Não é por isso que me sinto quente, cada vez mais quente, à medida que seu corpo cresce diante de mim.

Sua camisa está aberta.

Seu peito cabeludo, seus olhos negros, toda a força que existe em seu corpo, direcionada para mim.

“Quer dizer que ela esperou.

“Que ela está aqui.”

E, então, você pega minha mão, me conduz ao longo da estrada, passamos pelas pequenas casas recém-construídas e viramos à esquerda, seguindo por um caminho estreito dentro da floresta.

O que acho que vai acontecer?

O que espero que aconteça?

Sua mão.

De repente, sua mão está estranha. Seu cheiro, sua figura, estranhos. Não quero estar aqui. Na floresta. Com você. Quero que largue minha mão.

Largue.

Mas você aperta, segura ainda mais, e eu o sigo, Kalle, no escuro da floresta, apesar de não saber se é isso que quero.

Você ruge.

Fala de aguardente, murmura palavras indistintas, e seus cheiros misturam-se com os da floresta. Esta está cheia de vida, mas também de podridão, de vida que faleceu.

Largue, largue.

Falo agora, a plenos pulmões. Mas você me arrasta ainda mais, me puxa, é tão primitivo como eu pensava.

É um leão? Um leopardo? Um crocodilo? Um urso?

Quero ir embora.

Sou Rakel.

A indomável.

Os rugidos.

E então para, a escuridão em volta de nós, e vira-se, e eu tento me livrar, mas você prende meu outro braço, me levanta do chão, e não existe nada de humano em você. Longe está a luz, longe está o sonho.

Silêncio, sua vadia. Silêncio.

E sou atirada no chão. Não, não, não. Não desse jeito. E você bate em minha boca, e eu grito, mas a única coisa que sinto é o gosto do ferro e algo que é duro e longo e longo que procura subir por mim.

Assim mesmo, agora fique quieta, é Kalle que manda.

O chão corta meu corpo, queima.

Era isso que eu queria com tanta vontade? Que pedia?

Eu ainda sou a Rakel e não me ofereço para ninguém.

Kalle.

Vou tornar-me como você, mas mais esperta.

Você me arreventou, mas não protesto mais, estou deitada, quieta. E é

estranho como consigo reduzir este momento a um nada.

Estou quebrada, explodida, seu peso faz com que eu quase nem possa respirar, mas, mesmo assim, você não existe.

E, então, você acaba.

Levanta-se. Vejo que abotoa as calças, escuto ainda que murmura a palavra vadia, vadia. Vadias são elas todas.

Ramos quebrados, você cambaleia, murmura. Depois, o silêncio manifesta-se: você foi embora.

Mas a noite apenas começou.

A escuridão acentua-se sobre meu abdômen. Duas mãos estendem-se para cima, no ar, atravessam a clara e tênue membrana da atmosfera. E decido que daqui, daqui vai sair vida.

Sinto já que isso vai acontecer.

Que em mim crescem todas as dores e sofrimentos que decorrem de ser humana.

Ando engatinhando pelo chão molhado.

Os ramos das árvores balançam, os troncos rangem com desdém, os espinhos, as folhas, os vermes comem minha carne.

Arrasto-me. Encolho-me. Mas, depois, levanto-me.

Fico em pé.

Com as costas eretas.

SEGUNDA-FEIRA À NOITE, TERÇA-FEIRA, 14 DE FEVEREIRO

— Vamos apertar as mãos, com certeza, não?

Markus estende a mão, e Malin aceita-a. Seu aperto de mão é firme e decidido, consciente, sem ser forte demais.

“Bem ensaiado”, pensa Malin. E imagina na sua frente um homem de bata branca de médico, que, por meio de um aperto de mão, se transforma no filho perfeito.

— Seja bem-vindo!

— Estou muito satisfeito em poder ter vindo.

— Não moramos num apartamento tão grande como o de sua família — diz Malin, abrindo os braços no pequeno hall de entrada e perguntando-se por que razão achou por bem, quase instintivamente, desculpar-se ao namorado de sua filha Tove.

— Aqui é muito aconchegante — diz ele. — Eu até gostaria muito de morar aqui, num lugar tão central.

— Me desculpe...

Malin gostaria de morder a língua. Fica em silêncio, mas reconhece que deve continuar a frase.

— ...por eu ter ficado tão zangada quando nos vimos antes.

— Eu também teria ficado — diz Markus, sorrindo.

Tove volta da cozinha.

— Mamãe fez espaguete ao pesto preparado em casa. Gosta de alho?

— No verão passado, alugamos uma casa na Provença onde havia uma plantação de alho no jardim.

— Costumamos fazer pequenas excursões de poucos dias no verão — diz Malin, rapidamente. E logo acrescenta: — Vamos, então, sentar-nos à mesa? Ou você quer alguma coisa para beber antes? Coca-Cola, talvez?

— Estou com fome — diz Markus. — Prefiro ir comer, direto.

Malin olha como ele se atira à comida.

Markus tenta se conter, se comportar como, certamente, seus pais tentaram ensiná-lo a fazer, mas Malin nota como ele perde a luta contra a fome de adolescente.

— É possível que o prato esteja com um pouco de parmesão a mais...

— Está saboroso — atalha Markus. — Muito gostoso mesmo.

Tove aproveita para amansar a voz.

— Mamãe, estive pensando naquilo que o vovô disse. Parece-me bom. Muito bom mesmo. Acha que seria possível Markus viajar comigo? Falamos com seus pais, e eles disseram que poderiam pagar a passagem dele.

“Espere aí. O que é isso?”

Então, Malin se vê e vê Janne na sua frente. Ela está com 14 anos, ele com 16. Estão deitados na cama num quarto qualquer, os dedos desabotoando as roupas um do outro. Quando é que os dois poderiam ficar mais que duas horas longe um do outro? É o mesmo sentimento que ela vê nos olhos de Tove.

Cheio de expectativa, mas com o primeiro pressentimento de que o tempo não é infinito.

— Boa ideia — diz Malin. — Eles têm dois quartos de hóspedes.

E, ao mesmo tempo, sorri.

Um par de adolescentes apaixonados. Com seu pai e sua mãe. Em Tenerife.

— Por mim, está tudo bem — acrescenta Malin, depois. — Mas vamos ter de perguntar ao vovô.

Em seguida, é Markus quem fala:

— Meus pais gostariam de convidar as duas para jantar um dia desses, lá em casa.

“Socorro.

“Não, não.

“Médicos de bata branca e uma dama presunçosa à mesa. Treinamento em apertos de mão. Desculpem.”

— Seria agradável — afirma Malin. — Diga a seus pais que eu teria muito gosto.

Quando Markus se retira, Malin e Tove estão sentadas à mesa da cozinha, suas figuras espelhadas na janela que dá para a igreja, numa noite escura.

— É um bonito rapaz, claro.

— É bem-educado.

— Mas não demais.

— Não, Tove, educação nunca é demais. Mas deve ser suficiente para que você se sinta bem a seu lado. No entanto, quando chega a hora de tomar decisões, os piores são sempre os mais bem-educados.

— Mas, mamãe, o que é que quer dizer com isso?

— É apenas conversa fiada, filha. Ele é um bom rapaz.

— Vou telefonar para o vovô, amanhã.

Um despertador interno toca. Malin está acordada. Acordada demais, apesar de o relógio da mesinha de cabeceira marcar apenas meia-noite e trinta e quatro minutos e todo o seu corpo estar gritando por descanso.

Malin rola na cama, de um lado para o outro, tenta adormecer de novo e consegue afastar da cabeça os pensamentos sobre a investigação, sobre Tove, Janne e todos os outros. Mas, mesmo assim, o sono não volta.

“Preciso dormir, preciso dormir.”

O pensamento a faz ficar cada vez mais acordada, até que, finalmente, resolve se levantar, ir à cozinha e beber um pouco de leite, diretamente da caixa. Pensa, então, em como costumava ficar zangada com Janne quando ele fazia isso, como ela achava isso repulsivo e grosseiro para além de todos os limites. Agora, numa outra casa, fora da cidade, Janne talvez esteja acordado e se pergunte se um dia vai deixar de sonhar, vai lançar para longe as recordações da vida na selva e nas estradas montanhosas. E recordar, então, o rosto de Malin e de Tove. É assim que ele se acalma, fica alegre e triste ao mesmo tempo e pensa que só as pessoas que verdadeiramente amamos podem provocar sentimentos tão contraditórios. Então, ele se levanta, vai até o quarto de Tove, olha para a cama vazia e finge que vê a filha deitada lá. Pensa também na maneira como ela cresce e fica independente deles. Ele jamais vai se afastar. E pensa que, no apartamento na cidade, nesse mesmo momento, Malin está ao lado da cama de Tove, imaginando se as coisas poderiam ser diferentes ou se tudo, de alguma forma, já estava, ou está, decidido.

Malin gostaria de afagar os cabelos da filha.

Mas talvez Tove acordasse. E não queria acordá-la: “Não quero acordá-la, Tove, mas gostaria de mantê-la comigo”.

Ontem, a primeira reunião da semana foi adiada. Sven Sjöman, no telefone:

— Não faz sentido, Fors, se você não estiver presente.

O hálito dos outros circula pesado na sala, e todos parecem estar mais acordados do que ela.

Talvez porque chegou a resposta da perícia?

As balas de borracha que atingiram a janela do apartamento de Bengt Andersson vieram da espingarda de salão encontrada na casa de Niklas Nyrén. As impressões digitais de Joakim Svensson e de Magnus Tedensjö foram encontradas na arma.

— É isso aí — diz Sven. — Portanto, já sabemos quem atirou no apartamento de Bengt Andersson. Está na hora de Malin e Zeke pressionarem aqueles dois valentões a sério e ver se estão escondendo mais alguma coisa. Façam isso o mais rápido possível. A essa hora, devem estar na escola.

Depois, Malin conta o que conseguiu saber na pista Murvall.

Ela pode sentir o ceticismo de Karim Akbar ao falar sobre a ligação entre Kalle da Curva e a família: “Se ele é o pai de Karl Murvall, que importância tem isso? O que pode nos dar uma investigação sobre uma situação de que não sabemos nada? Sobre uma pista ainda por investigar?”

— Murvall é um beco sem saída. Está na hora de procurar novas pistas. De encontrar novas linhas de investigação, na pista Asa; deve haver alguma coisa no disco rígido de Skoglöf. Johan, como está a situação? Ah, vocês conseguiram descobrir a senha, muito bem. E entraram nos arquivos fechados, não?

Mas Malin persiste:

— Isso faz de Karl Murvall o irmão de Bengt Andersson, uma coisa que ele talvez nem saiba.

— Se é que o velho lá em Stjärntorp fala a verdade — diz Karim.

— Isso podemos verificar com facilidade. Temos o DNA de Bengt guardado, portanto, basta receber uma amostra de Karl Murvall. E logo saberemos com certeza.

— Devagar com o andor — diz Karim. — Não podemos correr por aí e tirar um monte de amostras, ofendendo a integridade das pessoas, apenas para confirmar uma suposição de um velhote caquético. Em especial quando o significado para a investigação é, para dizer o mínimo, nebuloso.

No dia anterior, de tarde, Malin havia telefonado para Sven, falando sobre a revelação de Weine Andersson.

Sven escutou com atenção, e ela não soube se ele estava satisfeito ou irritado pelo fato de ela ter trabalhado por conta própria durante o domingo. Mas, depois, ele disse:

— Muito bem, Fors, mas ainda não estamos prontos para seguir essa linha de investigação. Os irmãos Murvall continuam na cadeia pelos outros crimes cometidos.

E talvez por isso acrescentou:

— Malin, você e Zeke devem ouvir novamente Karl Murvall, ainda como testemunha. Ele tem um álibi para a noite do crime, mas tentem saber mais alguma coisa a respeito dessa história. O homem pode ter mentido sobre o que sabe. Comecem por ele e pressionem depois Tedensjö e Svensson.

— E a prova de DNA?

— Uma coisa de cada vez, Malin. Encontrem-se com ele. Vejam o que conseguem. E os outros virem cada pedra no caminho, tentem encontrar novos ângulos de observação e revirem este caso naqueles lugares onde ainda não mexemos. O tempo voa, e todos sabemos que, quanto mais o tempo passa, menores são as chances de agarrarmos o criminoso.

Zeke aproxima-se da mesa de Malin.

Está zangado. As pupilas dos olhos, bem pequenas, afiladas.

“Está contrariado porque fiquei rondando a cidade sem ele. Será que nunca se acostuma com isso?”

— Podia ter telefonado para mim, Malin. Acha, de fato, que Karl Murvall sabe de alguma coisa? A respeito de Kalle da Curva?

— Já pensei nisso. Ele talvez saiba o que se passou, mas não efetivamente, se é que você entende o que eu quero dizer.

— Seus pensamentos são profundos demais para mim, Malin. Mas vamos, então, à Collins para ter uma conversa com ele. É terça-feira. Deve estar por lá.

Collins Mecânica, perto de Vikingstad.

O estacionamento asfaltado estende-se por quase uma centena de metros, na orla de uma densa floresta até a cabine de vigilância, e há uma barreira, que constitui a única abertura numa cerca de dez metros de altura coroada por rolos de arame farpado devidamente aparafusados.

A empresa é fornecedora da Saab General Motors. Uma das poucas empresas bem-sucedidas da região, onde trabalham 300 pessoas na montagem automatizada de peças para a indústria automobilística. Poucos anos antes, eram 700 trabalhadores, mas é praticamente impossível concorrer com a China.

As empresas Ericsson, NAF, Saab, BT-Trucks, Printcom, todas tiveram de reduzir suas atividades ou, simplesmente, foram desativadas. Malin notava algumas mudanças na região, sempre que qualquer firma fechava as portas: crimes horrorosos, assaltos, violências praticadas dentro de casa. Por mais que os políticos falem, o desespero é vizinho dos punhos.

Mas, depois de certo tempo, de uma forma até estranha, tudo volta a ser como antes. Uma parte das pessoas consegue novo emprego. Outras são colocadas na reserva, em programas de reclassificação, ou ainda obrigadas ou convencidas a antecipar sua aposentadoria. Transformam-se em pessoas artificialmente necessárias, atingem um ponto de ruptura e ficam vivendo à margem da sociedade, como é o caso da família Murvall, que por preço nenhum quer participar da comunidade. A não ser sob suas próprias condições.

“Perceber que é inútil, não presta para mais nada...”, pensa Malin. “Não posso nem imaginar como é ser atingida por uma situação dessas. Indesejada, desnecessária.”

Por trás da cerca contra invasões e evasões, estão os edifícios da fábrica, sem janelas, mais parecidos com hangares.

“Parece uma prisão”, pensa Malin.

O guarda na cabine de vigilância está vestido com um uniforme azul e tem um rosto onde falta distância entre as faces, o queixo e o pescoço. No meio, dois olhos aquosos que se fixam, cheios de ceticismo, em Malin, quando esta lhe mostra seu distintivo policial.

— Queremos falar com Karl Murvall, que deve ser o chefe do departamento de informática.

— Qual é o assunto?

— Não importa o assunto — diz Zeke.

— Vocês têm de...

— Assunto policial — diz Malin. Então, o guarda faz uma consulta telefônica, conversa, acena com a cabeça positivamente duas vezes e desliga.

— Podem entrar e dirigir-se à recepção principal — diz ele.

Malin e Zeke avançam ao longo do caminho que leva ao saguão de entrada. Passam por construções gigantescas, uma caminhada de várias centenas de metros e, a meio do caminho, um par de portas abertas, centenas de roldanas usadas pendem de vigas e do teto como se estivessem a descansar há muito tempo, mas sempre prontas para entrar em ação. Uma porta rotativa de vidro inquebrável por baixo de um teto sustentado por vigas de aço dá passagem para a recepção. Duas mulheres estão sentadas por trás de um balcão de mogno, nem uma nem outra parecem ter notado a aproximação deles. À esquerda, uma larga escada de mármore. Toda a sala cheira a produto de limpeza perfumado com limão e a couro polido.

Ao chegar ao balcão, uma das recepcionistas levanta os olhos.

— Karl Murvall está a caminho. Por favor, queiram sentar-se nas cadeiras, perto da janela.

Malin vira-se, vê três poltronas vermelhas, do tipo ovo, sobre um tapete castanho.

— Ele vem logo?

— Dentro de um ou dois minutos.

Karl Murvall desce a escadaria 25 minutos mais tarde, de casaco cinzento, camisa amarela e calça jeans azul-escuro, curta demais. Malin e Zeke levantam-se ao vê-lo e vão a seu encontro.

Karl Murvall estende a mão para cumprimentá-los, seu rosto sem expressão definida.

— Caros inspetores, a que devo a honra?

— Precisamos falar com você, sem sermos interrompidos — diz Malin.

Karl faz um sinal para as poltronas.

— Aqui, talvez?

— Talvez numa sala de reuniões — diz Malin.

Karl Murvall dá meia-volta e começa a subir a escadaria, olha por cima do ombro para ver se Malin e Zeke o seguem.

Karl digita um código na fechadura, e a porta de vidro rola para o lado e abre caminho para um longo corredor.

De dentro de uma das salas por onde passaram, ouve-se o som forte, rotativo, de um ventilador, por trás de uma porta de vidro fosco. Uma sombra negra por trás da porta.

— A sala do provedor. O coração de toda a produção.

— É você o responsável por toda essa atividade?

— É minha sala — diz Karl Murvall. — É daqui que faço todo o controle.

— Foi aqui que você esteve trabalhando na noite em que Bengt Andersson foi assassinado, não foi?

— Exatamente aqui.

Karl para depois, diante de mais uma porta de vidro, digita mais uma vez um código. A porta rola para o lado, e à volta de uma mesa de carvalho, de talvez uns 10 metros de comprimento, estão colocadas 12 cadeiras negras do tipo Myran. No meio da mesa, uma bandeja com maçãs vermelhas.

— A sala da administração — diz Karl. — Deve servir.

— E então?

Karl Murvall está sentado na frente deles, as costas encostadas na cadeira.

Zeke afunda-se na sua.

Malin inclina-se para a frente.

— Seu pai não era nenhum marinheiro.

O rosto de Karl Murvall mantém-se impenetrável, nenhum músculo se mexe, nenhuma preocupação perpassa por seus olhos.

— O homem considerado seu pai foi uma lenda em Ljungsbro — continua Malin. — De nome Karl Andersson, mais conhecido como o Kalle da Curva. Você sabia disso?

Karl Murvall recosta-se ainda mais na cadeira. Sorri para Malin um sorriso não de desprezo, mas vazio, inexpressivo.

— Isso é ridículo — reage ele, depois.

— E, se isso for verdade, Bengt Andersson é, ou melhor, foi seu meio-irmão.

— Eu e ele?

Zeke confirma com um aceno.

— Você e ele. Sua mãe não lhe contou isso?

Karl Murvall morde os lábios.

— Ridículo.

— Você não sabia de nada, que sua mãe teve uma ligação com Kalle da...

— Eu não me preocupo nem um pouco em saber quem foi ou não foi meu pai. Isso é uma coisa que deixei para trás, esqueci. E vocês devem aceitar essa situação, essa minha vontade. Têm de compreender que lutei muito para chegar onde estou hoje.

— Podemos tirar uma prova de DNA de você para comparar com a de Bengt Andersson para ter a certeza?

Karl Murvall abana a cabeça.

— Não há interesse nenhum.

— Sinceramente? Você acha?

— Sim, porque eu sei. Vocês não precisam fazer nenhuma comparação.

Minha mãe me contou tudo. Mas como resolvi tentar deixar para trás, esquecer a existência de todos os meios-irmãos, não ligo nem um pouco para essa confirmação.

— Quer dizer que você é mesmo meio-irmão de Bengt Andersson? — pergunta Zeke.

— Não mais. Agora ele está morto. Ou não? Mais alguma coisa? Eu preciso comparecer a uma reunião.

De volta ao carro, Malin olha mais uma vez para a orla da floresta densa e escura.

Karl Murvall não quis contar nada a respeito de seu padrasto, nada sobre como foi seu crescimento em Blåsvädret, nada sobre sua relação com os irmãos e a irmã.

— Nem uma palavra. Vocês receberam o que precisavam. O que sabem a respeito de ser como sou? Se não há mais nada que queiram saber, o dever me chama.

— Mas Maria?

— O que tem Maria?

— Ela foi atenciosa com você como foi com Bengt? Mais atenciosa do que Elias, Adam e Jakob? Soubemos que ela foi muito carinhosa para com Bengt. Ela sabia que você era meio-irmão dele?

Silêncio.

As faces pálidas de Karl Murvall, pequenas contrações nos lábios.

A barreira junto da cabine de vigilância é levantada, e eles saem.

“Adeus, prisão”, pensa Malin.

O dever.

Quanta tristeza um lugar como este pode provocar?

Karl Murvall é também meio-irmão de Rebecka Stenlundh.

“Mas esse não é meu dever”, pensa Malin. Vão ter de descobrir isso eles próprios, se é que já não sabem. Rebecka Stenlundh, certamente, quer ser deixada em paz.

— Acha que Maria Murvall sabia que Bengt Andersson e seu meio-irmão tinham o mesmo pai? Que foi por isso que ela se afeiçoou a ele?

A voz de Zeke sai entrecortada por causa da comida em sua boca.

Os dois estão comendo. Malin dá uma mordida em seu *chorizo*.

Comida de quiosque de rua na rotunda de Valla. A melhor salsicha da cidade.

O motor do carro continua funcionando em ponto morto para manter o aquecimento dentro dele. E atrás estão as casernas amarelas de aluguel e as acomodações para estudantes de Ryd, todas em silêncio, como se estivessem conscientes de seu lugar na hierarquia de moradias: aqui só moram aqueles com problemas econômicos, de momento ou por toda a vida, a não ser que no caminho surja algum prêmio de loteria ou de apostas.

Do outro lado, a autoestrada e, mais ao longe, entre os bosques, os edifícios da Universidade. “Como eles devem ser desprezíveis para muitos dos que moram em Ryd”, pensa Malin. “Todos os dias, lá estão como imagens de sonhos inalcançáveis, de oportunidades perdidas, de escolhas erradas, de limitações. Arquitetura da amargura, talvez.”

Mas não para todos. Longe disso.

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Não sei — responde Malin. — Talvez ela sentisse que havia uma ligação.

Instintiva. Ou então ela sabia.

— Intuição feminina?

Zeke abafa o riso.

— De qualquer forma, agora, não podemos lhe perguntar — conforma-se Malin.

“Brinque com um escorpião, e ele vai picá-la. Enfie a mão numa toca, e o texugo a morde. Provoque uma cobra, e ela a envenena. A mesma coisa acontece com a escuridão: dirija no escuro, e numa esquina ela a morde.

“Mas a verdade.

“Qual é ela?”

Malin murmura a palavra para si mesma no momento em que Zeke entra com o carro na área em que está localizada a casa de Rakel Murvall.

Batem à porta.

A mãe, decerto, já os viu chegar e pensa: “Mais uma vez!”.

Mas abre a porta.

— Vocês?

— Nós queremos entrar — diz Zeke.

— Já estiveram aqui vezes demais.

Rakel Murvall afasta seu corpo magro, recua e fica em pé no hall de entrada,

com os braços ao longo do corpo, mas, evidentemente, antipática. “Até aqui, mas nem mais um passo para dentro.”

— Vou direto ao assunto — diz Malin. — Kalle da Curva é o pai de seu filho Karl, não?

Os olhos ficam escuros, depois mais claros.

— Onde foi que você ouviu isso?

— Existem testes comprovativos — diz Malin. — Nós sabemos.

— Isso torna Karl meio-irmão do assassinado — diz Zeke.

— O que vocês querem saber? Que inventei aquela história do marinheiro sodomita quando o barco naufragou? Que me entreguei a Kalle da Curva uma noite no parque? Não fui a única a fazê-lo.

Rakel Murvall olha para Zeke, com desprezo silencioso. Depois, vira-se e entra para a sala de estar. Os dois a seguem. E as palavras saem de sua boca, dolorosamente, como se fossem as pontas de um chicote.

— Kalle nunca ficou sabendo de nada, de que era o pai da criança. Mas Karl, eu o batizei com esse nome para que nunca mais pudesse esquecer de quem ele tinha vindo.

“Você, na realidade”, pensa Malin, “fez com que ele nunca mais se esquecesse de onde veio. Imposição sua.”

Os olhos, agora, cheios de frieza.

— Como acham que foi para mim andar sozinha com ele aqui? O rapaz do marinheiro. Ele é o filho do marinheiro, todos engoliram isso, as tagarelas da comunidade.

— Como é que Karl soube? — pergunta Zeke. — Os rapazes e Svarten se portavam mal para com ele?

— Ele veio me visitar com um valioso colar na mão no dia de meu septuagésimo aniversário. Achou que se tinha tornado alguém na vida. E foi então que eu lhe disse o que devia, que o pai dele era Kalle da Curva. “É isso aí, engenheiro!” Como? E ele estava aí onde vocês estão agora.

A velhota recua. Sacode a mão na direção de Malin e Zeke, acena, como se dissesse “xô, xô, xô, vão-se embora!”.

— E se disserem alguma coisa para meus rapazes a esse respeito, vou visitá-los tantas, tantas, tantas vezes que vocês vão até desejar nunca terem nascido.

“Ela nem se contém e chega a ameaçar a polícia”, pensa Malin. “Fantasmas que devem ser expulsos a qualquer preço. E é você que continua comandando a evolução dos acontecimentos, Rakel. O que significa isso?”

Através da janela, Rakel Murvall vê os dois policiais se afastarem no carro, voltando pelo mesmo caminho de onde vieram. Ela começa a sentir a raiva chegar, considera uma possível agressão. Vai até o hall de entrada e pega o telefone que está em cima da mesinha.

Britta Svedlund acaba de se levantar de sua cadeira de diretora na escola de Ljungsbro para fixar melhor os olhos em Joakim Svensson e Magnus Tedensjö quando estes entram em seu escritório. A sala vibra com a raiva que a domina. O cheiro de café e nicotina é forte.

“Ela deve fumar aqui dentro, de vez em quando”, constatou Malin, ao entrar na sala.

Quando viram Malin e Zeke, os rapazes recuaram, numa atitude de quem quer fugir, mas o olhar expressivo da diretora conteve-os, aliás, ainda os contém.

Antes, enquanto esperavam que Joakim e Magnus viessem de sua aula de inglês, Britta Svedlund explicou qual era a filosofia de ensino que usava.

— Vocês devem compreender que não se pode ajudar a todos. Eu sempre tentei focalizar minha atenção naqueles que, realmente, querem aprender, não necessariamente nos mais talentosos, mas naqueles que querem aprender. Pode-se fazer que os alunos queiram aprender mais do que se consegue imaginar, mas alguns são absolutamente impossíveis, e com esses há muito tempo deixei de gastar minhas energias.

“Mas você ainda não desistiu de Joakim e Magnus”, pensa Malin, quando vê como Britta Svedlund domina os rapazes apenas com o olhar. “Apesar de estarem para terminar o curso na primavera. Apesar de já terem idade para assumir a responsabilidade do que fazem.”

— Sentem-se aí — diz Britta. E os dois rapazes sentam-se, baixando a cabeça diante da voz dela. — Eu sempre estive de olho em vocês. E agora, mais uma vez, o que fizeram?

Malin muda de lugar para que os rapazes possam ver seus olhos.

— Olhem para mim — diz Malin, com voz glacial. — Está na hora de acabarem com suas mentiras. Sabemos que foram vocês que atiraram no apartamento de Bengt Andersson.

— Nós não...

Britta Svedlund, do outro lado da escrivaninha:

— AGORA BASTA!

Então, Magnus Tedensjö começa a contar, a voz guinchada, angustiada, como se tivesse saído dos cueiros e mudado para uma idade menos inocente:

— Sim, nós atiramos com aquela espingarda no apartamento dele. Mas ele não estava em casa. Pegamos a espingarda e fomos de bicicleta até a casa dele. E depois atiramos. Estava escuro, e ele tinha saído. Juro. Fugimos em seguida. Foi terrível.

— Foi isso mesmo. Posso confirmar — diz Joakim Svensson, calmamente. — E não temos nada a ver com aqueles malucos que penduraram o Gandula na árvore.

— E quando é que vocês atiraram no apartamento? — pergunta Malin.
— Pouco antes do Natal, uma quinta-feira.
— Vamos para a prisão agora? Nós temos apenas 15 anos, não é?
Britta Svedlund simplesmente abana a cabeça, com ar de cansaço.
— Isso depende de quanto vocês estiverem dispostos a colaborar — diz Zeke.
— Contem tudo o que sabem e que possa ser importante para nós. Mas tem de ser mesmo tudo!

— Mas nós não sabemos de mais nada.
— Nada mais.
— Quer dizer, então, que depois disso vocês nunca mais voltaram a incomodar o Bengt. É isso? Essa brincadeira estúpida acabou de uma vez nessa noite? Foi isso?

— É melhor contar tudo — diz Malin. — Nós precisamos estabelecer as coisas com clareza.
— Mas nós não fizemos mais nada.
— E na noite de quarta para quinta-feira, antes de o Gandula ser pendurado?
— Como já dissemos, estivemos vendo o filme *Os reis de Dogtown*. Essa é a verdade.

Desespero na voz de Joakim Svensson.

— Vocês já podem ir embora — dizem Zeke e Malin quase ao mesmo tempo.

— Isso quer dizer que estamos livres? — É a voz ingênua de Magnus Tedensjö.

— Isso significa — diz Zeke — que vamos ficar de olho em vocês e que voltarão a ser contactados daqui a algum tempo. Mas vejam se, nesse período, aprendem a brincar sem molestar ninguém. Senão, vão ver quais serão as consequências.

Britta Svedlund parece cansada, com ar de quem está precisando de um uísque e um cigarro. Parece, também, satisfeita de ver os rapazes sair de sua frente.

— Deus sabe como tentei ajudar esses dois!
— Talvez eles aprendam alguma coisa com essa história toda — diz Malin.
— Esperemos que sim. E, a respeito do assassinato, vocês estão a ponto de prender o criminoso?

Zeke abana a cabeça.

— Estamos seguindo várias pistas — diz Malin. — Precisamos trabalhar com todas as possibilidades, esclarecer cada pequeno detalhe, por muito que seja improvável que tenha a ver com o caso.

Britta Svedlund olha pela janela.

— O que vai acontecer com os rapazes, agora?

— Serão convocados para interrogatório por escrito, se é que nosso chefe vai

achar que vale a pena a amolação.

— Esperemos que sim — diz Britta Svedlund. — Eles precisam de uma boa lição, de saber que cometeram um erro.

De volta ao departamento, Karim Akbar está à espera deles na recepção.

A irritação formada como uma nuvem em volta de sua cabeça.

— O que vocês dois andaram fazendo?

— Nós...

— Eu sei. Estiveram na casa de Raket Murvall incomodando-a e perguntando com quem ela fez sexo 45 anos atrás.

— Nós não incomodamos ninguém — diz Zeke.

— Segundo ela, vocês a incomodaram, sim. Ela telefonou, fazendo uma denúncia formal. E agora diz que vai “telefonar” para os jornais.

— Ela não é nenhuma...

— Fors, como acha você que vai ser? Ela vai aparecer como uma velha inofensiva, e nós, como monstros.

— Mas...

— Nada de “mas”. Nós não temos mais nada a saber por lá. Temos de deixar a família Murvall em paz. Se você, ou melhor, se vocês não deixarem disso, vou ter de substituí-los por Jakobsson.

— Que inferno — murmura Malin.

Karim aproxima-se dela.

— Um dia de descanso, Fors, é tudo o que peço.

— Que inferno!

— Pressentimentos, Fors, já não chegam. Já se passaram quase duas semanas. Temos de conseguir algo concreto. Não uma quantidade enorme de porcaria sobre quem é irmão de quem e passar a incomodar uma velhota na falta de fazer outra coisa.

A porta da grande sala do departamento se abre, e entra Sven Sjöman, com uma expressão de desalento.

— As provas não foram suficientes para prender os irmãos Murvall pelo assalto ao depósito de armas em Kvarn. Vamos ter de soltá-los.

— Mas eles possuem as granadas vindas de lá. As granadas, na casa deles.

— Certo, mas quem vai provar que não as compraram de alguém no submundo? A caça ilegal e a posse ilegal de armas não são suficientes para o tribunal mantê-los na prisão. Vamos ter de soltá-los. Eles confessaram.

Então, ouve-se um grito por trás da recepção:

— Telefone para você, Malin.

Ela atende em sua mesa. O aparelho está frio e pesado.

— Aqui é Fors.

— Aqui é Karin Johannison.

— Olá, Karin.

— Escute, acabei de receber um e-mail de Birmingham. Eles não conseguiram nada das roupas de Maria Murvall. A prova é muito confusa. Mas vão fazer outro teste, algo muito novo.

— Nada? Vamos esperar que o novo teste dê certo.

— Você parece cansada. Deu algum resultado o achado da espingarda de salão?

— Sim, em princípio, podemos descartar essa pista.

— E...?

— Bem, o que posso dizer, Karin? Crianças ou adolescentes abandonados à sua própria existência. Nunca dá certo.

— Mamãe, mamãe!

Malin escuta o chamado de Tove que vem da cozinha, pressupõe que ela já acabou a lição de matemática. Pensar em matemática, credo! “Matemática é coisa para sessões de tribunais. E nunca fez meu gênero.”

— Venha, mamãe.

A adolescente.

A criança.

A quase adulta.

A adulta.

As quatro situações na mesma pessoa. E então a vontade de definir seu lugar no mundo, um mundo que não espera por ninguém e que apenas à força abre espaços para se ficar em pé. “Até mesmo com toda a educação recebida, Tove. Está certa de que vai conseguir um emprego? Ser médica, professora, emprego seguro. Mas será que existe mesmo algum emprego seguro? Siga seu coração. Será qualquer coisa, desde que realmente queira. Essa é a resposta, por enquanto. Talvez escrever livros. Tão fora dos tempos atuais. Escreva manuscritos sobre jogos no computador, talvez seja melhor, Tove. Faça qualquer coisa, mas não tenha pressa. Veja o mundo como ele é, dê um tempo, não tenha filhos logo. Espere.”

Mas, de qualquer maneira, ela já sabe de tudo isso. “Você tem mais compreensão de tudo do que eu tive em sua idade.”

— O que foi, Tove?

Malin endireita o corpo, sentada no sofá, e baixa o som da televisão. A locutora do noticiário fala, mas não se ouve nada.

— Você telefonou para o vovô?

— Droga!

— Mas não concordamos que seria você a telefonar-lhe?

— Não era você?

— Não sei mais, mas, de qualquer maneira, temos de lhe telefonar agora.

— Ok, vou fazer isso — a voz de Tove ecoa da cozinha, e Malin ouve quando ela levanta o aparelho, digita o número e espera: — Alô, vovô, sou eu, Tove... Ah, sim, perfeito... Passagens... Quando? No dia 27?... Escute, eu tenho um namorado... Markus... Dois anos mais velho... E pensei... Ele podia ir comigo... Sim, para Tenerife... Os pais dele concordaram... Ah, bom... É melhor o senhor falar com a mamãe... Manhêêê, o vovô quer falar com você.

Malin levanta-se e vai até a cozinha. O cheiro do jantar do dia anterior ainda perdura.

Ela recebe o telefone das mãos de Tove, leva o aparelho ao ouvido.

— Malin, é você?

A voz dele está emocionada e chega agora a uma tonalidade de falsete.

— O que você me diz disso? Que um tal de Markus vem junto? Foi ideia sua? Você sempre usa mal a mínima confiança que a gente lhe dá. Não compreende que estragou tudo mais uma vez, quando nossa ideia era dar a Tove a oportunidade de visitar e conhecer Tenerife?

Malin afasta o aparelho do ouvido. Espera. Tove está a seu lado, na expectativa, mas Malin abana a cabeça, tem de preparar o inevitável. Vê a decepção se espalhar pelo corpo de Tove, que deixa descair os ombros.

Quando volta a levar o aparelho ao ouvido, só resta o silêncio.

— Papai? Está aí? Já terminou?

— Malin, o que é que a levou a meter isso na cabeça de Tove?

— Papai. Ela está com 13 anos. As jovens hoje em dia, com 13 anos, têm um namorado com o qual querem conviver quando estão de folga.

Ouve-se um clique do outro lado da linha.

Malin também desliga.

Coloca um dos braços no ombro de Tove e murmura:

— Não fique triste, minha querida, mas o vovô achou que não era uma boa ideia levar Markus a tiracolo.

— Então, também não vou — diz Tove. E Malin reconhece aquela espécie de desafio, tão forte e definido como o dela, na mesma idade.

Em certas noites, a largura da cama parece infinita; em certas noites, nela cabe um mundo inteiro de solidão. Em certas noites, a cama é macia, cheia de promessas, a espera do sono torna-se a melhor hora do dia, a fuga. Em certas noites, como esta, a cama é dura, o colchão é um inimigo que quer manter os pensamentos no lugar errado, parece querer maltratar uma pessoa por ela estar ali sozinha, sem outro corpo para se encostar e procurar aconchego.

Malin estende a mão, e o vazio é frio como a noite lá fora; o espaço fica maior, porque sabe que o vazio já está lá, antes mesmo de estender a mão.

Janne.

Ela pensa em Janne.

Sente como ele fica mais velho, como ambos começam a ficar mais velhos.

Pensa em se levantar, em telefonar-lhe, mas sabe que ele deve estar dormindo ou trabalhando, de plantão. Pensa, então, em... Daniel Högfeldt. Não, não essa espécie de solidão nesta noite, uma espécie muito pior. A verdadeira solidão.

Malin afasta o cobertor com os pés. Levanta-se da cama.

O quarto está escuro, uma escuridão sem significado, vazia.

Procura às apalpadelas por seu CD player em cima da mesa. Sabe qual o disco que está lá dentro. Põe os fones de ouvido.

Depois, deita-se novamente, e logo começa a passar por sua cabeça o som da

voz macia de Margo Timmins.

Cowboy Junkies. Antes de se tornarem tristes.

A mulher abandonada, só, cheia de saudade, mas, no derradeiro verso, triunfante: “kind like the feel of this extra feet in my bed...”¹⁵

Malin retira os fones dos ouvidos, procura às apalpadelas pelo telefone, digita o número de Janne, e este atende ao quarto toque.

Silêncio.

— Eu sei que é você, Malin.

Silêncio.

— Malin, eu sei que é você.

A voz dele é a voz que basta, macia e calma e aconchegante. É um abraço.

— Eu o acordei?

— Isso não importa. Você sabe que eu durmo mal.

— Eu também.

— Faz frio esta noite, não é? Talvez seja a noite mais fria até agora.

— É.

— Por sorte, aqui está funcionando um novo aparelho de aquecimento.

— Que bom. Tove está dormindo. Não deu em nada a história da ida de

Markus com ela para Tenerife.

— Seu pai ficou zangado?

— Sim.

— Eles nunca aprendem.

“E nós, aprendemos?”

Mas não foram essas as palavras que seus lábios pronunciaram. Em vez disso:

— Você deve gastar muito com querosene durante este inverno, não é?

Janne solta um suspiro no telefone. E, depois, diz:

— Agora, vamos dormir, Malin. Boa noite.

De certa maneira, parece que a igreja se habituou ao frio. Conformou-se em ter sua cobertura cinzenta sob uma fina camada de gelo. Mas as árvores continuam a protestar, e as imagens, um pouco mais longe, na vitrine da agência de viagens, aquelas das praias e dos céus claros e azuis, permanecem como um verdadeiro escárnio.

Cheira a algo no forno. Malin acordou bem cedo e teve tempo de retirar as baguetes do congelador e colocá-las no forno. Só ela comeu duas, com geleia de damasco e queijo Västerbotten. E agora está de pé, junto à janela do apartamento.

Atrás dela, em cima da mesa, o jornal *Correspondenten*, o *Corren*. Ainda não teve coragem de abri-lo. Está tudo na primeira página:

POLÍCIA DENUNCIADA POR INCOMODAR NO CASO DE ASSASSINATO.

“A manchete é uma afronta”, pensa Malin, enquanto beberica seu café e vira o olhar para a vitrine da loja Åhlén, que apresenta seus novos blusões e gorros.

Mas se a manchete é uma afronta, o texto é uma brincadeira de mau gosto, uma mentira:

... apesar de a polícia não ter a menor prova contra a participação da família Murvall no assassinato de Bengt Andersson, nada menos de sete vezes interrogou a senhora Rakel Murvall, de 72 anos, em sua casa. Rakel Murvall, há menos de um ano, sofreu um pequeno derrame... demonstra pura perseguição por parte da polícia...

Assinado, Daniel Högfeldt. Portanto, ele voltou. Em grande forma. Ângulos severos. Onde esteve?

Um artigo curto, ao lado, a respeito dos tiros que atingiram o apartamento de Bengt Andersson. A situação está esclarecida, mas a polícia não encontrou nenhuma ligação com o assassinato. Citação de Karim Akbar: “De todo modo, é absolutamente improvável que haja qualquer ligação”.

Então, Malin senta-se à mesa da cozinha.

Abre o jornal.

Rakel Murvall declara o nome dela e de Zeke numa citação:

“Os dois estiveram aqui sete vezes e impuseram sua presença. A polícia não tem respeito

*nenhum por uma velha como eu... Mas agora meus rapazes estão de novo em casa...”
Os rapazes a que se refere a senhora Murvall são Elias, Adam e Jakob, que ontem saíram da cadeia, porque as acusações contra eles não têm fundamento suficiente para restringir sua liberdade.*

A foto de Karim Akbar ao lado.

Seu rosto apanhado numa pose ligeiramente distorcida. Os olhos fixos na câmera: “Naturalmente, anotamos a denúncia com a maior seriedade”.

“Ele não vai gostar dessa foto”, pensa Malin.

De maneira geral, ao que parece, a investigação da polícia em relação ao assassinato enalhou. O chefe Karim Akbar não quis comentar a situação. afirmou, entretanto, que não pode fazer nenhum comentário sobre a investigação, atendendo à “precariedade da situação”. Mas, segundo outras fontes do Correspondenten no departamento de polícia, a investigação encontra-se, no momento, num beco sem saída, já que a polícia, simplesmente, não tem novas pistas a investigar.

Malin termina seu café.

Fontes no departamento? Quem? Podem ser várias pessoas.

Ela contém a vontade de amassar o jornal. Sabe que Tove quer lê-lo. Em cima da bancada da cozinha está o tabuleiro com os pães. Dois para Tove. Ela vai ficar contente ao vê-los.

O jornal da manhã. Local.

Amado por quase todos na cidade. Isso eles sabem por meio de pesquisas, sobretudo naquelas poucas manhãs em que o jornal não saiu por motivo de problemas na rotativa. Por vezes, parece que o povo quer abraçar e, em outras, estrangular o jornal. Não se distancia do que está escrito ou não entende que o jornal não é seu órgão particular.

Daniel Högfeldt está sentado na redação, diante do computador.

O amor dos leitores é mais vivo do que nunca. Ao escrever alguma coisa boa, ele recebe, logo, uma dezena de mensagens elogiosas.

Daniel está satisfeito com os artigos publicados no dia, dá um prêmio a si mesmo, comendo um bolo de canela, bem fresquinho, produzido na pastelaria Schelins, na praça central Trädgårdstorget. O velho companheiro Bengtsson não tem mais energia para inserir em seus textos. E é preciso ter energia para descrever um caso de assassinato como o de Bengt Andersson. Uma energia bem balanceada que fortaleça a dramaticidade da história. A cidade pode parecer pressionada, silenciada pelo frio. Mas, pelos e-mails recebidos após a publicação de seus artigos, ele sente que existe uma preocupação generalizada, que o medo está bem alerta em Linköping, assim como a raiva latente perante uma polícia

que parece marcar passo.

“Aqui, pagamos 50 por cento em impostos, e a polícia não faz nada...”

Daniel esteve em Estocolmo durante dois dias.

Ficou no novo Hotel Anglais, perto da praça Stureplan, com vista para todos aqueles espertalhões empertigados que passam por aquele lugar idiota chamado Svampen, o Cogumelo.

O jornal *Expressen*.

Ele se encontrou até mesmo com o chefe da redação, o psicopata bajulador. Mas a questão inteira cheirava a falso. É claro. “Jornal maior, salário mais gordo. E daí?”

Expressen.

Estocolmo.

Não agora. Ainda não.

Primeiro, fazer como aquela sujeitinha do jornal *Motala & Vadstena Tidning*, que desencavou um escândalo na Câmara Municipal e recebeu o Prêmio Nacional de Jornalismo.

“Se for para Estocolmo, vou chegar como um rei ou, pelo menos, como príncipe. Exatamente como sou aqui.

“Imagino como Malin Fors deve estar agora.

“Ter um encontro com ela? É uma ideia.

“Deve estar esgotada, cheia de raiva, lasciva. Exatamente como eu fico quando trabalho demais e durmo de menos. É humano.

Expressen.

“Vou mandar um e-mail para o chefe da redação ainda hoje, recusando a oferta.”

A menina de três anos esperneia quando o pai, Johan Jakobsson, tenta abrir sua boca.

— Temos de escovar seus dentes — diz ele. — Caso contrário, vem aí o dentista-papão. — Ele tenta fazer com que sua voz soe impositiva e, ao mesmo tempo, divertida, alegre, mas nota que apenas consegue soar enfadonho e cansado.

— Abra a boca! — Mas ela quer ir embora, fugir. Ele tem de agarrá-la, apertar as bochechas dela com os dedos, mas não com muita força.

E ela consegue fugir. Sai correndo do banheiro. E Johan fica sentado, sozinho, no vaso sanitário. “Ao diabo com a escova de dentes!”

O trabalho. Quando é que a investigação deles vai caminhar? Quando vai surgir alguma coisa na cartola? Em breve, já terão passado em revista todo o disco rígido de Rickard Skoglöf, e até agora, nada. É claro que apareceram as mensagens enviadas para aqueles que penduraram os animais na árvore, outras, idiotas, mas não ilegais ou criminosas, para membros da fé Asa. Mas nada mais

do que isso. Agora, faltam apenas uns dois arquivos fechados para abrir e verificar.

Toda a sua vida é no momento uma espécie de boca que recusa se abrir. E Malin e Zeke parecem cada vez mais frustrados. Börje está suspenso, mas deve permanecer junto da mulher ou com seus cachorros ou ainda na pista de tiro. Embora, é claro, atirar seja agora a última coisa que quer ir fazer.

Karim Akbar estende uma nota de 500 coroas suecas no balcão da lavanderia. Utiliza aquela loja no Ryds Centrum por dois motivos: abre cedo e lava melhor.

Por trás dele, o centro, já antigo, desgastado e pequeno. Uma loja da cadeia Konsum, uma banca de jornais, uma loja de consertos, combinando chaveiro com conserto de sapatos, e uma loja de presentes que parece ter ficado intacta mesmo após sua falência.

Três ternos envoltos em sacos plásticos e suspensos em cabides de arame. Um Corneliani, um Hugo Boss, dez camisas brancas, umas sobre as outras.

O homem atrás do balcão recebe a nota, agradece e procura o troco.

— Está bem assim, pode ficar — diz Karim.

Ele sabe que o homem atrás do balcão, que administra a lavanderia, veio do Iraque, fugiu para a Suécia com a família no tempo de Saddam Hussein. Quem sabe pelo que teve de passar? Uma vez, quando Karim chegou para deixar seus ternos, o homem queria contar sua história, dizer que era formado em engenharia, refletir sobre o que poderia ter sido, mas Karim fingiu que estava com pressa e foi embora. Isso porque, por muito que admire os homens que lutam por suas famílias, ele próprio faz parte do problema, o que faz dele e de quase todos os que chegam do estrangeiro cidadãos de segunda classe. Como aqueles que se sujeitam a fazer os serviços em que nenhum sueco quer meter a mão.

“Devia ser proibido para os imigrantes administrar pizzarias e lavanderias”, pensa Karim. “Para que essa imagem pudesse desaparecer. Os politicamente corretos protestariam, mas a realidade é outra. Na prática, a mudança é impossível. E eu? Não sou nem um pouco melhor do que ele, mesmo que seja considerado diferente.”

Ser estrangeiro significa marginalização.

Marginalização significa violência.

Violência significa... Significa o quê?

A infinita distância entre os seres humanos. A família Murvall quer, mais do que ninguém, ficar à margem, ficar em paz. Ao contrário de tantos outros que sonham em se integrar e participar. E poucos são aqueles que veem seus sonhos se transformar em realidade.

Ao sair da lavanderia, Karim pensa no pai. Foi uma violência passiva que o levou à morte.

“Mas eu nunca falo com ninguém a respeito dele. Nem mesmo com minha mulher.”

O frio bate de frente no rosto de Karim, quando ele abre a porta do centro que dá para a rua.

Lá fora, mesmo à luminosidade fraca do inverno, o carro, um Mercedes Benz, brilha como uma joia.

Então, Karim pensa nos assassinos ou no assassino que continuam a caçar. “O que eles querem criar? O que pretendem conseguir?”

Zeke puxa e abre a porta do departamento.

Vai até a recepção. Cheira a suor e a companheiros cansados de trabalhar. Um dos policiais uniformizados que estão na entrada da escada que leva ao porão grita:

— Como é que está o Martin, vai participar do próximo jogo? Já melhorou do joelho?

“O pai do jogador de hóquei.

“É só isso que sou para eles?”

— Pelo que sei, vai jogar.

Martin já recebeu propostas de clubes norte-americanos, mas nenhuma se concretizou. Parece que ainda não querem deixá-lo entrar. Zeke sabe que o hóquei no gelo vai tornar o rapaz rico, mais cedo ou mais tarde, rico a um ponto difícil de imaginar.

Mas nem mesmo um tesouro de piratas o faria demonstrar mais respeito pelo jogo. A proteção, os choques — é tudo fingimento.

Bengt Andersson não tem nada a ver com fingimento. Nem também a maldade que se move por aí.

“Não se pode ter muita proteção”, pensa Zeke, “quando estamos atacando as piores intenções das pessoas. Em nossa atividade, aqui, não há espaço para jogos e brincadeiras.”

— Já viu como eu estou aqui?

Karim Akbar está perto da bancada da cozinha no refeitório e exhibe sua fotografia no jornal.

— Não podiam ter escolhido uma fotografia melhor?

— Não é assim tão ruim — diz Malin. — Podia ser pior.

— Como? Você viu bem como estou? Eles escolheram essa imagem para mostrar como estamos desesperados.

— Esquece isso, Karim. Você vai estar nos jornais amanhã novamente. E nós não estamos desesperados. Ou estamos?

— Nunca, Malin. Nunca.

Malin olha seu correio eletrônico. Algumas mensagens administrativas, um pouco de spam, mas, em seguida, uma mensagem de Johan Jakobsson.

“Nada no disco rígido até agora. Resta verificar apenas alguns arquivos.”

E ainda uma mensagem marcada em vermelho:

“ME LIGA.”

De Karin Johannison.

“Por que razão ela não pôde me telefonar?”

Mas Malin sabe como são as coisas. Por vezes, em certas circunstâncias, é mais fácil mandar uma mensagem.

Escreve uma resposta:

“Você soube de alguma coisa?”

Malin clica em “enviar”, e não demora mais de um minuto para sua caixa de entrada começar a piscar.

Ela abre a nova mensagem de Karin:

“Você pode vir aqui?”

Resposta:

“Estarei aí no laboratório dentro de dez minutos.”

Local de trabalho de Karin Johannison no departamento de perícias técnicas. Não tem janelas, só uma parede de vidro que dá para um corredor. As paredes internas estão cobertas de prateleiras com livros, do chão até o teto. E em cima da mesa veem-se montes de pastas. No chão de linóleo amarelado sobressai um tapete grosso e vermelho, bem caro, que Malin sabe ter sido trazido pela própria Karin. O tapete transforma toda a sala numa área nobre e aconchegante, no meio de tanta frieza agressiva.

Karin está sentada atrás da mesa, exibindo como sempre uma frescura verdadeiramente espacial.

Ela convida Malin a sentar-se.

— Recebi resposta de Birmingham — diz Karin. — E já conferi o resultado com o perfil de Bengt Andersson. Não combina. Não foi ele que violentou Maria Murvall na floresta.

— Foi um homem ou uma mulher?

— Não dá para ver. Mas seguramente não foi ele. E não era ele que você pensava que fosse?

Malin abana a cabeça.

— Não, mas agora está confirmado.

— Agora sabemos — diz Karin. — E os irmãos Murvall podem vir a saber. Acha que algum deles assassinou Bengt Andersson? E que agora vai querer confessar por saber que estava errado?

Malin sorri.

— Porque o sorriso?

— Você é boa em química, Karin — diz Malin. — Mas não é tão boa em conhecimento das pessoas.

As duas mulheres ficam em silêncio. Sentadas, juntas.

— Por que não disse tudo isso por telefone? — pergunta Malin.

— Eu queria lhe dar essa informação olhos nos olhos — responde Karin. — Pareceu-me que seria melhor assim.

— Por quê?

— Você às vezes é tão fechada, Malin. Tensa. E estamos sempre nos encontrando aqui no trabalho. Pode nos fazer bem nos encontrarmos assim, num ambiente mais calmo, vez por outra, não acha?

À saída da perúcia, toca o telefone.

Malin atende, enquanto caminha pelo estacionamento, passando por uma garagem cuja porta está fechada e em direção a um lugar perto de uns arbustos onde seu Volvo está, ao lado do brilhante Lexus de Karin.

Tove.

— Oi, querida.

— Oi, mamãe.

— Está na escola?

— No intervalo entre matemática e inglês. Mãe, você se lembra que os pais de Markus queriam nos convidar para jantar?

— Sim, lembro.

— Pode ser hoje à noite?

Médicos finos.

“Eles querem.”

“Convidam no dia, para a noite.

“Será que não sabem que os outros também podem ter sua agenda cheia?”

— Claro, Tove. Claro que posso, mas não antes das sete horas.

Cumprimentos ao Markus. Diga a ele que terei muito prazer.

Desligam.

No momento em que abre a porta do carro, Malin pensa:

“O que acontece quando a gente mente à própria filha? Quando cometemos uma falta contra ela? Apaga-se uma estrela no céu, é isso?”

— Ainda existe alguma pedra que a gente não tenha revirado? — pergunta Zeke.

— Não sei — responde Malin. — Ainda não consigo ver o todo. Os detalhes não combinam.

O relógio na parede continua seu tique-taque incessante a caminho das doze horas.

A grande sala do departamento está quase deserta. Zeke está sentado à sua mesa. Malin, numa cadeira ao lado.

“Desesperados? Nós?”

“Desesperados não, mas atrapalhados.”

Ao voltar da perícia, Malin entrou numa reunião interminável em que revisaram todo o desenrolar das investigações.

As más notícias vieram primeiro.

A voz de Johan Jakobsson, resignada, do outro lado da mesa:

— Os últimos arquivos no disco rígido de Rickard Skoglöf continham as habituais imagens pornográficas do tipo *Hustler*. Bem avançadas, mas nada de especial. Temos ainda um arquivo por ver, com uma senha completamente maluca, mas estamos trabalhando no caso.

— Esperemos que tenha escondido algum segredo — disse Zeke, mas Malin pôde sentir na voz dele que sua esperança era muito vaga quanto a um final para breve.

Depois, ficaram tentando encontrar algum lapso, alguma voz, alguma coisa que unisse as pontas e formasse um conjunto. Mas, por mais que tentassem, voltavam sempre ao ponto de partida. O homem na árvore e as pessoas à sua volta: os irmãos Murvall, Maria, Rakek, Rebecka. O ritual, a fé pagã. Valkyria Karlsson, Rickard Skoglöf e a pequena probabilidade de Magnus Tedensjö e Joakim Svensson terem feito alguma idiotice maior naquelas poucas horas em que ficaram sozinhos e para os quais ofereceram álibi um para o outro.

— Tudo isso já sabemos — disse Sven Sjöman. — A questão é se podemos tirar mais alguma coisa dessas pistas. Não existem outros caminhos pela frente? Nenhuma outra pista?

Silêncio na sala, um longo e penoso silêncio.

Depois, Malin falou:

— Talvez esteja na hora de contar aos irmãos Murvall que não foi Bengt Andersson quem violentou a irmã. Talvez eles digam alguma coisa de novo quando forem informados disso, não é?

— É muito duvidoso, Malin. Você acredita nisso? — questionou Sven. Malin encolheu os ombros.

— E eles já estão livres — disse Karim Akbar. — Não podem voltar à

delegacia apenas para isso. E também não seria conveniente ir de novo à casa deles. Isso valeria, seguramente, mais uma denúncia por interferência indevida em sua privacidade. E a última coisa de que precisamos agora é de publicidade negativa.

— Nenhuma denúncia por parte da população em geral? — tentou Johan.

— Nenhuma — constatou Sven. — Silêncio completo.

— Podemos sair com um novo apelo — disse Johan. — Alguém deve saber de alguma coisa.

— A mídia já está nos fazendo em pedaços do jeito que está a situação — disse Karim. — Vamos ter de nos virar sem qualquer apelo ao público neste momento. Isso apenas criaria mais reportagens sensacionalistas.

— Recorrer à polícia criminal nacional? — propôs Sven. — Talvez esteja na hora de chamá-los. Temos de confessar que estamos marcando passo.

— Ainda não, ainda não — atalhou Karim, com voz segura, apesar de tudo.

Todos deixaram a sala de reuniões com a sensação de que tinham de esperar que alguma coisa acontecesse, de que, na realidade, apenas podiam assistir à evolução dos acontecimentos, aguardando que, de algum modo, quem matou e pendurou Bengt Andersson na árvore voltasse a aparecer.

Mas se ele, ela ou eles continuassem invisíveis? Se tudo fosse uma atuação única?

Então, estariam perdidos.

Nesse momento, as vozes da investigação ficariam em silêncio para sempre.

Mas Malin se lembrava ainda da sensação que teve perto da árvore: de que alguma coisa ainda não estava pronta, de que alguma coisa ainda se movimentava dentro da floresta, lá fora, nos campos atingidos pelo frio e pela neve.

No momento, porém, os ponteiros do relógio na parede se aproximam, inexoravelmente, das doze horas. E, no mesmo segundo, Malin diz:

— Almoço?

— Não — reage Zeke rapidamente. — Eu vou ensaiar com o coro.

— É mesmo? Na hora do almoço?

— Sim, vamos dar um concerto na igreja matriz dentro de algumas semanas.

Por isso, marcamos uns ensaios extras.

— Concerto? Não tinha dito ainda nada a esse respeito. Ensaios extras? Você parece um jogador de hóquei.

— Deus me livre — diz Zeke.

— Posso ir com você?

— Ao ensaio?

— Sim.

— Claro — diz Zeke, espantado. — *Sure*, Malin.

O salão do Palácio da Cidade cheira a fechado há muito tempo, mas os membros do coro parecem se sentir à vontade na área espaçosa. São 22 pessoas presentes nesse dia. Malin contou-as, 13 mulheres e 9 homens. A maioria tem mais de 50 anos. Todos estão bem-vestidos e bem engomados, como é normal em reuniões desse tipo no interior do país. Camisas e blusas bem coloridas, ternos completos e saias.

Os membros do coro assumem seus lugares em três filas no palco. Por trás, um grande pano de fundo com aves bordadas que parecem querer levantar voo e flutuar no espaço, sob a cúpula do salão.

Malin ocupa um assento na última fila, junto à parede coberta de painéis de madeira, e fica escutando o grupo coral. Eles cantam, soltam risos abafados, trocam frases entre si e riem abertamente. Zeke conversa entusiasmado com uma mulher, mais ou menos da mesma idade dele. Uma mulher alta, loura, de vestido azul.

“Bonita”, pensa Malin. “Tanto ela como o vestido.”

Então, uma mulher eleva a voz e diz:

— Vamos lá, vamos começar com *People get ready*.

A esse comando, todos os membros do coro acertam suas posições, pigarream uma última vez e demonstram pela expressão do rosto estar profundamente concentrados.

— Um, dois, três.

E, assim, a canção enche o auditório, coordenação perfeita, um som bonito. As pessoas na sala e Malin ficam espantadas diante da força calma do som. Como é bela a voz reunida e única de 22 pessoas: “... you don’t need any ticket, you just get on board...” [.16](#)

Malin se encosta melhor na poltrona. Fecha os olhos, deixa-se envolver pela música, e, quando olha de novo, já começara uma nova canção. E ela vê como Zeke e os outros, realmente, sentem-se bem lá no palco. De algum modo, associam-se uns aos outros por meio da música, em sua simplicidade.

E, de repente, Malin sente uma solidão penetrante. Não faz parte daquilo, mas sente, ao mesmo tempo, que aquela solidão significa alguma coisa, que aquela sensação de estar do lado de fora, de certa maneira, tem um significado, para além daquele salão.

Em algum lugar existe uma porta.

Uma abertura num recinto fechado.

“Intuição”, pensa Malin. “Vozes. O que elas tentam me dizer?”

Atrocidades.

Quando começam, Malin? Quando terminam? Acontecem em ciclos? São cada vez em maior número com o passar do tempo? Ou a maldade é, praticamente, constante? Diluem-se ou concentram-se em cada novo ser humano que nasce?

Posso refletir sobre tudo isso quando circulo pela paisagem.

Olho para o carvalho onde me penduraram.

Um lugar isolado. Talvez a árvore gostasse de minha companhia. As bolas. Eu apanhava as bolas e as atirava de volta. E elas voltavam de novo. E de novo, de novo.

Maria?

Você sabia?

Foi esse o motivo de sua amizade? O laço entre nós? Isso é importante saber? Acho que não.

O ar por baixo e por cima de mim, eu descanso em meu próprio espaço vazio. Todos os mortos cochicham à minha volta: “Continue, Malin, continue”.

Ainda não terminou.

Estou de novo com medo.

Existe alguma saída?

Tem de existir.

Basta perguntar à mulher aí embaixo. À mulher por trás da qual se aproxima uma pessoa vestida de preto, escondida numa fileira de arbustos.

A noite cai cedo. É silenciosa, fria e escura. O portão da garagem recusa-se a subir, guincha e estremece. E o ruído parece ficar paralisado no ar. Ela aperta o botão de novo, a chave está em seu devido lugar, a corrente elétrica ligada. Está tudo certo.

Atrás dela, os prédios, a vegetação congelada, luzes na maioria das janelas. Quase todo mundo já voltou do trabalho. O portão recusa-se a abrir. “Vou ter de abri-lo com as mãos. Já fiz isso antes, uma vez. É pesado, mas consigo.” Ela está com pressa.

Um ruído esquisito nos arbustos atrás dela. Pode ser uma ave. Nesta época? Talvez um gato? Mas os gatos sempre ficam dentro de casa quando faz frio, não é?

Ela vira-se e, então, vê uma sombra negra que avança em sua direção, dá um, dois, três, quatro passos antes de alcançá-la. Ela movimentou os braços, grita, mas nada se ouve; alguma coisa que tem gosto de produto químico está sendo pressionada contra sua boca, e ela tenta arranhá-la, mas as luvas nas mãos fazem com que sua violência se transforme numa carícia.

“Olhem pela janela.

“Vejam o que está acontecendo.”

Ele, porque era de fato um “ele”, tem luvas negras, e ela vê seus olhos, castanho-escuros, a raiva e a dor no olhar, mas o aroma químico já atinge o cérebro dela, uma sensação suave e clara que a faz desmaiar, os músculos relaxam-se, e ela já não consegue sentir o corpo.

Consegue ver. Mas vê em dobro.

Vê um ser humano ou seres humanos que se inclinam por cima dela. São vários?

“Não, parem, assim não.”

Mas não serve de nada tentar lutar. É como se tudo já tivesse acontecido. E ela, já vencida.

Os olhos.

Os dele, os dela, os deles?

“Eles não estão aqui”, pensa ela. “Os olhos estão em algum outro lugar, muito longe.”

Hálito adocicado, quente, que devia ser estranho, mas não é.

Depois, o produto químico chega aos olhos, em seguida aos ouvidos. E as imagens e os ruídos desaparecem, o mundo desaparece. E ela não sabe se está adormecendo ou morrendo.

“Ainda não”, pensa. “Devo estar dopada, não? O rosto dele lá em casa, meu rosto.

“Ainda não, não, não, não...”

Ela está acordada.

Sabe disso. As pálpebras subiram, estão abertas, a cabeça dói, embora esteja tudo escuro. Ou ela dorme? Pensamentos confusos.

“Estou morta?”

“É esta a minha sepultura?”

“Não quero estar aqui. Quero ir para casa, para os meus. Mas não estou com medo: ‘Porque não estou com medo?’”

“Este barulho deve ser de um motor. Um motor bem conservado que faz seu trabalho com alegria, apesar do frio. Doem-me os pulsos e os pés.” É impossível movimentá-los, mas pode esperar, suspender e arquear o corpo e bater nas quatro paredes do espaço estreito e apertado.

“Devo gritar?”

Claro. Mas alguém — ele, ela, eles — fechou seus lábios com uma fita adesiva, além de ter posto um trapo contra o céu da boca. Qual é o gosto do trapo? De bolo? De maçã? De petróleo? Seco, mais seco, mais seco não pode ser.

“Posso lutar.

“Como sempre fiz.

“Não estou morta. Estou deitada na mala de um carro, congelando, mas esperneio, protesto.

“Bam-bam-bam.

“Alguém me ouve? Existo?”

Eu ouço.

Sou seu amigo. Mas não posso fazer nada. De qualquer forma, não muito.

Talvez a gente se veja depois. Quando tudo terminar. Poderemos flutuar lado a lado. Podemos gostar um do outro. Correr por aí, em volta das macieiras floridas numa época do ano que pode ser considerada como um eterno verão.

Mas, primeiro: um carro que avança pela estrada, seu corpo na mala, o carro para num acostamento deserto, e você vai ser dopada de novo, porque seu espernear foi longe demais, o carro passa ao longo dos campos e penetra na escuridão mais densa.

Ramshäll.

A frente mais iluminada de Linköping.

Talvez a parte requintada da cidade, um portal fechado para a grande maioria, onde moram os habitantes mais importantes e refinados.

“Talvez seja assim”, pensa Malin. “Todas as pessoas, consciente ou inconscientemente, vestem um traje importante se a oportunidade surge ou exige, grande ou pequena.”

Olhem, aqui moramos nós!

Temos recursos, somos reis na área telefônica 013 da cidade.

A mansão onde moram os pais de Markus está localizada em Ramshäll, entre as casas de diretores da Saab, de prósperos empreiteiros, de médicos desde o início bem situados na vida e de bem-sucedidos empresários, donos de pequenas empresas.

As mansões estão localizadas, praticamente, no centro da cidade, sobem por uma encosta com vista para Folkungavallen e Tinnis, uma grande área comunal com piscinas ao ar livre e gramados enormes, visitada por construtores de conjuntos habitacionais vindos de todos os cantos do reino, que para ela lançam seus olhares gananciosos. Onde a encosta termina, desaparecem as habitações por entre a floresta ou surgem pequenas ruas que descem em direção a Tinnerbäcken, onde estão situados os edifícios hospitalares amarelados da cidade. É na encosta o lugar mais fino para morar, por causa da vista e por estar mais próximo do centro da cidade. É aí que moram os pais de Markus.

Malin e Tove seguem, lado a lado, à luz das luminárias da rua, e seus corpos lançam longas sombras nas calçadas bem areadas para que ninguém escorregue. Certamente, os moradores gostariam de colocar grades em volta de toda a área, com arame farpado e um vigilante na entrada. A ideia de comunidades gradeadas não é estranha para certos vereadores municipais. Por isso, o gradeamento de Ramshäll não é tão impossível como se supõe.

Stop. Até aqui, mas não mais. Nós e eles. Nós contra eles. Nós.

Não demora mais de 15 minutos para ir do apartamento até Ramshäll. Por isso, Malin decidiu enfrentar o frio, apesar dos protestos de Tove:

— Eu sigo com você, portanto, você também deve andar comigo.

— Achei que a ouvi dizer que seria legal.

— Vai ser legal, Tove.

No caminho, passam pela mansão de Karin Johannison. Uma casa construída na década de 1930, com fachada de madeira e varanda.

— Está frio, mamãe — diz Tove.

— Está fresco — diz Malin, que, a cada passo, sente como a ansiedade aumenta, apesar de todos os preparativos feitos para dar tudo certo no jantar.

— Você está nervosa, mamãe — diz Tove, de repente.

— Nervosa, eu?

— Sim, por causa do jantar.

— Não. Por que deveria estar?

— Costuma ficar nervosa quando sai para visitas assim. Para acontecimentos sociais. E, neste caso, eles são médicos.

— Como se isso tivesse alguma importância especial.

— É lá — diz Tove, apontando para a frente, na rua. — Terceira casa, à esquerda.

Malin olha para a mansão, uma casa de dois andares, de azulejos brancos, rodeada por estacas baixas, com arbustos recém-cortados no jardim.

Dentro dela, a mansão cresce. Torna-se um castelo toscano, defendido pelas armas, impossível de invadir por soldados de infantaria.

Dentro da casa, cheira a calor, a folhas de louro e a uma limpeza que só uma meticulosa empregada doméstica polonesa pode providenciar.

O casal Stenvinkel aguarda no hall de entrada, dá as boas-vindas e aperta a mão de Malin, que fica confusa, despreparada para aquela recepção tão incontrolavelmente calorosa.

Mamãe Birgitta, médica-chefe da Clínica de Otorrinolaringologia, quer ser chamada pelo diminutivo Biggan. E diz que é um “praaaazer” enorme, “finaaaalmente”, poder se encontrar com Malin, de quem ela tem lido muito no *Correspondenten*. Papai Hans, cirurgião, quer ser chamado de Hasse.

— Espero que você goste de faisão, porque eu encontrei uns “figurões” maravilhosos lá no Lucullus e não resisti.

“De Estocolmo, da classe média superior, cuja carreira o trouxe para este ermo”, pensa Malin.

— Será que escutei bem? Vocês dois não são mesmo de Estocolmo?

— De Estocolmo? Parece mesmo? Não, eu sou de Borås — diz Biggan. — E Hasse é de Enköping. Encontramo-nos quando estudávamos em Lund, na Universidade.

“Já conheço a história da vida deles, e ainda não passamos do hall de entrada.”

Markus e Tove já desapareceram lá para dentro da casa. Hasse conduz Malin, então, para a cozinha. Sobre uma bancada lindíssima de aço inoxidável vê-se um batedor de coquetéis, gotejado de umidade, diante do qual Malin capitula, acha que não vale a pena resistir.

— Um martíni? — pergunta Hasse, e Biggan acrescenta:

— Mas cuidado! O martíni que ele faz é *very dry*.

— Com Tanqueray, está bem? — pergunta Hasse.

— Gosto muito — responde Malin. E, minutos mais tarde, está com uma

bebida na mão, pronta para um brinde de agradecimento pelo convite, um skål dirigido à dona da casa, como é de praxe. A bebida está maravilhosa, límpida e pura, e Malin só pode pensar que, em matéria de bebidas, Hasse sabe das coisas.

— Nós costumamos tomar os aperitivos na cozinha — diz Biggan. — Aqui, o ambiente é mais íntimo e agradável, não é?

Hasse está junto do fogão. Com a mão, faz um sinal e chama Malin, enquanto, com a outra, destapa uma panela preta, bastante usada.

Os aromas atacam Malin quando esta se aproxima.

— Olhe aqui — diz Hasse. — Já viu pedaços gostosos como esses?

Dois faisões nadam num molho amarelado, borbulhante, e fazem o estômago de Malin ter as dores de fome contida.

— Que acha?

— A aparência é fantástica.

— Oh, muito bem, foi embora rápido — diz Biggan. De início, Malin não entendeu ao que ela se referia, mas logo se recuperou ao ver que em sua mão o copo já estava vazio.

— Vou preparar mais um martíni — diz Hasse. E, enquanto ele sacode mais uma vez a coqueteleira, Malin pergunta:

— Markus tem irmãos?

Hasse para de chocalhar a bebida. E Biggan sorri, antes de falar:

— Não, nós tentamos muito, mas tivemos de desistir.

Então, o gelo no batedor volta a chacoalhar.

A cabeça dela.

Está pesada, e a dor é como uma faca de fruta enfiada entre as têmporas. Sentir uma dor dessas é razão para não dormir. Nos sonhos, não existem dores físicas. É por isso que adoramos sonhar.

Não, não, não.

Ela se recorda agora.

“Mas onde está o motor? O carro?” Já não está dentro do carro.

“Pare. Largue-me. Tenho alguém que está precisando de mim.

“Tire essa venda de meus olhos. Tire-a. Talvez possamos conversar? Por que eu?”

“Cheira a maçãs, aqui? É terra aquilo que sinto com meus dedos, fria, mas ainda assim terra quente, migalhas de biscoito?”

Estalidos de uma lareira.

Ela esperneia na direção de onde vem o calor, mas as pernas não batem em metal nenhum. Encosta-se para trás, mas também não encontra apoio nenhum. Apenas um som surdo, uma vibração por todo o corpo.

“Eu estou... Onde é que estou?”

“Estou deitada na terra fria. É um túmulo? Será que estou morta? Socorro. Ajudem-me.

“Mas está quente à minha volta e, se , estivesse dentro de um caixão, então teria de sentir a madeira.

“Tirem essas cordas, droga!

“Tirem o pano da minha boca.”

Toca nas cordas, talvez elas se partam. Volta-se.

O tecido da venda nos olhos. Rasga-se.

Uma luz flutuante. A entrada de um porão? Caminhos subterrâneos? Onde eu estou? São aranhas e cobras que andam à minha volta?

Um rosto. O rosto.

Tapado com uma máscara que se usa para andar de esqui.

Os olhos. O olhar existe. No entanto, não existe.

Agora, desaparecem novamente, os rostos.

Dores no corpo. Mas só estão começando, não é?

Eu gostaria de poder ajudar.

Mas não posso.

Posso apenas ver. E vou continuar a olhar. Pois talvez meu olhar possa te dar algum alento.

Vou ficar aqui olhando, embora preferisse desviar os olhos e desaparecer para todos aqueles lugares onde posso desaparecer.

Mas fico, cheio de medo e de amor. Cheio de todos os outros sentimentos possíveis. Nada ainda está terminado, mas tenho de fazer algo por você, não é? Acha que eles vão ficar impressionados?

Eu sei que dói. Senti as mesmas dores. Pare, pare, digo eu, para baixo, mas, eu sei, você não pode ouvir minha voz. Acha que as dores dela podem destruir outra dor? Será que as dores dela podem abrir as portas? As minhas, ainda não.

Portanto, faça um apelo:

Pare, pare, pare.

“Será que eu disse para parar?”

“Como é que pode sair qualquer som de minha boca, com a fita adesiva nos lábios e um trapo dentro dela?”

Está nua. Alguém rasgou sua roupa, cortou as costuras com uma navalha e agora passa uma vela acesa por seus ombros. Ela está com medo. A voz murmura:

— Isto tinha de acontecer, tinha de acontecer, tinha de acontecer.

Ela grita.

Alguém aproxima a vela de sua pele, cada vez mais perto. O calor é tremendo, e ela grita, grita como se não soubesse fazer outra coisa senão gritar, como se o chiado de sua carne a arder e a dor causada fossem uma coisa só. Vira-se e revira-se, mas não consegue nada.

— Devo queimar seu rosto?

“É isso que seu murmúrio diz?”

— Talvez dê para ficar por aqui. Assim, talvez não precise matá-la, visto que, sem o rosto, você deixa de existir, não é?

Ela grita, grita mais. Sem som.

A outra face. A maçã do rosto arde. Movimentos circulares, vermelho, preto, vermelho, a cor da dor. E já cheira a pele queimada, a pele dela.

— Em vez disso, devo ir buscar a faca?

Espera.

— Não desmaie, fique acordada — murmura a voz, mas ela quer mesmo é ir embora.

Os reflexos da lâmina da faca. A dor desaparece, a adrenalina circula pelo corpo, e a única coisa que resta é o medo de nunca mais sair dali.

“Quero voltar para casa, para os meus.

“Eles devem estar se perguntando onde estou. Há quanto tempo estou aqui? Devem estar preocupados, sentindo minha falta.

“A faca é fria e quente. O que será essa coisa quente que escorre por minha coxa? Um pica-pau com bico de aço dá bicadas em meus peitos, desce até as costelas. E devora-me. Deixe que eu desapareça, meu rosto arde quando alguém me bate na tentativa vã de me manter acordada.

“Mas não dá.

“Vou desaparecer agora.

“Quer queiram quer não.”

“Quanto tempo já se passou? Não sei.

“São correntes que fazem esse barulho?

“Agora, estou perto de um poste.

“A floresta à minha volta.

“Estou sozinha.

“Você sumiu, vocês sumiram? Não me deixem aqui sozinha.

“Estou choramingando, sinto isso.

“Mas não estou com frio. E pergunto-me: quando é que o gelo deixa de ser frio, quando é que a dor deixa de doer?

“Há quanto tempo estou aqui?

“A floresta é densa à minha volta, escura, mas branca por efeito da neve, uma pequena abertura, uma porta que dá para um buraco.

“Meus pés não existem mais. Nem meus braços, minhas mãos, dedos ou faces. As faces são apenas buracos que ardem. E tudo à minha volta não cheira a nada.

“Não me lembro de mais nada, não existem mais outros seres humanos. Não existiam antes, nem depois. Só existe um agora, nítido. E a iniciativa tem de ser minha.

“Fugir.

“Fugir daqui.

“É tudo o que resta a fazer.

“Fuga, fuga, fuga.

“A qualquer preço. Mas como é que posso correr se não tenho pés?”

“Alguma coisa se aproxima de novo.

“É um anjo?

“Não nesta escuridão.

“Não, é alguma coisa negra que se aproxima.”

— O que é que eu fiz?

“É a coisa negra que diz isso?”

— Eu tenho de fazer isto. — Assim fala a coisa negra.

Ela tenta levantar a cabeça, mas nada acontece. Apoia-se e assim consegue levantar a cabeça, lentamente. A coisa negra está agora muito próxima e traz um caldeirão com água fervente nas costas. E ela desvia o pensamento. E surge o barulho, como se alguém rugisse, quando a coisa atira a água sobre ela.

Mas não chega a atingir o alvo. Nada de água quente, apenas alguns pingos de calor.

Agora, chega a própria coisa negra de novo.

“Com um ramo na mão?”

“O que vai acontecer?”

“Devo gritar?”

“Eu grito.”

“Mas não consigo que alguém me ouça.”

Na sala de jantar, à luz viva de velas. Na parede por trás de Hasse e Tove está pendurada uma grande tela a óleo de um artista chamado Jockum Nordström,¹⁷ que, segundo Biggan, se transformou numa espécie de celebridade em Nova York. O quadro apresenta um homem negro vestido com roupas de adolescente sobre fundo azul. Malin acha que a pintura é, a um tempo, ingênua e madura, o homem está sozinho, mas conectado ao fundo azul. E no céu flutuam guitarras e tacos de bilhar.

Os faisões estão saborosos, mas o vinho é ainda melhor, um tinto de uma região da Espanha que Malin não conhece. E ela é obrigada a convocar toda a sua força de vontade para não começar a beber um copo atrás do outro, de tão bom que o vinho é.

— Mais faisão, Malin? — Hasse aponta para o cozido.

— Pegue mais — diz Markus. — Assim, o faisão ficará mais satisfeito.

A conversa durante a noite girou sobre todos os assuntos, desde o trabalho de Malin até os efeitos da musculação, reorganização dos serviços hospitalares, política municipal e a “entediante” reforma da sala de concertos da cidade.

Hasse e Biggan. Ambos igualmente gentis e sinceramente interessados em tudo. Por mais que Malin procurasse, não encontrou um único tom de falsidade. “Parecem, realmente, estar gostando de nos ver aqui. Não os incomodamos nem um pouco.” Malin toma mais um gole de vinho. “E sabem como fazer para eu me descontraír.”

— Ótima a ideia de viajar para Tenerife — diz Hasse. Malin olha para Tove por cima da mesa. Tove baixa os olhos.

— As passagens já estão reservadas e garantidas? — pergunta Hasse, depois. — Precisamos do número da conta bancária em que devemos depositar o dinheiro. Lembre-me disso, está bem?

— Eu... — começa Tove.

Malin tosse, pigarreia.

Biggan e Hasse olham para ela, preocupados. Malin vira-se para Tove.

— Meu pai mudou de planos — diz Malin. — Eles vão receber outra visita.

— Não a de seus próprios netos! — exclama Biggan.

— Por que você não me disse nada? — pergunta Markus, virando-se para Tove.

Malin abana a cabeça.

— Eles são um pouco diferentes, os meus pais.

Tove expira aliviada, e Malin nota que a mentira lhe devolveu a tranquilidade, mas, ao mesmo tempo, se envergonha por não ter podido aguentar e dizer simplesmente a verdade: que Markus não era bem-vindo.

“Por que estou mentindo?”, pergunta-se Malin.

“Para não fazer alguém ficar desapontado.

“Porque sinto vergonha da incompetência social de meus pais.

“Por que a verdade dói?”

— É estranho — diz Hasse. — Quem poderia preferir outra visita à de sua neta com o namorado?

— Foi um antigo amigo de negócios.

— Mas, tudo bem — atalha Biggan. — Assim vocês poderão viajar conosco para Åre, nossa estância de inverno, não é? Com todo o devido respeito por Tenerife. Mas, no inverno, deve-se andar de esqui.

Malin e Tove voltam para casa pelas ruas iluminadas do conjunto habitacional.

Um conhaque depois da comida fez a boca de Malin saborear um final feliz. Biggan também bebeu, mas Hasse conteve-se, pois ia trabalhar na manhã seguinte.

— Um pequeno martíni, um copo de vinho. Nada mais, quando, no dia seguinte, tenho de manejar o bisturi.

— Você devia ter contado a Markus, bem antes.

— Talvez, mas eu...

— E assim me obrigou a mentir. Sabe muito bem que não gosto disso. E agora Åre, eles a convidaram? Não podia ter me contado antes? Quem sou eu, afinal, sua...

— Mamãe, será que não pode ficar em silêncio?

— Por quê? Quero dizer as coisas como elas são.

— Mas está dizendo tantas besteiras...

— Por que não falou nada sobre Åre?

— Mas, mamãe, você deve compreender. Quando é que eu poderia falar disso? Quase nunca está em casa. Está sempre trabalhando.

Malin gostaria de gritar para Tove: “Não é verdade! Está errada!”.

Mas reconsidera e pensa: “A situação está assim tão ruim?”.

Continuam andando em silêncio. Passam pelo Tinnis e pelo Hotel Ekoxen.

— Mamãe, não vai dizer mais nada? — pergunta Tove, ao passarem pelo mercado de objetos usados da cidade.

— Eles foram muito gentis — diz Malin. — Nem um pouco como eu receava.

— Você passa a vida julgando as pessoas.

“Estou sangrando.

“Alguma coisa me segura, me tira do poste e me deita numa cama macia e felpuda.

“Estou viva.

“Meu coração continua batendo.

“E a coisa negra está por toda parte, põe um tecido, um tecido de lã, por cima de meu corpo. Fica quente. E a voz, as vozes, da coisa negra, diz:

“— Ele morreu cedo demais. Mas você, você será pendurada como pensei.

“Depois, a árvore por cima de mim. Estou em movimento, através da floresta. Será que estou deitada sobre um trenó? Ouço o som de esquis sobre o gelo? Estou cansada, tão cansada. E está quente.”

“É calor de verdade.

“Essa coisa negra faz parte de um sonho ou estou acordada.

“Mas quero fugir do calor.

“Ele mata.

“E não quero morrer.

“O som de um motor, novamente. Estou agora dentro de um carro.

“No som do motor, em seu trabalho persistente, existe um pressuposto. De que meu corpo ainda tem uma oportunidade — nem tudo terminou.

“Respiro.

“Ainda bem que sinto dores em todas as partes debilitadas do corpo. E sinto as hemorragias dentro dele.”

Estou flutuando aqui.

O campo está claro. Entre Maspelösa, Fornåsa e Bankeberg, no final de uma pequena estrada que não foi limpa e está com a cobertura de uma pequena camada de neve. Existe uma árvore isolada, igual àquela em que fiquei pendurada.

O carro com a mulher no porta-malas para por lá.

Gostaria de poder ajudá-la agora.

Mas fugir é uma coisa que ela tem de fazer sozinha.

“A coisa negra deve abrir a mala e me ajudar a sair. Depois, eu mesma me transformo em motor. Vou explodir. Vou fugir. Vou viver.

“A coisa negra abre o tampo da mala de bagagem, puxa meu corpo por cima do canto da mala e me atira para a neve, perto do escapamento.

“Deixa-me deitada no gelo.

“Um tronco de árvore, grosso, a uns dez metros de distância.

“A pedra está coberta pela neve, mas consigo vê-la. São minhas mãos que

estão livres, é minha mão essa coisa inchada e vermelha que eu vejo à esquerda?

“Agora, a coisa negra está a meu lado. Murmura algo sobre sangue. Sobre vítima.

“Se eu me virar para a esquerda, e, depois, agarrar a pedra e bater com ela naquilo que deve ser a cabeça da coisa negra, pode ser que dê certo. Que dê para eu fugir.

“Eu sou um motor e vou girar a chave.

“Agora, vou estourar.

“Não há ninguém por perto; pego a pedra, o murmúrio para, bato com a pedra, vou fugir, vou sair daqui, que ninguém tente me impedir, eu bato, bato mais, minha vontade vem lá bem de meu interior, é mais forte, é mais clara, uma clareza que nem a escuridão consegue esmorecer.

“Ninguém tente.

“Bato na coisa negra, e rolamos na neve e o frio não existe, a coisa negra me agarra fortemente, mas eu estouro mais uma vez e depois bato de novo. Com a pedra no crânio, a coisa negra fica abatida, fraca, deixa de me agarrar, cai na neve.

“Consigno levantar-me, ficar de joelhos. O campo está aberto para todos os lados. Levanto-me.

“No escuro. De onde vim.

“Corro, escorrego, cambaleio, em direção ao horizonte.

“Estou fugindo.”

Estou flutuando a seu lado quando você corre, cambaleando, pelo campo. Vai chegar a algum lugar. E não importa onde, eu estarei lá para encontrá-la.

Johnny Axelsson está ao volante, sente as vibrações do carro, como o frio faz o motor trabalhar irregularmente.

É de manhã bem cedo.

A névoa que se levanta do gelo eleva-se dos campos e dos sítios por cima da estrada, alternadamente, em camadas que quase não deixam ver nada.

Gastam-se quase 50 minutos para ir de Motala a Linköping. E, nesta época do ano, ainda por cima, é também perigoso, devido à insegurança da superfície do caminho, da existência do gelo que cobre a estrada, aqui e acolá, por mais que lancem areia com sal.

Não. É melhor dirigir com cuidado. Ele sempre toma o caminho via Fornåsa, gosta mais desse trajeto do que pela Borensberg.

E nunca se sabe o que poderá surgir das florestas laterais. Ele já esteve várias vezes para bater com o carro em veados e alces.

Mas, de qualquer maneira, as estradas são retas, construídas para funcionar como pistas de aterragem se a guerra chegar.

Mas quais são as possibilidades de a guerra chegar?

Ou será que já chegou?

Motala, a capital dos narcóticos na Suécia.

Poucos são aqueles que conseguem trabalhar fora dos serviços públicos.

Mas é em Motala que Johnny Axelsson cresceu e é lá que ele quer morar. E o que significam duas horas de distância entre as duas cidades? É um preço que de boa vontade ele paga para morar no lugar de que gosta, onde se sente em seu lar. Quando o anúncio de um emprego no Ikea surgiu no jornal, não hesitou. Nem depois, quando conseguiu o emprego. Nada de continuar a ser sustentado. Antes contribuir. Ganhar dinheiro através do trabalho realizado. Quantos de seus velhos amigos vivem de auxílio-desemprego?

Continuam a viver sem trabalhar, à custa de subsídios, desde que seus empregos anteriores desapareceram há mais de dez anos.

“Meu Deus, nós temos cerca de 35 anos! Como se pode pensar numa situação dessas?”

“Ir pescar.

“Ir caçar.

“Apostar. Corridas de cavalos. Trabalhar um pouco, em consertos aqui e ali, sem registro oficial.”

Johnny Axelsson passa por um conjunto habitacional, vermelho, ao lado da estrada. Dentro de um apartamento, vê um casal de idosos tomando seu café da manhã. E à luz da cozinha vê o amarelo dourado da pele deles como dois peixes de aquário, bem protegidos na planície.

“Olhe para a frente”, pensa Johnny. “É na estrada que você deve se concentrar.”

Ao chegar ao departamento, Malin vai direto para o refeitório. Há café, feito na hora, na máquina.

Senta-se numa cadeira, a uma mesa perto da janela que dá para um jardim interno.

Lá fora, nesta época, apenas neve por todos os lados. Ali, no jardim interno, sobre um pequeno espaço empedrado, canteiros de flores como se fosse primavera, verão ou outono.

Há uma revista em cima da mesa ao lado.

Ela estende a mão e apanha a revista.

Amélia.

Um número antigo.

Manchete: SEJA ATRAENTE COM O QUE VOCÊ É!

Manchete na página seguinte: AMÉLIA EMAGRECE 20 QUILOS!

Malin fecha a revista e levanta-se. Vai direto para sua mesa.

Há uma pequena anotação em um Post-it amarelo, como uma chamada especial entre a papelada geral.

Vem de Ebba na recepção:

Malin,

Telefone para este número. Ela diz que é importante: 013-173928.

Nada mais.

Malin pega o papelzinho e vai até a recepção. Ebba não está. Só Sofia, por trás do balcão.

— Você viu a Ebba?

— Ela está na cozinha. Foi buscar café.

Malin encontra Ebba no refeitório. Está sentada a uma mesa e folheia uma revista. Malin mostra-lhe o recado.

— O que é isto aqui?

— Foi uma senhora que telefonou.

— Até aí já entendi.

Ebba torce o nariz.

— É, ela não quis dizer qual era o assunto, mas era importante, pelo que pude entender.

— Quando ela telefonou?

— Pouco antes de você chegar.

— Nada mais?

— Sim — diz Ebba. — Ela está com medo, hesitante, sua voz é quase um murmúrio.

Malin procura pelo número na lista telefônica.

Nada.

Não está na lista, e ninguém vai conseguir saber nada, a não ser depois de perder um tempo enorme trabalhando com papelada.

Resolve telefonar.

Ninguém atende, nem mesmo uma secretária eletrônica.

Mas, apenas um minuto mais tarde, uma chamada.

Malin levanta o telefone. Atende:

— Aqui é Malin Fors.

— Aqui é Daniel. Tem alguma novidade para mim em relação ao caso Andersson?

Ela fica zangada. Depois torna-se estranhamente calma, como se quisesse ter escutado a voz dele. Em seguida, repele essa sensação.

— Não.

— Sobre a denúncia de interferência indevida, algum comentário?

— Você ficou besta, Daniel?

— Estive fora alguns dias. Não vai perguntar onde?

— Não. — Quer perguntar, não quer perguntar.

— Estive em Estocolmo. No jornal *Expressen*. Eles querem que eu vá para lá.

Mas recusei o convite.

— Por quê? — A pergunta voa da boca de Malin.

— Quer dizer que você ainda se preocupa comigo, apesar de tudo? Nunca se deve fazer o que é esperado, Malin, nunca.

— Adeus, Daniel.

Ela desliga. E de novo o telefone toca. Daniel? Não, número desconhecido no mostrador, silêncio do outro lado da linha.

— Aqui é Fors. Com quem falo?

Respiração profunda, hesitação. Talvez receio. Finalmente, uma voz feminina, uma voz baixa, preocupada, como se estivesse para dizer palavras proibidas.

— Sim — diz a mulher. Malin espera. — Meu nome é Viveka Crafoord.

— Viveka, eu...

— Trabalho como psicanalista aqui em Linköping. Trata-se de um de meus pacientes.

Instintivamente, Malin quer pedir à mulher para se calar, não dizer mais nada. Nem ela pode aceitar informações sobre um paciente, nem a mulher que

diz chamar-se Viveka Crafoord pode contar seja o que for sobre qualquer um de seus pacientes.

— Eu li — diz a mulher — a respeito do caso em que você está trabalhando, o assassinato de Bengt Andersson.

— Você mencionou...

— Acho que um de meus pacientes... hã... você, aliás, vocês precisam saber de uma coisa.

— Qual paciente?

— Você compreende que não posso dizer.

— Mas talvez possamos falar sobre o assunto, não?

— Acho que não. Mas venha a meu consultório ainda hoje, por volta das onze horas, está bem? É na Drottningatan, 3, em frente ao McDonald's. O código do portão é 9490.

Viveka Crafoord desliga.

Malin olha para o relógio no monitor do computador.

São sete horas e quarenta e quatro minutos. Daqui a três horas e um quarto.

O martíni, o vinho e o conhaque. Ela sente-se inchada.

Levanta-se e dirige-se para a porta que dá para o ginásio.

“Há quanto tempo estou andando por aqui?”

“Já está clareando, mas ainda não é dia. Estou andando pelo campo, mas não faço nenhuma ideia de onde me encontro.

“Sou uma ferida aberta, mas o frio faz com que não sinta meu corpo. Dou um passo, depois outro, assim não vou chegar muito longe. Estou sendo seguida? A coisa negra já acordou? Já está por perto?”

“É uma cor que se aproxima? A coisa negra em seu carro? É um motor?”

“Desligue os faróis!”

“Eles me cegam. Cuidado com meus olhos.

“Talvez sejam a única coisa inteira que resta de mim.”

“Os olhos na estrada”, pensa Johnny Axelsson.

“Os olhos. Use-os bem e vai chegar em segurança.

“Já passei das florestas.

“É bom rodar em campo aberto, mas o frio e o vento tornam a visão pior do que o habitual. Como se a terra respirasse e o ar ficasse suspenso em contato com a atmosfera glacial.

“Os olhos.

“Um veado?”

“Não.

“Mas...

“Mas que é aquilo que vem aí?”

Johnny Axelsson muda a marcha do motor, diminui a velocidade, faz sinal com os faróis para afugentar o animal.

“Mas, que droga, não é um veado, é...”

“O que é?”

O carro quase parece querer ficar preso na pista.

“É o quê?”

“Um ser humano? Uma pessoa nua? E como ela está, meu Deus!”

“E o que está fazendo aqui?”

“Em campo aberto? Dessa maneira? Numa manhã como esta...”

Johnny Axelsson passa por ela. Para. E vê pelo retrovisor que a mulher continua andando, como se não tivesse notado sequer a passagem do carro. Continua em frente.

“Espere”, pensa ele.

“Estou com pressa, tenho de chegar ao depósito do Ikea, mas ela não pode continuar dessa maneira. Está tudo errado.”

Abre a porta do carro, seu corpo sente o frio que faz. Hesita. Mas depois corre atrás da mulher.

Põe a mão no ombro dela. Ela para, vira-se. Suas faces estão queimadas ou é efeito do frio? A pele no ventre, o que aconteceu? Como é que ela pode andar com os pés nesse estado? Estão negros, tão negros quanto as amoras negras no jardim de sua casa.

Ela olha para Johnny Axelsson, mas não vê.

Depois, olha nos olhos dele.

Sorri.

Há luz nos olhos dela.

E ela cai nos braços dele.

Uma barra de pesos de 12 quilos insiste em cair no chão do ginásio, por mais que Malin queira levantá-la.

“Droga, como está pesada! Devia levantá-la pelo menos dez vezes.”

Johan Jakobsson está a seu lado, desceu para o ginásio logo depois dela. E agora a incita, como se os dois tivessem de jogar para longe, juntos, as más notícias.

Johan conseguiu abrir, finalmente, o último arquivo de Rickard Skoglöf, na noite anterior, em casa, depois de pôr as crianças para dormir. A única coisa que havia no arquivo era um conjunto de imagens do próprio Rickard e de Valkyria Karlsson em várias posições sexuais, em cima de uma grande pele de animal, com suas próprias peles pintadas com tatuagens diversas que aparentavam provir de algum ambiente tribal.

— Mais uma vez, Malin.

Ela levanta a barra, força para cima.

— Mais uma vez, vai, vai!

Mas não dá mais.

Deixa cair a barra no chão.

Um som surdo.

— Vou correr um pouco — diz ela para Johan.

Sua testa está cheia de suor. É o álcool do jantar anterior saindo por todos os poros, passo a passo, na esteira.

Malin vê-se no espelho enquanto corre, com o suor escorrendo pela testa, pelas faces. Como está pálida, apesar do esforço. O rosto. O rosto de uma mulher de 33 anos. Com os lábios que parecem mais espessos do que habitualmente, em consequência do esforço.

Nos últimos anos, parece que seu rosto se encontrou, adquiriu um aspecto definitivo, como se a pele tivesse encontrado o lugar certo em suas faces. Aquela expressão de adolescente que tinha antes desapareceu para sempre, sem deixar pistas, depois das últimas semanas de trabalho intenso. Ela olha para o relógio na parede.

Nove horas e vinte e quatro minutos.

Johan já sumiu.

Está na hora de ela tomar seu banho, também, e ir depois ao encontro com Viveka Crafoord.

O telefone interno toca.

Malin corre, pega o aparelho.

Zeke na linha. Excitado:

— Acabam de telefonar da emergência do hospital. Um tal de Johnny Axelsson entrou com uma mulher que encontrou nua e maltratada, lá fora na planície.

— Vou já para aí.

— Ela está muito mal, mas, segundo o médico com quem falei, chegou a murmurar seu nome, Malin.

— O que você está dizendo?

— A mulher murmurou seu nome, Malin.

Viveka Crafoord vai ter de esperar.

Todos vão ter de esperar.

Menos os três: Bengt Andersson, Maria Murvall e essa outra mulher, encontrada quase exatamente na mesma situação.

As vítimas saem de florestas densas e escuras e surgem em campo aberto, coberto de neve. Onde está a origem da violência?

Zeke conduz o carro 40, 70 quilômetros acima do limite. O estéreo está em silêncio. Ouve-se apenas o som do motor que trabalha aceleradamente. Têm de passar por um desvio: estão consertando uma tubulação que explodiu porque o frio intenso congelou a água dentro dela.

Passam pela Djurgårdsgatan, pela árvore em frente a uma associação ambiental, a Trädgårdsföreningen, de ramos negros espetados, sem folhas, mas bem visíveis. Passam ainda pela Lasarettgatan e pelo conjunto habitacional de telhados rosa, construído na década de 1980.

Pós-modernismo.

Malin leu o artigo sobre arquitetura no *Correspondenten*, aliás, parte de uma série publicada sobre o assunto na cidade. Para ela, a palavra pós-modernismo parecia ridícula, mas compreendia a intenção do autor.

Viram depois na direção do hospital, cuja fachada em painéis amarelos empalideceram com o sol, mas o dinheiro do governo municipal era necessário para outros projetos e não para trocar esses painéis.

Passam, então, por um refúgio, um atalho proibido, evitando uma rotunda e um longo caminho. Não há tempo a perder.

E logo chegam à entrada de emergência, contornam outra rotunda e estacionam. Correm para a emergência.

São recebidos por uma enfermeira, uma mulher baixa, de olhos bem juntos que acentuam seu nariz espetado.

— O doutor quer falar com vocês — diz ela, enquanto os conduz ao longo de um corredor, passando por várias salas vazias.

— Doutor, quem? — pergunta Zeke.

— Doutor Stenvinkel, que é cirurgião e vai operá-la.

“Hasse”, pensa Malin. Inicialmente, sente relutância em se encontrar com o pai de Markus quando em serviço, mas depois acha que não faz diferença nenhuma.

— Eu o conheço — sussurra Malin para Zeke, enquanto os dois seguem os passos da enfermeira.

— Quem?

— O médico. É melhor estar preparado. Ele é o pai do namorado de Tove.

— Tudo vai dar certo, Malin.

A enfermeira para diante de uma porta fechada.

— Podem entrar. Nem precisam bater.

Hans Stenwinkel é outra pessoa, diferente da noite anterior. Não existe mais aquele homem simpático, anfitrião exemplar. Existe, sim, um profissional sério, justo, concentrado, na frente deles. Todo o seu corpo de bata verde exala competência, e seu cumprimento para ela é pessoal, mas formal. Subentendido: “Nós nos conhecemos, mas temos um trabalho importante pela frente”.

Zeke afunda na cadeira onde está sentado, claramente impressionado com a autoridade que reina na sala. Como a pessoa de bata verde presta uma espécie de dignidade extraordinária às paredes brancas, às prateleiras de carvalho e à superfície de madeira da já desgastada e antiga escrivaninha.

“Era assim antigamente”, pensa Malin, “quando as pessoas tinham todo o respeito pelo senhor doutor, antes de a internet tornar possível a todos ser especialistas em seus próprios males.”

— Vocês vão poder falar com ela — diz Hans. — Ela está consciente, mas precisará ser sedada o mais cedo possível, a fim de que possamos analisar seus ferimentos. Vamos ter de fazer transplantes de pele. Isso é uma coisa que podemos efetuar aqui. Somos os melhores do país no tratamento de queimaduras de pele.

— Queimaduras ocasionadas pelo frio? — pergunta Zeke.

— Isso também, mas, sob o ponto de vista medicinal, são também queimaduras por fogo. Portanto, ela não poderia estar em melhores mãos, ousou afirmar.

— Quem é ela?

— Ainda não sabemos. Diz apenas que quer se encontrar com você, Malin.

Portanto, você a conhece.

Malin concorda.

— Então, é melhor que isso aconteça já, que se encontre comigo. Se puder. Temos de saber quem ela é.

— Eu acho que ela aguenta uma conversa, mas que seja curta.

— Está assim tão mal?

— Está, sim — diz Hans. — É impossível que ela tenha feito a si mesma todos os ferimentos. Perdeu muito sangue, mas, neste momento, já está recebendo transfusões. O choque que sofreu foi resolvido com uma dose de adrenalina. Mas tem ferimentos causados por fogo e por frio, como já disse. Tem perfurações e cortes por ponta de faca, recebeu pancadas, e sua vagina também sofreu cortes. É um milagre não ter perdido os sentidos. E que alguém a tenha encontrado a tempo. Mas a gente se pergunta que tipo de monstro está percorrendo livremente esta região.

— Por quanto tempo acha que ela andou por aí?

— Certamente, durante a noite toda. Os ferimentos causados pelo frio são muito graves. Mas devemos salvar quase todos os dedos dos pés e das mãos.

— Esses ferimentos já estão documentados?

— Sim. Exatamente como vocês vão precisar.

Dá para sentir pela voz que Hans já passou por tudo isso antes. Com Maria Murvall?

— Muito bem — diz Zeke.

— E o homem que a trouxe?

— Ele deixou seu número. Trabalha no Ikea. Tentamos retê-lo aqui, mas disse que “o espírito de Ingvar não fica satisfeito quando chegamos tarde demais”. Não pudemos retardá-lo.

Em seguida, Hans encara os olhos dela.

— Malin, aviso-a de uma coisa. Ela parece ter passado pelo purgatório. Mete medo. É preciso ter uma incrível força de vontade para sobreviver a tudo pelo que passou.

— As pessoas, em regra, demonstram ter uma vontade danada quando se trata de sobreviver — diz Zeke.

— Nem todas, nem todas — responde Hans, com voz grave, lamentosa.

Malin acena de maneira que confirme que sabe o que ele quer dizer.

“Mas será que eu sei?”, pensa ela, depois.

“Quem é ela?”, pensa Malin, ao abrir a porta que dá para a enfermaria de emergências. Zeke fica de fora.

Na sala, uma única cama. A luminosidade do dia penetra apenas através de uma persiana e se divide em faixas finas, marcadas no chão castanho-escuro. Um monitor de controle hospitalar está emitindo pequenos sinais ritmados, e duas pequenas luzes vermelhas brilham no mostrador como se fossem olhos de gato no ambiente escurecido. De uma armação de ferro pendem duas bolsas, uma com sangue e outra com soro, que gotejam os líquidos através de cateteres, para o corpo de uma figura deitada na cama, sob um fino cobertor amarelo e com a cabeça apoiada num travesseiro.

“Quem é ela?”

As faces que Malin vê estão cobertas com ataduras.

“Mas quem é ela?”

Malin aproxima-se, cautelosamente, e a figura na cama tem um estremecimento, inclina a cabeça na direção dela, e não é que, de repente, parece que surge um sorriso entre as ataduras?

As mãos estão envoltas em gaze.

Os olhos.

“Eu conheço esse olhar.

“Mas de quem é?”

O sorriso desaparece, mas o nariz, os olhos e o cabelo ressurgem na memória.

Rebecka Stenlundh.

A irmã de Bengt Andersson.

Rebecka levanta a mão enfaixada na direção de Malin, chama-a para mais perto da cama.

Em seguida, mais um esforço; todas as palavras têm de sair de uma vez, a frase inteira tem de ser dita, como se fosse a última.

— Por favor, você tem de tomar conta de meu filho se eu não sobreviver. Por favor, arranje um bom lugar para meu menino ficar.

— Você vai sobreviver.

— Estou tentando, acredite em mim.

— O que aconteceu? Consegue me contar o que aconteceu?

— O carro.

— Carro?

— Fui apanhada por um carro.

Rebecka Stenlundh vira a cabeça, encosta uma das faces com ataduras no travesseiro.

— Depois, um buraco. Na floresta. E um poste.

— Um buraco? Que espécie de buraco?

— No escuro.

— No escuro... Em que lugar?

Rebecka fecha os olhos em sinal negativo:

— Não faço a menor ideia.

— E depois?

— Trenó e carro, de novo.

— Quem?

Rebecka Stenlundh abana a cabeça lentamente.

— Você não viu?

Ela abana a cabeça novamente.

— Eu ia ser pendurada como Bengt.

— Eram vários?

Rebecka abana a cabeça de novo.

— Não sei, não vi, não tenho certeza.

— E aquele homem que a trouxe?

— Ele me ajudou.

— Quer dizer que você não viu...

— Eu ataquei a coisa negra, bati na coisa negra, eu...

Rebecka descansa, fecha os olhos, sussurra:

— Mãe, mãe, podemos correr entre as macieiras?

Malin quase encosta o ouvido em sua boca.

— O que você disse?

— Pare, mamãe, pare, você não está doente...

— Você pode me escutar?

— Meu filho, tome...

Rebecka fica em silêncio, mas respira, arquejando. Adormeceu ou desmaiou. Malin pensa que deve estar sonhando. E espera que sonhe ainda por muitas noites. Vai sonhar, sim.

O monitor ao lado continua marcando os sinais de vida.

Os olhos dela.

Malin levanta-se.

Ainda aguarda um pouco perto da cama, antes de sair do quarto.

Zeke está a caminho do Ikea. Malin sobe a escada do prédio na Drottninggatan, número 3. Milhões de anos estão impregnados nas pedras que formam os degraus. Viveka Crafoord tem seu consultório no terceiro andar. O prédio tem quatro andares.

Sem elevador.

CRAFOORD PSICOTERAPIA. Uma placa de latão, com letras floridas, colocada no centro da porta acastanhada. Malin mete a mão na maçaneta. A porta está fechada.

Toca a campainha.

Uma vez. Depois, uma segunda vez. E a terceira.

Então, abre-se a porta, e aparece uma mulher de uns 40 anos, com cabelos negros encrespados e um rosto redondo e, ao mesmo tempo, quadrado. Seus olhos castanhos brilham de inteligência, apesar de escondidos pela metade, atrás de óculos de armação óssea.

— Viveka Crafoord?

— Você está um pouco atrasada.

Ela abre mais um pouco a porta, e Malin pode ver, então, sua roupa. Um colete de couro por cima de uma blusa azul, larga, que cai, por sua vez, sobre uma saia até os tornozelos, de xadrez esverdeado, em pelúcia.

— Posso entrar?

— Não.

— Você disse...

— Estou com um paciente, agora. Desça para o McDonald's, e eu telefono daqui a meia hora.

— Não posso esperar aqui?

— Não quero que ninguém a veja aqui.

— Você tem...

A porta do consultório fecha-se de novo.

— ...o número de meu celular?

Malin deixa a frase flutuando no ar, pensa que está na hora de almoçar e que tem agora a desculpa perfeita para provar a comida rápida dos norte-americanos.

Na realidade, não gosta do McDonald's. Tem sido até muito dura em não levar Tove para comer nesses restaurantes.

Minicenouras e suco.

Temos de assumir a responsabilidade pela gordura de nossos filhos.

“Mas acabar com a venda de batatas fritas. Refrigerantes. Uma responsabilidade assumida pela metade, de que vale?”

Açúcar e gordura.

Embora contra a vontade, Malin abre a porta.

Atrás dela, chega um ônibus na praça, a Trädgårdstorget.

Após um Big Mac e um cheeseburger, ela se sente quase pronta para vomitar. As cores vivas do restaurante e o cheiro forte de frituras fazem com que se sintam ainda pior.

“Telefone agora.”

Vinte minutos. Trinta. Quarenta.

O telefone toca.

Atende rápido.

— Malin?

“Papai? Agora não, agora não.”

— Papai, estou ocupada.

— Voltamos a pensar no caso.

— Papai...

— Tove é bem-vinda com seu namorado, é claro.

— Como? Eu disse que...

— ...portanto, pode ver se eles ainda querem...

Entra outra chamada.

Malin desliga a chamada de Tenerife, aceita a outra.

— Sim?

— Você pode subir agora.

O consultório de Viveka Crafoord está decorado como uma biblioteca de alto nível do século passado. Livros, Freud, aos metros, com capas de couro. O retrato de Jung, em preto e branco, numa moldura dourada, uma escrivaninha de mogno e uma poltrona forrada com um padrão Paisley, diante de um divã revestido de couro, cor de sangue de boi.

Malin senta-se no divã, recusa o convite para se deitar, acha que Tove adoraria ter uma sala como essa, um ambiente atualizado à la Jane Austen.

Viveka senta-se na poltrona, cruzando as pernas.

— Aquilo que vou contar tem de ficar entre nós — diz ela. — Você não poderá nunca denunciar a origem da informação a ninguém, mesmo em confiança. Nosso encontro nunca poderá ser mencionado em nenhum relatório policial nem em qualquer outro documento. Nosso encontro nunca aconteceu. Certo?

Malin concorda com um aceno de cabeça.

— Colocaremos a honra de nossa profissão em jogo se alguma coisa transpirar daqui. Ou até se for mencionado meu nome...

— Se eu agir em função do que você me contar, direi que tudo foi obra de minha intuição.

Viveka Crafoord sorri, embora contra a vontade.

Depois, fica de novo séria e começa a contar.

— Há oito anos, fui contatada por um homem, na época com 37 anos, que queria encontrar uma forma de conviver com sua infância. Nada de inusitado nisso, mas o inusitado nesse caso foi o fato de ele não conseguir fazer nenhum progresso durante os primeiros cinco anos de tratamento. Chegava uma vez por semana, tinha uma boa situação, um bom emprego. Queria falar, dizia ele, sobre o que aconteceu quando era criança, mas, em vez disso, tive de escutar histórias sobre os mais diversos assuntos. Sobre programas de computação, andar de esqui, plantar macieiras, as várias orientações da fé. Sobre tudo, menos aquilo a que ele se propusera falar de início.

— Como ele se chama?

— Eu vou chegar lá. Se for necessário.

— Acho que sim.

— Então, aconteceu alguma coisa, há quatro anos. Ele se recusou a dizer o que era, mas acho que uma parente dele foi vítima de violência. Foi estuprada. E, por algum motivo, foi como se esse acontecimento o levasse a desistir.

— Desistir?

— Sim. E começar a contar. Primeiro, não quis acreditar, mas depois... Pode ter acontecido algo mais, também.

— Depois?

— Quando ele persistiu.

Viveka Crafoord abana a cabeça.

— Às vezes — diz ela —, a gente se pergunta por que certas pessoas resolvem ter filhos.

— Eu também me pergunto o mesmo.

— O pai dele era um marinheiro que morreu quando ele ainda estava no ventre da mãe.

“Não é verdade”, pensa Malin.

“O pai dele era outro...”

Mas Malin deixa que Viveka Crafoord continue:

— Sua primeira recordação a que pudemos chegar juntos foi a de sua mãe fechá-lo dentro de um guarda-roupa, numa época em que devia ter apenas dois anos. Ela não queria ser vista fora de casa com a criança. Mais tarde, casou-se de novo com um homem violento, com quem teve filhos. Três irmãos e uma irmã. O novo marido e os três filhos assumiram como finalidade na vida a de fazê-lo sofrer. No inverno, amarravam-no fora de casa, nu, no meio da neve, de maneira que era obrigado a aguentar o frio, enquanto eles ficavam juntos na cozinha comendo. Se protestasse, apanhava mais do que de hábito. Batiam nele, arranhavam-no com a ponta de facas, lançavam água fervente sobre ele e atiravam-lhe pedras. Os irmãos, ao que parece, passaram dos limites, reagindo ao estímulo do pai. As crianças podem ser extraordinariamente cruéis, caso a

crueldade seja estimulada. Não sabem que estão erradas. Uma violência seletiva. No fim, quase semelhante à de uma seita. Ele era o irmão mais velho, mas do que servia? Adultos e crianças contra uma só criança. Os irmãos também devem ter ficado perturbados com a situação. Ficaram confusos, duros, inseguros, mas, ao mesmo tempo, decididos, irmanados naquilo que nós todos consideramos, bem no fundo, estar errado.

“Você acredita em bondade”, pensa Malin. E pergunta:

— Como ele conseguiu sobreviver?

— No mundo da fantasia, em seu próprio universo. Em algum buraco numa floresta, ele nunca disse onde. Programas de computação. Orientações da fé. Tudo aquilo de que nós, seres humanos, lançamos mão para controlar a existência. Educação. Até se afastar deles. Ele conseguiu isso. Deve ter tido uma grande força interior. E também uma irmã que parece ter se preocupado com ele. Embora ela mesma não pudesse fazer nada. Ele falou dela, mas mais em conexão com aquilo que lhe aconteceu na floresta. Era como se vivesse em mundos paralelos, tendo aprendido a diferenciá-los. Mas, depois, a cada consulta a que vinha, quando nos víamos, os sofrimentos na infância adquiriam maior proeminência. Ele ficava zangado com muita facilidade.

— Violento?

— Nunca em relação a mim. Mas talvez em relação a outros. Eles o queimavam com velas. Descreveu uma casa de campo, uma stuga, na floresta, em que o suspenderam de uma árvore próxima e, depois, o queimaram, jogando-lhe água quente.

— Como puderam fazer uma coisa dessas?

— As pessoas podem fazer tudo contra qualquer outra, a partir do momento em que deixam de considerá-la uma pessoa. A história está cheia de exemplos disso. Nada de extraordinário.

— E como começou tudo?

— Não sei — diz Viveka Crafoord, suspirando. — Nesse caso, com a mãe. Ou ainda mais longe. Sua recusa, acho eu, em amá-lo, combinada com a necessidade de tê-lo. Por que razão não o ofereceu para adoção, não sei. Talvez precisasse ter alguém a quem odiar? Contra quem canalizar sua raiva? O ódio dela foi, de certa forma, a origem do desprezo do marido e dos filhos.

— Por que motivo ela não queria amá-lo?

— Não sei. Alguma coisa aconteceu.

Viveka faz uma pausa.

— No último ano, ele ficava deitado aí nesse divã onde você está sentada. E chorava e ficava zangado, alternadamente. E murmurava muitas vezes: “Deixem-me entrar, deixem-me entrar, estou com frio”.

— E você?

— Eu tentava consolá-lo.

— E agora?

— Ele deixou de vir aqui há cerca de um ano. Na última vez, saiu correndo porta afora. Perdeu o bom humor mais uma vez. Gritou que nenhuma palavra podia ajudá-lo, que apenas a ação podia colocar tudo em seus devidos lugares. “Agora já sei, já sei”, gritava, e dizia que agora sabia o que tinha de ser feito.

— E não o contactou mais?

Viveka Crafoord pareceu espantada.

— Todo o meu tratamento é voluntário — diz ela. — Os pacientes podem vir ter comigo. Mas achei que você poderia estar interessada em saber disso.

— E o que você acha que aconteceu?

— A água no copo transbordou. Todos os mundos dele se fundiram. Tudo pode acontecer.

— Obrigada — diz Malin.

— Quer saber o nome dele?

— Não preciso.

— Exatamente como eu pensava — diz Viveka Crafoord, virando-se para a janela.

Malin levanta-se, pronta para ir embora.

— E você, como se sente?

— Como assim?

— Está escrito em todo o seu corpo. É raro vermos isso com tanta nitidez. É como se você vivesse suportando uma angústia não resolvida ou, talvez, uma falta não admitida.

— Sinceramente, não sei do que você está falando.

— Eu estarei aqui, se quiser vir algum dia. Para falar.

Lá fora voltou a nevar, os flocos flutuam no espaço e caem no chão.

“Parecem poeira”, pensa Malin, “poeira de estrelas que há bilhões de anos se pulverizaram em algum lugar, muito longe, no espaço.”

O danadinho.

Vou pôr-lhe fraldas de pano.

Já almofadei as paredes internas do guarda-roupa, talvez atire para ela uma maçã, um pedaço de pão, já não chora. Desde pequenino, damos-lhe umas palmadas, tantas vezes quantas forem necessárias, até aprender que chorar só de dor não serve para mais nada.

Portanto, vou fechá-lo lá dentro.

Ele ainda choraminga um pouco, baixinho, levanta seu corpo de dois anos e meio, dentro do guarda-roupa.

A psicose da premonição.

Sim, eu agradeço.

A pensão que recebo por ele.

Oh, sim, agradeço.

O pai morreu afogado. Mil seiscentas e oitenta e cinco coroas suecas por mês. As autoridades acreditaram na história, visto que era lamentável. Já órfão. Mas eu não queria oferecê-lo para adoção, perderia o dinheiro da pensão.

Minhas mentiras não são mentiras. São só minhas. Fazem parte de meu mundo. E o intruso lá dentro do guarda-roupa também faz parte desse mundo.

Oh, sim, vou fechá-lo lá dentro.

E vou sair.

Despediram-me da fábrica quando viram meu ventre crescer. Disseram que não podiam ter mulheres grávidas na linha de produção dos biscoitos achocolatados.

E agora eu o fecho no guarda-roupa, e ele choraminga. E penso em abrir e dizer que ele não existe. Por isso, fica ali. E, se quiser, pode meter a maçã pela goela abaixo, deixar de respirar. Talvez assim fique livre. Filho de um ato sexual malsucedido! Mas é melhor não.

Mil seiscentas e oitenta e cinco coroas suecas por mês. Ou “riksdaler”, como se dizia antigamente.

Vou passear pela comunidade, vou à mercearia, ando de cabeça erguida, mas sei que elas sussurram: “Onde ela mantém o menino, onde está o menino?”, pois sabem que você existe. E penso em parar, cumprimentar as damas e dizer-lhes que o menino está dentro de um guarda-roupa, escuro, úmido e almofadado. Tem até um buraco para ventilação, que eu fiz, exatamente igual àquele que

fizeram na caixa onde esconderam o filho sequestrado de Lindbergh. As damas devem ter visto isso na reportagem da revista *Veckojournalen*.

Entro e ando pela casa em silêncio, mas ele, de alguma forma, consegue ouvir, e, então, a palavra surge em sua cabeça.

“Mamãe, mamãe.

“Mamãe.

“Mamãe.”

E isso me perturba, me chateia, tanto quanto as cobras que rastejam no chão da floresta.

Às vezes, vejo Karl, mais conhecido como Kalle. Batizei a criança com o nome dele, Karl.

Ele olha para mim.

Parece estrábico em cima da bicicleta. Cedeu à bebida. E a mulher, a amiga, deu à luz um filho para ele. O que ele vai fazer com um filho? Acha que seu sangue vai se recuperar? Já vi o rapaz. Inchado, gordo como um balão.

O segredo é minha vingança, meu beijo de cobra.

Não imagine que você pode me pegar, Kalle. Pegou-me uma vez. Ninguém mais pega a RakeL.

Ninguém, ninguém, ninguém.

E, então, abro o guarda-roupa.

E ele sorri.

O filho de um ato sexual malsucedido.

E bato na boca dele, para terminar com aquele sorriso em seus lábios.

Continuo meu voo em meio ao frio, o dia tão branco quanto os prados lá embaixo. A torre do Mosteiro Vreta é um espeto afiado em meu caminho em direção a Blåsvädret e à floresta de Hultsjön.

As vozes, ouvem-se por toda parte. Todas as palavras foram pronunciadas ao longo dos anos, enroladas umas nas outras, formando uma rede alarmante e, ao mesmo tempo, bonita.

Aprendi a separar as vozes que quero ouvir e entendo todas elas, até mesmo muito além do aparente significado das palavras.

Então quem eu ouço?

Ouçõ a voz dos irmãos Elias, Jakob e Adam. Como esperneiam, mas, mesmo assim, querem contar. Começo por você, Elias, quero escutar o que tem a dizer:

Você nunca deve se mostrar fraco.

Nunca, jamais.

Como ele fez, o bastardo. Era mais velho do que eu, Jakob e Adam. E, apesar disso, como ele se lamuriava na neve, como uma mulherzinha qualquer, como um frangote. Se você se mostrar fraco, eles caem-lhe em cima.

Eles quem?

Os diabos. Todos os que estão aí fora.

Às vezes, mas isso jamais direi a minha mãe ou meus irmãos, eu me perguntei o que, na realidade, ele tinha feito de mau. Por que a mãe o odiava tanto. Por que nós lhe batíamos. Olho para minhas crianças e me pergunto o que eles podem fazer de mau. O que Karl, na realidade, podia ter feito de mau? E o que a mãe conseguiu que nós fizéssemos? Talvez a gente consiga levar as crianças a cometer as maiores crueldades.

Mas não, não se deve pensar assim.

Sei que não sou um fraco. Tenho 9 anos e estou na entrada do novo edifício branco da escola de Ljungsbro. Estamos no início de setembro, e o sol brilha. O professor de artesanato, Broman, está do lado de fora, fumando. O sinal já tocou lá dentro, e todas as crianças correm para a entrada, eu primeiro, mas, quando vou abrir o portão, Broman estende um braço e levanta o outro no ar. E grita em alto e bom som:

— STOP, AQUI NÃO ENTRA NENHUM MALTRAPILHO!

E berra alto, muito alto, e suas palavras fazem com que uma grande quantidade de crianças pare, com seus pequenos músculos congelados. E ele ri, escarnece, e todos acreditam que são maltrapilhos. Depois, volta a gritar:

— CHEIRA A LIXO AQUI. ELIAS MURVALL, CHEIRA A MERDA.

Então, começam os sussurros que se transformam em risos. E a voz rouca de fumante de Broman ainda grita:

— MALTRAPILHO! — e afasta-me para o lado, segura-me com força contra

o vidro de um lado do portão, com seu braço peludo, enquanto abre o outro lado para que o resto dos meninos entre. E os outros riem e passam e sussurram: “Maltrapilho, um merda, cheira a merda aqui”. Eu não aguento, sinto que vou explodir, abro a boca e mordo, enfio os dentes, profundamente, no braço peludo de Broman, sinto que a carne do braço dele se afasta para o lado e ele grita, mas de dor, e eu sinto o gosto de ferro na boca: “Grita agora, seu danado, quem é que grita agora?”.

Larguei minha presa.

Queriam que minha mãe fosse à escola para falar sobre o que aconteceu.

— Que porcaria, meu filho! — E abraçou-me na cozinha. — Essa porcaria, a gente não aguenta, Elias.

Eu continuo flutuando e ouvindo. Agora estou bem aqui em cima, onde a atmosfera é rarefeita para os seres humanos e o frio rapidamente destrutivo, mas sua voz, Jakob, eu posso ouvir, tão pura e clara, tão transparente como uma janela sem vidro:

— Bata nesse safado, Jakob — gritou o papai. — Bata nele.

Ele não é um dos nossos, por mais que esteja convencido disso.

Ele era magro e esquelético, e, apesar de ter o dobro de meu tamanho, eu dava pontapés até na barriga dele, enquanto Adam o segurava. Adam, quatro anos mais novo, era mais forte, um selvagem.

O papai em sua cadeira de rodas, bem na porta da casa.

Como aconteceu?

Não sei.

Uma noite, encontraram papai perto do parque. As costas feridas, e o queixo também. A mãe sempre disse que ele devia ter enfrentado um homem de verdade lá no parque, e agora estava chegando ao fim. E aprontou para o marido, Svarten, mais um grogue, deixou que ele se embebedasse, estava na hora. E como bebeu. Nós andamos com ele, dentro de casa, de um lado para o outro. Entrou em delírio, caiu e tentou se levantar.

Fui eu que o encontrei, quando caiu pela escada. Tinha, então, 13 anos. Cheguei do jardim, onde colhi maçãs verdes para vender para os carros que passavam na estrada.

Os olhos.

Eles se fixavam em mim, brancos e sem vida. A pele estava pálida, e não vermelha como era habitual.

Fiquei com medo. Queria gritar.

Mas, em vez disso, fechei os olhos dele.

A mãe desceu a escada, tinha acabado de tomar banho.

Ela debruçou-se sobre o corpo, dirigiu-se para mim, abraçou-me, seu cabelo ainda estava molhado, mas quente, e cheirava a flores e folhas secas. Ela

sussurrou em meu ouvido:

— Jakob. Meu Jakob.

Depois, sussurrou ainda:

— Se tiver de fazer alguma coisa, não hesite. Entende? Faça o que tem de fazer, viu? — E me abraçou ainda com mais força. Mais tarde, lembro-me dos sinos da igreja e das pessoas vestidas de preto, no largo da igreja do Mosteiro Vreta.

Esse largo de pedras.

Rodeado de muros que remetem a recordações do século XII.

Acabei de aterrar por lá e de ver o que você deve ter visto, Jakob. O que essa imagem representou para você? Mas será que tudo já não tinha acontecido, muito, muito antes? E acho que você faz o que deve ser feito, exatamente como faço agora.

Mas não é sua voz a mais forte aqui. É a de Adam. É aquilo que ele diz parece, ao mesmo tempo, ser muito razoável e uma loucura completa. São palavras tão desesperantes e claras quanto o frio do inverno:

— Temos aquilo que é nosso, e isso ninguém nos vai tirar, Adam.

A voz da mãe, uma única interpretação.

Tinha apenas dois anos quando, pela primeira vez, vi que meu pai lhe bateu, que havia alguém que estava lá sempre, mas que servia apenas para levar pancada.

A violência é instintiva, de uma clareza que não se encontra em mais nada. O alvo é o crânio, faz o crânio em pedaços, com pancadas secas.

É assim mesmo.

Com pancadas secas.

A mãe.

Ela gosta também de determinação.

— Hesitar — diz ela — não é coisa para nós.

O mais novo também era diferente.

Mas ele não sabia.

O turco. Chegou e entrou para a quinta classe. Veio de Estocolmo. Os tios dele tinham conseguido emprego na ilha dos chocolates. Julgava que podia fazer de mim um capacho. Eu ainda era pequeno, considerado um zé-ninguém, com todas aquelas manchas de sujeira nas roupas. Era aquele com quem se podia fazer qualquer coisa, só para crescer no conceito local.

Por isso, ele me bateu.

Ou tentou bater.

Usou alguma maldita técnica de judô, conseguindo me levar ao chão e, com os punhos, pôr meu nariz a sangrar. Quando eu já preparava uma reação, surgiram a professora da escola e o porteiro, um palhaço sarado chamado Björklund.

Meus irmãos ouviram a história.

O turco morava no bairro de Härna. Esperamos por ele no cais do canal, por baixo dos videiros e ao lado das águas, escondidos atrás dos troncos. O moleque costumava voltar para casa por esse caminho.

E ele veio, como previsto por meus irmãos.

Eles saltaram e o derrubaram da bicicleta. Ficou estendido no chão, ao lado do canal, e começou a gritar, apontando para os buracos feitos na queda, em sua calça jeans nova.

Jakob olhou para ele fixamente. Elias também. E eu fiquei junto de um tronco de árvore, tentando imaginar o que iria acontecer dali para a frente. Mas eu já sabia.

Elias começou a dar pontapés na bicicleta dele, e, quando o turco tentou se levantar, Jakob lhe deu mais pontapés, primeiro na barriga, depois na boca. O turco se encolheu, e o sangue começou a correr pelo canto de sua boca.

E, em seguida, eu peguei o quadro da bicicleta e atirei-o no canal. E corri em sua direção e dei-lhe mais um pontapé.

E mais outro.

E mais outro ainda.

E mais um.

Seus pais nem fizeram queixa na polícia.

Algumas semanas mais tarde, mudaram-se. Na escola, disseram que iam voltar para a Turquia, mas eu não acredito nisso. Eram daquela espécie de curdos. Os danados não iam voltar nunca.

Saindo do canal e a caminho de casa. Eu, sentado atrás do Elias, em sua motocicleta Puch Dakota, segurava-me nele, abraçado a sua barriga, e sentia todas as vibrações de seu enorme corpo. E, a nosso lado, em sua motoneta, seguia Jakob.

Ele sorriu para mim. Eu sentia o calor do corpo de Elias.

Nós éramos — nós somos — irmãos.

Um por todos, todos por um.

Nada de estranho numa situação como essa.

“Está quente aqui. Ninguém vai me encontrar.

“O teto de terra por cima de mim é meu próprio espaço sideral. Há migalhas de bolo por baixo de meu corpo.

“Ela me bateu?

“Está pendurada?”

“Se não estiver, vou tentar novamente, quantas vezes forem necessárias. Porque, se eu limpar o sangue, vocês vão ter de me deixar entrar; se eu deixar que me batam, vocês vão me deixar entrar.

“Foi mais fácil com ele, o Gandula. Era pesado, mas não pesado demais. Droguei-o lá, perto do estacionamento, em Hårna, quando passou por lá. Eu estava com meu outro carro, aquele com espaço para bagagem. Depois, como fiz com ela, usei o trenó até aqui.

“Mas ele morreu cedo demais.

“As roldanas da fábrica, abri um buraco na cerca, tinha desligado os sensores na sala de computação. Não foi fácil. Um casacão pendurado num cabide marcou minha presença para os guardas através da porta de vidro fosco.

“À noite, na floresta, eu o peguei, depois retirei-lhe o sangue, limpei o sangue, para que me deixassem entrar, deixei tudo limpo.

“As correntes, a corda. Para cima, na árvore, você, uma ruína redonda.

“O sangue.

“Sacrifiquei-me por vocês.

“Mas o que aconteceu com ela?”

“Lembro-me de ter acordado no campo, ela tinha desaparecido. Fui até o carro engatinhando, subi no assento e consegui ligar o motor. Voltei para cá.

“Mas ela já estaria pendurada na árvore?”

“Ou estava em algum outro lugar?”

“Devia estar pendurada. Atirei para o lado tudo o que estava errado. Sacrifiquei-me.

“Portanto, logo vão chegar e abrir a porta para mim.

“Vocês vão chegar com amor, não?”

“O que aconteceu? O que foi feito?”

“Cheira a maçãs em meu buraco. Maçãs, migalhas e neblina.”

O painel da Igreja de Filadélfia está aceso no meio do dia como se fosse para anunciar: “Aqui Deus existe! Basta entrar e encontrá-Lo”. O prédio da igreja está junto do McDonald’s, do outro lado da rua, a Drottninggatan, e atrai um público fiel e bem de vida. Ela se lembra de outros fiéis, os cristãos da Igreja Livre, de seus tempos de ginásio. Eram corteses, vestiam-se bem, segundo a última moda, mas eram imbecis, pelo menos era assim que ela os via. Era como se faltasse

alguma coisa. Como se existisse um estranho puritanismo no trato elegante e suave. Um creme doce com pequenos pregos.

Malin olha pela rua acima.

“Onde está Zeke?”

Tinha acabado de lhe telefonar. Prometeu apanhá-la em frente à igreja. Iriam até a Collins para prender Karl Murvall.

Ali vem o Volvo.

Zeke diminui a velocidade, mas, antes mesmo de parar, Malin já abre a porta e pula para dentro do carro, no assento da frente.

Zeke está ansioso.

— O que disse a psicóloga?

— Prometi não dizer nada.

— Malin — suspira Zeke.

— Mas foi Karl Murvall que matou Bengt Andersson e tentou matar Rebecka Stenlundh. Não há nenhuma dúvida sobre isso.

— Como você sabe? Ele não tinha um álibi?

Zeke começa a avançar pela Drottninggatan, em frente.

— Intuição feminina. É o que nos garante que ele não conseguiu de algum modo desligar os sensores pelo sistema de computação e abrir um buraco na cerca da fábrica, saindo durante a noite?

Zeke acelera.

— Sim, por que não? Os sensores talvez possam ser manobrados daquela sala do coordenador — diz ele. — Mas os guardas viram-no na sala, não é?

— Apenas através da porta de vidro fosco — diz Malin.

Zeke concorda e diz:

— Os parentes são sempre os mais perigosos, não é verdade?

A barreira na entrada das oficinas da fábrica parece ter aumentado desde a última vez, e a floresta junto do estacionamento dá a impressão de estar mais densa, mais cerrada. Os edifícios da fábrica parecem desertos, como se fossem deprimentes prisões por trás da cerca, as construções prontas para serem transferidas para a China a qualquer momento e enchidas com outros operários que ganham um centésimo daquilo que recebem hoje os trabalhadores na Suécia.

“Vocês de novo”, parece querer dizer o vigilante na barreira. “Já não estão fartos de me obrigar a sair no frio para deixá-los passar?”

— Procuramos por Karl Murvall — diz Malin.

O vigilante sorri e abana a cabeça.

— Nesse caso, estão perdendo seu tempo — diz ele. — Foi despedido anteontem.

— Quer dizer que ele foi despedido? Por acaso você sabe o motivo? Não, você não deve saber dessas coisas, não é? — comenta Zeke.

O vigilante mostra-se como se tivesse sido insultado.

— Por que uma pessoa é despedida? — pergunta ele.

— Eu não sei. Conte-me — diz Zeke.

— No caso dele, porque se comportou de maneira estranha e ameaçadora para com os companheiros de trabalho. Quer saber mais?

— Chega — diz Malin, que nem aguenta mais perguntar sobre a noite do assassinato e sobre a cerca. De qualquer forma, Karl Murvall conseguiu sair nessa noite.

— Podemos emitir um mandado de prisão?

Malin faz essa pergunta para Zeke, no momento em que saem do estacionamento da Collins a caminho do acesso à autoestrada. Ao entrar na via, veem um caminhão cuja carroceria balança perigosamente no pavimento gelado.

— Não. É preciso ter alguma coisa de concreto.

— Eu tenho.

— Que não pode revelar.

— Mas é ele.

— Você tem de encontrar mais alguma coisa. Pode sempre pedir a prisão preventiva para interrogá-lo.

No momento, já entram no acesso à autoestrada, desviando-se de um BMW preto que rola no mínimo 40 quilômetros acima do limite.

— Mas, então, precisamos encontrá-lo.

— Acha que está em casa?

— Sempre poderemos tentar.

— Não se importa de eu ligar a música?

— Como queira, Zeke.

Segundos depois, o carro enche-se com o som de uma centena de vozes alemãs.

“Ein bisschen Frieden, ein bisschen Sonne...” [18](#)

— Clássicos populares em versões resumidas — exclama Zeke. — Servem sempre para melhorar o ambiente, não é?

Quando eles tocam a campainha do apartamento de Karl Murvall, na Tannerforsvägen, o relógio já marca quase três e meia da tarde. O verniz da porta está descascado em diversos lugares, e, pela primeira vez, Malin repara que a escada, toda ela, está precisando de uma reforma, mas ninguém parece estar preocupado em manter essa área comum em boas condições.

Ninguém abre a porta.

Malin olha pela abertura para a correspondência. Existem jornais e cartas espalhadas e intocadas no chão.

— Nós nem podemos pedir um mandado de busca e apreensão — diz Malin.

— Eu também não posso apelar para aquilo que Viveka Crafoord me contou, e mencionar apenas o ataque a Rebecka Stenlundh, de qualquer maneira, não será suficiente para entrar no apartamento.

— Onde ele poderá estar? — pergunta Zeke, em voz alta.

— Rebecka Stenlundh falou de floresta e de um buraco.

— Não me diga que vamos ter de entrar na floresta novamente.

— Quem é que vimos naquela noite? Só pode ter sido ele.

— Acha que poderá estar naquela casa de campo, usada para caçar?

— Não creio. Mas alguma coisa existe naquela parte da floresta. Sinto isso em todo o meu corpo.

— Não adianta ficar aqui à espera — diz Zeke.

O mundo encolhe com o frio. Reduz-se a uma sala escura que contém tudo o que existe na atmosfera. Tudo fica embalado num buraco negro, onde a movimentação é lenta, difícil.

“As florestas desta região são feitas só de enigmas”, pensa Malin. A neve é a mais dura dos últimos tempos, mas as pessoas aguentam. Talvez o frio tenha transformado, lentamente, a neve em gelo, não? Uma época glacial formada em poucos meses, que para sempre transforma a vegetação, a paisagem, o aspecto da floresta. Das árvores ficam apenas os troncos, como postes secos, abandonados.

Um passo à frente do outro.

De todas essas crianças que ninguém vê, que ficam abandonadas, por quem os pais e as mães não se interessam mais, desprezadas pelo mundo, há sempre algumas que caem fora, que se desligam, e o mundo que as abandonou vai assumir as consequências.

Na Tailândia de Karin.

Em Ruanda e na Bósnia de Janne.

Em Estocolmo.

Em Linköping.

Em Ljungsbro, em Blåsvädret.

“Nada é mais difícil do que isso”, pensa Malin. “Tomar conta dos que são pequenos, dos que são fracos. Dar-lhes amor. Não existe nenhuma maldade definitiva. A maldade — ela se cria, se forma. Acredito, no entanto, que existe a bondade definitiva. Mas não agora, não nesta floresta. Aqui, a bondade já foi embora há muito tempo. Aqui existe apenas sobrevivência.”

Os dedos doem dentro das luvas, que não podem ser mais grossas.

— Puxa, como faz frio — diz Zeke. E Malin tem a impressão de que já o ouviu dizer essas palavras mil vezes nos últimos meses.

As pernas estão cada vez mais relutantes em prosseguir à medida que a noite desce, à medida que o frio penetra mais fundo no corpo. Os dedos dos pés

desapareceram, e os das mãos nem sentem mais a dor.

A casa de campo e caça da família Murvall está fria e deserta. A neve que caiu apagou todas as marcas da passagem dos esquis.

Malin e Zeke estão parados em frente à casa.

Escutam, mas nada se ouve, a não ser um silêncio sem cheiro, de uma floresta à sua volta, dominada por um inverno rigorosíssimo.

“Mas eu o sinto, eu o sinto, está por perto.”

“Devo ter adormecido, a lareira está fria, a lenha não arde, estou gelado, tenho de reacender a lareira, de maneira que esteja quente quando chegarem e me deixarem entrar.

“O buraco é meu lar.

“Sempre foi meu lar. O apartamento na Tannerforsvägen nunca foi minha casa. Foi apenas o lugar onde eu dormia, pensava e tentava compreender.

“Ponho em ordem a lenha, faço fogo, mas não pega.

“Estou com frio.

“Mas tem de estar quente quando eles me deixarem entrar, quando eu receber o amor maternal.”

— Não há ninguém aqui, Fors. Ouça o que eu digo.

A abertura diante da casa de campo. Um lugar absolutamente silencioso, rodeado de árvores, de floresta e de uma escuridão impenetrável.

— Está errado, Zeke.

“Aqui há qualquer coisa. Qualquer coisa que se move. É a maldade? O diabo? Sinto um cheiro.”

— Vai ficar completamente escuro dentro de cinco minutos. Vou voltar.

— Só um pouco mais lá para dentro — diz Malin, e começa a andar.

Os dois andam talvez mais uns 400 metros para dentro da densa floresta, e, então, Zeke exclama:

— Agora basta, vamos voltar!

— Mais um pouco ainda.

— Não!

E Malin vira-se, recua, observa um grupo de árvores, uns 50 metros mais à frente, de onde sai uma fumaça cinzenta, muito fraca, da chaminé que deve vir do teto de um porão, de um lugar subterrâneo.

O barulho do motor aumenta na aceleração forte, quando passam pelo Mosteiro Vreta e pelo campo de golfe que lhe fica próximo.

“Estranho”, comenta Malin. “Deixam as bandeiras nos mastros, mesmo durante o inverno. Nunca notei isso antes. É como se quisessem chamar a atenção das pessoas.”

Em seguida, diz:

— Vamos passar pela casa de Rakel Murvall. Certamente ela sabe onde ele está.

— Você está maluca, Malin. Não vai chegar nem a 500 metros da casa da mulher. Quero ver.

— Ela sabe onde ele está.

— Não importa nada.

— Importa, sim.

— Não. Ela já denunciou você por perseguição. Ir lá agora é a mesma coisa que cometer suicídio de carreira.

— Que se lixe!

Malin apoia a mão no painel de instrumentos.

— Deixe-me no estacionamento perto do McDonald's. Meu carro está lá.

— Mamãe, você está muito animada — diz Tove, que, sentada no sofá, levanta os olhos do livro de bolso que está lendo.

— Que livro é esse?

— *O pato selvagem*, de Ibsen. Uma peça de teatro.

— É complicado ler uma peça, não é? Não é melhor vê-la?

— Funciona, mamãe, quando temos um pouco de fantasia.

A televisão está ligada: *Jeopardy*. Adam Alsing, gordo e brilhante, em seu terno amarelo.

“Como é que Tove pode ler boa literatura com a televisão ligada?”

— Mamãe, estive fora, ao ar livre?

— Sim, estive numa floresta.

— Fazendo o quê?

— Estávamos à procura de uma coisa, eu e Zeke.

Tove acena com a cabeça, não se preocupa em saber se encontraram ou não o que procuravam e volta para seu livro.

“Ele assassinou Bengt Andersson. Tentou matar Rebecka Stenlundh.

“Quem é Karl Murvall? Onde está?”

“Rakel Murvall deve saber.

“Seus filhos sabem.”

Diante de Tove, em cima da mesa, está uma enciclopédia aberta no tema sociedade. A rubrica é estatística, e a enciclopédia está ilustrada com as fotografias de Göran Persson¹⁹ e de um imã que Malin desconhece. As pessoas podem ser formadas para fazer qualquer coisa. Essa é a situação.

— Tove, o vovô telefonou hoje. Vocês são bem-vindos a Tenerife, ambos, você e Markus.

Tove desvia o olhar da televisão.

— Já não tenho vontade de ir — diz ela. — Vai ser difícil explicar para o vovô

que ele vai ter de mentir dizendo que esperava outra visita.

— Oh, meu Deus — diz Malin. — Como uma coisa tão simples pode ficar tão complicada?

— Mãe, eu não quero ir. Tenho de dizer a Markus que o vovô mudou de ideia?

— Não.

— Mas e se formos numa outra ocasião e o vovô começar a comentar a respeito de não termos ido antes, da vez anterior, apesar de sermos bem-vindos?

Malin suspira.

— Por que não contar a Markus, exatamente, o que aconteceu?

— Mas o que aconteceu, então?

— Que o vovô mudou de ideia, mas que você não quer ir.

— E a mentira que inventamos? Isso não importa?

— Não sei, Tove. Uma mentirinha assim tão pequena não tem tanta importância.

— Tudo bem. Então, vamos.

— Achei que você não queria mais.

— Não, não quero, mas podia ir se quisesse. Todavia, é melhor que o vovô fique desapontado. Talvez aprenda a lição.

— Então, vai esquiar em Åre?

— Huhum.

Tove deixa de encarar a mãe, estica o braço e apanha o controle remoto.

Quando Tove vai para a cama e adormece, Malin fica sozinha no sofá ainda durante algum tempo. Depois, levanta-se, dirige-se para a entrada do apartamento, pega o coldre com a arma, veste o casaco e sai. Mas, antes de sair, ainda abre a gaveta superior da cômoda na entrada. Encontra o que procura e mete no bolso da frente de seu jeans.

SEXTA-FEIRA, 17 DE FEVEREIRO

Linköping à meia-noite, no início da madrugada, entre quinta e sexta-feira, no fevereiro mais frio de que há memória. Os painéis luminosos de publicidade, montados nos prédios do centro, lutam junto à iluminação pública para dar uma ideia de aparente calor às ruas onde os sequiosos, os solitários e os que gostam de diversão se enfiam nos restaurantes e bares rapidamente, como se fossem pesquisadores polares com largos blusões à caça de companhia.

Nada de filas de espera em lugar nenhum.

Frio demais para isso.

As mãos de Malin ao volante.

A cidade do outro lado das janelas e do para-brisa do carro.

Na praça Trädgårdstorget, os ônibus de cor vermelho-alaranjada têm o motor ligado em ponto morto. Dentro deles, os adolescentes a caminho de casa, de faces rosadas, cansados, mas com esperança no olhar.

Ela gira o volante, vira para a Drottninggatan, em direção à área de Stångån, passando pela vitrine da agência de imóveis da cidade.

O sonho de ter um lar próprio.

Com uma bela vista para olhar, de manhã, ao acordar.

Os sonhos ainda subsistem aqui nesta cidade, por mais frio que faça. Aconteça o que acontecer.

“E eu, Malin, com o que é que sonho?”

“Sonho com Tove, com Janne, com Daniel.

“Meu corpo pode sonhar com ele. Mas quem?”

“Afinal, o que é que eu espero? Qual é a esperança que compartilho com as adolescentes que estão dentro do ônibus?”

O portão do prédio está aberto, não o fecham nem durante a noite.

Malin sobe cautelosamente pela escada, fazendo o menor ruído possível; não quer anunciar sua chegada a ninguém.

Para na porta do apartamento de Karl Murvall.

Escuta.

Mas a noite é de silêncio completo. E, pela abertura da caixa de correspondência, ela vê que o chão embaixo continua cheio de jornais intocados.

Malin bate à porta.

Aguarda.

Depois, enfia uma chave mestra na fechadura. Ajusta e vira, e o fecho cede, fazendo um fraco clique.

Já dentro, um ar viciado, de apartamento fechado, mas quente. O aquecimento está funcionando, para evitar o congelamento da água dentro da tubulação. Cuidado típico de engenheiro, obstinação na procura do conhecimento que deve existir em algum lugar no cérebro de Karl Murvall. Se bem que ele devia pensar: “Eu nunca mais vou voltar aqui, portanto, para que me preocupar se a água do aquecimento congelar?”.

Mas ele pode estar aqui. Existe uma pequena possibilidade.

Malin fica quieta, de pé, no lugar.

Escuta.

“Será que devo empunhar a arma?”

“Não.

“Acender a luz?”

“Tenho de ligar a luz.”

Malin aciona o interruptor junto à porta do banheiro, e o hall de entrada fica iluminado. Os blusões e sobretudoos estão pendurados e bem alinhados no cabideiro, por baixo da prateleira dos chapéus.

Escuta.

Apenas silêncio.

Faz uma verificação rápida, de sala em sala, e volta para a entrada.

“*All clear*”, pensa ela.

Olha em volta, abre as gavetas da cômoda. Luvas, um gorro, papéis.

Um extrato de pagamento de salário.

Cinquenta e sete mil coroas suecas.

“Caramba!” Mas o que significa ter dinheiro?

Malin entra na cozinha. Procura nas gavetas, observa as paredes, todas nuas, com a exceção de um relógio de cuco.

O relógio marca quase uma da madrugada. “Não se assuste se o cuco sair e anunciar a hora.” É o que vai acontecer dentro em pouco. A sala de estar. As gavetas cheias de mais papéis, extratos bancários, publicidade em geral, nada além do que se pode considerar normal.

E, então, o cuco sai e anuncia a hora. Malin nota que o apartamento não tem guarda-roupa. No hall de entrada, onde devia estar, não existe nenhum.

Malin vai mais uma vez até o hall de entrada. Vê que o canto onde devia estar o guarda-roupa foi repintado.

“...ela fechava-o no...”

Malin volta ao quarto de dormir. Aciona o interruptor, mas o quarto continua no escuro. Há uma lâmpada acima da escrivaninha, junto à janela. A janela dá para os fundos do prédio, e de lá a luz de um poste de iluminação do jardim lança nas paredes do quarto uma claridade fraca.

Ela acende a lâmpada.

No tempo da mesa, um cone superficial que alguém desenhou à faca.

Ela vira-se.

Ouve o som do motor de um carro que estaciona em frente do prédio. Uma porta de carro que se fecha. Ela leva a mão ao coldre com a arma. A pistola que odiava carregar, agora ela ama. O portão bate ao se fechar. Malin sai do hall de entrada ao ouvir alguém subir a escada.

Depois, uma chave que gira numa porta do andar de baixo.

E uma porta que se fecha cautelosamente.

Malin respira fundo.

Volta ao quarto e, então, vê o guarda-roupa. Está aos pés da cama. Ela acende o candeeiro pendurado na parede para ter mais luz e nota que a montagem foi feita de maneira que a luz incida diretamente no guarda-roupa.

Um cadeado na porta do guarda-roupa.

Alguma coisa está lá dentro, fechada.

Um animal?

Malin enfia a chave mestra no cadeado. Este resiste, não cede. Três minutos depois, ela já está suando.

Mas, finalmente, ouve-se um clique, ela puxa a porta para si e olha para dentro.

Eu a vejo, Malin. É a verdade, o que você vê? Está calma ou com medo daquilo que tem diante de seus olhos? Vai passar a dormir melhor durante a noite?

Olhe para ele, olha para mim, para Rebecka, ou Lotta, que é como ela sempre será para mim. Nós estamos sozinhos.

Será que sua verdade pode curar nossa solidão, Malin?

Malin olha para o interior do guarda-roupa, que está revestido de papel de parede cujos desenhos representam uma árvore estilizada com maçãs verdes. Embaixo, no chão, ao lado de um pacote de biscoitos, encontram-se vários livros sobre a fé Asa e sobre psicanálise, uma Bíblia e um exemplar do Alcorão. E um livro negro.

Malin folheia o livro.

Um diário cheio de anotações.

Um estilo bonito de caligrafia, as letras tão pequeninas que mal dá para ler.

Sobre o trabalho na Collins.

As visitas a Viveka Crafoord.

Mais à frente no livro é como se alguma coisa capotasse dentro de quem escreve, como se outra mão empunhasse a caneta. As letras ficam tremidas, não faz mais a anotação das datas, o estilo do texto fica fragmentado:

“...em fevereiro, chegamos ao meio do inverno...”

“...agora sei quais são aqueles que devem ser sacrificados...”

E, depois, em vários lugares: “Deixem-me entrar...”.

No final do livro, existe um mapa detalhado. Blåsvädret, um campo no qual uma árvore foi desenhada, perto do lugar onde encontraram o Gandula, e, a seguir, um lugar na floresta, perto do qual a casa de campo e de caça da família Murvall deve estar situada.

“Karl esteve sentado aqui falando conosco.

“Com esse livro atrás de si, com toda sua história.

“Um mundo inteiro do que ele tem de pior estava sentado à nossa frente, e conseguiu manter a pose, conseguiu se manter numa posição de equilíbrio normal na realidade, tal como a consideramos.”

Malin escuta todas as vozes dele a gritar. Saindo do guarda-roupa, saindo do quarto. Entrando dentro dela. Uma friagem perpassa pelo interior de seu corpo, um frio muito pior e mais intenso do que todos aqueles graus negativos lá fora, do outro lado da janela.

Ponto de ruptura.

Aqui dentro e lá fora.

O mundo da fantasia.

O mundo real.

Os dois se encontram. E, ao fim e ao cabo, a consciência dele já sabe. Os dados foram lançados. Ele vai morrer. É esse o resto de entendimento a que tem de se agarrar, antes que a consciência e o instinto se transformem numa coisa só.

Mais um mapa.

Outra árvore.

“Aquele em que Rebecka devia ficar pendurada, não é?”

Não desespere, Malin. O fim ainda não chegou.

Vejo Rebecka em sua cama. Dorme. A operação de transplante de sua pele para as faces e o ventre correu muito bem. Ela talvez não fique tão bonita como era antes, mas já há muito tempo tinha desistido de vaidades. Não está com dores. O filho dela também está dormindo numa cama ao lado da sua. E é sangue novo que corre em suas veias.

Para Karl, a situação está pior.

Eu sei. Eu devia estar zangado com ele, por tudo o que fez comigo. Mas ele está deitado agora naquele seu buraco frio por baixo da terra, envolto em cobertores e diante de uma lareira cujo fogo está morrendo. E não posso ver outra coisa senão a imagem do homem mais solitário do planeta. E não tem nem ele mesmo para se consolar. E isso era uma coisa que eu sempre tive, mesmo quando estava mais desesperado, mesmo quando cortei a orelha de meu pai.

Portanto, não posso ficar zangado diante de tanta solidão, porque isso seria ficar zangado com a humanidade, um sentimento que é, se não impossível, pelo menos consolador. No fundo, todos nós somos bons, queremos o bem. Ou não?

O vento está ficando mais frio.

Malin.

Você tem de continuar.

Eu não vou descansar antes de esse vento amainar.

Malin volta a colocar o livro no lugar.

Repreende-se por ter deixado nele suas impressões digitais, mas já não importa mais.

“A quem devo telefonar?”

“A Zeke?”

“A Sven Sjöman?”

Malin pega seu celular, digita um número. Ouvem-se quatro toques antes de alguém atender.

A voz sonolenta de Karin Johannison.

— Sim, Karin.

— Aqui é Malin. Desculpe a amolação.

— De nada, Malin. Eu sempre adormeço com muita facilidade.

— Você pode vir a um apartamento na rua Tanneforsvägen, 34? No último andar.

— Agora?

— Sim.

— Vou chegar dentro de 15 minutos.

Malin faz uma pesquisa nas roupas de Karl Murvall.

Encontra vários fios de cabelo.

Coloca-os num saco plástico que encontrou na cozinha.

Escuta o motor de outro carro que estaciona em frente ao portão do prédio, que bate ao se fechar.

Em voz baixa, ela sussurra:

— Karin, aqui em cima.

— Estou subindo.

Malin mostra a Karin o apartamento.

De volta à entrada, Karin diz:

— Devemos fazer uma pesquisa do guarda-roupa e do resto do apartamento.

— Não foi por isso que eu quis, em primeiro lugar, que você viesse aqui. Foi por causa destes cabelos. Gostaria que mandasse fazer neles uma análise de DNA.

Malin segura na mão o saco plástico com os cabelos.

— Imediatamente. E compare depois com o perfil do DNA de quem violentou Maria Murvall.

— Estes são cabelos de Karl Murvall?

— Sim.

— Se eu for direto para o laboratório, já terei a resposta amanhã de manhã.

— Obrigada, Karin. Tão rápido assim?

— Com cabelos perfeitos como esses, a coisa é fácil. Não estamos assim tão atrasados. Por que isso é tão importante?

— Ainda não sei, Karin. Mas, de qualquer maneira, é importante.

— E o resto?

Karin faz um gesto na direção de todo o apartamento.

— Tem seus colegas — diz Malin. — Embora não sejam tão bons como você, não é?

Assim que Karin sai com o carro, Malin telefona para Sven Sjöman:

— Pode entrar em ação. Ponha em movimento as coisas que precisam ser movimentadas.

O quarto do apartamento está iluminado pelos holofotes dos técnicos.

Sven Sjöman e Zeke parecem cansados ao olhar o conteúdo do guarda-roupa. Antes, no telefone, Sjöman perguntou a Malin por que resolvera voltar ao apartamento de Karl Murvall e como ela conseguiu entrar.

— Foi intuição. Além disso, a porta estava aberta.

Foi a resposta dela. E Sven ficou sem reação.

Zeke enfia as mãos num par de luvas de borracha, estica o braço para apanhar o livro de anotações, folheia, lê e deixa-o no mesmo lugar.

Malin mostrou o livro a Sven e a Zeke, assim que eles chegaram, e apontou-lhes os textos principais e os mapas. Fechou o livro e contou para eles quais as medidas tomadas e que Karin já tinha estado lá, dando-lhes uma ideia resumida do que devia ter acontecido e da evolução dos acontecimentos até aquele ponto. Notou que ficaram ainda mais desanimados depois do que ela lhes contou, que o sono fechava as portas às suas palavras e que eles não conseguiram medir bem o alcance daquilo que ela disse, ainda que Sven acenasse positivamente com a cabeça, concordando com tudo e confirmando que essa devia ser a verdade.

Deixaram os técnicos trabalhando e voltaram para o departamento.

— Puxa — exclama Zeke, virando-se para Malin, que já estava sentada atrás de sua mesa, embora com vontade de se levantar e ir buscar uma xícara de café.

— Onde acha que ele deve estar?

— Acho que está na floresta, em algum lugar perto da casa de campo e caça.

— Mas não o encontramos por lá...

— Ele pode estar em qualquer lugar por perto.

— Está ferido. Rebecka Stenlundh disse que o atingiu.

“Um animal ferido.”

— O alarme geral já foi dado — diz Sven. — Existe também a possibilidade de ele ter se suicidado.

— Vamos mandar a patrulha com os cachorros para a floresta? — pergunta Malin.

— Esperamos até amanhã de manhã. Já está ficando escuro. E os cachorros não sentem nenhum cheiro no frio. Por isso, não sei se isso será uma grande ideia. Os adestradores estão estudando o caso — diz Sven. — Todos os carros estão à procura dele. E o único indício que temos de ele estar na floresta é aquele conjunto de pontos marcados nos mapas do livro de anotações.

— É um indício forte — afirma Malin.

— Ele não estava na casa de caça ontem, ao final do dia. Se estiver ferido, deve ter ido, diretamente, para algum lugar onde possa estar deitado cuidando do ferimento. Ou seja, é muito pouco provável que esteja na casa de caça, neste momento.

— Mas pode estar nas proximidades.

— Podemos esperar, Fors.

— Malin — diz Zeke. — Eu concordo com Sven. Já são cinco horas. E ele não estava na casa de caça ontem à noite.

— Fors — diz Sven. — Agora, vamos para casa dormir. O melhor para todos é que você descanse antes de retomar os trabalhos de manhã. Assim, poderemos ajuizar sem preconceitos onde ele possa estar.

— Não, eu...

— Malin — diz Sven. — Já passou dos limites, agora precisa descansar.

— Temos de encontrá-lo. Acho...

Malin deixa que a frase fique em suspenso. Eles não iriam entender o que ela pensa.

Em vez de tentar, resolve se levantar e sair da sala.

Ao descer a escadaria, encontra Daniel Högfeltdt.

— Karl Murvall é suspeito do assassinato de Bengt Andersson e do ataque contra Rebecka Stenlundh? — pergunta Daniel, como se nada houvesse entre eles.

Malin não responde.

Força a passagem e continua descendo a escada.

“Está cansada e sob pressão”, pensa Daniel, enquanto sobe a escada do prédio, rumo ao apartamento onde dois policiais uniformizados fazem a guarda diante da porta.

“Vai ser difícil entrar.

“Mais vergonha para aquele que desiste.

“Malin pareceu não se importar com o fato de eu ter recusado o convite do jornal *Expressen*.

“Mas o que eu poderia esperar? Nós não representamos um para o outro mais do que uma boa transa.

“Malin, como você estava bonita ao forçar a passagem por mim.

“Bonita, cansada e abatida.

“Falta mais um andar.”

Daniel sorri para os policiais.

— Em hipótese alguma, Högfeltdt — diz o mais alto dos dois, sorrindo.

Às vezes, quando Malin pensa que vai demorar a chegar, o sono vem em menos de um minuto.

A cama está quente, e ela sonha.

O leito é um chão macio num quarto branco, com paredes transparentes que flutuam ao sabor de um vento ameno.

Do outro lado das paredes, ela vê todos como sombras nuas: a mãe, o pai.

Tove, Janne e Zeke estão lá, assim como Sven Sjöman e Johan Jakobsson, Karim Akbar e Karin Johannison, Börje Svärd e sua esposa, Anna. Os irmãos Murvall, Rebecka e Maria, e uma figura gorda que se desloca pesadamente com uma bola de futebol nas mãos. Markus surge no sonho, ao lado de Biggan e Hasse. O vigilante na barreira da Collins também aparece, assim como Gottfrid Karlsson, Weine Andersson e a enfermeira Hermansson, além dos rufiões de Ljungsbro, Margaretha Svensson, Göran Tedensjö e Niklas Nyrén. E muitos, muitos mais, todos aparecem no sonho, como combustível para sua memória, como pontos de referência para sua consciência. As pessoas envolvidas no curso dos acontecimentos das últimas semanas são como boias ancoradas num espaço iluminado que pode se situar em qualquer lugar. E no meio desse espaço brilha a figura de Raket Murvall — uma luz negra pulsa em sua sombra.

O despertador toca em sua mesa de cabeceira.

Um sinal digital alto e estridente.

São sete e trinta e cinco da manhã

Após uma hora e meia, o tempo dos sonhos passou.

O jornal da cidade, *Correspondenten*, está no chão da entrada.

Pela primeira vez, o noticiário não está atualizado, mas, certamente, por motivo de demora antes da impressão.

Eles sabem tudo sobre Rebecka Stenlundh, que é irmã do assassinado Bengt Andersson, mas nada sobre Karl Murvall, em cujo apartamento a polícia fez uma incursão durante a noite.

“O jornal já devia estar impresso a essa hora, mas a notícia deve estar na internet. Não aguento não olhar, mas também nada deve estar lá de que eu já não tenha conhecimento.”

Daniel Högfeldt escreveu vários dos artigos no jornal.

Como de hábito.

“Será que fui abrupta demais com ele ontem à noite? Talvez eu tenha de lhe dar uma nova oportunidade para mostrar quem é.”

A água da ducha está bem quente ao cair sobre o corpo dela. Malin sente que está acordando. Veste-se, bebe em pé junto à bancada da cozinha seu Nescafé, feito com água aquecida no micro-ondas.

“Tomara que a gente encontre Karl Murvall hoje. Morto ou vivo.

“Será que ele atentou contra a própria vida?”

“Tudo é possível no que diz respeito a ele.

“Será que vai cometer um novo assassinato?”

“Foi ele quem violentou Maria Murvall? Karin deve ter a prova pronta, rapidamente, durante o dia.”

Malin suspira e olha pela janela para a Igreja de São Lourenço. E para as

árvores. Os ramos não cederam ao frio, estão obstinadamente espetados em todas as direções. “Tal qual as pessoas que vivem em latitudes como as da Suécia”, pensa Malin, no momento em que observa os cartazes na vitrine da agência de viagens. “Esta região não é habitável, no entanto, foi aqui que construímos nosso lar.”

De regresso ao quarto, Malin volta a colocar no ombro o coldre com a pistola. Abre a porta do quarto de Tove.
“A mais bonita do mundo. Deixemos que ela durma.”

Karim Akbar segura o filho pela mão, sente os dedos de seu garoto de oito anos, apesar das luvas contra o frio.

Vão a pé para a escola por um passeio bem coberto de areia e sal para derreter o gelo formado. Os prédios em Lambohov, de três e quatro andares, parecem estações lunares colocadas aleatoriamente numa planície deserta.

Normalmente, é a esposa que leva o filho para a escola, mas hoje ela reclamava de uma dor de cabeça, não conseguiu se levantar.

“O caso está solucionado. Apenas vão ter de apanhar o criminoso. Mas será que o caso está mesmo encerrado?”

“Malin conseguiu. Zeke, Johan e Börje. Sven: extraordinário. O que eu faria sem eles? Meu papel é o de incentivá-los, de mantê-los satisfeitos. E como isso é insignificante comparado com aquilo que eles fazem, ter de enfrentar as pessoas.

“Malin. Em muitos aspectos, ela é a investigadora ideal. Instintiva, persistente e até um pouco maníaca. Inteligente? Claro. Mas no bom sentido. Ela encontra sempre os atalhos, sabe ousar quando as oportunidades se apresentam. Mas não atrevida demais. Pelo menos, não com demasiada frequência.”

— O que vão fazer hoje na escola?

— Não sei. O de sempre.

Depois, seguem juntos em silêncio. Karim e seu filho. Ao chegarem ao edifício baixo e branco da escola, ele abre a porta para a passagem do garoto, e logo este desaparece lá dentro entre os colegas, como se tivesse sido engolido pelo corredor fracamente iluminado.

O jornal *Correspondenten* está lá fora, na caixa do correio.

Rakel Murvall abre a porta da frente, desce os poucos degraus da entrada, constata que o frio hoje está úmido, daquela forma que faz o corpo doer. Mas ela tem sido poupada dessa espécie de sofrimentos físicos e pensa: “Quando morrer, vai ser de repente, de morte súbita, não vou aguentar ficar estendida na cama de uma enfermaria gemendo e sem poder conter sequer minha própria merda”.

Rakel avança com cautela sobre a neve, sempre receosa de quebrar algum osso da bacia por causa de uma simples queda.

A caixa do correio parece estar longe demais, mas ela se aproxima, passo a passo.

Os rapazes continuam dormindo, vão acordar em breve, mas ela quer ler o noticiário logo, e não ficar à espera de que algum deles lhe traga o jornal. Ou assistir às notícias mais tarde na televisão da sala de estar.

Levanta a tampa da caixa do correio e logo vê o jornal por cima de algumas lacrainhas mortas que tentaram fugir do frio.

De volta ao interior da casa, Rakel senta-se à mesa da cozinha, segurando uma caneca de café feito na hora e lê.

Lê várias vezes os artigos publicados sobre o assassinato de Bengt Andersson e a tentativa feita contra a vida de Rebecka.

Rebecka?

“Entendo o que aconteceu.

“Tola é que não sou.

“Os segredos. Sombras do passado. Minhas mentiras saem agora a contagotas de seus buracos lamacentos.

“O papai dele era marinheiro.

“Como eu sempre disse para os rapazes.

“Sempre foi uma mentira, mamãe?

“Perguntas que se transformam em outras perguntas.

“O pai dele era Kalle da Curva? A senhora mentiu para nós durante todos esses anos? Que mais nós ainda não sabemos? Por que motivo a senhora e o papai nos levaram a maltratá-lo? A odiá-lo? Nosso próprio irmão?

“Talvez houvesse ainda outras perguntas.

“Como o papai caiu pela escada? Foi a senhora que o empurrou? Também mentiu sobre o que aconteceu nesse dia?

“As verdades têm de ser sufocadas. Não se dará oportunidade a nenhuma dúvida. Não é tarde demais. Vejo uma possibilidade.

“Ela, Rebecka, andou pelo campo nua, como Maria.”

— Bravo, Malin.

Karim Akbar aplaude sua chegada ao departamento.

Malin sorri. E pensa: “Bravo? Bravo por quê? O caso ainda não terminou”.

Senta-se à sua mesa.

Abre no computador o site do jornal *Correspondenten*.

Há um pequeno artigo sobre a invasão do apartamento de Karl Murvall e a emissão de um mandado de captura para todo o país. O articulista não tira daí nenhuma conclusão, mas faz uma ligação da investigação em curso com a denúncia da mãe dele contra a polícia, por interferência indevida na vida privada.

— Um trabalho fantástico, Malin.

Karim coloca-se ao lado dela. Malin olha para cima, encara-o.

— Não totalmente segundo o regulamento. Mas, aqui entre nós, o resultado é que conta. Para chegar a algum lugar, por vezes, é preciso abrir mão de nossas próprias regras — diz ele.

— Temos de encontrá-lo — diz Malin.

— O que pretende fazer?

— Quero incomodar Rakel Murvall.

Karim abre os olhos, espantado, para Malin, que olha de volta para o chefe da polícia, com toda a seriedade que lhe é possível mostrar.

— Vá — diz ele. — Eu assumo a responsabilidade por todos os eventuais problemas. Mas leve Zeke junto.

Malin dá uma olhada pela sala. Sven Sjöman ainda não chegou. Mas Zeke dá mostras de estar inquieto à sua mesa.

Silêncio no carro.

Zeke não mencionou nada a respeito de querer ouvir música. Malin gosta de escutar o ruído monótono do motor. A cidade lá fora continua a mesma das duas últimas semanas, tão devoradora como sempre: a área de Skäggetorp paralisada, sem vida, as lojas de Tornby sem clientes, o lago Roxen congelado, coberto de neve compactada, e as casas na encosta, junto do Mosteiro Vreta, muito convidativas, vivendo na abastança.

“Nada mudou”, pensa Malin. “Nem mesmo o tempo.” Mas, depois, ela pensa em Tove, que, sem dúvida, mudou. Tove e Markus. Um novo filho que chega através de Tove, menos respondona e introvertida, mais extrovertida e aberta. Sem dúvida.

“Fica-lhe bem, Tove”, pensa Malin. “Você vai ser, certamente, uma adulta bem agradável no trato.

“E eu mesma talvez dê a Daniel Högfeldt uma oportunidade melhor do que apenas servir de touro.”

Há luz nas casas em Blåsvädret. As várias famílias dos irmãos estão em seus respectivos lares. A casa branca de madeira de Rakel Murvall aparece isolada no final da rua, a Blåsvädersgatan.

“A neblina eleva-se da neve e sobe pelas fachadas. E por trás dos véus nublados do inverno existem segredos ainda por desvendar”, pensa Malin. “Rakel, você faria qualquer coisa para manter seus segredos guardados, não é?”

“A pensão pelo filho.

“Uma criança que conservou apenas por dinheiro. Um valor insignificante. Mas talvez não tão insignificante para você. Suficiente para viver. Na pior das hipóteses, quase suficiente.

“O que Kalle da Curva fez com você? Por que o odiava tanto? O que ele lhe fez na floresta? O mesmo que alguém fez com Maria? Com Rebecka? Ele, Kalle da Curva, usou de violência, tomou-a pela força? Foi assim que ficou grávida? Por isso passou a odiar a criança quando ela chegou. Quis dá-la em adoção, não é? Mas, então, teve essa brilhante ideia e inventou a história do marinheiro e passou a receber a pensão pelo órfão. Foi isso que deve ter acontecido. Ele usou de violência para possuí-la. E o menino que veio depois teve de pagar. Que outro motivo poderia haver para você odiar tanto seu filho?”

Esse padrão de comportamento faz parte da história moderna. Malin leu sobre as alemãs que, violentadas no final da Segunda Guerra por soldados russos, repudiaram suas crianças. Aconteceu a mesma coisa na Bósnia. E, provavelmente, na Suécia.

“Ou talvez você amasse o Kalle da Curva e ele a tratasse como mais uma de

suas muitas mulheres? Nada mais do que isso. Um motivo extra para você odiar o filho que ele lhe fez.

“Mas acredito mais na primeira versão.

“Ou a maldade sempre existiu em você, Rake!”

“Desde o início.

“Existe esse tipo de maldade?”

“E o dinheiro. A necessidade de dinheiro como a de um sol negro toldando toda a sua vida nesta rua deserta e ventosa.

“O menino merecia ter sido acolhido por outra família, Rake!”

“Então, talvez a raiva e o ódio tivessem terminado. Daí, talvez seus outros rapazes tivessem crescido de maneira diferente. Talvez você mesma passasse a ser outra pessoa.”

— Que lugar maldito — diz Zeke, ao entrar com o carro no caminho de acesso à casa. — Será que pode imaginá-lo, um menino, ao lado daquelas macieiras, no meio da neve, quase congelado?

Malin acena com a cabeça. “Posso, sim.”

— Como se o inferno existisse — diz ela, depois.

Dali a pouco, batem à porta de Rake! Murvall.

Podem até vê-la na cozinha, mas ela desaparece pela sala de estar.

— Ela não vai abrir — diz Malin.

Zeke bate de novo.

— Um momento — ouve-se de dentro da casa.

A porta se abre, e Rake! Murvall aparece, sorrindo.

— Ah, sim, os inspetores. A que devo a honra?

— Muito bem, temos algumas perguntas a fazer se não se importa...

Rake! Murvall interrompe a frase de Zeke.

— Façam o favor de entrar, inspetores. Se estiverem pensando na minha denúncia, podem esquecer. Perdoem a raiva de uma velha como eu. Café?

— Não, obrigada — diz Malin.

Zeke abanou a cabeça.

— Mas sentem-se, por favor.

Rake! Murvall faz um sinal na direção da mesa da cozinha.

Eles sentam-se.

— Onde está Karl? — pergunta Malin.

Rake! Murvall ignora a pergunta.

— Ele não está no apartamento nem na Collins, de onde, aliás, foi despedido — diz Zeke.

— Ele está envolvido em alguma tolice, o filho?

“O filho. Ela nunca usou esse termo antes, em relação a Karl”, pensa Malin.

— Você já leu o jornal — diz Malin, pondo a mão sobre o *Correspondenten*, em cima da mesa. — Já deve ter somado dois mais dois.

A velhota sorri, mas não reage. E diz:

— Não faço a menor ideia de onde o rapaz possa estar.

Malin olha pela janela da cozinha e imagina ver um menino nu, em pé, no meio da neve e do frio, gritando, com as faces vermelhas. Vê quando ele cai na neve, mexendo os braços e as pernas. Um anjo gelado em cima do manto branco que cobre a terra.

Malin morde os lábios.

Gostaria de dizer a Rake! Murvall que ela merece arder nas profundezas do inferno. Pensa que certas coisas não merecem nenhum perdão.

De acordo com os regulamentos oficiais, os crimes dela há muito que já estão prescritos, mas... E de acordo com a moral dos homens? Entre estes, certas ações cometidas não são perdoadas nunca.

Estupros.

Pedofilia.

Tortura de crianças.

Falta de amor pelas crianças.

A pena para isso é a vergonha pela vida inteira.

E o amor pelas crianças é o primeiro entre os amores.

— Afinal, o que aconteceu entre você e Kalle da Curva, Rake!?

Rake! vira-se para Malin, olha fixamente para ela. As pupilas dos olhos da velha alargam-se, negras, como se quisessem transmitir mil anos de experiência e de sofrimentos femininos. Em seguida, Rake! pestaneja, fecha os olhos por alguns segundos, antes de afirmar:

— Isso aconteceu há tanto tempo que nem me lembro mais. Tantas preocupações tive com os rapazes, ao longo dos anos.

“Uma deixa”, pensa Malin, “para uma nova pergunta”:

— Nunca a preocupou o fato de seus rapazes não saberem que Kalle da Curva era o pai de Karl?

Rake! Murvall põe mais café em sua caneca.

— Eles tiveram conhecimento disso.

— Tiveram? Tiveram mesmo, Rake!? Sustentar e esconder mentiras pode prejudicar todos os relacionamentos — continua Malin. — E que poderes tem aquele ou aquela que mente?

— Eu não entendo do que está falando — diz Rake! Murvall. — Você só fala um monte de coisas sem sentido.

— Acha, Rake!? Você realmente acha isso?

Rake! Murvall fecha a porta da frente, depois de eles terem saído.

Senta-se na cadeira vermelha no hall de entrada e olha para a fotografia pendurada na parede em frente: ela, rodeada de seus meninos no jardim, quando ainda eram pequenos, mais o marido, Svarten, antes da cadeira de rodas.

“Filho maldito. Deve ter sido você quem tirou essa foto.

“Se for desaparecer, desapareça mesmo, de verdade”, pensa ela. “Assim, meus segredos vão ficar para sempre só comigo.

“Se ele desaparecer, vão restar apenas alguns rumores, e esses, eu posso fechá-los num armário escuro. Ele vai ter de sumir, pura e simplesmente. Eliminado. Já estou cansada de sua existência.”

Então, pega o telefone.

Liga para Adam.

É seu netinho que atende, com sua voz clara, ingênua.

— Alô?

— Olá, Tobias. É a vovó. Seu papai está em casa?

— Olá, vovó.

Em seguida, um silêncio, antes de surgir uma voz grave, de pessoa mais velha, dizendo:

— Mamãe?

— Venha aqui, Adam. E traga seus irmãos. Tenho uma coisa muito importante para contar.

— Vou já, mãe. Vou falar com os outros.

Eu costumava andar de bicicleta por aqui.

A floresta era meu território.

Vocês, às vezes, ficavam caçando à minha volta. Podia ouvir até os tiros, o ano inteiro. E eu desejava sempre que vocês voltassem para mim, já nessa época.

Mamãe.

Por que você estava tão zangada?

O que eu fazia? O que eu fiz?

Imagens e calor. Sou um anjo debaixo de uma macieira feita de migalhas de bolo. O fogo aquece. Nenhum ruído, a não ser os estalidos do fogo. Estou bem, aqui dentro, no buraco, mas solitário. Todavia, não tenho medo da solidão. Pois ninguém pode ter medo de si mesmo, não é?

Posso dormir um pouco mais neste meu ambiente escuro? Claro que posso. Ou não? Depois, vocês vêm me buscar. E me deixam entrar. E, então, vou ser outra pessoa, não é? Assim que vocês me deixarem entrar.

— O que faremos agora?

Zeke conduz o carro na direção do Mosteiro Vreta, sendo a igreja uma espécie de fortaleza à moda antiga, em cima de um monte, à distância de cerca de um quilômetro. Os estábulos do clube Heda de um lado, campo aberto do outro.

Malin queria telefonar para os irmãos, perguntar se eles sabiam quem era o

pai do meio-irmão Karl, mas Zeke aconselhou-a a repensar o assunto.

— Se não souberem, isso significa que a velha tem direito a seus segredos, Malin. Não podemos pular para dentro da vida dela e remexer em sua história.

E ela sabia que Zeke tinha razão, independentemente das conseqüências que poderiam advir do fato de a pergunta não ser feita. Se os dois parassem de respeitar os direitos das pessoas, fossem elas quais fossem, como poderiam exigir o respeito da população em geral, por parte de quem fosse?

— Esperamos a patrulha de buscas enviada por Sjöman — diz Zeke. — Os homens estão preparados para atuar, fazer a busca na floresta. Está frio demais para os cães farejadores, mas devem trazer pelo menos dois.

— Não vamos para lá antes?

— Não, Malin. Não encontramos nada ontem, portanto, como vamos encontrar alguma coisa hoje?

— Não sei — responde Malin. — Podemos dar uma volta e passar pelo local do crime e pelo lugar da segunda árvore, ou, mais ou menos, onde a árvore deve estar.

— Um carro já esteve lá ontem à noite. Devíamos perguntar primeiro se eles encontraram alguma coisa.

— Tem alguma proposta melhor?

— Nenhuma — responde Zeke, que, nesse momento, resolve fazer uma curva em U e voltar pelo mesmo caminho, passando por Blåsvädret. Nesse momento, eles veem os irmãos caminhando na direção da casa da mãe.

— Quanto tempo acha que vai demorar para Karin fazer a análise dos cabelos de Karl Murvall? — pergunta Malin. — Quero saber se foi ele que violentou Maria Murvall.

— Acha que foi?

— Não, mas quero saber ao certo. Acho que ela está nos enganando novamente. Só não sei como. Só sei que ela não nos teria aberto a porta e deixado entrar em sua casa se não tivesse alguma coisa a ganhar com isso. Ela continua controlando toda a situação. E lança mão seja do que for para defender aquilo que acha que é seu.

Malin respira fundo.

— E para preservar seus segredos.

Adam, Elias e Jakob Murvall estão sentados em volta da mesa na cozinha da mãe. Bebericam o café acabado de fazer, degustam o bolo de seus sonhos que já estava quase pronto no congelador e a mãe acaba de aquecer no forno.

— O bolo está gostoso, rapazes?

Rakel Murvall fica perto do fogão, com o *Correspondenten* na mão.

Todos concordaram que o bolo estava ótimo e passaram a escutar o que a mãe tinha para dizer, aquilo que ela não lhes queria contar antes de terem se

sentado e bebido um pouco de café.

— Martinsson e Fors estiveram aqui há pouco — diz ela —, perguntando por Karl. Se não fosse ele quem torturou e violentou a mulher mencionada no jornal, aquela que encontraram caminhando na estrada, por que os dois viriam aqui? Sobretudo depois da denúncia que fiz contra ambos por perseguição injustificada? Por que viriam se arriscar?

Rakel mostra o jornal aos rapazes.

Deixa que eles leiam as manchetes e vejam a imagem da estrada.

— A polícia está à procura de Karl. E o jornal informa que encontraram a mulher, exatamente com as mesmas feridas de Maria. E, se olharem para a data, vocês vão ver que a polícia invadiu o apartamento dele ontem à noite.

— Quer dizer que foi ele que atacou Maria na floresta?

É Adam Murvall que cospe essas palavras.

— Poderia ter sido outro? — questiona Rakel Murvall. — Ele agora está desaparecido. É claro que foi ele, tudo aconteceu da mesma maneira. Exatamente da mesma maneira.

— Sua própria irmã?

— Maldito.

— Monstro. Ele é um monstro. Como sempre foi.

— Mas por que fez isso?

Dúvida na voz de Elias.

— E por que não gostamos dele? Vocês já pensaram alguma vez nisso?

Rakel faz uma pausa. Depois, continua em voz baixa:

— Ele sempre foi um monstro, desde o primeiro momento, nunca se esqueçam disso. E ele a odiava. Por ser um de nós. E ele, não. Porque é louco. Vocês sabem muito bem como ele se escondia na floresta, não? E o buraco onde se escondia fica apenas a cinco quilômetros do lugar onde encontraram Maria. Portanto, só pode ter sido ele. As coincidências são perfeitas.

— Cinco quilômetros são muita coisa na floresta — diz Elias. — Nós já pensamos nisso antes, que teria sido ele, mas, ainda assim, mãe...

— Tudo coincide, Elias. Foi ele que violentou sua irmã na floresta, como se ela não valesse nada. Ele a destruiu.

— A mãe tem razão, Elias — diz Adam, calmamente, bebendo mais um gole de café.

— Está certo — diz Jakob. — Tudo coincide.

— E, agora, vocês não fazer o que se espera que façam. Por sua irmã. Ou não, Elias? Rapazes?

— Mas... E se a polícia estiver enganada?

— Os policiais, muitas vezes, também erram, Elias. Mas não neste caso, não neste caso. Pare de duvidar. O que se passa com você? Por acaso, está do lado dele?

Rakel Murvall sacode o jornal no ar.

— Está do lado dele? Será que foi outro? Tudo coincide, completamente. Vocês vão ter de dar um descanso para sua irmã. Talvez Maria possa voltar para nós, depois de saber que ele está morto, aquele que agiu contra ela.

— Eles vão nos apanhar, vamos parar na prisão — diz Elias. — Há limites para aquilo que podemos fazer.

— Não, rapaz — diz Rakel Murvall. — Na capoeira, as galinhas são mais inteligentes do que os policiais. Vocês sabem muito bem onde ele se encontra. E façam o seguinte, rapazes, vocês vão ver. Escutem agora...

O carvalho na planície onde Bengt Andersson ficou pendurado é parecido com qualquer outra árvore isolada, se não fosse pelo ramo quebrado.

Mas o carvalho vai ficar ligado para sempre àquilo que aconteceu na noite mais fria daquele mês de fevereiro. Na primavera, porém, o dono do lugar vai cortar a árvore. Não quer mais ver flores depositadas à sua volta, nem curiosos da cidade ou mulheres dispostas a meditar por perto. O dono do lugar vai retirar todas as raízes que encontrar. Não vai parar enquanto não tiver a certeza de que não resta nada, absolutamente nada, do carvalho, nenhuma raiz que possa crescer, tornando-se uma nova árvore que venha a sussurrar os nomes do Gandula, do Kalle da Curva e de Rakel Murvall sobre as vastas extensões da planície da província de Östgötaland.

Malin e Zeke estão dentro do carro, olhando para a árvore.

O motor continua trabalhando, em ponto morto.

— Não aqui — diz Zeke.

— Uma vez, ele esteve aqui — comenta Malin.

O interior do Range Rover cheira a diesel e a graxa de motor, e a carroceria produz um barulho enorme quando o carro atravessa Ljungsbro em alta velocidade, passando pela loja da Vivo, a pastelaria e o silo de cacau da fábrica Cloetta, perto da ponte sobre o canal.

Elias Murvall está sozinho no assento traseiro, esfrega as mãos, uma na outra, e ouve as próprias palavras, embora não as pronuncie: “E se ela estiver errada? Se não foi ele que fez isso? Então, vamos ficar arrependidos para sempre. Que raio de direito temos nós...”

Adam Murvall, na frente, no lugar do passageiro, vira-se para trás.

— Foi ele que fez isso, o maldito. Estuprou nossa Maria. Tudo coincide. E nós vamos entrar em ação. O que é que você costuma dizer, Elias? Nunca devemos demonstrar fraqueza, não é? Não é isso que costuma dizer? Nunca devemos ser fracos. Portanto, não seja fraco agora. Porte-se bem.

E o carro balança, escorrega, derrapa, quase cai no dique, perto da curva de Olstorp.

— Tem razão — diz Elias. — Não sou fraco nem covarde.

— Porra — grita Jakob Murvall. — Agora, vamos fazer o que temos de fazer. E não se fala mais nisso. Entendido?

Elias recosta-se no assento, absorve a segurança que existe na voz de Jakob, apesar da raiva.

Elias respira fundo, sente que existe uma decisão no movimento do carro, como se este estivesse a caminho de um alvo único, muito antes até de ter sido construído.

No carro, Elias vira-se para trás e olha para o porta-malas.

É lá que está uma caixa de madeira, esverdeada, e, dentro, três granadas roubadas de um depósito de armas. Tiraram a caixa de um esconderijo por baixo do chão da oficina, esconderijo que a polícia não encontrou durante a busca feita uma semana antes.

— Foi muita sorte a polícia não ter encontrado as granadas — disse Jakob quando a mãe falou de seu plano, lá em casa.

— Tem razão, Jakob — comentou a mãe. — Foi muita sorte mesmo.

Malin e Zeke correm pela planície ainda à procura de outra árvore isolada.

Mas a árvore que encontram não tem marcas nem pistas de luta. Era apenas uma árvore isolada, ferida e cansada de lutar contra o vento e o frio glacial.

Zeke continua ao volante, dirigindo o carro no sentido de Klockrike, numa estrada pouco limpa de neve que passa ao longo de um campo branco que parece infinito. De repente, toca o celular de Malin.

O número de Karin Johannison no mostrador.

— Aqui é Malin.

— Negativo, Fors — diz Karin. — Não foi Karl Murvall que violentou Maria Murvall.

— Nenhuma dúvida?

— Não foi ele. Isso é certo.

— Obrigada, Karin.

— Algo importante, Malin? Achava que foi ele?

— Não sei se achava, mas agora está claro e decidido. Eu sei que não foi. Obrigada mais uma vez. — E desliga.

— Não foi ele que violentou Maria Murvall — diz Malin para Zeke, que recebe a informação sem tirar os olhos da estrada.

— Então, mais uma razão para o caso ainda não ter terminado — diz Zeke, com sua voz rouca, embora na rouquidão se possa descortinar firmeza.

A pé, andando, os irmãos a caminho da casa da mãe, Rakel, pouco depois de ela e Zeke terem saído de lá.

Os irmãos que ainda não sabem que não foi Karl que violentou Maria.

Que escutam sua mãe. Que obedecem à sua mãe.

Uma mãe que tem segredos a guardar.

E apenas um modo de guardá-los.

Zeke para o carro perto de mais uma árvore isolada.

“Raízes”, pensa Malin. “Sangue que tem de ser apagado. Ações que têm de ser vingadas. É assim que se faz e acontece.

“E, agora, é ele que tem de ser apagado. Rakel não sabe que nós conseguimos o DNA de Karl, que tudo virá à tona.

“Ou, então, ela sabe, lá bem no fundo de si mesma, mas afasta para longe esse conhecimento, obriga-o a desaparecer e agarra-se a uma última e imaginária tábua de salvação.

“Cerque-se a maldade a um canto, e ela morde...”

— Já sei! — grita Malin, no momento em que Zeke abre a porta do carro. — Já sei qual foi a razão de Rakel nos ter deixado entrar em sua casa antes. Siga para a casa de campo e de caça o mais rápido que puder!

As casas perto do Mosteiro Vreta ladeiam a estrada.

O bem-estar amontoa-se por trás das fachadas. Esse bem-estar, sem dúvida, encontra-se muito próximo, mas, ao mesmo tempo, muito longe.

Depois dessa viagem, Malin não quer passar por ali, novamente, nem daqui a mil anos.

Passam pela ponte, perto da Kungsbro, e viram na direção de Olstorp, passando pela Escola Montessori, de Björkö, onde os prédios, em cores azul e rosa, construídos segundo uma arquitetura angular antroposófica, parecem estar sofrendo com o frio, tanto como quaisquer outros.

“Espera-se que lá dentro as pessoas sejam educadas para ser boas.”

Uma vez, Janne teve a ideia de mandar Tove para a Escola Montessori, mas Malin não aceitou. Tinha ouvido dizer que as crianças educadas nesse tipo de ambiente raramente conseguiam enfrentar a concorrência fora das paredes da escola.

Cortar papéis.

Fazer seus próprios livros.

Aprender que o mundo está cheio de amor.

“Quanto amor existe dentro da floresta? Quanto ódio contido?”

Sempre que Zeke pisa no acelerador, o carro derrapa para um lado e para o outro, na superfície gelada da estrada.

— Vá em frente, Zeke. Estamos com pressa. Garanto que Karl está lá em algum lugar.

Zeke não pergunta mais nada. Está todo concentrado no carro e na estrada. Passam pelo acesso a Olstorp e seguem em frente, para Hultsjön.

Passam pelo campo de golfe, onde as bandeirolas continuam flutuando. Malin pensa ver nelas as figuras dos três irmãos, soltas ao vento, influenciadas pela vontade da mãe, cujo hálito expira poder, o poder de mandá-los fazer aquilo que mais interessa a ela.

Jakob Murvall segura com mais força o volante ao virar pelo caminho que leva às casas de campo em Hultsjön; as casas são como pequenas caixas enluvadas de branco num cenário de algodão.

O Range Rover derrapa na neve, os cristais de gelo formam-se em direção ao dique lateral, como crostas espelhadas, escorregadias, mas ele consegue manter o carro na estrada.

Elias não disse mais nada.

E Adam, sentado na frente, mantém-se em silêncio.

“Temos de fazer apenas aquilo que precisa ser feito”, pensa Jakob. “Como sempre fizemos. Como eu fiz quando encontrei o pai, embaixo, na escada.

Controlei-me, embora quisesse gritar. Fechei os olhos dele, de maneira que a mãe não precisasse ver aquele olhar horrível.

“Fazemos nosso dever. Porque, se deixarmos que alguém violento nossa irmã sem tomar uma atitude, o que vai ser de nós? Então, não haverá mais nenhuma barreira contra esse tipo de violência. Tomar uma atitude, é isso que estamos fazendo agora. Assim, dizemos: ‘Parem!’. E que sirva como exemplo.”

Jakob, pisa fundo no acelerador e continua até que o caminho chega a seu final. Ele para o carro, gira a chave, e o motor fica em silêncio.

— Saiam agora! — grita ele. Os irmãos saltam do carro, e, se havia alguma dúvida por parte de Elias, essa hesitação desapareceu por completo.

Estão todos vestidos com casacos verdes e calças azul-escuras.

— Venha — chama Jacob, dirigindo-se a Adam. Este abre a mala do carro, retira a caixa com as granadas que coloca no chão e fecha a mala.

— Pronto — diz ele. Depois, cautelosamente, pega a caixa e coloca-a debaixo do braço, seguindo atrás dos outros irmãos, por cima da neve até entrar na floresta.

Jakob vai à frente.

Depois, Elias.

E, por último, Adam, com a caixa.

Jakob olha as árvores em volta. É a floresta que ele conhece bem, onde andou caçando muitas vezes. Relembra a imagem da mãe à mesa na cozinha. A de Maria em sua cama, na única vez em que resolveu visitá-la em Vadstena.

E pensa: “Maldito seja!”.

Os irmãos atrás dele.

Todos soltam blasfêmias cada vez que suas botas se afundam na neve. Afinal, todos estão com pressa, mas a crosta de neve nem sempre aguenta o peso de seus passos.

“Como podem três granadas pesar tanto”, pensa Adam, “mas, ao mesmo tempo, tão pouco em relação ao estrago que podem provocar.”

Adam pensa também em Maria, em seu quarto. Como ela sempre se recolhe quando ele chega, como ela se retira para um canto da cama. E ele sente-se obrigado a repetir o nome dela, em voz baixa, até conseguir que a irmã se descontraia. Nem sequer sabe se ela o reconhece como irmão. Maria nunca disse nada, mas, pelo menos, deixa que ele entre. E, após alguns momentos, aceita sua presença no quarto.

E depois?

Depois, ficam os dois sentados, em silêncio, no meio de todo o seu infortúnio.

Maldição.

A bota dele enfia-se pela neve, vai até o fundo, até conseguir apoio numa raiz. E ele tem de usar as mãos para se levantar.

“Foi o maldito que provocou isso.

“Agiu contra a própria irmã.

“Não existe outra possibilidade. Tem de desaparecer, morrer. Sem dúvida nenhuma. E a dúvida não significa nada para nós.”

A caixa ainda debaixo do braço. Adam segura-a bem, com força. Ninguém sabe o que pode acontecer se a deixar cair.

Está sem fôlego. Vê seus dois irmãos na sua frente, está com frio. Relembra ainda aquela vez na margem do canal, em que os dois mais velhos deram muita pancada no turco maldito, mostrando que ninguém pode se meter com eles.

“Estamos sempre juntos, e isso vale também para você, Maria. Por isso, vamos agir.”

Bater, bater, bater.

Muito mais ainda.

“Somos adultos. E temos de nos comportar como adultos.”

Elias anda na sua frente, a uns dez metros de distância. E Adam ainda sente o corpo dele, cabelos ao vento, como se estivesse sentado atrás, na garupa da moto, a Puch Dakota. E sempre viverá com essa sensação.

Lá está o carro.

O Range Rover dos irmãos Murvall está parado junto de um monte de neve, e Zeke estacionou bem junto do carro deles, com a intenção de bloquear sua retirada.

Também telefonaram, pedindo o reforço de um helicóptero que já está a caminho. Malin para Sven Sjöman:

— Confie em mim.

Mas, no frio, demora para o helicóptero levantar voo. Por isso, precisam confiar em si mesmos, contar com as próprias pernas. As patrulhas com os cachorros também tinham acabado de partir da delegacia.

Malin e Zeke sobem o monte de neve e seguem a pista deixada pelos irmãos Murvall. Andam por entre as árvores, correm, a neve cede por baixo de seus pés, levantam-se, correm de novo. Seus corações batem em ritmo acelerado, os pulmões arquejam pelo esforço e sofrem com a entrada do ar gelado, seus corpos querem ir em frente, mas até mesmo a adrenalina não é infinita. Logo deixam de correr, apenas andam, tropeçam. E param para escutar os sons da floresta, sinais da presença dos irmãos em ação. Mas nem um nem outro ouvem qualquer coisa, qualquer indício de vida.

— Que inferno — exclama Zeke. — A que distância acha que estão?

— Mais à frente — diz Malin. — Temos de continuar.

E Malin começa a correr de novo pela floresta adentro, mas a neve não aguenta o peso de seus passos. Tropeça, cai, levanta-se, caminha penosamente.

Até que sua visão se restringe a um túnel estreito.

“Não foi ele que violentou sua irmã”, ela quer gritar, por entre as árvores que formam o túnel. “Não acreditem em sua mãe. Ele não a violentou. Cometeu muitos erros, mas não esse. Parem, antes que seja tarde demais. Seja o que for que pensem, por mais que a mãe de vocês lhes tenha metido na cabeça, Karl ainda é, afinal, seu irmão. Estão me ouvindo? Ele é seu irmão. E não foi ele que violentou sua irmã. Já temos certeza disso.”

O túnel termina.

“Tenho de chegar a tempo”, pensa Malin.

E grita:

— Não foi ele que violentou sua irmã! — Mas está tão cansada e sem fôlego que até mesmo ela mal consegue ouvir as próprias palavras.

“Nunca demonstre fraqueza, nunca demonstre fraqueza, nunca...”

Elias murmura essas palavras para si como se fossem uma ordem. Pensa em todas as vezes que demonstrou ter força, como naquele caso em que agrediu o professor Boman, depois de este tê-lo chamado de merdinha de Blåsvädret.

Por vezes, chegou a perguntar-se por que tudo se tornou assim como é, por que eles se tornaram excluídos. E a única resposta encontrada foi a de que tudo começou bem cedo, desde o início. “Todos tinham emprego, vida normal, casa decente. E nós? Sempre considerados merdinhas.”

Adam atrás dele.

Elias para, vira-se, pensa que seu irmãozinho está lutando para segurar o peso que carrega. A testa está rosada, brilha à luz do inverno, apesar do frio. A pele parece palpitar.

— Segure bem a caixa, Adam.

— Conte comigo — responde ele, quase sufocado.

Jakob continua à frente, em silêncio.

Seus passos são decididos. O corpo inclinado para a frente, ombros caídos, pendendo para o chão.

— Que droga — exclama Adam. — Não se pode confiar na neve.

Ele acaba de enfiar a perna mais uma vez na neve fofa.

— Vamos andar mais depressa — diz ele, depois. — Para acabar logo com isso.

Elias não solta sequer uma palavra.

Não há mais nada a dizer. Apenas uma missão a cumprir.

Passam pela casa de campo e caça. Passam sem parar, apenas continuam pela área do jardim e voltam a se enfiar pela floresta, cada vez mais escura, mais densa, do outro lado, onde a crosta da neve é mais dura, aguenta mais peso, ainda que ceda de vez em quando.

— Ele está escondido lá — diz Elias. — Tenho certeza disso.

— Já sinto o cheiro da fumaça da chaminé — diz Adam.

Os dedos de Adam que seguram a caixa começam a ter câibras, batem descontroladamente na madeira esverdeada da caixa. Ele troca de braço, estica os dedos para fazer com que a câibra passe.

— Maldito subterrâneo. Ele se parece mais com um animal — sussurra Jakob. A seguir, diz em voz alta: — Agora é a vez de Maria.

E grita essas palavras que ecoam pela floresta, mas o som logo morre ao bater contra os troncos das árvores. É um ambiente impossível para as palavras se propagarem.

Continue, Malin, continue. Ainda não é tarde demais. O helicóptero já deixou o campo de Malmslätt, se esgueira por cima da planície em direção ao lugar onde vocês estão, os cachorros da patrulha latem, ladram, seu fardo procura em desespero.

Eu acho o mesmo que você, Malin. Já chega. Basta.

Mas, ao mesmo tempo, quero ter Karl aqui, a meu lado.

Quero flutuar ao lado dele.

Levá-lo comigo para longe daqui.

“Como é que se pode ficar assim tão cansada?”

Todo o corpo de Malin está cheio de ácido lático, e, apesar de verem bem nítidas as pegadas dos irmãos que continuam pela floresta adentro, são obrigados a se sentar nos degraus de acesso à casa de caça para descansar.

O vento assobia.

Um sussurro passando junto ao corpo.

A cabeça parece estar fervendo, apesar do frio. O hálito sai transformado em fumaça branca da boca de Zeke, tal qual a fumaça de uma fogueira.

— Puxa, que merda — diz Zeke, enquanto tenta recuperar o fôlego. — Era agora que a gente devia ter a condição física de Martin!

— Temos de seguir em frente — insiste Malin.

Levantam-se.

Vão à caça na floresta.

“Vão chegar agora?”

“Vão chegar para me deixar entrar? É isso?”

“Não me batam.

“São vocês? Ou os mortos?”

“Seja quem for que esteja aí, diga que vem com a amizade em mente. Diga que vem por amor.

“Prometa-me isso.

“Prometa-me só isso.

“Prometa.

“Estou escutando-os. Ainda não chegaram, mas estão quase chegando. Estou deitado no chão, já estou a ouvi-los, seus gritos abafados.

“‘Agora vamos deixá-lo entrar’ — gritam vocês. — ‘Agora, ele passa a ser um dos nossos. Vamos deixá-lo entrar.’”

“Que maravilha!”

“Eu fiz tanta coisa. O outro sangue já não existe mais. E aquele que circula em minhas veias, vocês podem muito bem esquecer que ele existe, não é?”

“Vocês, agora, estão mais perto.

“Vêm trazer o amor dela.

“Deixar apenas que eu entre. A porta de meu buraco não está trancada.”

Elias Murvall vê a fumaça sair de um pequeno tubo que sobressai na neve. Imagina como Karl deve se sentir lá dentro do buraco, escondido, apertado, no escuro, com medo e sem saber o que fazer.

“Ele deve ter atacado Maria.

“A dúvida é uma fraqueza.

“Vamos mordê-lo, massacrá-lo aos pontapés, tudo isso e mais um pouco.

“Deve ter acontecido como a mãe disse: que ele foi um maldito aborto da natureza desde o início, que nós já deveríamos ter sentido isso, que ele violentou Maria.”

Karl foi quem encontrou aquele esconderijo subterrâneo, quando ainda tinha apenas nove anos, depois de ter fugido de bicicleta para a floresta e para a casa de campo, sem ninguém saber. Mais tarde, mostrou o esconderijo aos irmãos, com orgulho, como se eles fossem ficar impressionados com aquele tipo de buraco sob a terra. Svarten fechou-o ali, obrigou-o a passar lá dias seguidos, apenas com água para beber, enquanto eles ficavam na casa de campo. Não tinha a menor importância a época do ano. De início, Karl protestava, e eles, o padraço e os irmãos, tinham de metê-lo lá dentro à força. Mas, depois, foi como se ele se acomodasse e se sentisse em casa, dentro do buraco, fazendo dele uma espécie de esconderijo. Fechá-lo lá dentro deixou de ser tão divertido a partir do

momento em que ele passou a se sentir bem ali. Por algum tempo, chegaram a pensar em escavar o buraco, aprofundá-lo, mas ninguém se considerou capaz de realizar esse trabalho.

— Deixem essa figura maldita gozar seu túmulo em paz — gritou o velho de sua cadeira de rodas, e ninguém protestou. Eles sabiam que Karl continuava usando o buraco, costumavam ver as marcas dos esquis que ele usava, às vezes até muito perto da casa de campo. Quando não havia nenhuma marca de esqui na neve, achavam que ele andava por outros lugares.

Elias e Jakob já estavam mais próximos.

Maldito. Ele deve desaparecer.

A caixa esverdeada nas mãos de Adam pesava bastante, mas mesmo assim ele conseguia seguir as pisadas dos dois irmãos através da paisagem branca e escura.

— Está ouvindo, Zeke?

— O quê?

— Não ouve as vozes mais à frente?

— Não ouço voz nenhuma.

— Mas alguém está falando. Eu ouço.

— Pare de imaginar coisas. Vamos em frente.

“O que dizem vocês?”

“Vocês falam em abrir, até aí eu entendo. Abrir e deixar cair.

“Escuto a determinação de Elias: ‘Você abre, Jakob, e eu as jogo para dentro’.

“Então, é verdade. Consegui. Fiz coisas que não devia. Finalmente, a justiça será feita.

“Mas o que estão esperando?”

“Primeiro, diz Jakob, deixe cair uma e, depois, rapidamente, a segunda, e em seguida a caixa com a última.”

Malin corre, agora ouve as vozes, mas mais como sussurros cujo significado é impossível discernir. As ondas sonoras custam a passar por entre as árvores.

Murmúrios.

Histórias e injustiças de milhares de anos invocadas nesse momento.

Está correto? Abre-se uma clareira na floresta? Zeke não consegue acompanhá-la. Arrasta-se atrás dela, respira com dificuldade. Malin chega a pensar que Zeke vai cair. Mas ela quer avançar, corre entre as árvores, e a neve parece desaparecer sob seus pés. O momento da verdade próxima faz com que ela flutue.

Elias Murvall retira a primeira granada da caixa. Vê Jakob junto da porta do

subterrâneo, a fumaça da chaminé como um véu atrás da figura dele, as árvores em posição de sentido, todas, estimulando a ação:

“Faça isso, faça isso, faça isso.

“Mate seu próprio irmão.

“Ele destruiu sua irmã.

“É um animal, não um ser humano.”

Mas Elias hesita.

— Porra, Elias — grita Jakob. — Vamos, faça logo isso, atire as granadas.

Atire as granadas! O que estamos esperando?

Elias, sussurrando:

— É, o que estamos esperando?

— Atire as granadas, atire as granadas — ruge Adam.

E, assim que Elias solta a espoleta da primeira granada, Jakob abre a porta de madeira de um metro de altura que dá para o buraco.

“Vocês já abriram a porta, já vejo a luz. Agora sou um de vocês.

“Finalmente.

“Vocês são tão carinhosos.

“Primeiro, uma maçã, pois vocês sabem que isso é uma coisa de que eu gosto. A maçã rola em minha direção, verde, sob a luz fraca do ambiente.

“Apanho a maçã, fria e verde, depois vêm mais duas maçãs que caem no chão de terra, junto com uma caixa quadrada.

“Tanto carinho!

“Pego uma das maçãs, fria e dura por causa do gelo.

“Vocês estão aqui.

“Depois, a porta se fecha, a luz desaparece. Por quê?

“Vocês disseram que me deixariam entrar.

“Quando será que a luz vai voltar? Ah, de onde vem essa luz agora? A luz de uma explosão?”

Zeke cai atrás dela.

Que será que Malin está vendo lá na frente? Em sua visão, ela balança como na imagem de uma câmera de mão, vai para um lado e para o outro, para a frente e para trás. E o que ela está vendo?

Três irmãos?

O que fazem eles?

Atiram-se de bruços para cima da neve.

E, então, um estouro, mais outro, e mais outro. E uma chama se eleva de um buraco na neve. E Malin também se atira para o solo, sente o gelo penetrar pelas pernas.

Armas de um depósito.

Granadas de mão.

Um inferno.

“Agora, ele já não existe mais”, pensa Elias Murvall. “Foi embora para sempre. E não demonstrei nenhuma fraqueza.”

Elias levanta-se, apoiado nas mãos e nos joelhos. O ruído da explosão deixa os ouvidos tinindo. E ele vê Jakob e Adam levantando-se também. A porta foi pelos ares, assim como a neve que cobria o teto do buraco, formando uma nuvem enorme, branca, no escuro da floresta.

“Como poderá estar lá dentro?”

“Foi um murro certo...”

“Um pontapé no rabo do maldito gato...”

Sangue vermelho em campo de neve.

O mau cheiro de suor, de carne queimada. De sangue.

“Quem é que está gritando? Uma mulher?”

Ele se vira.

Vê uma mulher de pistola na mão se aproximando e entrando na clareira.

“Ela? Merda, como conseguiu chegar a este lugar tão depressa?”

Malin levanta-se e avança de pistola na mão na direção dos três homens ainda ajoelhados. Depois, eles levantam-se de braços ao alto, sobre a cabeça.

— Vocês mataram seu próprio irmão — grita ela. E repete: — Vocês mataram seu próprio irmão. Vocês pensam que foi ele que violentou sua irmã, mas não foi. Não teve nada a ver com o caso, malditos — grita ela. — Vocês mataram seu próprio irmão.

Nessa altura, Jakob avança para ela.

E grita:

— Nós não matamos ninguém. Íamos levá-lo para casa. Sabíamos que a polícia estava à procura dele, e, quando nos aproximamos, o buraco explodiu.

Jakob Murvall sorri.

— Ele não violentou a irmã de vocês — grita Malin mais uma vez.

O sorriso desaparece dos lábios de Jakob Murvall. Ao contrário. Agora parece confuso, enganado. E Malin faz girar a pistola no ar, tão rápido quanto pode, até que a coronha atinja o nariz dele.

O sangue escorre pelas narinas de Jakob Murvall, que, a seguir, se inclina para a frente e faz a neve ficar colorida de vermelho. Entretanto, Malin cai de joelhos na neve e continua gritando, gritando, gritando, até que seu grito, lentamente, se transforma em lamúria, uma lamúria abafada pelo ruído do motor de um helicóptero que chega e desce na clareira. E também seus pulmões não aguentam gritar mais. O desespero, o sofrimento e os fragmentos de vidas humanas, abafados pelo ruído, vão ficar para sempre a ecoar nas florestas de Hultsjön.

“Vocês ouvem os sussurros?

“Os murmúrios de preocupação.

“As falas dos musgos no chão.

“São os mortos que conversam. É o que vão dizer as lendas. Os mortos e os mortos-vivos.”

EPÍLOGO

— Não tenho mais medo.

— Nem eu.

Não há mais rancor. Nenhum desespero, nenhuma injustiça a perdoar.

Aqui, existe apenas um aroma de maçãs e bolas que, sem peso, voam num espaço interminável.

Estamos flutuando lado a lado, eu e Karl, tal como irmãos devem fazer. Não vemos mais a Terra, mas vemos quase tudo. E estamos bem.

Rakel Murvall está sentada na ponta da mesa de sua cozinha, de costas para o fogão. No forno, tem quase pronto um pudim de couve, cujo aroma adocicado se espalha pela casa.

Elias é o primeiro a se levantar.

Depois, Jakob, e, por fim, Adam.

— A senhora mentiu. Os artigos no jornal. Ele era nosso...

— Você sabia.

— De qualquer maneira, ele era nosso irmão.

— A senhora mentiu... Fiz com que matássemos nosso...

Um a um, os irmãos deixam a cozinha.

Ouve-se a porta da frente se fechando.

Rakel Murvall passa a mão por seus longos cabelos brancos, empurrando-os para trás.

— Voltem aqui — sussurra ela. — Voltem aqui.

“O que aconteceu?”

Malin anda entre as fileiras de roupas da H&M no shopping Mobília, perto de Mantorp. Ela tem certeza.

Eles atiraram as granadas no buraco. E foi a mãe que os levou a fazer isso.

Mas a história contada pelos irmãos tem consistência. Impossível demonstrar que não foi Karl Murvall que soltou as espoletas das granadas de que ele, de alguma maneira, conseguiu se apoderar. Para os três irmãos, apenas um ou dois meses de prisão em Skänninge por caça ilegal e posse de armas, até o verão. E é tudo.

Tove prova um vestido vermelho, florido, para usar na primavera. Sorri pedindo.

Malin abana a cabeça.

O caso do assassinato de Bengt Andersson é considerado resolvido, assim como o do sequestro e da violência cometidos contra Rebecka Stenlundh. Em ambos os casos, o criminoso foi o próprio meio-irmão das vítimas, que se explodiu e se desfez em milhares e milhares de pedaços num buraco, num

subterrâneo que foi aquilo que ele teve mais próximo de um lar.

Esta é a versão oficial da verdade: “Ele não conseguiu conviver com seus crimes”.

Jakob Murvall denunciou Malin por excesso de violência em conexão com o acontecido, mas Zeke sustentou a versão dela. “Não foi isso que aconteceu. Ele deve ter se ferido com a explosão.” E o caso ficou por aí.

Resta uma pergunta: quem estuprou Maria Murvall?

Malin passa os dedos num vestido azul-claro.

Será que todas as perguntas têm de receber resposta?

Lá fora, o frio amainou, embora a camada de neve ainda se mantenha. Fica mais fina cada dia que passa, e lá embaixo na terra as primeiras plantas estão se preparando para sair do escuro. Elas se movimentam no húmus, prontas para em breve saudar a chegada do sol.

AGRADECIMENTOS DO AUTOR

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas que, de várias maneiras, me ajudaram no trabalho de escrever este livro:

Bengt Nordin e Maria Enberg, por seu estímulo e dedicação. Nina Wadensjö e Petra König, por sua tolerância e zelo. Rolf Svensson, pelas pesquisas feitas e outras ajudas. À minha mãe, Anna-Maria, e meu pai, Björn, pelo detalhamento da área da cidade de Linköping.

Gostaria de agradecer também a Bengt Elmström, sem cujo bom-senso e alta sensibilidade este livro não existiria.

O agradecimento maior vai para minha esposa, Karolina, que de muitas formas foi essencial no trabalho de escrever este livro. O que teria sido de Malin Fors, de sua família e de seus colegas sem a ajuda de Karolina?

Ao escrever esta história, sempre tive em mente as melhores soluções. Por isso, tomei certas liberdades, ainda que pequenas, em relação ao trabalho da polícia, à cidade de Linköping, à geografia de seus arredores e a seus habitantes.

MONS KALLENTOFT

21 de março de 2007

NOTAS

1 Philip Marlowe é um personagem de uma série de romances policiais do escritor americano Raymond Chandler (1888-1959). [N. T.]

2 Françoise Sagan, pseudônimo de Françoise Quoirez (1935-2004), escritora francesa. [N. T.]

3 Alexander Calder (1899-1976), escultor e artista norte-americano. [N. T.]

4 Na Suécia, todas as bebidas alcoólicas são compradas, importadas ou não, e vendidas por uma organização estatal: Systembolaget. [N. T.]

5 *Pippi Meialonga*, famoso livro da escritora sueca Astrid Lindgren, transformado em filme para crianças. [N. T.]

6 Em alemão no original. Tradução: “Um pouco de paz, um pouco de sol, é tudo o que desejo para mim”. [N. T.]

7 Bruno Andreas Liljefors (1860-1939), pintor sueco. O mais importante e, provavelmente, o mais influente entre os pintores da vida selvagem do país. [N. T.]

8 *Midvinterblot* (ou *blod*): Acredita-se que o nome seja derivado do termo que se referia ao ato de sacrificar ritualmente, chamado de *blóta*, em sueco antigo, do tempo dos vikings. O sentido mais antigo da palavra parece ser de “invocar com encantamentos”, sugerido pelo filólogo norueguês Sophus Bugge em 1879. O verbo *blóta* significava “venerar com sacrifícios”, ou “fortalecer”. Os sacrifícios costumavam consistir de animais, em especial porcos e cavalos. [N. T.]

9 Fé Asa (em sueco: *Asatro*) é uma religião politeísta baseada na mitologia nórdica. Era a religião dominante no norte da Europa, antes da conversão das tribos germânicas e escandinavas ao cristianismo, o que aconteceu por último na Suécia. Acredita-se que essa conversão se deu ao longo do primeiro milênio depois de Cristo. Após a conversão, a fé Asa passou a ser proibida. Mais recentemente, depois de várias tentativas para a retomada da tradição, a fé Asa reapareceu, na década de 1960, na Islândia, nos países escandinavos, na Inglaterra e nos Estados Unidos, de modo muito restrito, como uma espécie de reabilitação histórica da mitologia nórdica, mas sem os aspectos sanguíneos de apaziguamento dos deuses [N. T.]

10 Na Suécia e nos países nórdicos em geral, os cemitérios estão localizados junto das igrejas e, por isso, chamam-se *kyrkogård*, literalmente, “jardim da igreja”. São locais ajardinados, com muitas flores e árvores, e com bancos de jardim para os visitantes se sentarem. [N. T.]

11 “Sem estrondo, mas com lamúria.” [N. T.]

12 John Bauer (1882-1918). Pintor sueco, mais conhecido por suas ilustrações de duendes, gnomos e papais-noéis. [N. T.]

13 Johan Krouthén (1858-1932). Pintor sueco da região de Linköping. [N. T.]

14 O título em português seria A vida, o Universo e o resto. [N. E.]

15 Tradução: “como aquela sensação de pés a mais na minha cama...” [N. E.]

16 Tradução: “você não precisa de bilhete, é só embarcar”. [N. E.]

17 Jockum Nordström (1963-). Pintor sueco, mais conhecido por suas impressionantes colagens, mas também por seus desenhos, pinturas e ilustrações. [N. T.]

18 Tradução: “Um pouco de paz, um pouco de sol”. [N. E.]

19 Göran Persson (1949-). Ex-primeiro ministro da Suécia, durante dez anos. Social-democrata, filho de operários, sem formação acadêmica completa. Muito controverso. [N. T.]